

DO MESMO AUTOR DE **O TIGRE BRANCO**,
VENCEDOR DO MAN BOOKER PRIZE

ENTRE



ARAVIND ADIGA

ASSASSI



NATOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Entre Assassinos

Aravind Adiga

Para Ramin Bahrani

CHEGADA A KITTUR

Kittur fica na costa sudoeste da Índia, entre Goa e Calcutá, quase equidistante das duas. É delimitada pelo mar Arábico a oeste e pelo rio Kaliamma a sul e a leste. O terreno da cidade é acidentado; o solo é negro e levemente ácido. As monções chegam em junho e assolam a cidade até setembro. Os três meses seguintes são secos e frescos, e são a melhor época para visitar Kittur. Tendo em vista a riqueza histórica do lugar e suas belas paisagens, além da diversidade de religiões, raças e línguas, recomenda-se uma estadia mínima de uma semana.

Dia um (manhã): A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

Os arcos da estação ferroviária emolduram a sua primeira visão de Kittur ao desembarcar do *Madras Mail* (chegada no início da manhã) ou do *West Coast Express* (chegada durante a tarde). A estação é escura e suja; o chão está coberto de sacos de comida jogados por aí, nos quais os vira-latas enfiam os focinhos; à noite surgem os ratos.

As paredes estão cobertas com a imagem de um homem alegre, rechonchudo, barrigudo e inteiramente nu, com a genitália estrategicamente coberta pelas pernas cruzadas, flutuando sobre uma legenda escrita em canará que diz: “UMA SÓ PALAVRA DESTE HOMEM PODE MUDAR SUA VIDA”. Ele é o líder espiritual de uma seita jainista local que administra um hospital e um refeitório gratuitos na cidade.

O famoso templo de Kittamma Devi, uma estrutura moderna construída no estilo tâmil, situa-se no local onde, acre-dita-se, existiu um dia um antigo santuário dedicado à deusa. Para chegar ao templo basta uma breve caminhada a partir da estação ferroviária, e esta muitas vezes é a primeira parada dos visitantes da cidade.

NENHUM OUTRO LOJISTA NO ENTORNO DA estação contrataria um muçulmano, mas Ramanna Shetty, dono da Ideal Store, uma lanchonete que serve chá com samosas, disse a Ziauddin que ele podia ficar.

Desde que promettesse trabalhar firme. E que ficasse longe de qualquer safadeza.

O molequinho, coberto de poeira, largou sua bolsa no chão; ergueu uma das mãos junto ao peito.

— Eu sou muçulmano, senhor. Nós *não* fazemos safadeza.

Ziauddin era pequeno e negro, tinha bochechas gorduchas de neném e um

sorriso travesso que expunha dentes grandes e brancos como os de um coelho. Ele fervia chá para os clientes numa enorme chaleira esburacada de aço inoxidável, observando, com uma concentração feroz, a água fervilhar, transbordando e chiando ao acertar a chama de gás. De tempos em tempos, Ziauddin metia a mão numa das velhas caixas de aço inoxidável que tinha ao seu lado para jogar na mistura o pó de chá preto, ou um punhado de açúcar branco, ou um pedaço de gengibre amassado. Ele chupava os próprios lábios, prendia a respiração e, com o antebraço esquerdo, inclinava a chaleira, despejando o conteúdo num coador: o chá quente gotejava pelos poros entupidos, caindo em copinhos finos e longos acomodados nos espaços de uma caixa de ovos.

Levando os copos um a um para as mesas, ele encantava os homens brutos que frequentavam a casa de chá, interrompendo suas conversas com gritos de “É um! É dois! É três!”, batendo os copos na mesa à frente deles. Mais tarde os homens o viam agachado ao lado da loja, lavando pratos numa grande bacia cheia de uma água imunda; ou envolvendo samosas engorduradas em folhas arrancadas de livros escolares de trigonometria, para serem entregues em domicílio; ou retirando com uma colher a massa viscosa de folhas de chá do coador; ou apertando, com uma chave de fenda enferrujada, um parafuso solto no encosto de uma cadeira. Quando alguém dizia uma palavra em inglês, o trabalho se interrompia: ele se virava e a repetia a todo volume (“*Sunday-Monday, Goodbye, Sexy!*”), e a lanchonete inteira caía na gargalhada.

Já tarde da noite, quando Ramanna Shetty estava prestes a fechar a loja, Thimma, um bêbado local que comprava três cigarros todas as noites, rugiu de alegria ao ver Ziauddin com o traseiro e as coxas pressionadas contra uma geladeira gigante, empurrando-a centímetro por centímetro para o fundo da lanchonete.

— Olha só este moleque atrevido! — disse Thimma, batendo palmas. — A geladeira é maior que ele, mas o menino é mesmo um guerreiro!

Chamando o moleque para perto, Thimma colocou uma moeda de 25 paisas na palma da mão dele. O garotinho olhou para o dono da lanchonete em busca de aprovação. Quando Ramanna Shetty fez que sim com a cabeça, ele fechou a mão e gritou em inglês:

— *Thanks you, sir!*

Uma noite, apoiando uma mão na cabeça do garoto, Ramanna Shetty o levou até o bêbado e perguntou:

— Quantos anos você acha que ele tem? Dê um palpite.

Thimma ficou então sabendo que aquele moleque atrevido tinha quase doze anos. Era o sexto de onze irmãos numa família de trabalhadores rurais no norte do estado; assim que as chuvas terminaram, seu pai o pôs num ônibus com instruções de desembarcar em Kittur e caminhar pelo mercado até que alguém o contratasse.

— Eles o enxotaram dali sem uma só paise no bolso — contou Ramanna. — Este rapazinho teve que se virar com os próprios miolos.

Apoiou outra vez uma mão na cabeça de Ziauddin.

— Que, vou lhe dizer, não são grande coisa, até mesmo para um muçulmano!

Ziauddin tinha feito amizade com os outros seis garotos que lavavam pratos e cuidavam da lanchonete de Ramanna, dormindo juntos numa tenda armada atrás da loja. No domingo, ao meio-dia, Ramanna fechou as persianas e dirigiu devagar em sua lambreta Bajaj pintada de azul e creme até o templo de Kittamma Devi, deixando os garotos o seguirem a pé. Ramanna entrou no templo para oferecer um coco à deusa, e eles se sentaram no assento verde da moto, discutindo a inscrição em grandes letras vermelhas, escrita em canará, que se via na cornija do templo: “HONRA TEU VIZINHO, TEU DEUS”.

— Isso quer dizer que a pessoa que mora na casa ao lado é o seu Deus — teorizou um dos garotos.

— Não, quer dizer que Deus está próximo se você realmente acreditar Nele — retorquiu outro.

— Não, quer dizer, quer dizer... — tentou explicar Ziauddin. Mas eles não o deixaram terminar:

— Você não sabe ler nem escrever, seu caipira!

Quando Ramanna os chamou para que entrassem no templo, Ziauddin correu alguns passos atrás dos outros, hesitou e depois correu de volta até a lambreta:

— Eu sou muçulmano, não posso entrar.

Disse essa palavra em inglês, e com tanta solenidade que os outros meninos ficaram calados por um momento, depois sorriram.

Uma semana antes da data em que as chuvas deveriam começar, o garoto juntou sua trouxa e falou:

— Vou para casa.

Ele iria cumprir suas obrigações com a família, trabalhando ao lado do pai, da mãe e dos irmãos, capinando, semeando ou colhendo nos campos de algum homem rico em troca de umas poucas rupias por dia. Ramanna lhe deu um “extra” de cinco rupias (menos dez paisas por cada uma das duas garrafas de Thums Up que ele tinha quebrado), para se assegurar de que o menino voltaria de seu vilarejo.

Quando regressou, quatro meses depois, Ziauddin havia contraído vitiligo e tinha manchas cor-de-rosa nos lábios, dedos e orelhas. Suas bochechas de neném haviam evaporado durante o verão; o menino voltou magro e queimado pelo sol, e tinha um olhar selvagem.

— O que aconteceu com você? — inquiriu Ramanna, depois de soltá-lo de um abraço. — Devia ter voltado um mês e meio atrás.

— Não aconteceu nada — respondeu o garoto, passando um dedo por sobre os lábios descoloridos.

Ramanna pediu que trouxessem imediatamente um prato de comida ao garoto; Ziauddin o apanhou e devorou a comida feito um animalzinho, e o patrão teve que dizer:

— Eles não lhe deram nada para comer em casa?

O “moleque atrevido” foi apresentado a todos os clientes; muitos deles vinham perguntando por ele havia meses, e alguns, que tinham migrado para as casas de chá mais novas e limpas abertas no entorno da estação ferroviária, voltaram à lanchonete de Ramanna só para vê-lo. À noite, Thimma o abraçou muitas vezes e então lhe passou duas moedas de 25 paisas, que Ziauddin aceitou em silêncio, colocando-as no bolso da calça. Ramanna gritou para o bêbado:

— Não dê gorjetas a ele! Ele virou um ladrão!

O garoto tinha sido pego roubando samosas feitas para um cliente, contou Ramanna. Thimma perguntou ao dono se ele estava brincando.

— Eu mesmo não teria acreditado — murmurou Ramanna.

— Mas vi com meus próprios olhos. Ele estava pegando uma samosa na cozinha e... — Ramanna mordeu uma samosa imaginária.

Trincando os dentes, Ziauddin tinha começado a empurrar a geladeira para dentro da lanchonete com as costas das pernas.

— Mas... ele era um camaradinho honesto... — lembrou o bêbado.

— Talvez tenha estado roubando todo este tempo, e nós só não sabíamos. Hoje em dia não dá para confiar em ninguém.

As garrafas da geladeira sacolejaram. Ziauddin tinha para-do de trabalhar.

— Eu sou pachto! — Bateu no peito. — Da terra dos pachtos, bem para o norte, onde tem montanhas cheias de neve! Não sou hindu! Não faço safadeza!

Voltou então para o fundo da loja.

— Que diabos é isso? — perguntou o bêbado.

Ramanna explicou que Ziauddin ficava repetindo o tempo todo essa baboseira sobre ser pachto; ele achava que o garoto tinha pegado isso de algum mulá no norte do estado.

Thimma rosou. Pôs as mãos nos quadris e gritou para o fundo da loja:

— Ziauddin, os pachtos têm pele clara, como Imran Khan; você é preto feito um africano!

Na manhã seguinte houve um grande alvoroço na Ideal Store. Desta vez, Ziauddin tinha sido pego com a mão na massa. Segurando-o pela gola da camisa e arrastando-o para a frente dos clientes, Ramanna Shetty falou:

— Diga a verdade, seu filho de uma careca. Foi você que roubou? Diga a

verdade desta vez, e talvez eu lhe dê outra chance.

— Estou falando a verdade — respondeu Ziauddin, tocando os lábios cor-de-rosa, descoloridos pelo vitiligo, com um dedo torto. — Eu nem encostei nas samosas.

Ramanna o agarrou pelo ombro e o empurrou para o chão, deu-lhe um chute e depois o jogou para fora da casa de chá, enquanto os outros garotos se amontoavam e observavam impassíveis, como ovelhas vendo uma delas ser tosada. Ramanna soltou um grito: ergueu um dedo ensanguentado.

— Ele me mordeu, este animal!

— Eu sou pachto! — gritou Ziauddin, ficando de joelhos.

— Nós viemos aqui e construímos o Taj Mahal e o Forte Vermelho em Délhi. Nem pense em me tratar assim, seu filho de uma careca, seu...

Ramanna se virou para o círculo de clientes que se juntara ao redor deles, encarando os dois e tentando decidir quem estava certo e quem estava errado:

— Não há trabalho aqui para muçulmanos, e ele quer brigar com o único homem que lhe oferece um emprego.

Alguns dias depois, Ziauddin passou em frente à casa de chá dirigindo uma bicicleta presa a um carrinho, onde chacoalhavam grandes latões de leite.

— Olha só — disse ele, zombando do antigo empregador.

— O pessoal do leite confia em mim!

Mas este emprego também não durou muito; ele foi novamente acusado de roubo. Ziauddin jurou publicamente nunca mais trabalhar para um hindu.

Novos restaurantes muçulmanos haviam sido abertos no outro lado da estação, onde os imigrantes muçulmanos estavam se estabelecendo, e Ziauddin encontrou trabalho num deles. Fazia omeletes e torradas numa grelha montada do lado de fora, e gritava em urdu e malaiala:

— Muçulmanos de qualquer parte do mundo, Iêmen ou Kerala ou Arábia ou

Bengala, venham comer num verdadeiro restaurante muçulmano!

Mas nem mesmo este emprego durou muito — ele foi mais uma vez acusado de roubo por seu empregador, que lhe deu um tapa quando o garoto quis responder —, e Ziauddin foi visto então usando um uniforme vermelho na estação ferroviária, carregando pilhas de bagagem sobre a cabeça e brigando amargamente com os passageiros pelo pagamento.

— Eu sou filho de um pachto; tenho sangue pachto. Está me ouvindo? Não sou nenhum pilantra!

Quando Ziauddin encarava os clientes com raiva, esbugalhava os olhos e os tendões de seu pescoço sobressaíam em alto-relevo. Ele se tornara mais um desses homens magros e solitários, de olhos muito vivos, que assombram todas as estações ferroviárias da Índia, fumando suas cigarrilhas baratas num canto como quem está pronto para espancar ou matar alguém a qualquer momento. Ainda assim, quando os velhos clientes da lanchonete de Ramanna o chamavam pelo nome, ele sorria, e os homens podiam ver vestígios do menino alegre que batia os copos de chá diante deles na mesa e deturpava seu inglês. E se perguntavam o que diabos teria acontecido com ele.

Depois de algum tempo, Ziauddin acabou por se meter em brigas com os outros carregadores, foi expulso também da estação ferroviária e vagou sem destino por alguns dias, amaldiçoando tanto hindus como muçulmanos. Depois voltou para a estação, outra vez carregando malas sobre a cabeça. Ele trabalhava bem; isso ninguém podia negar. E agora havia bastante trabalho para todo mundo. Vários trens repletos de soldados haviam chegado a Kittur — no mercado contavam que uma nova base militar estava sendo montada na estrada para Cochin —, e durante vários dias os soldados partiram dali; em seu encalço seguiam grandes trens de carga levando caixotes enormes que precisavam ser descarregados. Ziauddin mantinha a boca fechada, desembarcava os caixotes e os carregava para fora da estação, onde havia caminhões militares prontos para levá-los.

NUM DOMINGO, ZIAUDDIN FICOU DEITADO na plataforma da estação e dormiu até as dez da manhã, morto de cansaço pelo trabalho da semana. Acordou franzindo as narinas: havia cheiro de sabão no ar. Riachos de espuma e bolhas corriam ao lado dele. Uma fila de corpos negros e magros tomava banho na beira da plataforma.

A fragrância do sabão fez Ziauddin espirrar.

— Ei, vão tomar banho em outro lugar! Me deixem em paz!

Os homens riram e gritaram, apontando os dedos ensaboados para Ziauddin:

— Nem todos somos animais sujos, Zia! Alguns aqui somos hindus!

— Eu sou pachto! — gritou Ziauddin de volta para os homens. — Não falem comigo desse jeito!

Começou a gritar com eles quando algo estranho aconteceu — os homens se afastaram todos às pressas, gritando:

— Quer um servente, senhor? Um servente?

Um estrangeiro se materializara na plataforma, embora nenhum trem houvesse se aproximado: um homem alto, de pele clara, segurando uma maletinha preta. Ele vestia uma camisa branca limpa e calças de algodão cinza, e tudo nele cheirava a dinheiro; isto enlouqueceu os outros carregadores, que se amontoaram ao redor dele, ainda cobertos de espuma, como homens com alguma doença horrível reunidos ao redor de um médico que talvez pudesse curá-los. Mas o homem rejeitou a todos e caminhou até o único carregador que não estava coberto de espuma.

— Qual hotel? — perguntou Ziauddin, ficando em pé com esforço.

O forasteiro deu de ombros, como quem diz “você é quem sabe”. Lançou um olhar de desaprovação para os outros carregadores, que ainda perambulavam ao redor dele, quase nus e cobertos de sabão.

Depois de mostrar a língua para os outros carregadores, Zia partiu com o estrangeiro.

Os dois caminharam até os hotéis baratos que lotavam as ruas ao redor da estação. Parando em frente a um edifício coberto de placas — de eletricitas, farmácias, encanadores — Ziauddin apontou para uma placa vermelha no segundo andar.

HOTEL DECENT

HOSPEDAGEM

TODAS AS COMIDAS E SERVIÇOS AQUI

NORTE DA ÍNDIA SUL DA ÍNDIA

COMIDA CHINESA OCIDENTAL TIBETANA

TÁXI PASSAPORTE VISTO XEROX INTERURBANO

LIGAÇÕES PARA TODOS OS PAÍSES

— Que tal este aqui, senhor? É o melhor da cidade. — Ziauddin levou uma mão ao peito: — Dou minha palavra.

O Hotel Decent tinha um bom acordo com os carregadores da estação: uma “comissão” de duas rupias e meia para cada cliente que trouxessem.

O forasteiro baixou a voz, confidente:

— Meu caro, mas este é um bom lugar? Ele enfatizou a palavra crítica, dizendo-a em inglês.

— Muito bom — disse Zia, piscando um olho. — Muito, muito bom.

O estrangeiro chamou Zia para mais perto, fazendo um gesto com o dedo. Falou no ouvido dele:

— Meu caro: eu sou muçulmano.

— Eu sei, senhor. Eu também.

— Não só muçulmano. Sou *pachto*.

Foi como se Ziauddin tivesse ouvido um feitiço mágico. Ele fitou o estrangeiro.

— Me desculpe, senhor... eu... não... eu... Alá o mandou exatamente para o carregador certo, senhor! E este aqui não é um bom hotel para o senhor, nem um

pouco. Na verdade é um hotel muito ruim. E este não é o hotel certo...

Passando a mala do estrangeiro de mão em mão, Ziauddin levou o estrangeiro ao redor da estação até o outro lado — onde ficavam os hotéis dos muçulmanos, que não davam “comissões” para os carregadores. Parou em frente a um deles e perguntou:

— Serve este?

HOTEL DARUL-ISLÃ

HOSPEDAGEM

O forasteiro contemplou a placa, a arcada verde que levava ao hotel, a imagem da Grande Mesquita de Meca sobre a porta; meteu então a mão num bolso da calça cinza e tirou uma nota de cinco rupias.

— Isso é muito, senhor, por uma mala só. Pode me dar só duas rupias. — Zia mordeu o lábio. — Não, até isso é demais. O estrangeiro sorriu:

— Um homem honesto.

O homem encostou em seu ombro direito com dois dedos da mão esquerda.

— Eu tenho um braço ruim, meu amigo. Não teria sido capaz de carregar a mala até aqui, a não ser com muita dor.

— Colocou o dinheiro nas mãos de Zia. — Você merece ainda mais.

Ziauddin aceitou o dinheiro; olhou para o rosto do estrangeiro.

— O senhor é mesmo *pachto*?

O corpo do menino estremeceu com a resposta do forasteiro.

— Eu também! — gritou, e saiu correndo feito louco, berrando: — Eu também! Eu também!

Naquela noite, Ziauddin sonhou com montanhas cobertas de neve e com uma

raça de homens de pele clara e corteses, que davam gorjetas feito deuses. Pela manhã, voltou para a hospedagem e encontrou o estrangeiro num dos bancos colocados do lado de fora, bebericando de uma xícara de chá amarela.

— Quer tomar um chá comigo, pequeno pachto?

Confuso, Ziauddin fez que não, mas o estrangeiro já havia estalado os dedos. O proprietário, um homem gordo com o bigode bem-raspado e uma barba branca cheia e macia, que parecia uma lua crescente, olhou com desgosto para o carregador imundo antes de indicar, com um grunhido, que hoje ele poderia se sentar à mesa.

O estrangeiro perguntou:

— Quer dizer que você também é pachto, amiguinho?

O menino fez que sim, depois comunicou ao estrangeiro o nome do homem que lhe dissera que ele era pachto.

— Era um homem instruído, senhor: tinha passado um ano na Arábia Saudita.

— Ah — disse o forasteiro, balançando a cabeça. — Entendo. Agora entendo. Passaram alguns minutos em silêncio. Ziauddin falou:

— Espero que o senhor não vá ficar aqui por muito tempo.

É uma cidade ruim. O pachto arqueou as sobrancelhas.

— Para muçulmanos como nós, é ruim. Os hindus não dão trabalho para a gente; não nos respeitam. Falo por experiência própria, senhor.

O estrangeiro apanhou um caderno e se pôs a escrever. Zia observou. Olhou de novo para o belo rosto do estrangeiro, suas roupas caras; inalou o aroma de seus dedos e rosto. “Este homem é um conterrâneo seu, Zia”, disse o garoto a si mesmo. “Um conterrâneo seu!”

O pachto terminou seu chá e bocejou. Como se tivesse se esquecido inteiramente de Zia, voltou a entrar na hospedagem e fechou a porta atrás de si.

Assim que o hóspede estrangeiro desapareceu na hospedagem, o dono do lugar

lançou um olhar para Ziauddin e sacudiu a cabeça, e o carregador sujo entendeu que não iria ganhar seu chá. Voltou à estação ferroviária, onde ficou em seu lugar habitual e esperou até que um passageiro se aproximasse dele com baús de aço ou malas de couro que precisassem ser carregadas até o trem. Mas sua alma brilhava de orgulho, e ele não brigou com ninguém naquele dia.

Na manhã seguinte, acordou sentindo o cheiro de roupas recém-lavadas.

— Todo pacto é madrugador, meu amigo.

Bocejando e se espreguiçando, Ziauddin abriu os olhos: um par de belos olhos azul-claros o fitava de cima: olhos como os de um homem que houvesse passado muito tempo olhando para a neve. Ao ficar em pé, cambaleante, Ziauddin pediu desculpas ao estrangeiro, depois o cumprimentou e por pouco não lhe deu um beijo no rosto.

— Você comeu alguma coisa? — perguntou o pacto. Zia fez que não, nunca comia antes do meio-dia. O pacto o levou a uma das barraquinhas de chá com samosas perto da estação. Zia já havia trabalhado ali, e os garotos observaram, assombrados, quando ele se sentou à mesa e gritou:

— Traga o seu melhor prato! Dois pactos precisam se alimentar esta manhã! O estrangeiro se aproximou dele e disse:

— Não fale isso em voz alta. Eles não precisam saber de nós: é o nosso *segredo*.

E então passou rapidamente uma nota para as mãos de Zia. Desamassando-a, o garoto viu um trator e um sol vermelho nascente. Cinco rupias!

— O senhor quer que eu leve a sua mala até Bombaim? Em Kittur, esta nota dá para isso.

Ziauddin se reclinou na cadeira enquanto o menino atendente lhes servia duas xícaras de chá e um prato com uma grande samosa, cortada em duas partes e coberta com um ketchup aguado. O pacto e Zia mastigaram cada um sua metade. Depois o homem palitou os dentes, retirando um pedaço de samosa, e disse a Ziauddin o que esperava em troca daquelas cinco rupias.

Meia hora depois, Zia se sentou num canto da estação ferroviária, diante da sala de espera. Quando os passageiros lhe pediam que carregasse sua bagagem, ele

fazia que não e dizia:

— Tenho outro trabalho hoje.

Quando os trens entravam na estação, ele os contava. Mas como não era fácil lembrar o total, Zia se afastou dali e foi se sentar sob a sombra de uma árvore que crescia dentro da estação; sempre que uma locomotiva passava assoviando por ele, o menino fazia um traço na terra com o dedão do pé, cortando cada grupo de cinco com um traço cruzado. Alguns dos trens estavam lotados; alguns tinham vagões inteiros de soldados armados; e outros estavam quase totalmente vazios. Ziauddin se perguntou aonde eles iriam, tantos trens, tantas pessoas... fechou os olhos e cochilou; uma locomotiva o assustou, e ele fez mais um traço com o dedão. Quando ficou em pé para ir almoçar, percebeu que tinha estado sentado sobre algumas das marcas, que estavam borradas; tentou decifrá-las desesperadamente.

À noite, viu o pachto sentado num dos bancos em frente à hospedagem, tomando chá. Era um homem alto. O forasteiro sorriu ao ver Ziauddin e deu três palmadinhas num espaço no banco ao seu lado.

— Eles não me deram chá ontem de tarde — queixou-se Ziauddin, explicando o que havia acontecido. O pachto fechou a cara; Ziauddin viu que o estrangeiro era um homem correto. Além disso, era poderoso: sem dizer uma palavra, virou-se para o proprietário e lhe lançou um olhar furioso; menos de um minuto depois, um menino saiu correndo do hotel segurando uma xícara amarela e a colocou diante de Zia. Ele inalou os aromas de cardamomo e o doce vapor do leite, depois falou:

— Dezessete trens chegaram a Kittur. E dezesseis partiram daqui. Contei todos eles, exatamente como o senhor pediu.

— Bom — disse o pachto. — Agora me diga: quantos desses trens carregavam soldados indianos? Ziauddin o encarou.

— Quantos-desses-trens-carregavam-soldados-indianos?

— Todos eles tinham soldados... não sei...

— Seis trens levavam soldados — disse o pachto. — Quatro iam para Cochim,

dois voltavam.

No dia seguinte, Ziauddin se sentou sob a árvore no canto da estação meia hora antes que o primeiro trem chegasse. Marcou a terra com o dedão do pé; entre um trem e outro, ia para a lanchonete que havia dentro da estação.

— Você não pode entrar aqui! — gritou o dono. — Não queremos encrencas outra vez!

— Não vai ter encrenca nenhuma! — respondeu Zia. — Hoje eu trouxe dinheiro — falou, colocando uma nota de uma rupia sobre a mesa. — Coloque esta nota no caixa e me dê uma samosa de galinha.

Naquela noite, Zia informou ao pachto que onze trens tinham chegado com soldados.

— Bom trabalho — disse o homem.

Esticando o braço fraco, o pachto apertou de leve uma bochecha de Ziauddin, depois a outra. Puxou mais uma nota de cinco rupias, que o menino aceitou sem hesitar.

— Amanhã, quero que você veja quanto dos trens têm uma cruz vermelha pintada na lateral dos vagões. Ziauddin fechou os olhos e repetiu:

— Cruz vermelha na lateral. — Ficou em pé num salto, bateu continência e disse: — *Thanks you, sir!*

O pachto riu; uma risada calorosa, sincera, estrangeira.

No dia seguinte, Ziauddin se sentou mais uma vez sob a árvore, rabiscando números com o dedão em três fileiras. Na primeira, o número de trens. Na segunda, o número de trens com soldados. Na terceira, o número de trens com cruces vermelhas.

Dezesseis, onze, oito.

Outro trem passou; Zia ergueu os olhos, franziu-os e posicionou o dedão sobre a primeira das três fileiras.

Manteve o dedão assim, suspenso no ar por um instante, depois o deixou cair ao chão, tomando cuidado para não borrar nenhuma das marcas. O trem partiu, e imediatamente depois outro trem chegou à estação, repleto de soldados, mas Ziauddin não o somou à contagem. Apenas fitou os rabiscos que já havia feito, como se tivesse visto algo novo neles.

O pachto estava na hospedagem quando Ziauddin chegou ali, às quatro horas. O homem mantinha as mãos atrás das costas, e caminhava para lá e para cá ao redor dos bancos. Aproximou-se do garoto em passos rápidos.

— Pegou o número? Ziauddin fez que sim. Mas quando os dois se sentaram, perguntou:

— Por que o senhor está me pedindo para contar os trens?

O pachto inclinou o corpo por sobre a mesa, esticou o braço fraco e tentou tocar o cabelo de Ziauddin.

— Até que enfim você perguntou. Até que enfim. — E sorriu.

O proprietário da hospedagem, o que tinha a barba como uma meia-lua, veio sem ser chamado; depositou duas xícaras de chá sobre a mesa, depois deu um passo atrás, esfregou as palmas das mãos e sorriu. O pachto o dispensou fazendo um movimento com a cabeça. Bebericou o chá; Ziauddin nem tocou no seu.

— Você sabe para onde estão indo esses trens cheios de soldados e marcados com cruzes vermelhas? Ziauddin fez que não.

— Para Calcutá.

O estrangeiro aproximou o rosto. O menino viu coisas que não tinha visto antes: cicatrizes no nariz e nas bochechas do pachto, e um pequeno rasgo em sua orelha esquerda.

— O exército indiano está montando uma base em algum lugar entre Kittur e Calcutá. Por um único motivo... — Ergueu um dedo grosso. — Para fazer com os muçulmanos do sul da Índia o mesmo que estão fazendo com os muçulmanos da Caxemira.

Ziauddin baixou os olhos, fitando o chá. Uma membrana enrugada de nata

estava coagulando na superfície.

— Eu sou muçulmano. Filho de um muçulmano, também.

— Exato. Exato. — Os dedos grossos do estrangeiro cobriram a superfície da xícara. — Agora escute: sempre que você contar os trens, vai receber uma pequena recompensa. Veja bem, nem sempre vão ser cinco rupias, mas vai ser alguma coisa. Um pacto cuida dos outros pactos. É um trabalho simples. Eu estou aqui para fazer o trabalho pesado. Você vai...

Ziauddin interrompeu:

— Eu não estou bem. Não posso trabalhar amanhã. O estrangeiro ficou pensando nisso, depois falou:

— Você está mentindo para mim. Posso perguntar por quê?

Um dedo foi passado sobre um par de lábios descoloridos pelo vitiligo.

— Eu sou muçulmano. Filho de um muçulmano, também.

— Nesta cidade moram cinquenta mil muçulmanos — a voz do estrangeiro estava áspera de irritação. — Todos eles se mexem. Todos eles estão prontos para a ação. Eu só estava oferecendo este emprego a você por piedade. Porque vejo o que os indianos fizeram com você. Se não fosse por isso, eu teria oferecido o trabalho a qualquer outro desses cinquenta mil.

Ziauddin ficou em pé, chutando a cadeira para trás.

— Então pegue um desses cinquenta mil para fazer o trabalho.

Ao sair da área da hospedagem, olhou para trás. O pacto estava olhando para ele; falou numa voz suave.

— É assim que você retribui, pequeno pacto?

Ziauddin não disse nada. Baixou os olhos, fitando o chão. Com o dedão do pé, rabiscou devagar uma figura na terra: um grande círculo. Inspirou o ar fresco e soltou um silvo rouco e sem palavras.

Depois correu. Correu para fora do hotel, correu ao redor da estação ferroviária até o lado hindu, correu até a casa de chá de Ramanna Shetty, contornou a lanchonete correndo e chegou à tenda azul onde os meninos dormiam. Ficou ali sentado, com os lábios manchados contraídos, entrelaçando firmemente os dedos em volta dos joelhos.

— O que você tem? — perguntaram os outros meninos.

— Você sabe que não pode ficar aqui. O Shetty vai botar você na rua. — Eles o esconderam ali por aquela noite, em nome dos velhos tempos. Quando acordaram, Ziauddin já tinha ido. Mais tarde naquele dia, o menino foi visto de novo na estação ferroviária, brigando com os clientes e gritando com eles:

— ...*não fazemos safadeza!*

COMO A CIDADE SE ORGANIZA

No centro geográfico de Kittur vê-se a fachada de estuque descascada do Angel Talkies, um cinema pornô; lamentavelmente, quando a população local dá informações, costuma usar o Angel Talkies como ponto de referência. O cinema se encontra no meio da Umbrella Street, no coração do distrito comercial. Uma porção considerável da economia de Kittur se baseia na manufatura de *beedis*, as cigarrilhas baratas enroladas à mão; não é de surpreender, portanto, que o prédio mais alto da cidade seja o edifício Engineer *Beedi*, na Umbrella Street, propriedade de Mabroor Engineer, que tem a reputação de ser o homem mais rico da cidade. Não muito longe dali encontra-se a sorveteria mais famosa de Kittur, a Sorveteria Ideal, que também vende sucos de fruta; o White Stallion Talkies, único cinema da cidade que passa filmes exclusivamente em inglês, é outra atração próxima. O Ming Palace, primeiro restaurante chinês de Kittur, foi aberto na Umbrella Street em 1986. O templo de Ganapati situado nesta rua é uma imitação do famoso templo de Goa, e é o local onde ocorre a adoração anual à divindade com cabeça de elefante. Seguindo pela Umbrella Street, ao passar pelo Angel Talkies na direção norte e atravessar o Nehru Maidan e a estação ferroviária, você chegará ao bairro católico de Valência, cujo marco mais importante é a Catedral de Nossa Senhora de Valência. O Portão Duplo, um portal colonial arqueado situado na outra ponta de Valência, leva a Bajpe, uma área que já foi uma floresta mas que hoje é um subúrbio em rápida expansão. Ao sul do Angel Talkies, a estrada sobe o Morro do Farol e depois desce para o Poço de Água Fria. Numa encruzilhada movimentada perto do poço começa a estrada que leva ao Bunder, a região portuária. Depois do Bunder, mais ao sul, vemos a Bateria do Sultão, um forte negro situado sobre a estrada que deixa a cidade, cruzando o rio Kaliaamma até chegar a Salt Market Village, a região mais ao sul de Kittur.

Dia um (tarde): O BUNDER

Você desceu a rua do Poço de Água Fria, passando pela rua Masjid, e começou a sentir o cheiro de sal no ar, notando a grande profusão de barraquinhas que vendem peixe ao ar livre, cheias de camarões, mexilhões, lagostins e ostras; o mar Arábico não está longe.

Hoje em dia, a região portuária do Bunder é predominantemente muçulmana. O principal marco aqui é o Dargah, a tumba-santuário de Yusuf Ali, uma estrutura branca coberta por uma abóboda à qual chegam, a cada ano, milhares de peregrinos muçulmanos de todo o sul da Índia. A velha figueira que cresce atrás da tumba do santo sempre está adornada com laços verdes e dourados, e acredita-se que tenha o poder de curar os aleijados. Dezenas de leprosos, amputados, anciãos e vítimas de paralisia parcial ficam agachados em frente ao santuário pedindo esmolas aos visitantes.

Se você caminhar até o outro lado do Bunder vai encontrar a área industrial, onde funcionam dezenas de fábricas de tecidos que exploram seus operários em edifícios velhos e sombrios. O Bunder tem a maior taxa de criminalidade de Kittur, e ali frequentemente ocorrem punhaladas, batidas policiais e detenções. Em 1987 houve conflitos entre hindus e muçulmanos perto do Dargah, e a polícia fechou a área do Bunder por seis dias. Desde então, os hindus têm se mudado para Bajpe e para Salt Market Village.

ABBASI TIROU A ROLHA DA GARRAFA — JOHNNIE Walker Red Label Blended, o segundo melhor uísque já visto na face da terra — e serviu uma pequena dose em cada um dos copos, que traziam um logotipo da Air India com o marajá. Abbasi abriu o velho congelador, tirou um balde de gelo e depositou três cubos em cada copo, com a mão. Serviu água fria nos copos, encontrou uma colher e misturou. Abaixou bem a cabeça e se preparou para cuspir num dos copos.

Ah, muito simples, Abbasi. Muito simples.

Engoliu a saliva. Baixando o zíper da calça de algodão, deixou-a escorregar até os joelhos. Juntando os dedos médio e indicador da mão direita, enfiou-os profundamente no ânus; depois os afundou num dos copos de uísque e misturou.

Subiu a calça e fechou o zíper. Fez cara de nojo ao ver o uísque manchado; agora vinha a parte complicada — era preciso organizar as coisas para que o copo caísse nas mãos certas.

Saiu da copa carregando a bandeja.

O funcionário do Conselho Estadual de Eletricidade, sentado à mesa de Abbasi, sorriu. Era um homem gordo e escuro que vestia um terno safári azul, com uma caneta esferográfica presa no bolso do paletó. Abbasi colocou cuidadosamente a bandeja na mesa em frente ao cavalheiro.

— Sirva-se — disse Abbasi com uma hospitalidade exagerada; o funcionário já havia apanhado o copo e bebericava o conteúdo, lambendo os lábios. Terminou o uísque em goles lentos e apoiou o copo na mesa.

— Bebida de homem. Abbasi sorriu, irônico. O funcionário apoiou as mãos na barriga.

— Quinhentas — disse. — Quinhentas rupias.

Abbasi era um homem baixo; tinha uma mancha grisalha na barba, que não tentava esconder com tinta como tantos outros homens de meia-idade em Kittur; ele achava que a mancha branca lhe dava um ar inteligente, o que lhe parecia necessário, pois sabia que, entre os amigos, tinha a reputação de ser um sujeito simplório dado a surtos regulares de idealismo.

De seus ancestrais, que haviam trabalhado nas cortes reais de Hyderabad, ele herdara um elaborado senso de cortesia e boas maneiras, que adaptara à realidade do século XX com toques de sarcasmo e autoparódia.

Juntou as palmas das mãos, fazendo um namastê hindu, e se curvou diante do funcionário.

— *Sahib*, o senhor sabe que acabamos de reabrir a fábrica. Tivemos muitos custos. Se o senhor pudesse mostrar um pouco de...

— Quinhentas. Quinhentas rupias.

O funcionário mexeu o copo em movimentos circulares e fitou o logotipo da Air India com um dos olhos, como se uma parte de si sentisse vergonha pelo que

estava fazendo. Fez um gesto, levando os dedos à boca:

— A gente precisa ter o que comer, sr. Abbasi. Os preços estão subindo muito rápido. Desde que a sra. Gandhi morreu, este país está indo para o buraco.

Abbasi fechou os olhos. Esticou-se para alcançar sua escrivaninha, abriu uma gaveta, retirou um maço de notas, contou-as e depositou o dinheiro na frente do funcionário. O homem gordo, molhando o dedo a cada nota, contou-as uma a uma; retirou um elástico azul do bolso da calça e prendeu as notas com duas voltas.

Mas Abbasi sabia que o suplício ainda não havia terminado.

— *Sahib*, temos uma tradição nesta fábrica, nunca deixamos um convidado ir embora sem um presente.

Tocou a campainha para chamar Ummar, seu gerente, que entrou quase imediatamente, trazendo uma camisa nas mãos. Ele tinha estado esperando do lado de fora o tempo todo.

O funcionário retirou a camisa branca da caixa de papelão em que vinha. Observou o desenho: um dragão dourado, cuja cauda dava a volta até as costas da camisa.

— É maravilhosa.

— Nós as embarcamos para os Estados Unidos. São usadas por dançarinos profissionais, que fazem uma tal de “dança de salão”. Eles vestem estas camisas e rodopiam debaixo de luzes vermelhas de discoteca. — Abbasi levou as mãos à cabeça e rodopiou, balançando os quadris e as nádegas de modo sugestivo; o funcionário o observou com olhos lascivos.

Bateu palmas e disse:

— Dance de novo para mim, Abbasi. Depois levou a camisa ao nariz e a cheirou três vezes.

— Este desenho — marcou o contorno do dragão com o dedo grosso — é primoroso.

— Este dragão é o motivo pelo qual eu fechei a fábrica — explicou Abbasi. — Para desenhá-lo é necessário um bordado muito fino. Os olhos das mulheres que fazem este trabalho acabam prejudicados. Um dia chamaram minha atenção para isso. Eu pensei: não quero ter de responder a Alá pelo mal causado aos olhos das minhas funcionárias. Por isso as mandei para casa e fechei a fábrica.

O funcionário abriu um sorriso irônico. Mais um desses muçulmanos que bebem uísque e falam de Alá a cada duas frases.

Recolocou a camisa na caixa e a meteu debaixo do braço.

— Então por que o senhor reabriu a fábrica? Abbasi juntou os dedos e os levou à boca.

— A gente precisa ter o que comer, *sahib*.

Desceram as escadas juntos, Ummar os seguia três passos atrás. Quando chegaram ao térreo, o funcionário viu uma abertura escura à direita. Deu um passo em direção à escuridão. No ambiente à meia-luz, viu mulheres com camisas brancas no colo, bordando dragões ainda inacabados. Quis entrar para ver mais, e Abbasi falou:

— Entre o senhor, *sahib*. Eu espero aqui fora.

Abbasi deu meia-volta e ficou olhando para a parede enquanto Ummar conduziu o funcionário pelo pátio da fábrica, apresentou-o a algumas das funcionárias e o trouxe de volta. O funcionário estendeu a mão para Abbasi antes de partir.

Eu não devia ter encostado nele, pensou Abbasi no momento em que fechava a porta.

Às seis da tarde, meia hora depois de as mulheres terem deixado a sala de bordados, Abbasi fechou a fábrica, entrou em seu carro, um Ambassador branco, e saiu do Bunder em direção a Kittur; tinha uma única coisa em mente.

Corrupção. Ela não tem fim neste país. Nos últimos quatro meses, desde que decidira abrir a fábrica de camisas, tivera que dar propinas: ao funcionário da eletricidade; ao funcionário da agência de água; a meio departamento do imposto de renda de Kittur; a meio departamento de impostos sobre produtos de Kittur; a seis funcionários diferentes da agência de telefonia; a um funcionário do imposto

sobre a terra da Prefeitura de Kittur; a um inspetor sanitário do Conselho de Saúde do Estado de Karnataka; a uma delegação do Sindicato Pan-Indiano de Trabalhadores de Pequenas Fábricas; a delegações do Partido do Congresso de Kittur, do Kittur BJP, do Partido Comunista de Kittur e da Liga Muçulmana de Kittur.

O Ambassador subiu a rampa da garagem de uma grande mansão caiada. Abbasi ia ao Canara Club pelo menos quatro noites por semana; ali havia uma sala com ar-condicionado e uma mesa de sinuca verde, onde ele jogava e bebia com seus amigos. Abbasi jogava bem, e sua pontaria piorava depois do segundo uísque, por isso seus amigos gostavam de jogar longas séries de partidas com ele.

— Está preocupado com alguma coisa, Abbasi? — perguntou Sunil Shetty, o dono de outra fábrica de camisas no Bunder.

— Você está jogando de um jeito um tanto impulsivo esta noite.

— Outra visita do departamento de eletricidade. Um verdadeiro canalha desta vez. Sujeito de pele escura. De alguma casta baixa.

Sunil Shetty murmurou, mostrando solidariedade; Abbasi errou a tacada.

No meio do jogo, todos os jogadores se afastaram da mesa quando um camundongo atravessou o chão, correndo pelas paredes até encontrar um buraco e desaparecer.

Abbasi bateu com o punho na borda da mesa.

— Onde é que nosso dinheiro de sócios vai parar? Eles não são nem capazes de limpar o chão! Está vendo como a gerência do clube é corrupta?

Depois disso sentou-se calado, com as costas apoiadas na placa que dizia “AS REGRAS DO JOGO DEVEM SER OBEDECIDAS A TODO O MOMENTO”, e ficou vendo os outros jogadores disputarem a partida, descansando o queixo na ponta do taco.

— Você está tenso, Abbasi — disse Ramanna Padiwal, dono de uma loja de seda e raiom na Umbrella Street, que era o melhor jogador de sinuca da cidade.

Para desfazer essa impressão, Abbasi pediu uísques para todos, e os homens

pararam de jogar, segurando os copos envoltos em guardanapos de papel e bebericando. Como sempre, a primeira coisa de que falaram foi do próprio uísque.

— Sabe aquele rapaz que vai de casa em casa oferecendo vinte rupias para quem lhe vender as caixas velhas de Johnnie Walker Red Label? — perguntou Abbasi.
— Para quem ele vende essas caixas depois?

Os outros riram.

— Você é bem inocente para um muçulmano, Abbasi — disse Padiwal, o vendedor de carros usados, rindo. — É claro que ele vende para o falsificador. É por isso que o Johnnie Walker Red que você compra na loja, mesmo que venha numa garrafa genuína e numa caixa genuína, é falsificado.

Abbasi falou devagar, desenhando círculos no ar com o dedo:

— Quer dizer que eu vendi a caixa ao homem que vai vender ao homem que vai falsificar a bebida e vender de volta para mim? Isto quer dizer que eu enganei a mim mesmo?

Padiwal olhou espantado para Sunil Shetty e falou:

— Para um muçulmano, este sujeito é um verdadeiro...

Essa era a impressão generalizada entre os industriais — desde que Abbasi fechara a fábrica porque o trabalho estava fazendo mal à visão de suas funcionárias. A maior parte dos jogadores de sinuca possuía ou havia investido em fábricas que empregavam mulheres da mesma maneira; e nenhum deles jamais sonhara em fechar uma fábrica só porque uma mulher aqui ou outra ali havia ficado cega.

Sunil Shetty falou:

— Outro dia, li no *Times of India* o chefe da Johnnie Walker comentar que o consumo de Red Label num povoado indiano médio é maior que toda a produção da Escócia. No que diz respeito a três coisas — contou-as nos dedos — mercado negro, falsificação e corrupção, somos campeões mundiais. Se essas modalidades fossem incluídas nas Olimpíadas, a Índia sempre ganharia o ouro, a prata e o bronze nas três.

Depois da meia-noite, Abbasi saiu do clube cambaleando, deixando uma moeda para o guarda que se levantou da cadeira para cumprimentá-lo e levá-lo até o carro.

Já bêbado, saiu da cidade em disparada e se dirigiu ao Bunder, reduzindo por fim a velocidade ao sentir o cheiro da brisa marinha.

Quando avistou sua casa, parou no acostamento e decidiu que precisava de mais um trago. Ele sempre guardava uma garrafinha de uísque embaixo do banco, onde sua mulher não a encontraria; esticou-se e apalpou o chão do carro. Bateu a cabeça no painel. Encontrou a garrafa e um copo.

Depois da bebida, deu-se conta de que não podia voltar para casa; a mulher iria sentir o cheiro de bebida em seu corpo assim que ele atravessasse a porta. Haveria mais uma cena. Ela nunca conseguiria entender por que ele bebia tanto.

Abbasi dirigiu até o Bunder. Estacionou o carro ao lado de um lixão e cruzou a rua até uma casa de chá. Viu o mar atrás de uma pequena praia; o cheiro de peixe assado flutuava no ar.

Um cartaz preto na porta da loja proclamava, em letras escritas com giz branco: “TROCAMOS DINHEIRO E MOEDA PAQUISTANESA”. As paredes do lugar estavam enfeitadas com uma fotografia da Grande Mesquita de Meca ao lado de um pôster de um rapaz e uma moça curvados diante do Taj Mahal. Na varanda haviam sido colocados quatro bancos. Uma cabra malhada, branca e marrom, estava atada a um poste numa das pontas da varanda, mastigando pasto seco.

Num dos bancos estavam sentados alguns homens. Abbasi tocou um deles no ombro; ele se virou.

— Abbasi.

— Mehmood, meu irmão. Abra um espaço para mim.

Mehmood, um homem gordo de barba e sem bigode, abriu espaço, e Abbasi se apertou ao lado dele. Abbasi tinha ouvido falar que Mehmood roubava carros; contavam que seus quatro filhos os levavam até um povoado na fronteira de Tamil Nadu, um vilarejo que se dedicava exclusivamente à compra e venda de carros roubados.

Ao lado de Mehmood, Abbasi reconheceu Kalam, que, pelo que se contava, importava haxixe de Bombaim e o embarcava para o Sri Lanka, Saif, que tinha esfaqueado um homem em Trivandrum, e um homem baixinho de cabelo branco que os outros chamavam simplesmente de Professor — e que aparentemente era o mais obscuro de todos.

Aqueles homens eram contrabandistas, ladrões de carro, gângsteres e coisas piores; mas enquanto tomassem chá juntos, nada iria acontecer com Abbasi. Essa era a cultura do Bunder. Um homem podia ser esfaqueado à luz do dia, mas nunca à noite, e nunca enquanto estivesse tomando chá. De qualquer forma, o senso de solidariedade entre os muçulmanos do Bunder havia se aprofundado desde os conflitos.

O Professor estava terminando de contar uma história do século XII, sobre um marinheiro árabe chamado Bin Saad que avistara Kittur no exato momento em que perdera a esperança de encontrar terra. Ele ergueu as mãos para Alá e prometeu que, se chegasse são e salvo à terra firme, nunca mais beberia nem jogaria.

— Ele manteve a palavra? O Professor piscou um olho.

— Adivinhe.

O Professor sempre era bem-vindo nos bate-papos que ocorriam tarde da noite na casa de chá, pois sabia muitas coisas fascinantes sobre o porto; sua construção durante a Idade Média, por exemplo, ou a história da bateria de canhões franceses instalada ali por Sultão Tipu para espantar os britânicos. O Professor apontou um dedo para Abbasi:

— Você está diferente. No que anda pensando?

— Corrupção — disse Abbasi. — Corrupção. Ela parece um demônio sentado no meu cérebro, comendo meus miolos com garfo e faca.

Os outros se aproximaram para ouvir. Abbasi era rico; sua intimidade com a corrupção devia ser maior que a deles. Contou-lhes o que ocorrera durante a manhã.

Kalam, o traficante de drogas, sorriu e disse:

— Isso não é nada, Abbasi. — Apontou para o mar. — Eu tenho um navio carregado, metade com cimento e metade com outra coisa, que está a um mês esperando a duzentos metros da costa. Sabe por quê? Porque um inspetor do porto está me espremendo. Eu pago e ele quer me espremer ainda mais, muito mais. Por isso o navio está simplesmente boiando ali, metade com cimento e metade com outra coisa.

— Eu achei que as coisas iriam melhorar agora que este jovem Rajiv está tomando conta do país — disse Abbasi. — Mas ele decepcionou todo mundo. É tão ruim quanto qualquer outro político.

— Precisamos de um homem que enfrente essa gente — disse o Professor. — Basta um homem honesto e corajoso. Este sujeito faria mais pelo país do que Gandhi ou Nehru.

O comentário foi saudado com um coro de concordância.

— Sim — concordou Abbasi, passando a mão pela barba.

— E na manhã seguinte ele estaria boiando no rio Kaliamma.

Assim.

Imitou um cadáver.

Também houve uma concordância geral quanto a isso. Mas assim que as palavras saíram de sua boca, Abbasi já estava pensando: será mesmo verdade? Será que não há nada que possamos fazer para lutar contra isso?

Viu o brilho de uma faca enfiada na calça do Professor. O efeito do uísque estava se dissipando, mas o levava a um lugar estranho, e sua mente se enchia de pensamentos esquisitos.

O ladrão de carros pediu outra rodada de chás, mas Abbasi, bocejando, cruzou as mãos à frente dele e fez que não com a cabeça.

No dia seguinte, Abbasi apareceu para trabalhar às dez e quarenta, com a cabeça pulsando de dor.

Ummar abriu a porta para ele. Abbasi o cumprimentou com a cabeça e recebeu a

correspondência. De cabeça baixa, subiu a escada que levava a seu escritório; então parou. Sob a porta que dava para a fábrica, uma das bordadeiras olhava para ele.

— Não estou lhe pagando para perder tempo — soltou. Ela se virou e correu. Abbasi subiu a escada apressado. Colocou os óculos, leu a correspondência, leu o jornal, bo-cejou, tomou chá e abriu um livro contábil que trazia o logotipo do Banco Karnataka; percorreu uma lista de clientes que haviam pagado e não pagado. Não conseguia parar de pensar no jogo de sinuca da noite anterior.

A porta rangeu e se abriu; dali surgiu a cara de Ummar.

— O quê?

— Eles chegaram.

— Quem?

— O governo.

Dois homens vestindo camisas de poliéster e calças boca de sino azuis bem-passadas empurraram Ummar para o lado e entraram. Um deles, um sujeito corpulento com uma grande pança e um bigode que parecia o de um lutador de luta livre, falou:

— Departamento do Imposto de Renda. Abbasi se levantou.

— Ummar! Não fique aí parado: mande uma das mulheres ir correndo até a casa de chá da praia e nos trazer chá. E também uns daqueles biscoitos redondos de Bombaim.

O cobrador de impostos corpulento sentou à mesa sem ser convidado. Seu companheiro, um sujeito magro que mantinha os braços cruzados, hesitou, um tanto inquieto, até que o outro fez um sinal para que se sentasse também.

Abbasi sorriu. O cobrador de impostos de bigode falou:

— Acabamos de visitar a sua fábrica. Vimos as mulheres que trabalham para o senhor e a qualidade das camisas que elas bordam.

Abbasi sorriu e esperou pelo que viria. Veio rápido desta vez.

— Achamos que o senhor está ganhando muito mais dinheiro do que declara para nós.

O coração de Abbasi bateu forte; esforçou-se para manter a calma. Sempre existia uma saída.

— Muito, muito, muito mais.

— *Sahib, sahib* — disse Abbasi, apalpando o ar em gestos conciliadores. — Temos um costume neste lugar. Todo mundo que vem aqui recebe uma cortesia antes de ir embora.

Ummar, que já sabia o que fazer, esperava do lado de fora com duas camisas. Com um sorriso bajulador, entregou-as aos dois cobradores de impostos. Eles aceitaram as propinas sem dizer uma palavra; o mais magro olhou para o maior em busca de aprovação antes de aceitar o presente.

Abbasi perguntou:

— O que mais posso fazer pelos *sahibs*?

O funcionário de bigode sorriu. Seu parceiro também. O de bigode ergueu três dedos.

— Cada um.

Trezentos por cabeça era muito pouco; os verdadeiros profissionais do departamento de imposto de renda não teriam aceitado nada abaixo de quinhentos. Abbasi imaginou que os dois homens estariam fazendo aquilo pela primeira vez. No final aceitariam cem cada um mais as camisas.

— Antes, permita que eu dê um pequeno incentivo aos senhores. Os *sahibs* gostam de Red Label? O sujeito inquieto quase saltou da cadeira de emoção, mas o maior lhe lançou um olhar severo.

— Red Label seria aceitável. Provavelmente ninguém nunca oferecera àqueles homens nada além de alguma aguardente caseira, percebeu Abbasi.

Caminhou até a copa, pegou uma garrafa. Serviu a bebida em três copos que tinham o logotipo da Air India com o marajá. Abriu a geladeira. Colocou dois cubos de gelo em cada copo e adicionou um fino jorro de água gelada de uma garrafa. Cuspiu em dois dos copos e os colocou no lado mais distante da bandeja.

A ideia cruzou sua mente feito um meteoro. Não. Aquilo foi tomando sua mente devagar. Não, ele não poderia dar este uísque àqueles homens. Podia ser falsificado, vendido em caixas recompradas, mas ainda assim era puro demais para ser tocado pelos lábios deles.

Abbasi bebeu um copo de uísque, depois o segundo, depois o terceiro.

Dez minutos depois, voltou para o escritório em passos pesados. Trancou a porta atrás de si e deixou seu corpo cair pesadamente contra ela.

O funcionário maior se virou bruscamente:

— Por que está fechando a porta?

— *Sahibs*. Esta é a cidade portuária do Bunder, que tem tradições e costumes ancestrais, de séculos e séculos atrás. Qualquer homem tem liberdade para entrar aqui quando bem entender, mas só poderá sair com a permissão dos locais.

Assoviando, Abbasi caminhou até sua mesa e apanhou o telefone; apontou-o feito uma arma, bem na cara do funcionário maior.

— Querem que eu ligue para o departamento de imposto de renda agora mesmo? Querem que eu descubra se vocês tinham autorização para vir? Querem?

Eles pareceram desconfortáveis. O mais magro estava suando. Abbasi pensou: meu palpite estava certo. É a primeira vez que eles fazem isso.

— Olhem para o que está nas suas mãos. Vocês aceitaram camisas minhas, que são propinas. Estão segurando as provas nas próprias mãos.

— Escute aqui...

— Não! Escute aqui você! — gritou Abbasi. — Vocês não vão sair vivos daqui até assinarem uma confissão do que estão tentando fazer. Vamos ver como

conseguem sair. Aqui é a cidade portuária. Eu tenho amigos nos quatro cantos. Vocês vão ser encontrados boiando no rio Kaliamma se eu estalar os dedos agora. Estão duvidando?

O funcionário maior fitou o chão, enquanto o outro produzia uma quantidade extraordinária de suor.

Abbasi destrancou a porta e a manteve aberta.

— Caiam fora. — Depois, com um amplo sorriso, curvou-se diante deles: — *Sahibs*.

Os dois homens saíram apressados sem dizer uma palavra. Abbasi ouviu seus passos pesados na escada; depois, uma expressão de surpresa de Ummar que vinha subindo a escada com uma bandeja de chá e biscoitos Britannia.

Abbasi apoiou a cabeça na madeira fria da mesa e pensou no que tinha feito. A qualquer momento sua eletricidade se-ria cortada; os funcionários do imposto de renda retornariam, desta vez com mais homens e um mandado de prisão.

Deu voltas e mais voltas ao redor do escritório, pensando: o que está acontecendo comigo? Ummar o fitou em silêncio. Uma hora depois, para a surpresa de Abbasi, ninguém ainda havia ligado do departamento de imposto de renda. Os ventiladores ainda funcionavam. A luz ainda estava acesa.

Abbasi começou a ter esperanças. Aqueles caras eram novatos — principiantes. Talvez tivessem apenas voltado ao departamento e continuado seu trabalho. Mesmo que houvessem se queixado, os funcionários do governo estavam receosos do Bunder desde os conflitos; talvez não quisessem bater de frente com um empresário muçulmano neste momento. Abbasi olhou para o Bunder pela janela: este porto violento, podre, imundo, repleto de assaltantes e gângsteres armados com facas — parecia ser o único lugar onde um homem podia viver a salvo da corrupção de Kittur.

— Ummar! — gritou Abbasi. — Hoje vou sair mais cedo para o clube. Ligue para Sunil Shetty e diga para ele vir também. Tenho ótimas notícias! Ganhei do departamento de imposto de renda!

Desceu a escada correndo e parou no último degrau. À sua direita, a porta dava para a fábrica. Nas seis semanas desde que reabriu a empresa, Abbasi não

passara por aquela porta nem uma única vez; Ummar cuidava das questões no andar da fábrica. Mas agora a porta à sua direita, negra e escancarada, tornara-se inevitável.

Sentiu que não tinha opção além de entrar. Percebeu que todos os eventos da manhã tinham sido, de alguma forma, uma armadilha: para levá-lo àquele lugar, para obrigá-lo a fazer o que estivera evitando desde a reabertura da fábrica.

As mulheres estavam sentadas no chão da sala à meia-luz; fracas lâmpadas fluorescentes tremeluziam acima delas, cada uma num posto de trabalho indicado por um número pintado em vermelho na parede. Elas seguravam as camisas brancas perto dos olhos e bordavam com fios de ouro; pararam quando o viram entrar. Abbasi fez um gesto com o punho, indicando que continuassem o trabalho. Não queria que aqueles olhos olhassem para ele: aqueles olhos que estavam se deteriorando enquanto os dedos das mulheres criavam camisas douradas que ele venderia aos dançarinos americanos.

Deteriorando? Não, essa não era a palavra certa. Esse não era o motivo que o fizera colocá-las numa sala lateral.

Todas as pessoas naquela fábrica estavam ficando cegas. Abbasi se sentou numa cadeira no centro da sala.

O optometrista tinha sido muito claro; o tipo de bordado detalhado necessário para as camisas feria as retinas das mulheres. Ele fizera um gesto para mostrar a Abbasi o tamanho das cicatrizes. Por mais que eles melhorassem a iluminação, o impacto sobre as retinas não diminuiria. Os olhos humanos não haviam sido feitos para fitar desenhos tão intrincados durante tantas horas. Duas mulheres já tinham ficado cegas; por isso ele fechara a fábrica. Quando reabriu, todas as antigas trabalhadoras voltaram imediatamente. Elas sabiam qual era seu destino; mas não tinham nenhuma chance de conseguir algum outro trabalho.

Abbasi fechou os olhos. O que ele mais queria era que Ummar o chamasse, dizendo que sua presença era urgentemente necessária no andar de cima.

Mas ninguém veio libertá-lo, e Abbasi ficou sentado na cadeira enquanto as mulheres ao seu redor bordavam, e seus dedos não paravam de falar com ele: estamos ficando cegas; olhe para nós!

— Está com dor de cabeça, *sahib*? — perguntou uma voz de mulher. — Quer

que eu traga uma aspirina com água? Incapaz de olhar para ela, Abbasi respondeu:

— Todas vocês, por favor vão para casa. Voltem amanhã. Mas por favor, vão para casa hoje. Vão receber o pagamento do dia.

— O *sahib* está descontente com a gente por algum motivo?

— Não, por favor. Vão para casa agora. Vocês todas vão receber o pagamento completo. Voltem amanhã. Ouviu os pés das mulheres se arrastarem pelo chão e soube que já deviam ter ido embora.

As mulheres haviam deixado as camisas em seus postos de trabalho, e Abbasi apanhou uma delas; havia meio dragão bordado. Apertou a roupa entre os dedos. Pôde sentir, entre os dedos, o fino tecido da corrupção.

— A fábrica está fechada — quis gritar para o dragão. — Pronto: está satisfeito comigo? A fábrica está fechada.

E depois, o quê? Quem pagaria a escola de seu filho? Ele se sentaria no cais com uma faca e contrabandearia carros como Mehmood? As mulheres iriam para outra fábrica e fariam o mesmo trabalho.

Abbasi bateu com a mão na coxa. Milhares, sentados em casas de chá e universidades e lugares de trabalho a cada dia e cada noite, amaldiçoavam a corrupção. Ainda assim, nem uma só pessoa havia encontrado um modo de matar o demônio sem abrir mão de sua parte na pilhagem. Então por que ele — um empresário comum que gostava de uísque e sinuca e de ouvir as fofocas de gângsteres — teria de encontrar uma resposta?

No entanto, um instante depois, Abbasi percebeu que já tinha uma resposta.

Ofereceu um acordo a Alá. Ele seria colocado na prisão, mas sua fábrica continuaria o trabalho: Abbasi fechou os olhos e rezou para que Deus aceitasse esse acordo.

No entanto, passou uma hora e ninguém veio prendê-lo.

Abbasi abriu uma janela de seu escritório. Pôde ver apenas edifícios, uma rua congestionada e velhas paredes. Abriu todas as janelas, mas ainda assim não viu

nada além de paredes. Subiu até o teto do edifício e se agachou para passar debaixo de um varal, caminhando até o terraço. Aproximando-se da borda, colocou um pé no telhado que sobressaía à frente da empresa.

Dali era possível enxergar os limites de Kittur. Já nas margens da cidade, um após o outro, via-se um minarete, o campanário de uma igreja e a torre de um templo, como placas indicando as três religiões da cidade para os viajantes vindos pelo oceano.

Abbasi viu o mar Arábico, que se estendia para longe de Kittur. O sol brilhava sobre ele. Um navio deixava o Bunder devagar, avançando para a região onde as águas azuis mudavam de cor e se tornavam mais escuras. O navio estava prestes a passar por um grande clarão de luz do sol refletida na água, um oásis de pura luz.

Dia dois (manhã): O MORRO DO FAROL

Depois de almoçar *curry* de camarão e arroz no Bunder, você talvez queira visitar o Morro do Farol e a vizinhança. O famoso farol, construído pelos portugueses e restaurado pelos ingleses, já está fora de uso. Um velho guarda, vestindo um uniforme azul, fica sentado ao pé do farol. Se os visitantes estiverem malvestidos, ou se falarem com ele em télugo ou canará, o guarda irá dizer: “Não está vendo que está fechado?” Se estiverem bem-vestidos ou falarem inglês, ele dirá: “Bem-vindos.” O guarda os levará para dentro do farol e subirá a escadaria em espiral até o topo, de onde há uma vista espetacular do mar Arábico. Há poucos anos a Prefeitura instalou uma sala de leitura dentro do farol; um dos livros da coleção é a *Breve história de Kittur*, do padre Basil d’Essa, SJ. O Parque Deshpreni Hemachandra Rao, que rodeia o farol, recebeu este nome em homenagem ao guerreiro da liberdade que pendurou no farol uma bandeira tricolor do Congresso durante a dominação britânica.

ACONTECE PELO MENOS DUAS VEZES por ano. O prisioneiro algemado avança em grandes passos em direção à delegacia do Morro do Farol, com a cabeça bem erguida e uma expressão de tédio insolente no rosto; atrás dele, quase correndo para conseguir acompanhá-lo, vêm dois policiais segurando uma corrente presa às algemas. O estranho é que o sujeito algemado parece estar arrastando os policiais, feito alguém levando dois macacos para caminhar.

Nos últimos nove anos, o homem conhecido como “Xerox” Ramakrishna foi preso 21 vezes na calçada de granito em frente ao Parque Deshpreni Hemachandra Rao por vender aos estudantes do Colégio São Alfonso, a preços reduzidos, livros fotocopiados ou impressos ilegalmente. Um policial se aproxima de manhã, quando Ramakrishna está sentado com os livros espalhados num lençol azul; apoia o cassetete *lathi* nos livros e diz:

— Vamos lá, Xerox.

O vendedor de livros se vira para sua filha de onze anos, Ritu, que vende livros

com ele, e diz:

— Vá para casa e seja uma boa menina, querida. Depois estica as mãos para ser algemado. Na prisão, Xerox é desacorrentado e colocado numa cela.

Segurando as barras, ele diverte os policiais com histórias engraçadas. Talvez conte uma história indecente sobre alguma universitária que viu naquela manhã usando uma calça jeans ao estilo americano, ou um novo xingamento em télugo que ouviu no ônibus quando ia para Salt Market Village, ou talvez, se eles estiverem com ânimo para uma diversão mais longa, poderá narrar, como já fez tantas vezes, a história do que seu pai fazia para ganhar a vida — retirar os excrementos das casas dos proprietários ricos, a ocupação tradicional das pessoas de sua casta. Seu velho passava o dia inteiro perambulando pelos fundos da casa de um homem, esperando até sentir o cheiro de merda humana; assim que sentisse aquele cheiro, aproximava-se da casa e esperava agachado, como um jogador de críquete esperando a bola (Xerox dobra os joelhos para mostrar a posição). Depois, quando ouvia o “baque” que indicava o fim da sessão, tinha que puxar o urinol por um buraco feito na parede, esvaziá-los nas roseiras, limpá-lo com sua tanga e colocá-lo de volta antes que a próxima pessoa viesse usar o banheiro. Este foi seu trabalho por toda a vida, dá para acreditar?

Os carcereiros riem.

Eles levam samosas envoltas em papel para Xerox, oferecem-lhe algum *chai*. Os carcereiros o consideram um sujeito decente. Deixam-no ir embora ao meio-dia; Xerox se curva diante deles e diz “obrigado”. Depois, Miguel D’Souza, o advogado dos editores e livreiros da Umbrella Street, liga para a delegacia e grita:

— Deixaram o homem sair outra vez? A lei desta terra não significa nada para vocês?

O delegado, Ramesh, mantém o telefone um pouco afastado do ouvido e lê o jornal, vendo as cotações da bolsa de valores de Bombaim. Isto é tudo que Ramesh quer realmente fazer na vida: ler as cotações da bolsa de valores.

No fim da tarde, Xerox está de volta a seu posto. Volumes fotocopiados, ou impressões baratas de Karl Marx, *Mein Kampf*, livros publicados — e filmes, álbuns e outros — são dispostos no lençol azul aberto na calçada do Morro do Farol, e a pequena Ritu fica sentada com as costas rígidas, com seu nariz longo e

reto e seu buço ralo, vendo os clientes apanharem os livros e os folhearem.

— Coloque de volta no lugar — diz a menina quando um cliente rejeita um livro. — Coloque exatamente no lugar onde pegou.

— *Contabilidade para o vestibular?* — grita um cliente, dirigindo-se a Xerox.

— *Obstetrícia avançada?* — grita outro.

— *A alegria do sexo?*

— *Mein Kampf?*

— Lee Iacocca?

— Que preço você faz? — pergunta um jovem, folheando o livro.

— Setenta e cinco rupias.

— Ah, isto é um *roubo!* Muito caro. O jovem se afasta, dá meia-volta, retorna e diz:

— Qual é o seu preço final, que eu não tenho tempo a perder?

— Setenta e duas rupias. É pegar ou largar. Eu tenho outros clientes.

Os livros são fotocopiados, ou às vezes impressos, numa velha gráfica de Salt Market Village. Xerox adora caminhar em volta das máquinas. Ele acaricia a fotocopadora; adora aquela máquina, o modo como emite luz, seus zumbidos e ruídos. Xerox não sabe ler em inglês, mas sabe que as palavras em inglês têm poder, e que os livros em inglês têm aura. Olha para a imagem de Adolf Hitler na capa de *Mein Kampf* e sente seu poder. Olha para o rosto de Kahlil Gibran, poético e misterioso, e sente o mistério e a poesia. Olha para a cara de Lee Iacocca, relaxado com as mãos atrás da cabeça, e se sente relaxado. É por isso que disse uma vez ao delegado Ramesh:

— Eu não quero causar nenhum problema para o senhor nem para os editores; eu apenas adoro livros: adoro fazer livros, segurar os livros nas mãos e vender. Meu pai ganhava a vida limpando bosta, senhor: não sabia ler nem escrever.

Ele ficaria tão orgulhoso se pudesse ver que eu ganho a vida com livros.

Xerox só teve problemas sérios com a polícia uma vez. Foi quando alguém ligou para a delegacia e contou que ele estava vendendo cópias de *Os versos satânicos* de Salman Rushdie, violando a lei da República da Índia. Dessa vez, quando foi levado algemado à delegacia, não houve nenhuma cortesia, nenhuma xícara de *chai*.

Ramesh lhe deu um tapa.

— Você não sabe que este livro está banido, seu filho de uma careca? Está pensando em começar um tumulto entre os muçulmanos? E fazer com que eu e todos os outros policiais daqui sejamos transferidos para Salt Market Village?

— Desculpe — implorou Xerox. — Eu não fazia ideia de que este livro estava banido, de verdade... eu sou só o filho de um homem que limpava merda, senhor. Ele esperava o dia inteiro para ouvir o baque no urinol. Eu sei qual é o meu lugar, senhor. Eu nem sonharia em desafiar o senhor. Foi só um erro, senhor. Me desculpe, senhor.

D'Souza, o advogado dos livreiros, um homem baixo, de cabelo preto oleoso e um bigode apumado, ouviu falar da ocorrência e foi à delegacia. Olhou para o livro banido — um enorme volume em capa dura com a imagem de um anjo na frente — e balançou a cabeça, incrédulo.

— A porra do filho de um intocável, achando que vai fotocopiar *Os versos satânicos*. Haja colhão.

O advogado se sentou diante da escrivania do delegado e gritou com ele:

— Eu falei que isto ia acontecer, se vocês não o punissem! Vocês são responsáveis por tudo isso.

Ramesh encarou Xerox, que estava deitado numa cama, penitente, como tinham lhe ordenado que fizesse.

— Acho que ninguém o viu vendendo o livro. Vai ficar tudo bem.

Para acalmar o advogado, Ramesh pediu a um dos policiais que buscasse uma

garrafa de rum Old Monk. Os dois conversaram por algum tempo.

Ramesh leu passagens do livro e falou:

— Sério, eu não sei por que tanto estardalhaço. — Muçulmanos — disse D’Souza, balançando a cabeça. — Gente violenta. Violenta.

A garrafa de Old Monk chegou. Eles a beberam em meia hora e o policial saiu para pegar outra. Em sua cela, Xerox ficou deitado perfeitamente imóvel, olhando para o teto. O policial e o advogado continuaram a beber. D’Souza falou a Ramesh de suas frustrações, e o delegado contou as suas ao advogado. Um deles queria ser piloto, pairando entre as nuvens e caçando aeromoças, e o outro — o outro nunca quisera nada além de se envolver com a bolsa de valores. Só isso.

À meia-noite, Ramesh perguntou ao advogado:

— Quer saber um segredo? — Furtivamente, conduziu o advogado até a prisão e lhe mostrou o segredo. Uma das barras da cela podia ser removida. O policial a removeu, balançou-a e a colocou de volta no lugar.

— É assim que as provas são escondidas. Isso não quer dizer que este tipo de coisa aconteça com frequência nesta delegacia, veja bem; mas quando acontece, é assim que se faz.

O advogado riu baixinho. Afrouxou a barra e a apoiou por sobre o ombro, falando:

— Eu não pareço o Hanuman agora?

— Igualzinho ao da tevê — respondeu o policial. O advogado pediu que abrissem a porta da cela, e ela foi aberta.

Os dois viram o prisioneiro adormecido em seu catre, com um braço sobre o rosto para se proteger da luz contundente da lâmpada nua em cima dele. Uma faixa de pele nua estava exposta por baixo de sua camisa barata de poliéster; uma trepadeira de cabelo preto e grosso, que, para os dois observadores, parecia estar brotando de sua virilha, escapava-lhe da roupa.

— Este maldito filho de um intocável. Olhe só como ele ronca.

— O pai dele limpava merda; e este sujeito está achando que vai botar a gente na merda!

— Vendendo *Os versos satânicos*. Ele está achando que vai vender bem debaixo do meu nariz, é?

— Esta gente agora pensa que manda na Índia. Não é? Querem todos os empregos, e todas as vagas na universidade, e todos os...

Ramesh abaixou as calças do homem que roncava; ergueu a barra bem alto enquanto o advogado dizia:

— Faça como o Hanuman da tevê!

Xerox acordou gritando. Ramesh passou a barra a D’Souza. O policial e o advogado se revezaram: um deles bateu com a barra nas pernas de Xerox, bem na articulação do joelho, como o deus-macaco fazia na tevê, depois um deles bateu com a barra nas pernas de Xerox, logo abaixo da articulação do joelho, como o deus-macaco fazia na tevê, depois um deles bateu nas pernas de Xerox, logo acima da articulação do joelho, e depois, rindo e se beijando, os dois cambalearam para fora da cela, gritando para que alguém trancasse a delegacia atrás deles.

Periodicamente ao longo da noite, quando acordava, Xerox voltava a gritar. Pela manhã, ao voltar à delegacia, um policial falou a Ramesh de Xerox, e o delegado disse:

— Merda, então não foi um sonho.

Ordenou aos policiais que o levassem da prisão para o Hospital do Distrito Havelock Henry e pediu uma cópia do jornal da manhã para checar os preços da bolsa de valores.

Na semana seguinte Xerox voltou à delegacia, fazendo barulho, pois estava de muletas, e acompanhado da filha.

— O senhor pode quebrar minhas pernas, mas eu não posso parar de vender livros. Estou destinado a isso, senhor. — E sorriu.

Ramesh também sorriu, mas evitou os olhos do homem.

— Vou subir o morro, senhor — disse Xerox, levantando uma das muletas. — Estou indo vender o livro.

Ramesh e os outros policiais se reuniram ao redor de Xerox e sua filha e imploraram. Xerox queria que eles telefonassem para D’Souza, o que eles fizeram. O advogado veio com sua peruca, acompanhado de dois assistentes que também usavam túnicas pretas e perucas. Quando soube por que o policial o chamara, D’Souza caiu na gargalhada.

— Este sujeito está só provocando você — disse a Ramesh.

— Ele não conseguiria subir o morro com a perna desse jeito. D’Souza apontou um dedo para o torso de Xerox.

— E se você tentar vender, veja só: da próxima vez não vamos quebrar só suas pernas.

Um policial riu.

Xerox olhou para Ramesh com seu sorriso agradável de sem pre. Curvou-se profundamente com as palmas unidas e disse:

— Que assim seja.

D’Souza sentou para beber Old Monk com os policiais, e eles começaram outro jogo de cartas. Ramesh contou que ha-via perdido dinheiro na bolsa na semana anterior; o advogado passou a língua pelos dentes e balançou a cabeça, dizendo que numa cidade grande como Bombaim, todos eram trapaceiros, mentirosos ou gângsteres.

Xerox deu meia-volta com suas muletas e saiu caminhando da estação. Sua filha foi atrás dele. Seguiram para o Morro do Farol. A subida levou duas horas e meia, e eles pararam seis vezes para que Xerox tomasse chá ou um copo de caldo de cana. Depois, Ritu esticou o lençol azul na frente do Parque Deshpreni Hemachandra Rao, e Xerox se abaixou. Ficou sentado no lençol, esticou lentamente as pernas e colocou uma grande brochura ao seu lado. Sua filha também se sentou, vigiando o livro, com as costas rígidas e eretas. O livro tinha sido proibido em toda a República da Índia, e era a única coisa que Xerox queria

vender naquele dia: *Os versos satânicos*, de Salman Rushdie.

Dia dois (tarde): COLÉGIO SECUNDÁRIO E CENTRO PRÉ- UNIVERSITÁRIO PARA MENINOS SÃO ALFONSO

Depois de uma breve caminhada a partir do parque vê-se uma enorme torre gótica cinza na qual está pintado um brasão e o lema “lucet et ardet”. Este é o Colégio Secundário e Centro Pré-Universitário para Meninos São Alfonso, fundado em 1858, uma das mais antigas instituições educacionais do estado de Karnataka. A escola, administrada por jesuítas, é a mais famosa de Kittur, e muitos de seus alunos saem dali para o Instituto de Tecnologia Indiano, a Faculdade Regional de Engenharia de Karnataka e outras universidades de prestígio na Índia e no exterior.

VÁRIOS SEGUNDOS, TALVEZ ATÉ UM minuto inteiro, haviam passado desde a explosão, mas Lasrado, o professor de química, não se mexeu. Ficou sentado em sua mesa com os braços separados, a boca aberta. Ondas de fumaça surgiam do banco no fundo da sala, um pó amarelo como pólen tinha enchido o ambiente e havia cheiro de fogos de artifício no ar. Todos os estudantes já haviam deixado a sala de aula a esta altura; observavam em segurança pela porta.

Gomati Das, o professor de cálculo, veio da sala ao lado com a maior parte de seus alunos; depois veio o professor Noronha, que dava aulas de inglês e história antiga, trazendo seu próprio rebanho de olhos curiosos. Padre Almeida, o diretor, abriu caminho entre a multidão e entrou na sala de aula de odor acre, cobrindo o nariz e a boca com a mão. Baixou a mão e gritou:

— O que significa este absurdo?

Lasrado foi o único que permaneceu na sala de aula; ficou em sua mesa, como o garoto heroico que jamais abandonaria o convés em chamas. Respondeu monotônico:

— Uma bomba na *fala*, padre. No último banco. *Efplodiu* durante a aula. Um minuto depois que *comefei* a falar.

Padre Almeida franziu os olhos, vendo a fumaça espessa, depois se virou para os meninos:

— A juventude deste país descendeu ao inferno e vai arruinar os nomes de seus pais e avós!

Cobrindo o rosto com o braço, caminhou cauteloso até o banco, que tinha tombado com a explosão.

— A bomba ainda está fumegando — gritou. — Fechem as portas e chamem a polícia. Apoiou a mão no ombro de Lasrado.

— Ouviu o que eu falei? Temos que fechar as portas e...

Vermelho de vergonha, estremeando de raiva, Lasrado se virou de repente e, dirigindo-se ao diretor, aos professores, aos estudantes, gritou:

— Seus *desgrafados! Desgrafados!*

Em poucos minutos todo o colégio foi evacuado; os garotos se reuniram no jardim, ou no corredor da ala de ciências e história natural, onde o esqueleto de um tubarão que havia encalhado na praia algumas décadas antes fora suspenso do teto como uma curiosidade científica. Cinco dos meninos se mantiveram afastados de todos os demais, sob a sombra de uma grande figueira. Distinguiam-se dos outros por suas calças pregueadas, com os logotipos das marcas impressos nos bolsos de trás ou dos lados, e pelo ar arrogante que traziam. Eles eram Shabbir Ali, filho do dono da única videolocadora da cidade, os gêmeos Irfan e Rizvan Bakht, cujo pai era um comerciante do mercado negro, Shankara P. Kinni, filho de um cirurgião plástico que trabalhava no Golfo, e Silva, herdeiro de uma família que detinha plantações de café.

Um deles havia plantado a bomba. Todos no grupo já tinham sido suspensos várias vezes por mau comportamento e repetido de ano devido a notas ruins, tendo sido ameaçados de expulsão por indisciplina. Ninguém sabia quem havia plantado a bomba, mas devia ser alguém daquele grupo.

Eles pareciam ter a mesma impressão.

— Foi você? — perguntou Shabbir Ali a Silva, que fez que não com a cabeça. Ali olhou para os outros, repetindo a pergunta em silêncio.

— Eu também não — afirmou ao final.

— Talvez tenha sido Deus — brincou Silva, e todos riram. Ainda assim, eles sabiam que toda a escola suspeitava deles.

Os gêmeos Bakht disseram que iriam ao Bunder comer *mutton biryani* e olhar as ondas; Shabbir Ali iria à videolocadora do pai, ou assistir a um filme pornô em casa; Silva provavelmente iria com ele. Só um deles permaneceu na escola.

ELE NÃO PODIA SAIR dali ainda; gostava muito de tudo aquilo, da fumaça e da confusão. Manteve o punho fechado.

Misturou-se à multidão, escutando o burburinho, absorvendo-o como mel. Alguns dos garotos tinham voltado ao prédio; sobressaíam dos balcões dos três andares do colégio e gritavam para os que estavam no chão; e isso se somava ao tumulto, como se o colégio fosse uma colmeia acertada com um pau. Ele sabia que aquele tumulto era todo seu — os estudantes estavam falando dele, os professores o amaldiçoavam. Ele era o deus daquela manhã.

Durante tantos anos a instituição falara com ele — sempre com grosserias: os professores o expulsavam de sala, os diretores o suspendiam e ameaçavam expulsá-lo do colégio (e ele tinha certeza que, pelas costas, o diretor zombava dele por ser *hoyka*, de casta baixa).

E agora ele tinha respondido. Manteve o punho fechado.

— Você acha que foram os terroristas...? — ouviu algum menino perguntar. — Da Caxemira, ou do Punjabe...?

Não, seus idiotas!, quis gritar. Fui eu! Shankara! O baixa-casta!

Dali observou o professor Lasrado com o cabelo ainda despenteado, cercado por seus alunos preferidos, os “bons meninos”, buscando apoio e socorro neles.

Estranhamente, sentiu uma vontade súbita de se aproximar de Lasrado e apoiar a mão em seu ombro, como dizendo “cara, estou sentindo o seu sofrimento, entendo a sua humilhação, compreendo a sua raiva”, acabando assim com a

velha rixa entre ele e o professor de química. Quis ser um dos estudantes em quem Lasrado confiava nesses momentos, um de seus “bons meninos”. Mas foi um desejo menor.

O mais importante naquele momento era o júbilo. Viu o sofrimento de Lasrado e sorriu.

Virou-se para a esquerda; alguém na multidão havia dito: “A polícia está vindo.”

Correu para o jardim nos fundos do colégio, abriu um portão e desceu a longa escadaria de pedra que levava ao Colégio Primário. Depois que abriram a nova passagem que atravessava o playground, quase ninguém usava este velho caminho.

O caminho se chamava Estrada Velha da Corte. A corte tinha sido transferida e os advogados se mudaram, por isso a estrada ficou fechada durante anos — depois que um empresário, numa visita à cidade, se suicidara ali. Shankara andava por aquela estrada desde menino; era sua parte preferida da cidade. Embora pudesse chamar seu motorista para buscá-lo no colégio, o homem tinha instruções para esperá-lo no pé da escada.

A estrada era ladeada por figueiras; mas apesar de caminhar pela sombra, Shankara estava ficando incrivelmente suado (era sempre assim, suave rápido, como se um calor irreprimível se acumulasse dentro dele). A maioria dos garotos levava lenços nos bolsos, colocados ali pelas mães, mas Shankara nunca levava um lenço, preferia usar um método selvagem para se secar: arrancava grandes folhas de uma árvore próxima e raspava muitas vezes seus braços e pernas com elas, até sua pele ficar vermelha e esfolada.

Agora ele se sentia seco.

Saiu da estrada mais ou menos na metade da descida, afastando-se de um grupo de árvores, e entrou numa clareira que ficava completamente escondida para quem não a conhecesse. Neste local encoberto havia uma estátua de Jesus, feita de bronze escuro. Shankara conhecia esta estátua havia muitos anos, desde que se deparara com ela quando menino, ao brincar de esconde-esconde. Havia algo de errado com a estátua; a pele escura, a expressão torta nos lábios, os olhos claros, parecia mais um ícone do demônio que do Salvador. Até as palavras escritas na base — “EU SOU A RESSURREIÇÃO E A VIDA” — pareciam zombar de Deus.

Shankara notou que havia um pouco de fertilizante ao redor do pé da estátua — restos do mesmo pó que ele usara para detonar sua bomba. Cobriu rapidamente o pó com folhas secas. Depois se apoiou na base da estátua de Jesus.

— *Desgrafados* — disse, e riu baixinho.

Mas ao fazê-lo, sentiu que seu grande triunfo havia sido reduzido àquela risada. Sentou-se ao pé do Jesus escuro, e o nervosismo e a emoção o abandonaram lentamente. Ele sempre ficava relaxado quando estava perto de imagens de Jesus. Houve um tempo em que pensou em se converter ao cristianismo; entre os cristãos não havia castas. Cada homem era julgado pelo que havia feito com a própria vida. Mas depois do tratamento que recebera dos padres jesuítas — que um dia, numa manhã de segunda-feira, tinham batido nele no pátio, na frente da escola inteira — jurou nunca virar cristão. Nenhuma instituição era mais eficaz que o colégio católico para meninos na tarefa de impedir que os hindus se convertessem ao cristianismo.

Depois de acenar para o Jesus e conferir que não se via nenhum fertilizante na base da estátua, continuou a descer. Seu motorista, um homem baixo e escuro num uniforme cáqui, esperava por ele no meio da estrada.

— O que você está fazendo aqui? — gritou Shankara. — Já falei para esperar por mim no pé do morro. Nunca suba esta estrada!

O motorista se curvou bem baixo, com as palmas unidas.

— Senhor... não fique bravo... me disseram... uma bomba... sua mãe pediu para ver onde o senhor estava...

A notícia tinha corrido rápido. Era maior que ele; estava ganhando vida própria.

— *A bomba...* ah, isso não foi nada importante — disse ao motorista enquanto desciam. Perguntou-se se aquilo teria sido um erro: será que deveria ter exagerado mais?

Não gostou daquela ironia. Sua mãe mandara o motorista para procurá-lo, como se ele fosse um bebezinho — ele, que tinha explodido a bomba! Trincou os dentes. O motorista abriu a porta do Ambassador branco, mas em vez de entrar no carro, Shankara começou a gritar.

— Idiota! Filho de uma careca! — Parou para respirar, depois disse: — Seu *desgrafado*! Seu *desgrafado*! Rindo histericamente, entrou no carro enquanto o motorista o encarava.

No caminho para casa, pensou em como qualquer outro patrão poderia esperar lealdade de seu motorista. Mas Shankara não esperava nada; ele suspeitava que seu motorista fosse um brâmane.

Quando pararam num sinal vermelho, ouviu duas mulheres no Ambassador ao lado falando da explosão:

— ...dizem que a polícia já isolou todo o colégio. Ninguém vai poder sair até encontrarem o terrorista. — Shankara pensou que tivera sorte em escapar; se tivesse esperado mais tempo, poderia ter caído na armadilha da polícia.

Ao chegar à sua mansão, entrou correndo pela porta dos fundos e subiu às pressas os degraus até seu quarto. Em certo momento, tinha chegado a pensar em enviar um manifesto ao *Dawn Herald*: “O homem chamado Lasrado é um idiota, e a bomba vai explodir na aula dele para provar isto para o mundo inteiro.” Não conseguia acreditar que havia deixado o manifesto em cima de sua mesa; rasgou-o imediatamente. Depois, sem saber se os pedaços poderiam ser usados para reconstituir a mensagem, pensou em engoli-los, mas mudou de ideia e decidiu engolir só algumas das sílabas principais — “rado”, “bo”, “m”, “aula”. Ateou fogo no resto com seu isqueiro.

Além disso, pensou, um pouco enjoado com a sensação do papel chegando a seu estômago, a mensagem que deveria ser enviada à imprensa não era essa, porque, no fim das contas, sua raiva não se dirigia apenas a Lasrado; era muito mais profunda. Se a polícia o interrogasse, diria o seguinte: “Explodi uma bomba para acabar com o sistema de castas criado há cinco mil anos e que ainda existe em nosso país. Explodi uma bomba para mostrar que nenhum homem deve ser julgado, como eu fui, apenas pelo acidente de ter nascido nesta ou naquela família”.

E as frases grandiosas o fizeram se sentir melhor. Certamente receberia um tratamento diferenciado na prisão, como alguma espécie de mártir. Os Comitês Hoyka de Autopromoção organizariam passeatas em seu nome, e a polícia não ousaria mexer com ele. Talvez, quando fosse libertado, grandes multidões o cumprimentariam — seria lançado numa carreira política. Agora sentia que

deveria enviar uma carta anônima para o jornal de qualquer maneira. Apanhou um papel em branco e se pôs a escrever, enquanto seu estômago se agitava com o papel engolido.

Pronto! Tinha terminado. Releu a carta.

“O manifesto de um *hoyka* injustiçado. Por que a bomba explodiu hoje!”

Mas pensou duas vezes. Era bem sabido que ele era um *hoyka*. Todo mundo sabia. Comentavam uns com os outros, e as fofocas eram como aquela inquietação sem rosto que surgira hoje nas portas pretas da sala de aula. Todo mundo na escola, na cidade inteira, sabia que, por mais rico que Shankara Prasad pudesse ser, era apenas o filho de uma *hoyka*. Se enviasse aquela carta, saberiam que ele havia plantado a bomba.

Levantou de um pulo. Era apenas o grito do verdureiro que trouxera seu carrinho até o muro dos fundos de sua casa:

— Tomate, tomate, tomate vermelho maduro, vem pegar o seu tomate vermelho maduro.

Quis descer até o Bunder, alugar um quarto num hotel barato e fingir ser outra pessoa. Ninguém jamais o encontraria ali.

Deu voltas pelo quarto, depois bateu a porta; mergulhou na cama e se cobriu com o lençol. Ali dentro, na escuridão do lençol, ainda ouviu o vendedor gritando:

— Tomate, tomate vermelho maduro, corre pra não ficar podre!

DE MANHÃ, SUA MÃE ESTAVA VENDENDO um velho filme hindu em pre-to e branco que alugara na locadora de Shabbir Ali. Era assim que ela passava todas as manhãs ultimamente, viciada em melodramas antigos.

— Shankara, ouvi dizer que teve algum bochicho na escola — começou, virando-se ao ouvi-lo descer. Shankara a ignorou e se sentou à mesa. Não se lembrava da última vez em que havia dirigido uma frase inteira à mãe.

— Shankara — disse a mãe, servindo uma torrada na mesa à frente dele. — Sua tia Urmila está vindo. Por favor, fique pela casa hoje.

Shankara mordeu a torrada, sem responder nada à mãe. Ele a achava possessiva, irritante e intimidante. Mas sabia que ela sentia reverência diante de seu filho meio brâmane; sentia-se por baixo de Shankara, pois ela era uma *hoyka* pura.

— Shankara! Por favor, me diga: vai ficar em casa? Vai me tratar bem, só por hoje?

Largando a torrada no prato, Shankara ficou de pé e se dirigiu à escada.

— Shan-ka-ra! Volte aqui!

Enquanto a amaldiçoava, Shankara entendeu os medos da mãe. Ela não queria encarar a brâmane sozinha. Sua única chance de ser aceita, de ser respeitada, se baseava no fato de ter produzido um filho homem, um herdeiro — e se Shankara não estivesse na casa, ela não teria nada para mostrar. Seria apenas uma *hoyka* que invadira uma casa brâmane.

Shankara pensou: se ela se sente desprezível na presença da outra, a culpa é dela mesma. Ele já lhe dissera muitas e muitas vezes, *Mãe, ignore os nossos parentes brâmanes. Não fique se humilhando continuamente na frente deles. Se eles não querem saber da gente, então não vamos querer saber deles.*

Mas sua mãe não conseguia fazer aquilo; ela ainda queria ser aceita. E seu passaporte para a aceitação era Shankara. Não que ele próprio fosse plenamente aceitável para os brâmanes. Eles o viam como o fruto de uma aventura imprudente por parte de seu pai; seus parentes o associavam (Shankara tinha certeza disso) com toda uma gama de corrupções. O que acontece quando misturamos num só pote, por um lado, sexo antes do casamento e, por outro, violação da casta? Este lindo demoniozinho: Shankara.

Alguns parentes brâmanes, como tia Urmila, o visitavam havia anos, mas nunca pareciam gostar de mexer em suas bochechas ou de lhe mandar beijinhos no ar, nem de fazer as outras coisas repugnantes que as tias faziam com os sobrinhos. Perto dela, Shankara tinha a sensação de estar sendo apenas tolerado.

Porra, ele não gostava de ser tolerado.

Disse ao motorista que o levasse a Umbrella Street; ficou com o olhar perdido na janela enquanto o carro passava por lojas de móveis e barraquinhas de caldo de

cana. Desceu no White Stallion Talkies.

— Não me espere; vou ligar quando o filme tiver terminado.

Ao subir a escada, viu o dono de uma loja vizinha acenando vigorosamente para ele. Um parente por parte da mãe. O homem abriu um sorriso enorme; depois começou a gesticular para que viesse se sentar em sua loja. Shankara sempre era tratado como alguém especial entre seus parentes *hoykas*, porque era meio brâmane, portanto muito acima deles em termos de casta; ou porque era muito rico, portanto muito acima deles em termos de classe. Xingando baixinho, continuou a subir os degraus. Será que esses *hoykas* estúpidos não entendiam? Não havia nada que Shankara detestasse mais do que vê-los rastejar a seus pés por sua meia bramanitude. Se o desprezassem, se o forçassem a rastejar em suas lojas para expiar o pecado de ser meio brâmane, veja só se ele não iria visitá-los todo dia!

Shankara tinha outra razão para não visitar aquele parente em particular. Tinha ouvido um boato de que o cirurgião plástico Kinni tinha uma amante nesta parte da cidade — outra menina *hoyka*. Ele suspeitava que seu parente soubesse dessa mulher e que pensasse o tempo todo: este Shankara — pobre, pobre Shankara, mal sabe ele da traição do pai. Shankara sabia tudo sobre a traição do pai — seu pai, que ele não via há seis anos, que já nem escrevia nem telefonava, embora ainda enviasse para casa pacotes de balas e chocolates feitos no exterior. Ainda assim, de alguma forma sentia que seu pai sabia muito bem como levar a vida. Uma amante *hoyka* perto do cinema e outra bela *hoyka* como esposa. Agora ele estava levando uma vida tranquila e luxuosa no Golfo, ajeitando os narizes e lábios de mulheres árabes ricas. Outra amante ali, com certeza. Sujeitos como seu pai não pertenciam a nenhuma casta, religião nem raça; viviam para si mesmos. Eram os únicos homens reais deste mundo.

As janelas da bilheteria estavam fechadas. “PRÓXIMA SESSÃO 20H30.” Shankara desceu as escadas apressado, evitando fazer contato ocular com seu parente. Depois de descer um par de ruas às pressas, entrou na Sorveteria Ideal e pediu um milk-shake de sapoti.

Tomou-o bem rápido e, com o açúcar no cérebro, apoiou-se na cadeira e riu, falando consigo mesmo:

— *Desgrafado!*

Então ele conseguira; tinha humilhado Lasrado em troca da humilhação que lhe causara.

— Mais um milk-shake de sapoti! — gritou. — Com sorvete duplo!

Shankara sempre fora uma das maçãs podres da escola. Desde os oito ou nove anos de idade sempre se metera em encrencas. Mas nunca tivera tantos problemas como com o seu professor de química, o da língua presa. Uma manhã, Lasrado o pegou fumando um cigarro na barraquinha de caldo de cana em frente ao colégio.

— Fumar antes dos vinte vai impedir que *vofê fe defenvolva* e vire um *fer* humano normal — gritou o prof. Lasrado. — *Fe feu* pai *estivefe* aqui, e não no Golfo, diria a *mefma* coisa.

Shankara foi obrigado a ficar ajoelhado do lado de fora da aula de química pelo resto do dia. Ficou ajoelhado olhando para o chão e pensou, repetidamente: ele está fazendo isso comigo porque sou *hoyka*. Se eu fosse cristão ou *bunt*, ele nunca me humilharia deste jeito.

Naquela noite, ficou deitado na cama e então teve a ideia: como ele me machucou, vou machucá-lo de volta. E teve a ideia, clara e sucinta como um raio de sol, como um credo para o resto da vida. A euforia inicial se transformou em inquietude, e Shankara se revirou na cama dizendo: Mustafa, Mustafa. Tinha que encontrar Mustafa agora.

O fazedor de bombas.

Ouvira aquele nome várias semanas antes, na casa de Shabbir Ali.

Naquela noite eles tinham acabado de assistir — todos os cinco da “gangue dos malvados” — a outro filme pornográfico na casa de Shabbir Ali. A mulher tinha sido penetrada por trás, o negro corpulento tinha enfiado o pau nela muitas e muitas vezes. Shankara não fazia ideia de que dava para fazer daquele jeito; nem o Silva, que não parava de gritar de prazer. Shabbir Ali observou com desapego a diversão dos amigos; já tinha vis-to aquele vídeo muitas vezes, e já não o excitava. Estava tão familiarizado com o mal que nada mais o excitava — nem cenas de fornicção, nem estupro, nem mesmo bestialismo; uma exposição constante ao vício praticamente o fizera voltar a um estado de inocência.

Depois do vídeo, os garotos ficaram deitados na cama de Shabbir Ali, ameaçando bater punheta bem ali, mas o anfitrião lhes alertou que nem pensassem nisso. Shabbir Ali pegou uma camisinha para alegrá-los, e eles se revezaram enfiando os dedos nela.

— Para quem é isto, Shabbir?

— Para minha namorada.

— Cala a boca, seu gay.

— Você que é gay!

Os outros ficaram falando de sexo, e Shankara, com os olhos fixos no teto, fingindo estar absorto em si mesmo, escutou. Sempre sentia que era deixado de fora dessas discussões, pois os outros sabiam que ele era virgem. Havia uma menina no colégio que “conversava” com os homens. Shabbir Ali tinha “conversado” com ela; agora ele estava insinuando que teria feito muito mais. Shankara tentou fingir que também “conversava” com mulheres; talvez tivesse até trepado com uma puta na Estrada Velha da Corte. Mas sabia que os outros detectavam perfeitamente suas mentiras.

Shabbir começou a passar coisas de mão em mão; à camisinha seguiu-se um halter que ele guardava debaixo da cama; cópias da *Hustler*, da *Playboy* e da revista oficial da NBA.

— Adivinhem o que é isto? — perguntou Shabbir. Era um objeto pequeno e preto ao qual estava preso um relógio. — É um detonador — explicou, pois ninguém conseguiu adivinhar.

— O que ele faz? — perguntou Shankara, ficando de pé na cama e segurando o objeto mais perto da luz.

— Ele detona, seu idiota. — Todos riram. — É para usar numa bomba.

— Fazer uma bomba é a coisa mais fácil do mundo — disse Shabbir. — É só pegar um saco de fertilizante, colocar este detonador dentro, e pronto.

— Onde você arrumou? — perguntou alguém, não Shankara.

— O Mustafa me deu — respondeu Shabbir Ali, quase como um aparte.

Mustafa, Mustafa. Shankara ficou com o nome na cabeça.

— Onde ele mora? — perguntou um dos gêmeos.

— Lá no Bunder. No mercado de pimenta. Por quê? — Shabbir Ali cutucou o interrogador. — Você está pensando em fazer uma bomba?

— Por que não?

Mais risos. E Shankara não disse mais nada aquela noite; ficou repetindo consigo mesmo, Mustafa, Mustafa, com medo de esquecer aquele nome caso dissesse qualquer outra coisa em toda a noite.

SHANKARA ESTAVA MISTURANDO seu terceiro milk-shake de sapoti quando dois homens entraram e se sentaram perto dele: dois policiais. Um deles pediu um suco de laranja, o outro quis saber que tipos de chá serviam naquela loja. Shankara ficou em pé; depois se sentou. Sabia que eles logo começariam a falar dele. Seu coração bateu mais rápido.

— A bomba em si não foi nada. Só o detonador explodiu e espalhou fertilizante por toda a sala. O idiota que fez pen-sou que bastava enfiar um detonador num saco de fertilizante. Ainda bem, pois de outro modo alguns daqueles garotos teriam morrido.

— Onde é que a juventude deste país vai parar?

— Hoje em dia é só sexo, sexo e violência. O país inteiro está ficando igual ao Punjabe.

Um dos policiais viu que Shankara estava olhando e o encarou de volta. O garoto desviou os olhos. Eu talvez devesse ter ficado em casa com tia Urmila. Talvez não devesse ter saído para a rua hoje.

Mas o que garantia que ela — ainda que fosse sua tia — não o trairia? Com os brâmanes, nunca dava para saber. Quando menino, Shankara tinha sido levado ao casamento de um de seus parentes brâmanes. Sua mãe nunca ia a estes eventos, mas seu pai o colocou no carro e falou que brincasse com os primos. Os

garotos brâmanes o chamaram para uma competição. Havia três centímetros de sal sobre uma bola de sorvete de baunilha; o desafio era ver quem iria comer a mistura.

— Seu idiota — gritou um dos outros, quando Shankara meteu a colher e enfiou um pedaço de sorvete salgado na boca. — Era brincadeira!

Com o passar dos anos, foi sempre a mesma coisa. Uma vez, um garoto brâmane na escola o convidou para sua casa. Shankara resolveu se arriscar, gostava do garoto, aceitou o convite. O garoto e sua mãe convidaram Shankara para a sala de estar. Era uma família “moderna” — tinham morado fora. Shankara viu torres Eiffel em miniatura e leiteiras de porcelana na sala e se tranquilizou — não seria maltratado ali.

Deram-lhe chá com biscoitos e o deixaram perfeitamente à vontade. Mas quando Shankara estava indo embora, virou-se e viu a mãe do amigo com um pano na mão esquerda. A mulher tinha começado a limpar o sofá onde ele estivera sentado.

Sua casta parecia ser bem conhecida entre as pessoas que não tinham por que se meter com ela. Um dia, enquanto jogava críquete em Nehru Maidan, um senhor idoso ficou olhando para ele do muro do campo. No final, chamou Shankara para perto e examinou seu rosto, pescoço e punhos por vários minutos. Shankara ficou ali, sem saber o que fazer durante o exame: apenas observou as rugas que irradiavam dos olhos do velho.

— Você é o filho de Vasudev Kinni e da mulher *hoyka*, não é? O velho insistiu para que Shankara o acompanhasse.

— Seu pai sempre foi um homem empedernido. Nunca concordou com um casamento arranjado. Um dia encontrou sua mãe e disse a todos os brâmanes: vão para o inferno. Vou casar com esta bela criatura, gostem disso ou não. Eu sabia no que ia dar; você seria um filho bastardo. Nem brâmane, nem *hoyka*. Falei isso ao seu pai. Ele não quis ouvir.

O homem deu uns tapinhas no ombro de Shankara. O modo despreocupado com que tocou nele sugeria que o homem não era preconceituoso, nem obcecado com castas, apenas alguém mencionando a triste realidade da vida.

— Você também pertence a uma casta — disse o velho. — Os bramo-*hoykas*, no

meio dos dois. São mencionados nas escrituras e sabemos que existem em alguma parte. É um povo completamente separado dos outros seres humanos. Você deveria falar com eles, e casar com uma moça assim. Desse jeito, tudo vai ficar normal outra vez.

— Sim, senhor — respondeu Shankara, sem saber por quê.

— Hoje em dia as castas não existem mais — disse o homem, pesaroso. — Os brâmanes comem carne. Os xátrias recebem educação e escrevem livros. E as castas baixas se convertem ao cristianismo e ao islã. Você já deve ter ouvido falar do que aconteceu em Meenakshipuram, não? Todos aqueles hindus se convertendo ao islã... O coronel Kadafi está tentando destruir o hinduísmo, e os padres cristãos andam de mãos dadas com ele.

Caminharam juntos por algum tempo até chegarem ao ponto de ônibus.

— Você precisa encontrar a sua própria casta — disse o homem. — Precisa encontrar o seu povo. — Deu um abraço leve em Shankara e subiu no ônibus, onde se pôs a empurrar um jovem para conseguir lugar para sentar. Shankara sentiu pena daquele velho brâmane. Nunca em sua vida precisara pegar um ônibus; sempre tivera seu motorista.

Shankara pensou: ele é de uma casta mais alta que eu, mas é pobre. O que significa então esta coisa, a casta?

Será que é apenas uma fábula para velhos como ele? Se apenas dissermos a nós mesmos, “a casta é uma ficção”, será que ela desaparece feito fumaça? Se dissermos, “eu sou livre”, será que perceberemos que sempre fomos livres?

SHANKARA TINHA TERMINADO seu quarto milk-shake de sapoti. Sentiu-se enjoado.

Ao sair da sorveteria, tudo o que queria fazer era visitar a Estrada Velha da Corte. Para se sentar ao pé da estátua daquele Jesus escuro.

Olhou ao redor para ver se a polícia o estava seguindo. Naturalmente, num dia como aquele, não poderia sequer se aproximar da estátua de Jesus. Seria suicídio. Eles estariam vigiando todos os caminhos que levam à escola.

Pensou em Daryl D’Souza. Esse era homem que Shankara teria de procurar! Nos

doze anos que passara no sistema escolar, Daryl D’Souza era a única pessoa que o tratara com decência.

Shankara tinha visto o professor pela primeira vez numa manifestação política. Era o “Dia do Orgulho e da Autoexpressão Hoyka” realizado no Nehru Maidan — o maior evento político da história de Kittur, diria o jornal no dia seguinte. Dez mil *hoykas* tinham enchido o Maidan para exigir seus direitos como uma comunidade plena e para pedir retribuição pelos cinco milênios de injustiças cometidas contra eles.

O primeiro palestrante falou da questão da língua. O télugo deveria ser declarado a língua oficial da cidade, a língua do homem comum, e não o canará, que era a língua brâmane.

Seguiu-se uma grande salva de palmas.

O professor, embora não fosse ele próprio um *hoyka*, havia sido convidado por ser simpático à causa; estava sentado ao lado do convidado de honra, o parlamentar de Kittur, que era *hoyka*, o orgulho de sua comunidade. Já fora eleito três vezes para deputado e também era membro júnior do Gabinete Indiano — um sinal que indicava para toda a comunidade até onde poderiam chegar.

Por fim, depois de muitos outros palestrantes preliminares, o parlamentar se levantou. Começou a gritar:

— Antigamente, irmãos e irmãs *hoykas*, nós não tínhamos sequer permissão para entrar no templo, sabiam? O sacerdote ficava na porta, dizendo: “Seu baixa-casta!”

Fez uma pausa, deixou que o insulto reverberasse entre sua audiência.

— “Baixa-casta! Vá embora daqui!” Mas desde que eu fui eleito para o parlamento, por vocês, meu povo, por acaso os brâmanes ousam fazer isso com vocês? Eles têm coragem de chamá-los de “baixa-casta”? Nós somos noventa por cento desta cidade! Nós *somos* Kittur! Se eles nos baterem, nós batemos de volta! Se eles nos envergonharem, nós...

Depois do discurso, alguém reconheceu Shankara. Ele foi levado a uma pequena tenda onde o parlamentar estava descansando depois do discurso, e Shankara foi

apresentado como o filho do cirurgião plástico Kinni. O parlamentar ilustre, que estava sentado numa cadeira de madeira com uma bebida nas mãos, bateu o copo com firmeza, salpicando a bebida. Segurou a mão de Shankara e fez um sinal para que se agachasse no chão ao lado dele.

— Tendo em vista a situação de sua família, o seu status elevado na sociedade, você é o futuro da comunidade *hoyka* — disse o parlamentar. Fez uma pausa, depois arrotou.

— Sim, senhor.

— Entendeu o que eu disse? — perguntou o homem ilustre.

— Sim, senhor.

— O futuro é nosso. Somos noventa por cento desta cidade. Toda aquela merda brâmane já ficou para trás — disse, fazendo um gesto com o punho.

— Sim, senhor.

— Se eles baterem em você, bata neles de volta. Se eles... se eles... — O homem ilustre fez círculos com a mão para completar a afirmação ininteligível.

Shankara quis gritar de alegria. “Merda dos brâmanes!” Sim, era exatamente o que ele diria, e ali estava um parlamentar, um ministro do Gabinete do governo de Rajiv Gandhi, falando exatamente como Shankara falaria!

Depois disso, um auxiliar encaminhou Shankara para fora da tenda.

— Sr. Kinni. — O auxiliar apertou o braço de Shankara. — Se o senhor pudesse fazer uma pequena doação pela sessão desta noite. Apenas uma pequena quantia.

Shankara esvaziou os bolsos. Cinquenta rupias. Deu tudo ao assistente, que se curvou profundamente diante de Shankara e falou mais uma vez que ele era o futuro da comunidade *hoyka*.

Shankara observou. Centenas de homens já estavam formando filas diante de um balcão que distribuía cerveja e garrafas de 250ml de rum, como propina por terem participado do evento e aplaudido os palestrantes. Shankara balançou a cabeça, reprovando tudo aquilo. Não gostava da ideia de ser parte de noventa por

cento de sua cidade. Agora tinha a impressão de que os brâmanes estavam indefesos — eram uma antiga elite de Kittur que vivia sob o medo constante de perder suas casas e sua riqueza para os *hoykas*, os *bunts*, os *concanis* e todos os outros habitantes da cidade. O fato de que os *hoykas* fossem tão medianos — o que quer que fizessem se tornava a média instantaneamente, por definição — lhe causava repulsa.

Na manhã seguinte, leu o jornal e pensou que havia sido duro demais com os *hoykas*. Lembrou-se do professor que estivera no palco e ficou sabendo, com seu motorista, onde ele morava. Ficou um bom tempo em frente ao portão da casa do professor, sem saber se avançava ou retrocedia. Finalmente abriu o portão, aproximou-se da casa e tocou a campainha.

O professor abriu a porta. Shankara falou:

— Senhor, eu sou *hoyka*. O senhor é o único homem desta cidade em quem confio. Preciso falar com o senhor.

— Já sei quem é você — respondeu o professor D’Souza.

— Entre.

Shankara e o professor se sentaram na sala de estar e tiveram uma longa conversa.

— Quem é esse parlamentar? Qual é a casta dele? — perguntou o professor. Shankara ficou confuso com a pergunta.

— Ele é um de nós, senhor. Um *hoyka*.

— Não é bem assim — respondeu o professor. — Ele é *kollaba*. Já ouviu este termo? Não existe algo como um *hoyka*, meu querido rapaz. A casta está subdividida em sete subcastas. Você entende a expressão? Subcasta? Bom. O parlamentar é um *kollaba*, ou seja, a mais alta das sete subcastas. Os *kollabas* sempre foram milionários. Os antropólogos britânicos de Kittur observaram este fato com bastante interesse, mesmo no século XIX. Os *kollabas* exploravam as outras seis classes *hoykas*. E agora, mais uma vez, este homem está dando uma de *hoyka* para se reeleger, para poder se sentar num escritório em Nova Délhi e aceitar grandes envelopes cheios de dinheiro de empresários que querem montar fábricas de roupas no Bunder.

Sete subcastas? *Kollabas*? Shankara nunca tinha ouvido falar naquilo. Ficou boquiaberto.

— Esse é o grande problema com vocês hindus — disse o professor. — São um mistério para vocês mesmos!

Shankara sentiu vergonha de ser hindu; que coisa repulsiva, este sistema de castas. Mas ao mesmo tempo, ficou irritado com Daryl D'Souza. Quem era aquele homem para ficar lhe dando sermões sobre castas? Como é que os cristãos se atreviam a isso? Eles também não tinham sido hindus um dia? Não deviam ter continuado a ser hindus e derrotado os brâmanes por dentro, em vez de escolher a saída mais fácil e se converterem?

Shankara esmagou a própria irritação abrindo um sorriso.

— E o que fazer com o sistema de castas, senhor? Como nos livramos dele?

— Uma solução é o que os naxalitas já fizeram, simplesmente explodir de vez as castas altas — disse o professor. Ele tinha o costume estranho e feminino de mergulhar um grande biscoito redondo no leite e depois se apressar a comê-lo antes que ficasse empapado demais. — Eles explodiram todo o sistema; assim, podemos começar do zero.

— Do zero. — A expressão entusiasmou Shankara. — Eu também acho que devemos começar do zero, senhor. Acho que devíamos destruir o sistema de castas e começar do zero.

— Meu querido rapaz: você é um niilista — disse o professor, com um sorriso aprovador. Deu uma mordida no biscoito empapado.

Não se encontraram depois daquilo; o professor estivera viajando e Shankara sentiu vergonha de incomodá-lo uma segunda vez. Mas jamais esqueceu a conversa. Agora, perambulando por aí meio atordoado, sentindo o açúcar dos milk-shakes pesando no estômago, pensou: ele é o único homem que vai entender o que eu fiz. Vou confessar tudo a ele.

A CASA DO PROFESSOR ESTAVA repleta de estudantes. Um repórter do *Dawn Herald* estava ali, fazendo perguntas sobre terrorismo àquele grande homem. Sobre a mesa havia um gravador pre-to. Shankara, que viera à casa do

professor num autorriquixá, esperou com os estudantes e observou.

— Trata-se de um absoluto ato de niilismo da parte de algum aluno — dizia o professor, com os olhos fixos no gravador. — Ele deveria ser jogado na prisão.

— Senhor, o que este episódio diz sobre a Índia atual, senhor?

— Este é um exemplo do niilismo da nossa juventude — respondeu o professor D’Souza. — Estão perdidos, sem direção. Eles... — uma pausa. — ...abandonaram os ditames morais da nossa nação. Nossas tradições estão sendo esquecidas.

Shankara sentiu-se sufocar de raiva. Saiu dali bufando.

Pegou um autorriquixá até a casa de Shabbir Ali e tocou a campainha. Um homem de barba, vestindo um *kurta* ao estilo do norte da Índia, com os pelos do peito à vista, abriu a porta. Shankara demorou algum tempo até perceber que aquele era

o pai de Shabbir Ali, que ele nunca vira antes.

— O Shabbir não tem permissão para falar com nenhum amigo — disse o homem. — Vocês corromperam o meu filho.

— E bateu a porta na cara de Shankara.

Quer dizer que o grande Shabbir Ali, o homem que “conversava” com mulheres e brincava com camisinhas, estava preso em casa. Pelo pai. Shankara sentiu vontade de rir.

Estava cansado de andar por aí em autorriquixá; ligou para casa de um telefone público e pediu que mandassem o carro para apanhá-lo na casa de Shabbir Ali.

Ao voltar para casa, trancou a porta de seu quarto. Ficou deitado na cama. Tirou o telefone do gancho, colocou-o de volta e contou até cinco, levantando-o outra vez. No fim das contas, funcionou. Em Kittur, isso era tudo o que bastava para entrar no mundo de alguma outra pessoa.

Estava ouvindo uma linha cruzada.

Ouviu-se uma crepitação e a linha ganhou vida. Um homem e uma mulher, possivelmente marido e esposa, estavam conversando. Falavam numa língua que Shankara não conseguia entender; pensou que talvez fosse malaiala — eles deviam ser muçulmanos, pensou. Perguntou-se do que estariam falando — será que o homem estava se queixando de sua saúde, será que ela estava pedindo dinheiro para as coisas da casa? Por que estariam ao telefone?, perguntou-se Shankara. Será que o homem morava longe de Kittur? Qualquer que fosse a situação daquelas pessoas, independentemente do que estivessem dizendo naquela língua estrangeira, Shankara sentiu a intimidade de sua conversa. Seria legal ter uma esposa ou uma namorada, pensou. Não estar tão sozinho o tempo todo. Um único amigo de verdade já bastava. Só isso já teria sido suficiente para evitar que ele plantasse a bomba e se metesse em tamanha encrenca.

O tom de voz do homem mudou de repente. Pôs-se a sussurrar.

— Acho que tem alguém respirando na linha — disse o homem, ou ao menos foi o que Shankara imaginou.

— Sim, você está certo. Tem algum pervertido ouvindo a gente — respondeu a mulher, ou ao menos foi o que Shankara imaginou.

Depois o homem desligou.

Eu tenho o pior de duas castas no meu sangue, pensou Shankara, deitado na cama com o telefone ainda apoiado na orelha. Tenho a ansiedade e o medo dos brâmanes e a tendência de agir sem pensar dos *hoykas*. Em mim, o pior das duas se fundiu e produziu esta monstruosidade que é a minha personalidade.

Shankara estava enlouquecendo. Sim, estava convencido disso. Quis sair de casa outra vez. Temeu que o motorista notasse sua ansiedade.

Saiu pela porta dos fundos e se afastou em silêncio da casa, sem que o motorista o visse.

Mas ele provavelmente não suspeita de mim, pensou. Provavelmente acha que sou um pirralho rico e inútil, feito o Shabbir Ali.

Todos aqueles sujeitos ricos como Shabbir Ali, disse a si mesmo com amargura, viviam sob uma espécie de código. Falavam das coisas, mas não as faziam. Tinham camisinhas em casa, mas não as usavam. Tinham detonadores, mas não

os explodiam. Falavam e falavam. Essa era a vida deles. Era como o sal do sorvete. O sal tinha sido espalhado na bola de baunilha e deixado ali, à mostra, mas não era para ninguém lambê-lo! Era só uma brincadeira! Era só conversa, todo aquele lance de explodir bombas. Quem conhecesse o código entenderia que era só conversa. Shankara era o único que os levava a sério; tinha pensado que eles trepavam com mulheres e explodiam bombas. Ele não conhecia o código, pois não pertencia realmente — nem aos brâmanes, nem aos *hoykas*, nem mesmo à gangue de pirralhos mimados.

Ele estava numa casta secreta — uma casta de bra-mo-*hoykas*, da qual só encontrara até hoje um único representante, ele mesmo, e que o afastava de todas as outras castas da humanidade.

PEGOU OUTRO AUTORRIQUIXÁ até a escola primária e, dali, assegurando-se de que ninguém o observava, subiu a Estrada Velha da Corte com a cabeça baixa e as mãos nos bolsos.

Afastou-se das árvores, aproximou-se da estátua de Jesus e se sentou. O cheiro de fertilizante ainda estava forte no ar. Fechando os olhos, tentou se acalmar. Em vez de fazê-lo, começou a pensar no suicídio que ocorrera naquela estrada tantos anos antes. Shabbir Ali lhe contara a história. Um homem tinha sido encontrado enforcado numa árvore desta estrada — talvez neste mesmo ponto. Aos seus pés havia uma maleta aberta. Dentro dela, a polícia encontrou três moedas de ouro e uma nota. “Num mundo sem amor, o suicídio é a única transformação possível.” Havia também uma carta endereçada a uma mulher em Bombaim.

Shankara abriu os olhos. Era como se pudesse ver o homem de Bombaim, enforcado na frente dele, os pés balançando diante do Jesus escuro.

Shankara se perguntou: aquele seria seu destino? Ele acabaria condenado e enforcado?

Lembrou-se outra vez dos eventos fatídicos. Depois da conversa na casa de Shabbir Ali ele descera até o Bunder. Perguntara por Mustafa, descrevendo-o como um homem que vendia fertilizante; mandaram-no ao mercado. Ali, encontrou uma fileira de verdureiros; perguntou por Mustafa e lhe disseram:

— Vá para o andar de cima.

Shankara subiu escadas. Viu-se num espaço inteiramente escuro onde parecia

haver mil homens tossindo ao mesmo tempo. Começou a tossir também. Quando seus olhos se acostumaram à escuridão, percebeu que estava num mercado de pimenta. Havia sacos de aniagem empilhados nas paredes sujas, e os empregados do lugar, tossindo sem parar, carregavam os sacos. Depois a escuridão terminou e Shankara chegou a um pátio aberto. Mais uma vez perguntou:

— Onde está o Mustafa? Um homem que estava deitado num carrinho com velhos legumes o encaminhou até uma porta aberta.

Entrou e viu três homens ao redor de uma mesa, jogando baralho.

— O Mustafa não está — disse um homem de olhos puxados. — O que você quer?

— Um saco de fertilizante.

— Por quê?

— Estou cultivando grãos — respondeu Shankara. O homem riu.

— De que tipo?

— Feijão. Fava. Feijão-da-china.

O homem riu outra vez. Baixou as cartas, entrou numa sala e voltou puxando um enorme saco de aniagem, colocando-o aos pés de Shankara.

— O que mais você precisa para cultivar os seus feijões?

— Um detonador — respondeu Shankara. Os homens da mesa baixaram as cartas todos ao mesmo tempo.

No quarto interno da casa venderam-lhe um detonador; explicaram como girar o disco e ativar o cronômetro. Iria custar mais do que Shankara tinha naquele momento, por isso ele voltou na semana seguinte com o dinheiro e levou o saco e o detonador num autorriquixá, que o deixou na parte baixa da Estrada Velha da Corte. Escondeu tudo ali, perto da estátua de Jesus.

Num domingo, deu a volta na escola. Parecia o filme *Papillon*, um de seus

preferidos, a cena em que o herói planeja como escapar da prisão — era emocionante como aquilo. Shankara estava vendo sua escola como pela primeira vez, com a agudeza de um fugitivo. Depois disso, naquela fatídica segunda-feira, levou o saco de fertilizante para a escola e prendeu nele o detonador, girou o cronômetro para que marcasse uma hora, deixou-o na última fileira, onde sabia que ninguém iria se sentar.

Depois esperou, contando a hora minuto por minuto, como

o herói de *Papillon*.

À MEIA-NOITE O TELEFONE TOCOU. Era Shabbir Ali.

— O Lasrado quer ver todos nós na sala dele, cara! Amanhã cedinho!

Todos os cinco teriam de ir à sala do professor. A polícia estaria presente.

— Ele vai levar um detector de mentiras — Shabbir fez uma pausa. Depois gritou: — Eu sei que foi você! Por que não confessa? Por que não confessa de uma vez!

Shankara sentiu seu corpo congelar.

— Vai se foder! — gritou, batendo o telefone. Mas depois pensou: meu Deus, então Shabbir sabia o tempo todo. É claro! Todo mundo sabia o tempo todo. Todo mundo na gangue dos malvados; e a esta altura já deviam ter contado para toda a cidade. Shankara pensou: vou confessar agora mesmo. Seria melhor. Talvez a polícia o tratasse melhor por ter se entregado. Discou “100”, que achava ser o número da polícia.

— Quero falar com o Inspetor Geral, por favor.

— Hã? A voz foi seguida por um ganido de incompreensão. Pensando que teria melhor resultado, falou em inglês:

— Quero confessar. Eu plantei a bomba.

— Hã?

— A bomba. Fui eu.

— Hã? Outra pausa. O telefone foi transferido. Shankara repetiu sua mensagem para mais uma pessoa na linha. Outra pausa.

— Comocomocomo?

Shankara desligou o telefone, exasperado. Maldita polícia indiana. Não sabem nem atender um telefone direito; como diabos iriam pegá-lo?

Depois o telefone tocou outra vez; era Irfan, ligando em nome dos gêmeos.

— O Shabbir acabou de ligar; ele está dizendo que foi a gente, cara. Não fui eu! O Rizwan também não! O Shabbir está mentindo!

Então Shankara entendeu: Shabbir havia ligado acusando todo mundo! Na esperança de obter uma confissão! O alívio se misturou à raiva. Por pouco ele não caíra na armadilha! Agora estava ansioso, com medo de que a polícia rastreasse sua ligação para o “100”. Precisava de um plano, pensou, um plano. Sim, era isso; ele diria, se perguntassem, que estava ligando para denunciar Shabbir Ali pelo crime. “O Shabbir é muçulmano”, diria. “Ele quis fazer isto para punir a Índia pela Caxemira.”

Na manhã seguinte, Lasrado estava na sala do diretor, sentado ao lado do padre Almeida, que ocupava seu lugar na escrivaninha. Os dois encararam os cinco suspeitos.

— Eu tenho provas *fientíficas* — disse Lasrado. — Restaram *imprefões* digitais numa parte da bomba que não *efplodiu*. Sentiu incredulidade entre os acusados, por isso acrescentou:

— Restaram *imprefões* digitais até nos *pedafos* de pão deixados para trás na tumba do faraó. Elas *fão indefrutíveis*. Vamos encontrar o *desgrafado* que fez isso, podem ter *ferteza*.

Apontou um dedo.

— E *vofê*, *Filva*, um rapaz *criftão*: deveria *fe* envergonhar!

— Não fui eu, senhor — disse Silva. Shankara se perguntou: será que deveria emitir uma interjeição de sua inocência, só para estar seguro?

Lasrado os encarou com um olhar penetrante, à espera de que o culpado se entregasse. Passaram minutos. Shankara entendeu: não há nenhuma impressão digital. Nenhum detector de mentiras. Ele está desesperado. Foi humilhado, ridicularizado, virou uma piada no colégio e agora quer vingança.

— Seus *desgrafados* — gritou Lasrado. E depois, mais uma vez, com uma voz trêmula: — *Vofês* estão rindo de mim? Estão rindo porque eu não *configo* dizer a letra “efe”?

Agora os garotos mal conseguiam se controlar. Shankara notou que o próprio diretor havia virado o rosto para o chão, tentando controlar o riso. Lasrado percebeu; dava para ver na cara dele. Shankara pensou: este homem foi motivo de chacota a vida inteira devido a seu problema de fala. Por isso sempre foi visto como um otário na sala de aula. E agora o trabalho de toda sua vida foi destruído por esta bomba; ele nunca vai poder olhar para trás e ver sua vida com orgulho, ainda que falso, como fazem os outros professores; nunca poderá dizer, em sua festa de despedida, “por mais estrito que eu tenha sido, meus alunos me amaram”. Sempre haverá alguém sussurrando na última fileira: sim, amaram tanto que explodiram uma bomba na sua aula!

Eu preferia ter deixado este homem em paz, pensou Shankara. Preferia não ter humilhado este professor, como tantos humilharam a mim e à minha mãe.

— Fui eu, senhor. Todos na sala se viraram para Shankara.

— Fui eu — disse Shankara. — Agora pare de incomodar os outros garotos, pode me punir. Lasrado bateu com a mão na mesa.

— Filho da puta, *ifo* é uma piada?

— Não, senhor.

— É claro que é uma piada! — gritou Lasrado. — *Vofê* está rindo da minha cara! Está rindo da minha cara na frente de todo mundo!

— Não, senhor...

— Cale a boca! — disse Lasrado. — Cale a boca! — Levantou um dedo e o apontou para todos na sala: — *Desgrafados, desgrafados!* Saiam daqui!

Shankara saiu da sala com os outros quatro inocentes. Pôde ver que eles não acreditavam em sua confissão: eles também achavam que Shankara estava rindo da cara do professor.

— Você foi longe demais nessa — disse Shabbir Ali. — Você realmente não tem respeito por nada neste mundo, cara.

Shankara esperou em frente ao colégio, fumando. Estava esperando Lasrado. Quando a porta da sala de professores se abriu e o professor de química saiu de lá, Shankara jogou o cigarro no chão e o apagou com o sapato. Observou o professor por algum tempo. Desejou que houvesse alguma maneira de se aproximar dele e pedir desculpas.

Dia dois (noite): MORRO DO FAROL (AO PÉ DO MORRO)

Você está numa estrada cercada de velhas figueiras; há cheiro de mogno no ar, uma águia paira no céu. A Estrada Velha da Corte — uma estrada longa e desolada, conhecida por ser um lugar onde se concentram prostitutas e cafetões — leva do topo do morro ao Colégio Secundário e Centro Pré-Universitário para Meninos São Alfonso.

Ao lado da escola você encontrará uma mesquita caiada construída nos tempos do Sultão Tipu; segundo uma lenda local, os cristãos de Valência suspeitos de serem simpatizantes dos britânicos eram torturados aqui. A mesquita é o foco de uma disputa legal entre os administradores do colégio e uma organização islâmica local; ambos reclamam a posse da terra na qual se situa a mesquita. Os estudantes muçulmanos da escola têm permissão, toda sexta-feira, para deixar as aulas por uma hora para rezar o namaz nesta mesquita, desde que tragam uma nota assinada por seus pais ou, no caso dos garotos cujos pais trabalham no Golfo, de um responsável do sexo masculino. De um ponto de ônibus em frente à mesquita partem ônibus expressos para Salt Market Village.

Há pelo menos quatro barraquinhas em frente à mesquita, vendendo caldo de cana e *bhelpuri* e *charmuri* ao estilo de Bombaim para os passageiros que esperam no ponto de ônibus.

OALARME RESSOOU COM FORÇA ÀS DEZ PARA AS NOVE, avisando que aquela não seria uma manhã como as outras. Era uma Manhã de Mártires, o trigésimo sétimo aniversário do dia em que Mahatma Gandhi sacrificara sua vida para que a Índia pudesse viver.

A milhares de quilômetros dali, no coração do país, na fria Nova Délhi, o Presidente estava prestes a curvar a cabeça diante de uma tocha sagrada. Ecoando pelo enorme edifício gótico do Colégio Secundário e Centro Pré-Universitário para Meninos São Alfonso — atravessando 36 salas de aula com tetos arqueados, dois toaletes ao ar livre, um laboratório de química e biologia e

um refeitório onde alguns dos padres ainda terminavam o café da manhã — o alarme anunciou que, naquele momento, a escola deveria imitar o gesto.

Na sala de professores, o prof. D’Mello, diretor-assistente, dobrou ruidosamente sua cópia do jornal, feito um pelicano fechando as asas. Jogando o jornal numa mesa de madeira de sândalo, esforçou-se para ficar em pé, dificultado por sua própria barriga. Foi o último a deixar a sala dos professores.

Seiscentos e vinte e três garotos jorraram das salas de aula, unindo-se por fim para formar uma longa fila que se dirigiu ao Pátio Principal. Em dez minutos já haviam formado um desenho geométrico, uma grade bem apertada ao redor do mastro no centro do pátio. Ao lado do mastro havia uma velha plataforma de madeira. E ao lado da plataforma estava o prof. D’Mello, puxando o ar da manhã para dentro dos pulmões e gritando:

— A-ten-çããã!

Os alunos bateram os pés todos juntos. *Tum!* O barulho acabou com as conversas do pátio. Agora a manhã estava pronta para a triste cerimônia.

O convidado de honra havia caído no sono. Do topo do mastro pendia a bandeira nacional tricolor, murcha e amassada, nem um pouco interessada nos eventos organizados em seu benefício. Álvarez, o velho servente da escola, puxou uma corda azul para incentivar aquele teimoso pedaço de pano a assumir uma tensão respeitável.

O prof. D’Mello suspirou e desistiu da bandeira. Seus pulmões se incharam outra vez:

— Continên-ciaaa!

A plataforma de madeira começou a ranger ruidosamente: padre Mendonza, o diretor da escola primária, estava subindo os degraus. Ao receber um sinal do prof. D’Mello, pigarreou sonoramente no microfone e iniciou um discurso sobre as glórias da morte precoce pelo país.

Várias caixas de som amplificavam sua voz nervosa por todo o pátio. Os garotos escutavam o diretor, enfeitiçados. O jesuíta lhes falou do sangue de Bhagat Singh e Indira Gandhi, que fertilizava a terra na qual estavam pisando, e eles se encheram de orgulho.

O prof. D’Mello, com os olhos muito enrugados, não parava de olhar para os pequenos patriotas. Ele sabia que toda aquela enganação acabaria a qualquer momento. Depois de 33 anos numa escola só para garotos, já conhecia todos os segredos da natureza humana.

O diretor avançou para a parte crucial do discurso da manhã.

— Naturalmente, no Dia dos Mártires, o governo costuma dar a cada escola do Estado bilhetes para o Dia do Cinema Grátis no domingo que vem — disse. Foi como se uma corrente elétrica tivesse cruzado o pátio. Os garotos prenderam a respiração, cheios de expectativa.

— Mas este ano — a voz do diretor vacilou — lamento anunciar que não haverá Dia do Cinema Grátis.

Por um momento, não se ouviu nenhum ruído. Depois, todo o pátio soltou um grande gemido, doloroso e incrédulo.

— O governo cometeu um engano terrível — disse o diretor, tentando explicar.
— Um engano terrível, terrível... queriam que vocês fossem a um antro do pecado...

O prof. D’Mello se perguntou por que o diretor estaria tagarelando sobre aquilo. Já era hora de terminar o discurso e mandar os pirralhos de volta para as aulas.

— Nem consigo encontrar palavras para lhes dizer... foi uma confusão terrível. Sinto muito. Eu... sinto...

O prof. D’Mello estava olhando ao redor em busca de Girish quando uma movimentação no fundo do pátio chamou sua atenção. Já começavam os problemas. O diretor-assistente, atrapalhado por sua enorme pança, esforçou-se para descer do palco, mas depois, com uma ligeireza surpreendente, abriu caminho entre as fileiras de garotos, aproximando-se da zona de perigo. Os alunos se viraram para vê-lo passar em sua caminhada até o fundo. A mão direita do homem tremeu.

Um cachorro marrom havia subido do playground abaixo do pátio principal e corria entre os garotos. Alguns encenqueiros estavam tentando persuadi-lo a se aproximar com assovios e estalos da língua.

— Parem com isso imediatamente! — disse D’Mello já ofegante, batendo o pé no chão em direção ao cachorro. O animal contente confundiu o avanço daquele homem gordo com outra bajulação. O professor investiu contra o cachorro e o animal se afastou, mas quando D’Mello parou para respirar, correu de volta na direção dele.

A esta altura os garotos já riam abertamente. Ondas de confusão se espalharam pelo pátio. A voz do diretor vibrou no sistema de som, com um ar de desespero.

— ...vocês garotos não têm o direito de se comportar assim... o Dia do Cinema Grátis é um privilégio, não um direito...

— *Joga uma pedra nele! Uma pedra!* — gritou alguém para D’Mello.

Num momento de pânico, o professor obedeceu. Pá! A pedra acertou o animal na barriga. O cachorro soltou um ganido de dor — viu-se um brilho de traição nos olhos do bicho — antes de se afastar do pátio e descer correndo os degraus até o playground.

O prof. D’Mello sentiu um aperto no estômago. O pobre animal estava machucado. Virando-se, viu um mar de garotos sorridentes. Um deles o incitara a apedrejar o animal; deu meia-volta, escolheu um garoto ao acaso — hesitando apenas por um instante para se assegurar de que não era Girish — e lhe deu duas bofetadas com força.

QUANDO D’MELLO ENTROU na sala de professores, encontrou todos os outros docentes reunidos em volta da mesa de sândalo. Os homens usavam todos a mesma roupa — camisas de manga curta de cores claras, quadriculadas, e calças marrons ou azuis com as bainhas mais largas, em boca de sino, enquanto algumas das mulheres usavam sáris de algodão e poliéster alaranjados ou amarelos.

O sr. Rogers, professor de biologia e geologia, lia em voz alta um programa do Dia do Cinema Grátis publicado no jornal escrito em canará.

Filme um: *Salve o tigre*

Filme dois: *A importância do exercício físico*

Sessão extra: *A vantagem dos esportes nativos (com atenção especial ao*

Kabbadi e ao Kho-Kho)

Depois da lista mais inocente vinha a bomba:

Para onde enviar seu filho ou filha no Dia do Cinema Grátis (1985):

1. Escola de Segundo Grau para Meninos Nossa Senhora dos Milagres; sobrenomes A a N: Cinema White Stallion; O a Z: Cinema Belmore.
2. Colégio para Meninos São Alfonso; sobrenomes A a N: Cinema Belmore; O a Z: Angel Talkies.

— A metade da nossa escola! — disse o prof. Rogers, com a voz esganiçada de ansiedade. — A metade da nossa escola vai para o Angel Talkies!

O jovem prof. Gopalkrishna Bhatt, que se formara na faculdade de pedagogia de Belgaum havia apenas um ano, costumava servir de coro nessas ocasiões. Ergueu os braços, fatalista:

— Que confusão! Mandar as nossas crianças para esse lugar!

O prof. Pundit, professor sênior de língua canará, zombou da ingenuidade dos colegas. Ele era um homem baixo, de cabelo grisalho e opiniões chocantes.

— Isto não é uma confusão, foi feito de propósito! O Angel Talkies comprou todos aqueles malditos políticos de Bangalore para que mandassem os nossos garotos para um Antro do Pecado!

Agora os professores estavam divididos entre os que achavam que era uma confusão e os que achavam que era um plano deliberado para corromper a juventude.

— O que o senhor acha, prof. D’Mello? — bradou o prof. Bhatt.

Em vez de responder, D’Mello puxou uma cadeira de vime da mesa de sândalo até uma janela aberta na outra ponta da sala de professores. Era uma manhã ensolarada: dali ele via um céu azul, um mar de morros, uma vista privada do mar Arábico.

O céu estava de um azul-claro incrível, muito propício para a meditação. Umhas poucas nuvens perfeitamente formadas, como desejos concedidos, flutuavam no

azul-celeste. A abóbada celeste assumia uma cor mais escura ao se esticar em direção ao horizonte e tocar uma crista do mar Arábico. O prof. D’Mello convidou a beleza da manhã a entrar em sua mente agitada.

— Mas que confusão, hein, prof. D’Mello?

Gopalkrishna Bhatt deu um pequeno salto e se acomodou no parapeito da janela, bloqueando a visão do mar. Balançando as pernas com alegria, o jovem abriu um sorriso para o colega mais experiente, mostrando uma janela entre os dentes.

— A única confusão, prof. Bhatt — disse o diretor-assistente —, foi feita em 15 de agosto de 1947, quando pensamos que este país poderia ser governado por uma democracia popular em vez de uma ditadura militar.

O jovem professor fez que sim com a cabeça.

— Sim, sim, é bem verdade. E quanto ao Estado de Emergência, senhor: não foi uma boa ideia ter sido declarado em 1975?

— Nós desperdiçamos essa oportunidade — disse D’Mello.

— E agora eles assassinaram a única política que já tivemos que soubesse como dar a este país o remédio necessário — fechou os olhos outra vez e se concentrou na imagem de uma praia vazia, na tentativa de dissipar a presença do prof. Bhatt. Este falou:

— O seu aluno preferido está no jornal desta manhã, prof. D’Mello. Página quatro, perto do topo. O senhor deve estar orgulhoso.

Antes que D’Mello pudesse interrompê-lo, o sr. Bhatt começou a ler:

O Rotary Club anuncia os ganhadores do Quarto Concurso Interescolar Anual de Oratória Inglesa.

Tema: Ciência — Dádiva ou maldição para a raça humana?

Primeiro Prêmio: Harish Pai, Escola de Segundo Grau Nossa Senhora dos Milagres (Ciência como dádiva).

Segundo Prêmio: Girish Rai, Colégio de Segundo Grau São Alfonso (Ciência

como maldição)

O diretor-assistente arrancou o jornal das mãos de seu colega novato.

— Prof. Bhatt... — resmungou D’Mello — ...já falei isto muitas vezes, publicamente: não tenho nenhum favorito entre os garotos.

Fechou os olhos, mas agora sua paz de espírito já se fora.

“Segundo prêmio” — as palavras o acertaram outra vez. D’Mello havia passado toda a noite anterior ao lado de Girish trabalhando no discurso — seu conteúdo, modo de apresentação, a postura do garoto ao microfone, tudo! E ele só conseguia o segundo prêmio? Seus olhos se encheram de lágrimas. Ultimamente o garoto tinha adquirido o hábito de perder.

Havia agora uma comoção na sala de professores, e o prof. D’Mello soube, mesmo que de olhos fechados, que o diretor havia chegado e que os professores estavam correndo ao redor dele, obsequiosos. D’Mello continuou sentado, embora soubesse que sua paz não iria durar muito.

— Prof. D’Mello — disse por fim a voz nervosa. — É uma terrível confusão... a metade dos garotos não poderá ver o filme grátis este ano.

O diretor o encarava, em pé ao lado da mesa de sândalo. D’Mello rangeu os dentes. Dobrou violentamente o jornal; não teve pressa para se levantar, nem para se virar. O diretor estava secando a testa com um lenço. O padre Mendonza era um homem muito alto e muito calvo, e tentava esconder a careca nua com mechas de um cabelo muito engomado. Seus olhos grandes encaravam as pessoas por trás de óculos grossos, e sua testa enorme brilhava com contas de suor, como uma folha cheia de gotas de orvalho após a chuva.

— Posso dar uma sugestão, padre?

A mão do diretor ficou parada, interrompendo o gesto de limpar a testa com o lenço.

— Se não levamos os garotos ao Angel Talkies, eles vão enxergar isto como um sinal de fraqueza. Só o que vamos conseguir é arrumar mais problemas com eles.

O diretor mordeu os lábios.

—Mas... os perigos... a gente ouviu falar de cartazes horríveis... de males que não podem ser expressos em palavras...

— Eu vou cuidar de tudo — disse o prof. D’Mello com gravidade. — Vou cuidar da disciplina. O senhor tem a minha palavra.

O jesuíta fez que sim, esperançoso. Ao sair da sala de professores, virou-se para Gopalkrishna Bhatt, e a profunda gratidão em sua voz não deixava dúvidas:

— O senhor também deveria acompanhar o diretor-assistente quando ele levar os meninos ao Angel Talkies...

COM AS PALAVRAS DE PADRE MENDONZA ainda ecoando na cabeça, D’Mello entrou em sua aula das onze da manhã, a primeira do dia. *Diretor-assistente*. Ele sabia que não havia sido a primeira escolha do jesuíta. O insulto ainda feria, depois de tanto tempo. O cargo era seu por direito, por tempo de serviço. Ele ensinara híndi e aritmética aos garotos do São Alfonso durante trinta anos, e mantivera a ordem na escola. Mas padre Mendonza, que viera recentemente de Bangalore tentando esconder a careca com seu cabelo oleoso e trazendo seis baús cheios de ideias “modernas”, declarara sua preferência por alguém com aparência mais “*descolada*”. O prof. D’Mello tinha um par de olhos e um espelho em casa. Ele sabia o que aquele comentário significava.

D’Mello estava acima do peso e já entrava na fase final da meia-idade, respirava pela boca e tinha tufo de pelos que lhe saíam do nariz. A parte central de seu corpo era uma enorme pança, um grande nó de carne preta de uma dúzia de ataques cardíacos. Para caminhar ele precisava arquear as costas, inclinar a cabeça e unir as sobrancelhas e o nariz, franzindo o rosto numa careta detestável. “Ogro”, cantavam os garotos quando ele passava. “Ogro! Ogro! Ogro!”

Ao meio-dia, comeu um prato de *curry* de peixe numa marmita de aço inoxidável, em sua janela preferida da sala de professores. O cheiro do *curry* não agradava seus colegas, por isso ele comeu sozinho. Ao terminar, levou lentamente sua marmita até a torneira pública do lado de fora. Os garotos pararam suas brincadeiras. Como inclinar-se para a frente estava fora de cogitação (a pança, naturalmente), ele precisava encher a marmita com água e levá-la até a boca. Gargarejando sonoramente, regurgitou várias vezes uma torrente de açafrão. Os garotos gritavam de prazer a cada vez. Depois que voltou para a sala de professores, os alunos se amontoaram ao redor da torneira: havia

esqueletinhos de peixe empilhados ali, como depósitos de um recife de coral nascente. O espanto e o nojo se misturaram nas vozes dos garotos, que cantaram num uníssono cada vez mais alto:

— *Ogroogroogro!*

“O principal problema com a escolha do prof. D’Mello como meu assistente é sua predileção excessiva pela violência à moda antiga”, escreveu o jovem diretor ao Conselho Jesuíta. O prof. D’Mello batia com muita frequência, e batia demais. Às vezes, enquanto ainda estava escrevendo no quadro-negro, sua mão esquerda procurava o apagador. Ele se virava e o arremessava até a última fileira; ouvia-se então um grito, e o banco tombava sob o peso dos garotos que tentavam se esquivar.

Ele já tinha feito coisas piores. O padre Mendonza relatou em detalhes uma história chocante que havia ouvido. Certa vez, muitos anos antes, um garotinho estava batendo papo na primeira fila, bem em frente a D’Mello. O professor não disse nada. Apenas ficou sentado e deixou sua raiva fermentar. De repente, pelo que se conta, houve um momento de escuridão em seu cérebro. Ele arrancou o garoto de sua cadeira e o levantou no ar, levando-o para o fundo da sala: ali, trancou-o num armário. O garoto ficou batendo com os punhos no lado de dentro do armário, gritando para o resto da sala: “não consigo respirar aqui!”. As batidas no lado de dentro ficaram cada vez mais altas; depois mais fracas, e mais fracas. Quando o armário foi finalmente aberto, não menos de dez minutos depois, sentiu-se o ranço de urina fresca e o garoto tombou inconsciente, feito um trapo.

Além disso, havia o probleminha de seu passado. O prof. D’Mello fizera sua formação durante seis anos no Seminário Valência para se tornar padre, mas então saiu dali de repente, por desentendimentos com seus superiores. Diziam que ele teria desafiado o dogma sagrado, declarando que as políticas do Vaticano na questão do planejamento familiar eram ilógicas num país como a Índia — e assim largou o seminário, abandonando seis anos de sua vida. Outros boatos sugeriam que ele era um livre-pensador que não frequentava a igreja regularmente.

As semanas foram passando. O Conselho Jesuíta perguntou por correio se o padre Mendonza já havia tomado uma decisão. O jovem diretor confessou que não tivera tempo para isso. Todas as manhãs o padre considerava que seu dever

principal era disciplinar uma longa fila de garotos rebeldes. As mesmas caras apareciam todas as manhãs. Conversas em sala. Vandalismo contra os bens da escola. Beliscões em garotos estudiosos.

Certo dia uma estrangeira, uma cristã britânica que fazia doações generosas para causas nobres na Índia, foi visitar a escola. O padre Mendonza engomou as mechas sobreviventes do cabelo com um cuidado especial naquela manhã. Pediu ajuda ao prof. Pundit para guiar a senhora inglesa pela escola. Com grande cortesia, o professor de canará falou à estrangeira da nobre história de São Alfonso, seus alunos famosos, sua função de civilizar a natureza selvagem daquela parte da Índia, que já fora um matagal ermo tomado por elefantes. O padre Mendonza sentiu que o prof. Pundit era um sujeito esperto, dos mais espertos que se poderia encontrar nesta parte do mundo. Então, de repente, a estrangeira começou a gritar. Os dedos de sua mão se separaram de horror. Julian D’Essa, o herdeiro das plantações de café, em pé no último banco de uma sala que ria sem parar, expunha suas vergonhas para o mundo. O prof. Pundit correu até o menino enlouquecido, mas o mal já estava feito. O jesuíta viu a doadora estrangeira se afastar dele com um olhar de terror: como se o exibicionista fosse ele.

Naquela noite, um velho membro do Conselho ligou de Bangalore para o padre Mendonza, para consolá-lo. Será que o “reformista” não iria finalmente enxergar a verdade? As ideias pedagógicas modernas funcionavam bem em Bangalore. Mas num povoado retrógrado como Kittur, a quilômetros e quilômetros da civilização?

— Para cuidar de uma escola lotada com seiscentos animaizinhos — disse o Conselheiro ao jovem diretor, que soluçava — de vez em quando precisamos de um ogro.

Dois meses depois de sua chegada a São Alfonso, o padre Mendonza chamou o prof. D’Mello em seu escritório. Explicou que não tinha opção além de lhe pedir que assumisse o cargo de diretor-assistente. Para cuidar de uma escola como aquela, declarou o jesuíta, ele precisava de um homem como D’Mello.

ESPERE UM MOMENTO, DISSE D’Mello a si mesmo. Recupere o fôlego. Ele estava prestes a entrar na sala de aula — prestes a declarar guerra. O plano havia funcionado bem até agora; ele tinha entrado pela porta dos fundos. Um ataque surpresa. Imaginava que a notícia da mudança de ideia do padre Mendonza com

relação ao Angel Talkies já devia ser conhecida por todos. Os garotos provavelmente haviam enxergado aquilo como uma covardia por parte das autoridades da escola. Agora o perigo era maior do que nunca, mas aquilo também servia como uma oportunidade para lhes ensinar uma lição duradoura.

A classe estava quieta — quieta demais.

D’Mello entrou em silêncio. A última fileira, onde se amontoavam os garotos mais altos, superdesenvolvidos. D’Mello esperou ali, inquisitivo, acima dos garotos. A revista era uma das de sempre.

— Julian — falou num tom baixo. Os garotos se viraram e a revista caiu no chão. Julian ficou em pé, sorrindo. Era o mais alto dentre os altos, o mais superdesenvolvido dos superdesenvolvidos. Um triângulo invertido de pelos já sobressaía de sua camisa aberta, e quando ele enrolava uma manga e contraía o músculo, D’Mello podia ver seu bíceps inchar em protuberâncias pálidas e grossas. Por ser o herdeiro de uma dinastia de fazendeiros de café, Julian D’Essa jamais poderia ser expulso da escola. Mas podia ser castigado. O pequeno demônio ergueu os olhos, fitando de D’Mello com um sorriso libertino grudado na cara. D’Mello ouviu mentalmente a voz de D’Essa; aquela voz o incitava a fazer o que ele fazia de pior: Ogro! Ogro! Ogro!

D’Mello levantou o garoto da cadeira pela gola. Trrrá — a gola foi arrancada da camisa. O cotovelo trêmulo de D’Mello se esticou — acertando o lado da cara do garoto.

— Já para fora da sala, seu animal... e ajoelhado.

Depois de expulsar Julian da sala, apoiou as mãos nos joelhos e recobrou o fôlego. Apanhou a revista e foi virando as páginas para que todos as vissem.

— Então este é o tipo de coisa que vocês querem ler, hem? E agora querem ir ao Angel Talkies? Estão achando que vão ver os cartazes na parede, aqueles Murais do Pecado?

Caminhou pela sala com o cotovelo tremendo e vociferou: até os devassos tinham vergonha de ir ao Angel Talkies. Eles se cobriam com lençóis e, envergonhados, entregavam seu dinheiro aos atendentes da bilheteria. No interior, as paredes do cinema estavam cobertas de pôsteres de filmes pornográficos que traziam todas as depravações conhecidas pelo homem.

Assistir a um filme num cinema como aquele era uma corrupção do corpo e da alma.

Arremessou a revista na parede. Por acaso os garotos estavam pensando que ele tinha medo de bater neles? Não! Ele não era um daqueles professores “moderninhos” que vinham de Bangalore ou Bombaim! A violência era seu feijão com arroz, e sua sobremesa. Quem poupa no cinto estraga a criança, costumava dizer.

Tombou na cadeira. Tinha uma falta de ar horrível. Uma dor insidiosa foi espalhando raízes por todo seu peito. D’Mello viu, satisfeito, que seu discurso produzira algum efeito. Os garotos estavam sentados sem dar um pio. A imagem de Julian com a gola rasgada, ajoelhado em frente à sala, tinha um efeito tranquilizante. Mas D’Mello sabia que era só uma questão de tempo, só uma questão de tempo. Aos 57 anos de idade ele já não tinha nenhuma ilusão em relação à natureza humana. A luxúria faria a rebeldia retornar aos corações dos garotos.

Ordenou que abrissem os livros de híndi. Página 168.

— Quem vai ler o poema?

A classe ficou em silêncio ao redor de um braço erguido.

— Girish Rai, leia.

Um garoto que usava óculos comicamente grandes levantou-se na primeira fila. Seu cabelo era grosso e estava partido ao meio; ele tinha um rosto pequeno, soterrado em espinhas. Não precisava do livro, pois sabia o poema de cor:

Não, disse a flor,

Não me deixes, falou,

No leito da virgem,

Na carruagem da noiva,

Nem na praça da Feliz Aldeia.

Não, disse a flor,

Deixa-me apenas no caminho ermo

Onde caminham os heróis

Dando a vida pela nação.

O garoto se sentou. A classe inteira ficou em silêncio, rebaixada por um momento pela pureza de sua pronúncia em híndi, aquela língua estranha.

— Se ao menos vocês todos pudessem ser como este menino — disse o prof. D’Mello.

Mas ele não se esquecera que seu aluno preferido o decepcionara no concurso do Rotary. Ordenando à classe que copiasse o poema seis vezes em seus cadernos, ignorou Girish por dois ou três minutos. Depois o chamou com os dedos.

— Girish. — Sua voz vacilou. — Girish... por que você não ganhou o primeiro prêmio no concurso do Rotary? Como vai conseguir chegar a Délhi um dia se não for campeão em outros concursos?

— Desculpe, senhor — respondeu o menino. E baixou a cabeça, envergonhado.

— Girish... ultimamente você não tem sido campeão tantas vezes... qual é o problema?

Viu-se um olhar preocupado na cara do garoto. D’Mello entrou em pânico.

— Tem alguma coisa incomodando você? Um dos garotos? O D’Essa ameaçou você?

— Não, senhor.

O professor olhou para os meninos altos da última fila. Virou para a direita e olhou de relance para D’Essa, que estava ajoelhado e abria um grande sorriso. O

diretor-assistente tomou uma decisão rápida.

— Girish... amanhã... não quero que você vá ao Angel Talkies. Você deverá ir ao Belmore Talkies.

— Por quê, senhor? D’Mello ficou indignado.

— Como assim por quê? Porque eu estou dizendo, por isso! — gritou. O resto da classe olhou para eles; o prof. D’Mello havia levantado a voz para seu aluno preferido?

Girish Rai ficou vermelho. Parecia estar à beira das lágrimas, e o coração do prof. D’Mello derreteu. O professor sorriu e deu umas palmadinhas nas costas do garoto.

— Deixe disso, Girish, não chore... eu não ligo para os outros meninos. Eles já foram ao Talkies muitas vezes, já leram revistas. Não há nada neles ainda por corromper. Mas você não. Não vou deixar que você entre ali. Vá ao Belmore.

Girish fez que sim e voltou para sua cadeira na primeira fila. Ainda estava à beira das lágrimas. D’Mello sentiu seu coração derreter de pena; tinha sido duro demais com o pobre menino.

Quando a aula terminou, foi até a primeira fila e cutucou a carteira do rapaz:

— Girish, você tem algum plano para esta noite?

QUE DIA HORRÍVEL, QUE DIA HORRÍVEL. O prof. D’Mello estava caminhando pela estrada de terra que levava da escola à sua casa no alojamento de professores. Aquele *pá* tenebroso da pedra ecoou muitas e muitas vezes em sua cabeça... a expressão nos olhos do pobre animal...

Voltou para casa com os livros de poesia presos debaixo do braço. Tinha a camisa manchada de *curry* vermelho, e as pontas de sua gola estavam encurvadas para cima, como folhas queimadas pelo sol. A cada poucos minutos parava para alongar as costas doloridas e retomar o fôlego.

— O senhor está doente? D’Mello se virou: Girish Rai, com uma enorme mochila cáqui presa às costas, o seguia.

Professor e aluno caminharam alguns metros lado a lado, e então D’Mello parou.

— Está vendo aquilo ali, garoto? — apontou.

No meio do caminho entre a escola e a casa do professor passava um muro de tijolos, cujo centro se abria numa grande rachadura. Tanto o muro como a rachadura já estavam ali havia anos, naquela rua em que nenhum detalhe importante tinha mudado desde que D’Mello se mudara para o bairro, trinta anos antes, para ocupar o alojamento que lhe fora designado quando ainda era um jovem professor. Pela rachadura no muro era possível enxergar os postes da rua ao lado, e havia quase vinte anos que D’Mello parava todas as noites e fitava duramente os três postes. Por vinte anos ele buscara a explicação de um mistério nos três postes. Uma manhã, cerca de duas décadas atrás, ao passar pela rachadura, tinha visto uma frase escrita com giz branco em todos os três postes:

“Nathan X tem que morrer.”

O professor se apertara para passar pela rachadura no muro e chegar até os três postes, raspando as palavras com o guarda-chuva para decifrar o mistério. O que significavam as três inscrições? Um velho passou puxando um carrinho de verduras. O professor tentou lhe perguntar quem era Nathan X, mas o verdureiro simplesmente deu de ombros. Ernest D’Mello ficou ali parado, em meio à bruma das árvores, perguntando-se.

Na manhã seguinte as inscrições haviam sumido. Intencionalmente apagadas. Quando D’Mello chegou à escola, correu os olhos pelo obituário do jornal e não conseguiu acreditar no que leu — um homem chamado “Nathan Xavier” havia sido assassinado na noite anterior, no Bunder! A princípio teve certeza de que havia se deparado com alguma sociedade secreta que planejava um assassinato. Uma ansiedade mais tenebrosa logo o acossou. Aquelas palavras teriam sido escritas por espões chineses? Os anos passaram mas o mistério permaneceu, e D’Mello pensava naquilo sempre que passava pela rachadura.

— O senhor acha que foram espões paquistaneses? — perguntou Girish. — Eles mataram Nathan X?

O prof. D’Mello grunhiu. Teve a sensação de que não devia ter revelado aquela lembrança a Girish; sentiu que aquilo o diminuía de alguma forma. Professor e aluno seguiram em frente.

D’Mello viu os raios do pôr do sol atravessarem as folhas das figueiras e formarem grandes manchas no chão, como as poças deixadas por uma criança após o banho. Olhou para o céu e, involuntariamente, recitou um verso de um poema em híndi: “A mão dourada do sol ao roçar as nuvens.”

— Eu conheço este poema, senhor — disse uma vozinha. Girish Rai terminou a estrofe: — “...é como a mão de um amante ao tocar a pessoa amada.”

Seguiram em frente.

— Quer dizer que você se interessa por poesia? — perguntou D’Mello. Antes que o garoto pudesse responder, confessou-lhe outro segredo. Na juventude, ele quisera ser poeta: um escritor nacionalista, nada menos que isso, um novo Bharathi ou Tagore.

— Então por que o senhor não virou poeta? O professor riu.

— Neste buraco chamado Kittur, meu culto amigo, como é que um homem pode ganhar a vida com a poesia?

Os postes foram se acendendo um a um. Já era quase noite. À distância, D’Mello viu uma porta iluminada, seu alojamento. Ao se aproximarem da casa, parou de falar. Já conseguia ouvir as fedelhas daqui. O que teriam quebrado hoje? perguntou-se. Girish Rai observou.

D’Mello tirou a camisa e a deixou num gancho na parede. O garoto viu o diretor-assistente se acomodar lentamente numa cadeira de balanço da sala, vestindo apenas a camiseta de baixo. Duas meninas, com roupões vermelhos idênticos, corriam em círculos pela sala, gritando a plenos pulmões. O velho professor as ignorou completamente. Fitou o garoto por algum tempo, mais uma vez se perguntando por que, pela primeira vez em sua carreira de professor, convidara um aluno para sua casa.

— Por que deixamos os paquistaneses se safarem, senhor? — soltou Girish.

— O que você quer dizer com isso, garoto? — D’Mello franziu o rosto, juntando o nariz e as sobrancelhas.

— Por que deixamos os paquistaneses se safarem em 1965? Quando estavam em nossas mãos? O senhor disse isso em aula uma vez, mas não explicou.

— Ah, isso! — O prof. D’Mello bateu com a mão na coxa, entusiasmado. Outro de seus assuntos preferidos. O grande fiasco da guerra de 1965. Os tanques indianos haviam avançado sobre os arredores de Lahore quando nosso próprio governo puxou o tapete debaixo de seus pés. Algum burocrata tinha sido subornado; os tanques retrocederam.

— Desde que Sardar Patel morreu, este país tem ido por água abaixo — disse, e o garotinho assentiu. — Vivemos em meio ao caos e a corrupção. Só nos resta fazer o nosso trabalho e voltar para casa. — O garotinho assentiu de novo.

O professor suspirou satisfeito. Sentia-se profundamente lisonjeado; em todos aqueles anos na escola, nenhum aluno jamais sentira a indignação que ele sentia com a mancada colossal de 65. Levantando-se da cadeira de balanço, tirou da prateleira um volume de poesia em híndi.

— Quero que você me devolva, hem? E em perfeito estado. Nem um rabisco ou mancha.

O garoto fez que sim. Correu os olhos pela sala dissimuladamente. A pobreza da casa do professor o surpreendeu. As paredes da sala estavam vazias, a não ser por uma pintura iluminada do Sagrado Coração de Jesus. A pintura estava descascando, e lagartixas intrépidas corriam por todas as paredes.

Enquanto Girish folheava o livro, as duas meninas com vestidos vermelhos se revezaram gritando em suas orelhas antes de correrem gritando para outro cômodo.

Uma mulher num vestido verde esvoaçante, estampado com flores brancas, aproximou-se do menino com um copo de um suco vermelho. O garoto ficou confuso com o rosto dela e não conseguiu responder suas perguntas. Ela parecia bastante moça. O prof. D’Mello devia ter se casado já bem velho, pensou o menino. Quando jovem, talvez fosse muito tímido para se aproximar das mulheres.

D’Mello franziu o rosto e se aproximou de Girish.

— Por que você está sorrindo? Tem alguma coisa engraçada?

— Girish fez que não.

O professor continuou. Falou de outras coisas que faziam seu sangue ferver. Houve um tempo em que a Índia havia sido governada por três potências estrangeiras: Inglaterra, França e Portugal. Agora, o lugar tinha sido tomado por três criminosos nativos: traição, inépcia e perfídia.

— O problema está aqui... — Cutucou as próprias costelas.

— Existe um animal dentro de nós.

Começou a contar a Girish coisas que nunca dissera a ninguém, nem mesmo à sua mulher. Sua inocência quanto à verdadeira natureza dos meninos escolares durara apenas três meses, no início de sua carreira como professor. Naqueles primeiros dias, confessou a Girish, ficava na escola após as aulas para ler a coleção de poesia do poeta Tagore na biblioteca. Lia as páginas com cuidado, parando às vezes para fechar os olhos e fantasiar que estava vivo durante a luta pela liberdade — em qualquer um daqueles anos santos em que um homem poderia participar de um comício e ver Gandhi com sua roda de fiar e Nehru se dirigindo à multidão.

Quando saía da biblioteca tinha a cabeça cheia de imagens de Tagore. Àquela hora, eletrizado pelo pôr do sol, o muro de tijolos em torno da escola virava um longo plano de ouro trabalhado. Ao longo do muro cresciam figueiras; dentro de suas copas profundas e escuras, folhas diminutas reluziam em longas correntes prateadas, como rosários nas mãos da árvore meditativa. O prof. D’Mello passava. Toda a terra parecia estar cantando versos de Tagore. Passava pelo playground, que havia sido montado num fosso abaixo da escola. Gritos imorais interferiam com seus pensamentos.

— O que são estes gritos pela noite? — perguntou ingenuamente a um colega. O outro professor se serviu uma pitada de rapé. Inalando aquele produto desprezível da borda de um lenço manchado, o colega sorriu.

— “Descasca”. É isso o que acontece ali.

— “*Descasca*”? O professor mais experiente piscou um olho.

— Não vá me dizer que não tinha disso na sua escola.

Pela expressão de D’Mello, o colega percebeu que realmente não havia.

— É o jogo mais velho já inventado por garotos — respondeu o velho professor.
— Desça ali e veja com os próprios olhos. Não tenho palavras para descrever o jogo.

D’Mello desceu na noite seguinte. Descendo os degraus até o playground, os sons se tornaram cada vez mais altos.

Na manhã seguinte, mandou chamar em sua sala todos os garotos envolvidos no jogo — todos eles, inclusive as vítimas. Fez um esforço para manter a serenidade na voz.

— Onde vocês acham que estão, numa escola moral dirigida por católicos ou num bordel?

Bateu neles com tanta violência naquela manhã.

Ao terminar, notou que seu cotovelo direito ainda tremia.

Na manhã seguinte não se ouviu nenhum ruído no playground. D’Mello recitou Tagore em voz alta para se proteger do mal: “Quando a cabeça está bem erguida e a mente não teme...”

Alguns dias depois, passando pelo playground, viu seu cotovelo direito tremer outra vez, em reconhecimento. Aquele velho e conhecido ruído negro subia outra vez do playground.

— Foi então que a ficha caiu — disse D’Mello. — Não tenho mais ilusões sobre a natureza humana.

Olhou preocupado para Girish. O garotinho estava tomando o suco vermelho com um grande sorriso no rosto.

— Eles não fizeram isso com você, fizeram, Girish? Quando você joga críquete com eles de noite? Esse tal de “descasca”?

(D’Mello já dera o recado para D’Essa e sua gangue de superdesenvolvidos: se um dia tentassem fazer aquilo com Girish, iria descer o sarrafo neles. Eles veriam o ogro que ele podia ser.)

Olhou para Girish com ansiedade. O menino não disse nada.

De súbito, apoiou o copo de suco na mesa, ficou em pé e caminhou em direção ao professor com um pedaço de papel dobrado. O diretor-assistente o abriu, preparado para o pior.

Era um presente: um poema, num híndi perfeitamente casto.

Monção:

Esta é a quente e chuvosa estação,

Em que o raio se segue ao trovão.

De noite pergunto às águas bravias,

Que razão nosso bom Deus teria

Para dar-nos tão quente e chuvosa estação?

— Foi você mesmo que escreveu? É por isso que ficou vermelho?

O garoto fez que sim, contente.

Santo Deus!, pensou o professor. Em seus trinta anos como professor, ninguém jamais fizera algo assim para ele.

— Por que as rimas estão assimétricas? — D’Mello fechou a cara. — Você deveria ter cuidado com essas coisas...

O professor indicou as falhas do poema, uma por uma. O garoto fez que sim com a cabeça, atento.

— Quer que eu traga outro amanhã?

— A poesia é uma coisa boa, Girish, mas... você está perdendo interesse em jogos de perguntas? O garoto fez que sim.

— Não quero mais participar deles, senhor. Quero jogar críquete depois da aula.

Eu nunca posso jogar, por causa do...

— Você tem que ir aos jogos de perguntas! — D’Mello levantou da cadeira de balanço: qualquer oportunidade de encontrar a fama nesta cidade pequena tinha que ser aproveitada imediatamente. O garoto não entendia? — Vá primeiro aos jogos de perguntas, fique famoso, com isso vai arrumar um bom emprego, então poderá escrever poesia. Onde é que o críquete vai levar você, garoto? Acha que vai ficar famoso com isso? Você nunca vai escrever poesia se não der o fora daqui, não entende?

Girish fez que sim. Terminou seu suco.

— E amanhã, Girish... você vai ao Belmore. Não quero mais discussão sobre este assunto.

Girish fez que sim. Depois que o menino foi embora, D’Mello ficou sentado em sua cadeira de balanço e passou bastante tempo pensando. Aquele novo interesse de Girish Rai por poesia, pensou, não era nada ruim. Ele talvez devesse procurar um concurso de poesia em que Girish pudesse entrar. O garoto iria vencer, é claro — ele voltaria como um herói. O *Dawn Herald* talvez publicasse uma foto dele na última página. O prof. D’Mello estaria em pé atrás de Girish, apoiando orgulhosamente as mãos nos ombros do rapaz. “O professor que incentivou o jovem gênio.” Depois disso eles conquistariam Bangalore, a equipe de professor e aluno que ganhou o concurso estadual de poesia de Karnataka. Depois disso, o que mais — Nova Délhi! O presidente em pessoa daria uma medalha aos dois. Eles tirariam uma tarde, pegariam um ônibus e visitariam o Taj Mahal juntos. Tudo era possível com um garoto como Girish. O coração de D’Mello bateu de alegria, como não fazia há anos, desde seus primeiros dias como professor. Logo antes de cair no sono em sua cadeira, fechou bem os olhos e rezou com fervor: “Senhor, faça apenas com que este garoto continue puro.”

NA MANHÃ SEGUINTE, ÀS 10H10, por ordem expressa do governo estadual de Karnataka, uma multidão de inocentes garotinhos do colégio São Alfonso com sobrenomes de O a Z avançou às pressas rumo aos braços abertos de um cinema pornográfico. Um velho anjo de gesso estava agachado sobre a entrada do cinema, vertendo sua benção duvidosa sobre os ávidos garotos.

Uma vez lá dentro, eles descobriram que haviam sido enganados. As paredes do Angel Talkies — aqueles infames murais da depravação — tinham sido cobertas

com um pano preto. Já não restava nem uma única imagem à vista. O prof. D’Mello fizera um acordo com a gerência do cinema. As crianças seriam protegidas dos Murais do Pecado.

— Não cheguem perto do pano preto! — gritou D’Mello.

— Não toquem no pano preto!

Ele já havia planejado tudo. Os professores Alvarez, Rogers e Bhatt acompanharam os alunos para mantê-los longe dos cartazes. Dois atendentes do cinema — supostamente os que vendiam bilhetes aos homens cobertos com lençóis — os ajudaram. Os garotos foram separados em dois grupos. O primeiro foi encaminhado até o auditório no andar de cima, o segundo foi reunido no andar de baixo. Antes que pudessem reagir, os meninos seriam trancados dentro dos auditórios. E assim foi feito. O plano funcionou perfeitamente. Os meninos estavam dentro do Angel Talkies e não iriam ver nada além dos filmes do governo; o prof. D’Mello havia vencido.

As luzes se apagaram no auditório de cima; os garotos se animaram. A tela brilhou. Um filme arranhado e desbotado tremeluziu e ganhou vida.

Salve o tigre!

O prof. D’Mello ficou parado atrás dos garotos em suas cadeiras, junto dos outros professores. Secou o rosto, aliviado. Pelo visto, no fim das contas tudo ficaria bem. Depois de deixá-lo em paz por uns poucos minutos, o jovem prof. Bhatt se aproximou do diretor-assistente e tentou puxar papo.

Ignorando o jovem colega, D’Mello manteve os olhos grudados na tela. Imagens de filhotes de tigre saltitando juntos surgiram na tela, acompanhadas de uma legenda: “Se não protegermos estes filhotes hoje, como poderá haver tigres amanhã?”

D’Mello bocejou. Anjos de gesso o encaravam dos quatro cantos do auditório; longas cascas de tinta desbotada cresciam de seus narizes e orelhas, como bolhas causadas pelo calor. Ele já quase não ia ao cinema, caro demais; além disso, tinha que comprar bilhetes para sua esposa e para as duas pirralhas estridentes. Quando garoto, porém, os filmes não eram tudo em sua vida? Este mesmo cinema, o Angel Talkies, havia sido um de seus programas preferidos; ele

matava aulas para ficar ali sentado sozinho, vendo filmes e sonhando. Veja só agora. Mesmo no escuro, a decrepitude era inconfundível. As paredes estavam sujas, com grandes infiltrações. As poltronas, esburacadas. O avanço simultâneo da deterioração e da decadência: a história deste cinema era a história do país inteiro.

A tela ficou preta. A plateia começou a rir.

— Silêncio! — gritou o D’Mello. O título da “Sessão extra” surgiu na tela.

A importância do bem-estar físico no desenvolvimento infantil

Imagens de garotos tomando banho, nadando, correndo e comendo, todas com legendas apropriadas, foram apresentadas uma a uma. O prof. Bhatt se aproximou do diretor-assistente mais uma vez. Desta vez, sussurrou deliberadamente:

— É a sua vez agora, se quiser.

O prof. D’Mello entendeu as palavras, mas não o tom sigiloso na voz do jovem. Seguindo a sugestão do próprio D’Mello, os professores estavam se revezando para patrulhar o corredor coberto com o pano preto, para se assegurarem de que nenhum dos garotos superdesenvolvidos iria escapar para espiar as imagens pornográficas. Gopalkrishna Bhatt tinha acabado de terminar seu turno patrulhando os Murais do Pecado. Por um momento, D’Mello ficou perdido — depois tudo fez sentido. Pelo sorriso do jovem, D’Mello percebeu que o próprio prof. Bhatt havia dado uma olhada. Olhou ao redor: todos os professores estavam segurando o riso.

O prof. D’Mello saiu do auditório cheio de desprezo por seus colegas.

Caminhou pelas paredes cobertas com o pano preto sem sentir o mais remoto impulso. Como era possível que o prof. Bhatt e o prof. Pundit fossem imorais a ponto de fazer aquilo? Passou por toda a extensão do pano preto sem a menor tentação de levantá-lo.

Uma luz se acendia e apagava na escada que levava a uma galeria mais acima. As paredes dessa galeria também estavam cobertas com um pano preto. D’Mello ficou boquiaberto e lançou um olhar severo na direção da galeria. Não, ele não estava sonhando. Lá em cima pôde ver um menino, com o rosto virado para o

outro lado, caminhando na ponta dos pés em direção ao pano preto. Julian D’Essa, pensou. Naturalmente. Mas então conseguiu ver a cara do garoto, bem no momento em que ele levantava um canto do pano preto e espiava para dentro.

— Girish! O que você está fazendo?

Ao ouvir a voz do prof. D’Mello, o menino se virou. Ficou ali, congelado. Professor e aluno se encararam.

— Desculpe, senhor... desculpe... eles... eles... Ouviram-se risos atrás dele, e o menino desapareceu de repente, como se alguém o tivesse puxado dali.

O prof. D’Mello correu pela escada que levava à galeria de cima. Só conseguiu subir dois ou três degraus. Seu peito ardeu.

Sentindo um aperto no estômago, agarrou-se ao corrimão e descansou ali por um instante. A lâmpada nua na escada se acendia e apagava, acendia e apagava. O diretor-assistente sentiu uma tonteira. Em seu peito, os batimentos do coração foram ficando mais fracos, mais fracos, como um comprimido se dissolvendo. Tentou chamar Girish para pedir ajuda, mas as palavras não saíram. Esticando uma mão em busca de socorro, agarrou um canto do pano preto na parede. O pano se rasgou, abrindo-se por inteiro: hordas de criaturas copulantes paralisadas em posturas de estupros, prazeres ilícitos e bestialismos pulularam das paredes, dançando diante de seus olhos numa procissão insultante, e um mundo de delícias angelicais, que ele desprezara até então, brilhou à sua frente. D’Mello viu tudo, e entendeu tudo, por fim.

O jovem prof. Bhatt o encontrou ali, caído na escada.

Dia três (manhã): MERCADO E MAIDAN

O Jawaharlal Nehru Memorial Maidan (antigamente chamado King George V Memorial Maidan) é um campo aberto no centro de Kittur. Pela noite fica cheio de pessoas jogando críquete, empinando pipas e ensinando crianças a andar de bicicleta. Às margens do Maidan, vendedores de sorvete e doces oferecem suas mercadorias. Todos os grandes comícios políticos de Kittur acontecem no Maidan. A rua Hyder Ali leva do Maidan ao Mercado Central, o maior mercado de produtos frescos de Kittur. A Prefeitura de Kittur, a nova Corte de Justiça e o Hospital do Distrito de Havelock Henry, assim como os hotéis mais luxuosos de Kittur — o Hotel Premier Intercontinental e o Taj Mahal International — ficam bastante próximos ao mercado. Em 1988, o primeiro templo destinado exclusivamente à comunidade *hoyka* de Kittur foi aberto na vizinhança do Maidan.

COM AQUELE CABELO E AQUELES OLHOS ele poderia facilmente ter se passado por homem santo e ganhado a vida sentado de pernas cruzadas e vestindo um pano laranja perto do templo. Era o que diziam os lojistas do mercado. Ainda assim, tudo o que este sujeito maluco fazia, de manhã e de tarde, era ficar agachado junto à grade central da rua Hyder Ali e encarar os ônibus e carros que passavam. Durante o pôr do sol, seu cabelo — uma cabeça de medusa feita de cachos castanhos — brilhava feito bronze, e suas íris reluziam. Enquanto durava a noite ele era como um poeta sufi, cheio de um fogo místico. Alguns dos comerciantes talvez contassem histórias sobre ele: uma noite o haviam visto nas costas de um touro preto, montando o animal na avenida principal, agitando as mãos e gritando, como se o Senhor Shiva em pessoa estivesse entrando na cidade sobre seu touro Nandi.

Ele às vezes se portava como um homem racional: atravessava a rua com cuidado ou se sentava pacientemente diante do templo de Kittur-Devi com os outros indigentes, esperando os restos de comida dos casamentos ou das cerimônias do cordão sagrado que seriam raspados dos pratos sobre suas mãos em concha. Outras vezes era visto revirando montes de cocô de cachorro.

Ninguém sabia seu nome, religião nem casta, por isso ninguém fazia qualquer tentativa de falar com ele. Apenas um homem, um aleijado com uma perna de pau que visitava o templo durante a noite uma ou duas vezes por mês, parava para lhe dar comida.

— Por que vocês fingem que não conhecem este cara? — gritava o aleijado, apontando uma das muletas para o homem dos cachos marrons. — Vocês já viram este homem tantas vezes antes! Ele era o rei do ônibus número cinco!

Por um momento, a atenção do mercado se voltava para aquele selvagem; mas ele apenas ficava agachado, fitando um muro, de costas para eles e para a cidade.

ELE HAVIA CHEGADO A KITTUR dois anos antes, trazendo um nome, uma casta e um irmão.

— Eu sou Keshava, filho de Lakshminarayana, o barbeiro de Vila Gurupura — dissera ao menos seis vezes no caminho de Kittur, para motoristas de ônibus, cobradores de pedágio e estranhos que perguntavam. Essa fórmula, uma trouxa de lençóis debaixo do braço e a pressão suave dos dedos do irmão em seu cotovelo sempre que estavam em meio a uma multidão, era tudo o que ele trouxera consigo.

Seu irmão tinha dez rupias, uma trouxa de lençóis também debaixo do braço direito e o endereço de um parente escrito num pedaço de papel amassado na mão esquerda.

Os dois irmãos chegaram a Kittur no ônibus das 17h. Desceram na estação rodoviária; era a primeira vez que visitavam uma cidade. Bem no meio da rua do Mercado-Maidan, no centro da maior avenida de Kittur, o motorista lhes dissera que suas seis rupias e vinte paisas não davam para levá-los mais longe. Os ônibus passavam a toda velocidade ao redor deles, com homens de uniforme cáqui pendurados nas portas, apitos na boca assoprados estridentemente, gritando para os passageiros: “Parem de olhar para as mulheres, seus filhos da puta! A gente está atrasada!”

Keshava se agarrou à bainha da camisa do irmão. Duas bicicletas desviaram dele, quase atropelando seus pés; em todas as direções, bicicletas, autorriquixás e carros ameaçavam esmagá-los. Era como se estivesse numa praia, a estrada se agitando atrás dele feito ondas atrás da areia.

Depois de algum tempo juntaram coragem para se aproximar de um transeunte, um homem com os lábios descoloridos pelo vitiligo.

— Onde fica o Mercado Central, tio?

— Ah, isso aí... fica lá embaixo, no Bunder.

— E o Bunder fica longe daqui?

O estranho os encaminhou até o motorista de um autorriquixá que estava massageando as gengivas com um dedo.

— A gente precisa ir até o mercado — disse Vittal.

O motorista olhou para eles com o dedo ainda na boca, revelando suas grandes gengivas. Examinou a ponta úmida do dedo.

— Mercado de Lakshmi ou Mercado Central?

— Mercado Central.

— São quantos? E depois:

— Quantas malas? E depois:

— De onde vocês vêm?

Keshava presumiu que essas perguntas fossem comuns numa cidade grande como Kittur, que um motorista de autorriquixá tinha o direito de fazer este tipo de inquisição.

— Fica longe? — perguntou Vittal, desesperado. O motorista cuspiu bem em frente a seus pés.

— É claro. Isto aqui não é uma vila do interior, é uma cidade. Tudo fica longe de tudo. Respirou fundo e desenhou uma série de voltas no ar com o dedo molhado, mostrando-lhes o caminho tortuoso que teriam que pegar. O motorista então suspirou, dando a impressão de que o mercado ficava a uma distância inconcebível. Keshava sentiu seu coração afundar; tinham sido enganados pelo motorista do ônibus. Ele prometera deixá-los num lugar de onde pudessem ir à

pé até o Mercado Central.

— Quanto, tio, para levar a gente ali?

O motorista os fitou da cabeça aos pés, depois dos pés à cabeça, como se estivesse medindo sua altura, peso e valor moral:

— Oito rupias.

— Mas tio, isso é muita coisa! Faz por quatro! O motorista do autorriquixá respondeu:

— Sete e vinte e cinco — indicando para que entrassem. Mas os deixou esperando no veículo com as trouxas no colo e sem nenhuma explicação. Outros dois passageiros negociaram um destino e um preço e se amontoaram ali dentro; um deles se sentou no colo de Keshava sem nenhum aviso. Ainda assim, o autorriquixá não se mexeu. Só depois que outro passageiro se juntou a eles, sentando-se na frente, ao lado do motorista, e com seis pessoas amontoadas naquele veículo minúsculo que tinha espaço para três, o motorista começou a pisotear o pedal do motor.

Keshava mal conseguia ver para onde estavam indo, portanto suas primeiras impressões de Kittur foram as do homem sentado em seu colo; o cheiro de óleo de mamona que havia usado para engomar o cabelo e o cheiro de merda que produzia ao se contorcer. Depois de deixar o passageiro do banco da frente, e mais tarde os dois homens do banco de trás, o autorriquixá contornou por algum tempo uma área mais calma e escura da cidade antes de entrar em outra rua cacofônica, iluminada pela luz branca e intensa de fortes lâmpões a parafina.

— Este é o Mercado Central? — gritou Vittal para o motorista, que apontou para um cartaz:

Mercado Central do Município de Kittur: todo tipo de frutas e hortaliças frescas e a preços justos

— Obrigado, irmão — disse Vittal, repleto de gratidão, e Keshava agradeceu também. Quando saíram, viram-se mais uma vez num turbilhão de luz e barulho; ficaram completamente imóveis, esperando até que seus olhos pudessem encontrar algum sentido naquele caos.

— Irmão — disse Keshava, animado por ter encontrado uma referência conhecida na cidade. Apontou: — Irmão, não foi aqui que a gente começou?

Olharam então ao redor, percebendo que estavam a poucos metros do lugar onde o ônibus os deixara. Por algum motivo não haviam visto o cartaz, que estivera bem atrás deles o tempo todo.

— Fomos roubados! — disse Keshava com a voz agitada. — O motorista do autorriquixá roubou a gente, irmão! A gente... — Cala a boca! — Vittal deu um tapa na nuca do irmão. — A culpa é sua! Foi você que quis pegar o autorriquixá!

OS DOIS ERAM IRMÃOS havia uns poucos dias.

Keshava era escuro e gorducho; Vittal era alto e magro, de pele clara, e cinco anos mais velho. A mãe deles morrera anos antes, e o pai os abandonara; tinham sido criados por um tio, crescendo em meio aos primos (que eles também chamavam de “irmãos”). Depois que o tio morreu, a tia chamou Keshava e lhe disse que fosse com Vittal, que estava sendo despachado para a cidade grande para trabalhar com um parente que tinha um mercado. E foi assim, na verdade, que perceberam que não eram apenas primos, que havia uma ligação mais profunda entre eles.

Os meninos sabiam que seu parente estava em algum lugar no mercado central de Kittur: apenas isso. Dando passos tímidos, seguiram para uma área escura do mercado onde eram vendidas hortaliças, e depois, atravessando uma porta nos fundos, entraram numa área bem-iluminada onde vendiam frutas. Pediram informações. Em seguida, subiram uma escada coberta de lixo cheirando a podre e a palha molhada, chegando ao segundo andar. Ali, perguntaram outra vez:

— Onde está Janardhana, o dono de uma loja em Salt Market Village? Ele é parente nosso.

— Qual Janardhana? Shetty, Rai or Padiwal?

— Não sei, tio.

— O seu parente é *bunt*?

— Não.

— Não é *bunt*? É jainista, então?

— Não.

— E de que casta é, então?

— Ele é *hoyka*. Risos.

— Neste mercado não tem nenhum *hoyka*. Só muçulmanos e *bunts*.

Mas os dois meninos pareceram tão perdidos que o homem sentiu pena e perguntou a alguém, descobrindo que realmente alguns *hoykas* haviam montado lojas perto do mercado.

Desceram a escada e saíram do mercado. Disseram-lhes que a loja de Janardhana tinha na entrada um grande cartaz com um homem musculoso vestindo uma camiseta branca. Eles não tinham como errar. Caminharam de loja em loja até que Keshava gritou:

— Ali!

Debaixo da imagem do homem musculoso estava sentado um comerciante magro, com a barba malfeita, lendo um caderno com os óculos apoiados na ponta do nariz.

— Estamos procurando Janardhana, de Vila Gurupura — disse Vittal.

— Por que querem saber onde ele está? O homem olhava para eles desconfiado. Vittal soltou:

— Tio, somos da sua vila, somos seus parentes.

O comerciante os encarou. Umedecendo a ponta do dedo, virou mais uma página do caderno.

— Por que estão achando que são meus parentes?

— Foi o que disseram para a gente, tio. Quem falou foi a nossa tia, Kamala, a caolha.

O comerciante baixou o caderno.

— Ah, entendo, Kamala, a caolha. E o que aconteceu com seus pais?

— Nossa mãe faleceu muitos anos atrás, depois que nasceu o Keshava, este cara aqui. E quatro anos atrás, nosso pai perdeu o interesse pela gente e simplesmente foi embora.

— Foi embora?

— Foi, tio — disse Vittal. — Tem gente que diz que ele foi para Varanasi, fazer ioga nas margens do Ganges. Outros falam que ele está na cidade sagrada de Rishikesh. Há muitos anos a gente não tem notícias dele; fomos criados pelo nosso tio Thimma.

— E ele...?

— Morreu ano passado. A gente ficou por lá, mas a nossa tia já não tinha condições de criar tanta gente. A seca foi muito forte este ano.

O comerciante se surpreendeu ao ver que eles haviam chegado de tão longe, sem nenhum aviso, tendo apenas uma conexão distante, e esperavam que ele cuidasse deles. Abaixou-se atrás de um balcão, apanhou uma garrafa de áraque, tirou a tampa e a levou aos lábios. Depois tampou a garrafa e a escondeu outra vez.

— Todo dia vem gente do campo em busca de trabalho. Todo mundo acha que aqui na cidade podemos lhes dar sustento a troco de nada. Como se não tivéssemos nossas próprias bocas para alimentar.

O comerciante tomou outro gole da garrafa; seu ânimo melhorou. Tinha até gostado da história ingênua contada por eles, do papai que fora à “cidade sagrada de Rishikesh, fazer ioga”. O velho canalha provavelmente estava amigado com uma amante em qualquer canto, tomando conta de uma ninhada de bastardos, pensou, sorrindo com aprovação; nos vilarejos do interior é fácil escapar impune. Espreguiçando os braços bem acima da cabeça enquanto bocejava, trouxe-os de volta para junto da barriga com uma forte palmada.

— Ah, então vocês são órfãos agora! Pobrezinhos. Sempre temos que ficar perto da família: o que mais temos na vida? — passou a mão pela barriga: veja só como eles olham para mim, como se eu fosse um rei, pensou, sentindo-se

subitamente importante. Desde que viera para Kittur, não costumava mais ter este sentimento.

Coçou as pernas.

— Então, como estão as coisas na vila hoje em dia?

— Tirando a seca, continua tudo igual, tio.

— Vocês vieram aqui de ônibus? — perguntou o comerciante. E depois: — Imagino que, depois de descerem na estação, tenham caminhado até aqui, não? — Levantou-se da cadeira: — Autorriquixá? E quanto pagaram? Esses sujeitos são uns perfeitos pilantras. Sete rupias! — o comerciante ficou vermelho. — Seus imbecis! Idiotas!

Aparentemente atendo-se ao fato de que haviam sido ludibriados, o comerciante os ignorou por meia hora.

Vittal ficou parado num canto, com os olhos fixos no chão, completamente humilhado. Keshava ficou olhando ao redor. Pilhas vermelhas e brancas de pasta de dente Colgate-Palmolive e jarras de leite maltado se equilibravam atrás da cabeça do lojista; pacotes brilhantes de pó de malte estavam pendurados no teto como decorações de casamento; na frente da loja havia pirâmides de garrafas azuis de querosene e garrafas vermelhas de óleo de cozinha.

Keshava era um garoto pequeno, magro e de pele escura, com olhos enormes que fitavam as coisas demoradamente. Algumas pessoas que o conheciam insistiam que o menino tinha a energia de um beija-flor e estava sempre revoando por aí, perturbando todo mundo; para outros, era preguiçoso e melancólico, capaz de ficar sentado encarando o teto durante horas. Ele sorria e virava a cara quando era repreendido por seu comportamento, como se não tivesse nenhuma concepção sobre si mesmo e nenhuma opinião sobre o assunto.

O dono da loja apanhou de novo a garrafa de áraque, bebendo um pouco mais. Isso melhorou seu ânimo outra vez.

— Aqui a gente não bebe como no interior — disse, devolvendo o olhar atento de Keshava. — Só um golinho de cada vez. O cliente nem fica sabendo que eu estou bêbado — piscou um olho. — Na cidade é assim: a gente pode fazer o que quiser, desde que ninguém descubra.

Depois de fechar as persianas da loja, levou Vittal e Keshava para dar uma volta pelo mercado. Em toda parte havia homens dormindo no chão, cobertos em lençóis finos; depois de fazer algumas perguntas, Janardhana levou os garotos até uma viela atrás do mercado. Homens, mulheres e crianças dormiam numa longa fila até o fundo da rua. Keshava e Vittal se mantiveram à parte enquanto o comerciante negociava com um dos moradores dali.

— Se dormirem aqui, vão ter que pagar ao Chefe — queixou-se o morador.

— E o que vou fazer com eles, eles precisam dormir em alguma parte!

— Bom, o senhor está se arriscando, mas se tiver mesmo que deixar os garotos aqui, tente bem ali no fundo.

O beco terminava num muro que pingava continuamente; os canos de drenagem estavam mal-encaixados. Um grande latão de lixo naquela ponta da rua soltava um fedor horrível.

— O tio não vai levar a gente para a casa dele, irmão? — sussurrou Keshava quando o dono da loja, depois de lhes dar alguns conselhos sobre como dormir ao relento, desapareceu.

Vittal o beliscou.

— Estou com fome — disse Keshava, depois de alguns minutos. — Podemos encontrar o tio e pedir comida a ele? Os dois irmãos estavam deitados lado a lado, envoltos em seus lençóis, junto à lata de lixo.

Em resposta, o irmão de Keshava se cobriu inteiramente com o lençol e ficou deitado ali dentro, imóvel, feito um casulo.

Keshava não conseguia acreditar que teria de dormir ali — e de barriga vazia. Por piores que fossem as coisas em casa, ele ao menos sempre tivera o que comer. Agora todas as frustrações da noite, o cansaço e a confusão se combinavam, e ele chutou com força aquela figura envolta em lençóis. Seu irmão, como se tivesse estado justamente à espera de uma provocação como aquela, livrou-se do lençol, segurou a cabeça de Keshava com as mãos e a bateu duas vezes contra o chão.

— Se você fizer mais um barulho, juro que vou lhe deixar sozinho nesta cidade.

— Depois se cobriu outra vez com o lençol e deu as costas ao irmão.

E embora sua cabeça estivesse doendo, Keshava teve medo do que o irmão havia acabado de dizer. Manteve a boca fechada.

Deitado ali, com a cabeça latejando, Keshava se perguntou, embotado, como é que ficara decidido que aquele sujeito e este sujeito seriam irmãos; e pensou em como as pessoas vinham para a terra, e em como a deixavam. Era uma curiosidade sonsa. Depois começou a pensar em comida. Estava num túnel, e aquele túnel era sua fome, e no final do túnel, se seguisse em frente, prometeu-se, haveria uma grande montanha de arroz coberta de lentilhas quentes, com grandes pedaços de galinha.

Abriu os olhos; havia estrelas no céu. Olhou para elas, para bloquear o fedor do lixo.

QUANDO CHEGARAM À LOJA na manhã seguinte, o comerciante estava usando um longo bastão para pendurar bolsas plásticas de pó de malte em ganchos no teto.

— Você — disse o comerciante, apontando para Vittal. Mostrou ao garoto como pendurar cada saco na ponta do bastão e depois erguê-lo para prendê-lo no gancho do teto.

— Fazer isto leva 45 minutos toda manhã; às vezes uma hora. Não é para fazer o trabalho às pressas. Você não tem problema em trabalhar, tem?

Depois, com o jeito indiferente de falar que era típico dos ricos, falou:

— Neste mundo, quem não trabalha não tem o que comer.

Enquanto Vittal pendurava os sacos plásticos no gancho, o comerciante ordenou a Keshava que se sentasse atrás do balcão. Deu-lhe seis folhas de papel, onde estavam impressas as caras de atrizes de cinema, e seis caixas de varetas de incenso. O garoto deveria cortar as fotografias, colocá-las nas caixas de incenso, cobri-las rapidamente com celofane e prender o celofane à caixa com fita adesiva.

— Com moças bonitas dentro, dá para cobrar dez paisas a mais — disse o comerciante. — Você sabe quem é esta aqui? — mostrou a Keshava a fotografia

que o menino acabava de cortar da folha. — Ela é famosa nos filmes em hÍndi.

Keshava começou a cortar a fotografia da atriz seguinte da folha de papel. À frente deles, abaixo do balcão, pôde ver onde o dono da loja escondia sua garrafa de bebida barata.

Ao meio-dia a mulher do comerciante veio com o almoço. Ela olhou para Vittal, que desviou os olhos, e para Keshava, que a encarou. Depois disse:

— Não tem comida suficiente para os dois. Mande um deles para a barbearia.

Keshava, seguindo instruções que havia decorado, avançou pelas ruas desconhecidas até chegar a uma parte da cidade onde encontrou um barbeiro trabalhando na rua. O homem havia montado sua barraquinha de barbeiro em frente a um muro, pendurando o espelho num prego enfiado entre uma placa sobre planejamento familiar e um pôster antituberculose.

Um cliente estava sentado numa cadeira em frente ao espelho, envolto num pano branco, e o barbeiro o barbeava. Keshava esperou até que o cliente fosse embora.

O barbeiro coçou a cabeça e examinou Keshava da cabeça aos pés.

— Que tipo de trabalho posso lhe oferecer, garoto?

A princípio o barbeiro não conseguiu pensar em nada que o menino pudesse fazer além de segurar o espelho para que os clientes se examinassem depois de barbeados. Depois pediu a Keshava que cortasse as unhas dos pés e os calos dos clientes enquanto ele os barbeava. A seguir, ordenou ao menino que varresse o cabelo caído na calçada.

— Sirva alguma comida a ele também, é um bom garoto — disse o barbeiro à sua mulher quando ela chegou com chá e biscoitos, às quatro da tarde.

— Ele é o garoto do dono da loja, pode arrumar comida por conta própria. Além disso é *hoyka*, você quer que ele coma com a gente?

— É um bom menino, deixe ele pegar alguma comida. Só um pouco.

Só depois de ver o rapaz devorar os biscoitos, o barbeiro percebeu por que o dono da loja o mandara para lá.

— Meu Deus! Você não comeu nada o dia inteiro?

NA MANHÃ SEGUINTE, QUANDO KESHAVA APARECEU, o barbeiro lhe deu umas palmadinhas nas costas. Ainda não sabia exatamente o que fazer com o menino, mas isso já não parecia ser um problema; ele sabia que não poderia deixar aquele garoto, que tinha uma cara tão adorável, morrer de fome o dia inteiro na loja do comerciante. De tarde, Keshava ganhou um almoço. A mulher do barbeiro resmungou, mas seu marido encheu o prato de Keshava com grandes porções de *curry* de peixe.

— Ele trabalha firme, fez por merecer.

Naquela noite, Keshava acompanhou o barbeiro numa sessão de serviços em domicílio; foram de casa em casa e esperaram pelos clientes em seus quintais. Enquanto Keshava ajeitava uma pequena cadeira de madeira no quintal, o barbeiro jogava um lençol branco em volta do pescoço do cliente e lhe perguntava como queria o cabelo. Depois de cada sessão, o barbeiro sacudia o pano branco com força, limpando os cabelos que ficavam nele; quando passavam de uma casa à seguinte, o barbeiro fazia comentários sobre o cliente.

— O daquele cliente não fica em pé, da para saber pelo bigode dele, que está todo mole. — Vendo o olhar perdido de Keshava, disse: — Acho que você ainda não sabe nada sobre essa parte da vida, hem, garoto? — Depois, arrependendo-se da confiança, sussurrou para o menino: — Não vá repetir isso para a minha mulher.

Sempre que atravessavam a rua, o barbeiro segurava o garoto pelo punho.

— É *perigoso* aqui — disse, pronunciando a palavra principal em inglês, de um jeito trêmulo, enfatizando toda a dramaticidade da palavra estrangeira. — Basta um momento de desatenção nesta cidade e toda a sua vida acaba. *Perigoso*.

De noite, Keshava voltou ao beco atrás do mercado. Seu irmão estava deitado com o rosto voltado para o solo, dormindo profundamente, cansado demais até para esticar o lençol. Keshava virou Vittal de cabeça para cima, desdobrou o lençol e cobriu-lhe o rosto até a altura do nariz.

Como Vittal já estava dormindo, puxou seu colchão para bem perto do irmão, de modo que seus braços se tocassem. Caiu no sono fitando as estrelas.

Um barulho horrível o acordou no meio da noite: três gatinhos se perseguiam bem em volta de seu corpo. Pelas manhãs, Keshava via seu vizinho alimentar os gatinhos com um pote de leite. Tinham a pele amarela e suas pupilas eram alongadas, pareciam arranhões.

— Vocês já arrumaram o dinheiro? — perguntou o vizinho quando Keshava se aproximou para brincar com os gatinhos. Ele explicou que Vittal e Keshava teriam de pagar uma taxa a um “chefe” local, um dos que coletavam pagamentos dos indigentes das ruas de Kittur em troca de “proteção”, principalmente de si mesmo.

— Mas onde está o tal Chefe? Eu e meu irmão nunca vimos esse cara aqui.

— Ele vem hoje à noite. Foi o que nos disseram. É melhor estarem com o dinheiro pronto, caso contrário ele vai bater em vocês.

Nas semanas seguintes, Keshava adquiriu uma rotina. Pelas manhãs trabalhava na barbearia; depois estava livre para fazer o que bem entendesse. Perambulava pelo mercado, que parecia estar sempre cheio de coisas brilhantes e caras. Até as vacas que comiam o lixo pareciam muito maiores neste mercado que em sua vila. Perguntou-se o que haveria no lixo que deixava as vacas tão gordas. Uma vaca preta com chifres extraordinários pas-sou por ali; parecia um animal mágico de alguma outra terra. Em seu vilarejo Keshava costumava montar em vacas, e queria montar neste animal, mas tinha medo de fazê-lo aqui na cidade. Em Kittur parecia haver comida por toda parte; nem os pobres morriam de fome aqui. Keshava viu os pobres receberem restos de comida em frente ao templo jainista. Viu um comerciante tentando dormir em meio à algazarra do mercado, cobrindo a cabeça com um capacete de moto. Viu lojas vendendo pulseiras de vidro, camisas brancas e camisetas interiores em bolsas de celofane, mapas da Índia com os estados marcados.

— Ei! Sai do caminho, caipira!

Keshava se virou. O homem estava dirigindo um carro de boi repleto de caixas de papelão empilhadas, formando uma pirâmide; o menino se perguntou o que haveria nas caixas.

Keshava queria ter uma bicicleta, para andar bem rápido pela avenida principal e mostrar a língua a esses sujeitos arrogantes que andavam de carro de boi e que

sempre eram grossos com ele. Mas acima de tudo, queria ser trocador de ônibus. Eles ficavam pendurados na lateral dos ônibus gritando para que as pessoas entrassem mais rápido, xingando quando um motorista rival os ultrapassava; tinham uniformes cáqui e apitos pretos pendurados do pescoço em cordões vermelhos.

Uma noite, quase todo o mercado parou para ver um macaco que passou andando sobre um fio de telefone acima das cabeças das pessoas. Keshava ficou olhando para o macaco, maravilhado. O escroto cor-de-rosa do animal balançava entre as pernas, e as enormes bolas vermelhas batiam nas laterais do fio. O animal pulou para um prédio no qual estava pintado um sol azul e ficou sentado ali, olhando indiferente para a multidão.

De repente, um autorriquixá acertou Keshava, lançando-o no meio da rua. Antes que ele conseguisse ficar em pé, viu o motorista do veículo na frente dele, gritando furioso.

— Levanta! Seu filho de uma careca! Levanta! Levanta! — O motorista já tinha fechado um punho, e Keshava cobriu o rosto com as mãos, implorando.

— Deixe o garoto em paz.

Um homem gordo que vestia um sarongue azul ficou parado sobre Keshava, apontando um pedaço de pau para o motorista do autorriquixá. O motorista resmungou, mas se virou e voltou para o veículo. Keshava quis segurar as mãos do homem do sarongue azul e beijá-lo, mas ele já havia desaparecido na multidão.

MAIS UMA VEZ OS GATOS ACORDARAM Keshava no meio da noite. Antes que ele pudesse voltar a dormir, ouviu-se um apito alto na outra ponta do beco.

— O Irmão chegou! — gritou alguém.

Seguiu-se uma confusão de roupas e lençóis; todos os homens foram ficando em pé em volta de Keshava. Um homem barrigudo, vestindo uma camiseta interior branca e um sarongue azul, estava em pé no começo do beco, com as mãos nos quadris. Rugiu:

— Então, minhas queridas criaturas do lixo, vocês pensaram que podiam deixar

de pagar o seu pobre Irmão vindo aqui para este beco, não foi?

O gordo — que chamava a si mesmo de Irmão — se aproximou de cada um dos moradores do beco. Keshava percebeu: era o homem que o salvara no mercado. Com seu pedaço de pau, o Irmão cutucou cada um dos que dormiam ali e perguntou:

— Há quanto tempo você não me paga? Hem? Vittal estava aterrorizado, mas um vizinho sussurrou:

— Fica frio, ele só vai mandar você se agachar e pedir desculpas, depois vai embora. Ele sabe que não tem dinheiro neste beco.

Quando o homem alcançou Vittal, parou e o examinou com cuidado.

— E o senhor, caro marajá de Mysore, permita que eu o importune por um segundo. Seu nome?

— Vittal, filho do barbeiro de Vila Gurupura, senhor.

— *Hoyka?*

— Sim, senhor.

— Quando foi que chegou neste beco?

— Quatro meses atrás — disse Vittal, deixando escapar a verdade.

— E quantos pagamentos você me fez nesse período? Vittal não disse nada. O gordo lhe deu uma bofetada e Vittal cambaleou para trás, tropeçou nos lençóis e caiu com força no chão.

— Não bate nele, bate em mim! O homem de sarongue azul se virou para Keshava.

— Ele é meu irmão, é meu único parente no mundo! Em vez de bater nele, bate em mim. Por favor!

O homem baixou o pedaço de pau; estreitando os olhos, examinou o garotinho.

— Um *hoyka* tão corajoso? Isso não é comum. A sua casta está cheia de

covardes, esta é a experiência do Irmão aqui em Kittur.

Apontou para Keshava com o bastão e se dirigiu a todo o beco:

— Todos vocês: vejam como ele defende o irmão. Uá, uá. Meu jovem, por você, vou salvar a pele do seu irmão esta noite. — Tocou na cabeça de Keshava com o bastão. — Na quinta-feira, venha me ver. Na estação de ônibus. Tenho trabalho para garotos corajosos como você por lá.

Na manhã seguinte, o barbeiro ficou perplexo quando Keshava lhe falou da enorme sorte que tivera.

— Mas quem vai segurar o espelho? O barbeiro segurou o garoto pelo punho.

— É *perigoso* trabalhar com aquele pessoal dos ônibus. Fique comigo, Keshava. Pode vir dormir na minha casa, para não ser mais incomodado por esse tal de Irmão; você seria como um filho para mim.

Mas o coração de Keshava já estava nos ônibus. Todos os dias ele ia direto para a estação rodoviária no final do Mercado Central para limpar os ônibus com um esfregão e um balde de água. Era o mais animado dos limpadores. Quando estava dentro do ônibus, segurava o volante e fingia estar dirigindo, *vruum-vruum*.

— Temos um belo probleminha por aqui — falou o Irmão, e os motoristas riram e concordaram. Enquanto estava sentado ao volante, fingindo dirigir, o menino fazia muito barulho e usava os palavrões mais grosseiros que conhecia, mas se alguém o interrompesse e perguntasse “qual é o seu nome, boca-suja?”, o menino ficava confuso, revirava os olhos e dava um tapa no alto de sua cabeça antes de dizer:

— Keshava... é, isso. Keshava. Acho que o meu nome é esse. Eles riam alto e diziam:

— Este cara anda meio mal da cabeça!

Um dos trocadores gostou dele e o chamou para dar uma volta no ônibus das 16h.

— Só uma volta, entendeu? — alertou o garoto num tom sério. — Você vai ter

que sair do ônibus às 17h15.

O trocador voltou à estação com Keshava às 22h10.

— Ele traz sorte — disse, desarrumando o cabelo do garoto.

— Ganhamos de todos os ônibus cristãos hoje; uma lavada total.

Em pouco tempo todos os trocadores começaram a convidá-lo para andar em seus ônibus. O Irmão, que era um homem supersticioso, observou o fato e declarou que Keshava trouxera sorte de sua vila.

— Um rapaz novo como você, cheio de ambição! — Deu uma pancadinha no traseiro de Keshava com seu bastão. — Quem sabe um dia você não vira trocador de ônibus, boca-suja?

— É mesmo? — Keshava esbugalhou os olhos.

Keshava ia nos ônibus que rugiam pela rua do mercado às cinco da tarde, a hora de maior movimento, e o ônibus número 77 seguia bem à frente deles.

Keshava estava sentado na frente, ao lado do motorista. Era uma torcida de um homem só.

— Vai deixar eles ganharem da gente? — perguntou ao motorista. — Vai deixar os cristãos ultrapassarem os ônibus hindus?

O trocador abria caminho com dificuldade entre a multidão, imprimindo bilhetes e coletando dinheiro, com o apito na boca o tempo todo. O ônibus ganhou velocidade, quase acertando uma vaca. Descendo a rua a toda velocidade, o ônibus número 5 emparelhou com o número 243, um motoqueiro assustado numa lambreta desviou à esquerda para salvar a própria vida, e então — com uma grande comemoração entre os passageiros! — ultrapassou seu rival. O ônibus hindu havia ganhado!

De noite, Keshava lavava os ônibus e prendia varetas de incenso nos retratos dos deuses Ganapati e Krishna colados nos retrovisores.

No domingo estava livre depois do meio-dia. Keshava explorava o Mercado Central, seguindo dos verdureiros numa ponta até os vendedores de roupa na

outra.

Aprendeu a observar o que as pessoas observavam. Aprendeu a distinguir as camisas que valiam o que custavam das que eram um roubo; aprendeu o que fazia um bom *dosa* e o que fazia um ruim. Tornou-se um conhecedor do mercado. Aprendeu a cuspir; não como fazia no passado, simplesmente limpando a garganta ou o nariz, mas com alguma arrogância — com estilo. Quando, mais uma vez, as chuvas não vieram e mais caras novas apareceram no mercado saídas do interior, Keshava zombou daquela gente: “Ah, seus caipiras!” Dominou a vida no mercado; aprendeu a cruzar a rua apesar do tráfego contínuo, simplesmente erguendo a mão como uma placa de “pare” e avançando rápido, ignorando as buzinas altas dos motoristas irritados.

Quando havia um jogo de críquete, todo o mercado fervilhava. Keshava seguia de loja em loja, cada lojista tinha um radinho preto que emitia um barulho crepitante com a narração do jogo. O mercado ficava alvoroçado como uma colmeia, secretando, de cada célula, comentários sobre o críquete.

À noite, as pessoas comiam à beira da estrada. Cortavam lenha e a usavam para alimentar os fogareiros, ficavam sentadas ao redor do fogo, brilhando diante das chamas trêmulas, abatidas e tesas. Cozinhavam sopa e às vezes peixe frito. Keshava fazia pequenos favores, como carregar garrafas vazias, pão, arroz e blocos de gelo para lojas próximas na parte de trás de sua bicicleta, e por isso era convidado a comer com eles.

Já quase não via Vittal. Quando retornava ao beco, seu irmão já estava envolto no lençol e roncava baixo.

UMA NOITE, TEVE UMA SURPRESA: o barbeiro, que temia que Keshava estivesse sendo influenciado pelos sujeitos “perigosos” da estação de ônibus, levou-o para ver um filme, segurando firme sua mão por todo o caminho até o cinema. Quando saíram da sessão, o barbeiro mandou Keshava esperar, pois ia conversar com um amigo que vendia folhas de *paan* ali em frente.

Enquanto esperava, Keshava ouviu um batuque e gritos; foi até a esquina para descobrir de onde vinha daquele som. Um homem estava batucando um longo tambor em frente a um playground; ao lado dele havia uma chapa de metal onde estavam pintadas as imagens de homens gordos usando cuecas azuis, enfrentando-se numa luta.

O homem do tambor não deixou Keshava entrar. A entrada é duas rupias, falou. Keshava suspirou e se pôs a caminhar de volta ao cinema. No caminho, viu um grupo de meninos escalando um muro que dava para o playground; seguiu-os.

Dois lutadores ocupavam o tanque de areia no meio do playground; um deles usava um calção cinza, o outro estava de amarelo. Havia outros seis ou sete lutadores ao lado do tanque, agitando as pernas e os braços. Ele nunca vira homens com cinturas tão finas e ombros tão enormes; ficou empolgadíssimo só de ver seus corpos.

— Govind Pehlwan contra Shamsheer Pehlwan — anunciou um homem com um megafone.

O homem do megafone era o Irmão.

Os dois lutadores tocaram o chão e depois ergueram os dedos até a testa; a seguir, avançaram um sobre o outro feito dois ursos. O que estava de short cinza cambaleou e escorregou, e o de amarelo o imobilizou no chão; depois a situação se inverteu. As coisas continuaram assim por mais algum tempo, até que o Irmão os separou, dizendo:

— Que luta!

Os lutadores, cobertos de areia, saíram para um lado e se lavaram. Por baixo dos shorts, para a surpresa de Keshava, estavam usando uma outra peça de roupa, com a qual tomaram banho. De repente, um dos lutadores esticou um braço e apertou a nádega do outro. Keshava esfregou os olhos para se assegurar de que realmente tinha visto aquilo.

— Próxima: Balram Pehlwan contra Rajesh Pehlwan — anunciou o Irmão.

A terra clara do tanque já estava escura no centro, onde o confronto havia sido mais intenso. Os espectadores estavam sentados na grama de um monte ao lado do tanque. O Irmão caminhou em volta do tanque, comentando a ação.

— Uá, uá — gritava, sempre que um lutador imobilizava o outro. Uma nuvem de mosquitos se agitava acima deles, como se também estivessem animados com a luta.

Keshava caminhou ao longo da multidão de espectadores; viu garotos de mãos

dadas, ou apoiando a cabeça no peito do outro. Sentiu inveja; quis ter um amigo ali também, para poder segurar sua mão.

— Entrou de penetra, não foi? — O Irmão tinha se aproximado dele. Apoiou um braço no ombro de Keshava e piscou um olho. — Não foi uma boa ideia: o dinheiro da bilheteria fica para mim, portanto é de mim que você está roubando, seu patife!

— Eu preciso ir — disse Keshava, envergonhado. — O barbeiro está me esperando.

— Que se dane o barbeiro — rosnou o Irmão. Mandou Keshava se sentar ao lado dele e voltou a comentar a luta com seu megafone.

— Eu também era como você — disse o Irmão, ao fazer uma pausa nos comentários. — Um garoto sem nada. Saí da minha vila e perambulei até aqui de mãos vazias. E veja só o que consegui...

Abriu bem os braços, e Keshava os viu abarcar os lutadores, os vendedores de amendoim, os mosquitos, o homem que batucava no portão: o Irmão parecia ser o dono de tudo o que era importante no mundo.

Naquele noite, o barbeiro foi até o beco e abraçou Keshava, que tinha se deitado para dormir.

— Ei, você sumiu depois do cinema, onde foi parar? Achamos que tivesse se perdido.

Apoiou a mão na cabeça de Keshava e despenteou seu cabelo.

— Você agora é como um filho para mim, Keshava. Vou dizer à minha mulher que precisamos levar você para a nossa casa. Espere ela concordar, depois pode vir comigo. Esta é sua última noite aqui.

Keshava se virou para Vittal, que havia afastado um canto de seu lençol para poder ouvir. Vittal cobriu a cabeça com o lençol e se virou para o outro lado.

— Pode fazer o que quiser com ele — murmurou Vittal —, eu já tenho bastante o que fazer, cuidando de mim mesmo.

UMA NOITE, ENQUANTO KESHAVA ESFREGAVA as laterais do ônibus, um bastão bateu no chão ao seu lado.

— Boca-suja! — Era o Irmão, com sua camiseta interior branca. — Precisamos de você numa manifestação.

Toda uma gangue de garotos da estação de ônibus estava sendo levada num ônibus número 5 até o Nehru Maidan. Uma enorme multidão estava reunida ali. Havia mastros cravados no solo nos quais flamejavam bandeiras em miniatura do partido do Congresso.

Um enorme palco havia sido montado no meio do campo, e acima dele estava pendurada a imagem gigante de um homem de bigode e óculos pretos e grossos, com os braços erguidos como se estivesse dando uma bênção universal. Seis homens vestidos de branco estavam sentados no palco embaixo da pintura. Um orador falava ao microfone:

— Ele é *hoyka*, fica sentado ao lado do primeiro-ministro Rajiv Gandhi e lhe dá conselhos! Assim todo mundo pode ver que os *hoykas* são honestos e confiáveis, apesar das calúnias que os *bunts* e as outras castas altas espalham sobre nós!

Depois de algum tempo, o Parlamentar em pessoa — o mesmo homem cujo rosto aparecia na pintura — foi ao microfone. Imediatamente, o Irmão assobiou:

— Comecem a gritar.

A dúzia de garotos, parados juntos atrás da multidão, encheu os pulmões e falou a todo volume:

— Vida longa ao herói do povo *hoyka*! Gritaram seis vezes, e depois o Irmão ordenou que se calassem. O homem ilustre falou durante mais de uma hora.

— Vai haver um templo *hoyka*. Não importa o que digam os brâmanes; não importa o que digam os ricos; vai haver um templo *hoyka* nesta cidade. Com sacerdotes *hoykas*. E deuses *hoykas*. E deusas *hoykas*. E portões *hoykas*, sinos *hoykas*, até mesmo capachos e maçanetas *hoykas*! E por quê? Porque somos noventa por cento desta cidade! Temos nossos direitos aqui!

— Somos noventa por cento desta cidade! Somos noventa por cento desta cidade! — O Irmão instruiu aos garotos que gritassem isso. Os outros garotos

obedeceram; Keshava se aproximou do Irmão e gritou em seu ouvido:

— Mas nós não somos noventa por cento desta cidade. Isso não é verdade.

— Cale a boca e grite.

Depois da procissão, passaram caminhões distribuindo garrafas de bebida, e os homens se acotovelaram para pegá-las.

— Ei — disse o Irmão para Keshava, apontando —, pegue uma bebida, vamos lá, você merece. — Deu-lhe uma palmada nas costas; os outros enfiaram a bebida na garganta de Keshava, e ele tossiu.

— A estrela dos piqueteiros!

Naquela noite, quando Keshava finalmente voltou para o beco, Vittal o esperava de braços cruzados.

— Você está bêbado.

— E daí? — Keshava bateu com o punho no peito. — Você é meu pai, por acaso?

Vittal se virou para o vizinho, que estava brincando com seus gatos, e gritou:

— Este cara está perdendo todo o senso de moral nesta cidade. Já não sabe distinguir o certo do errado. Anda por aí com bêbados e criminosos.

— Não fale assim do Irmão, estou avisando — disse Keshava em voz baixa. Mas Vittal continuou:

— Que diabos você pensa que está fazendo, vadiando pela cidade tão tarde? Está pensando que eu não sei o tipo de animal que você virou?

Lançou um soco na direção de Keshava; mas o irmão mais novo segurou sua mão.

— Não encoste em mim.

Depois, sem saber muito bem o que estava fazendo, apanhou seus lençóis e se

pôs a caminhar pelo beco.

— Onde você pensa que vai? — gritou Vittal.

— Estou indo embora.

— E onde vai dormir hoje?

— Com o Irmão.

Já estava quase saindo do beco quando ouviu Vittal gritar seu nome. Havia lágrimas correndo pelo rosto do irmão. Chamar seu nome não era suficiente; ele queria que Vittal viesse correndo e o tocasse, o abraçasse, implorasse para que ele não fosse embora.

Uma mão tocou seu ombro; o coração de Keshava deu um pulo. Mas quando ele se virou, não viu Vittal, e sim o vizinho. Um segundo depois, os gatos também se aproximaram e se puseram a lamber seus pés, miando ferozmente.

— Você sabe que o Vittal não fez por mal! Ele está preocupado com você, só isso: você tem andado com um bando perigoso. Esqueça o que ele falou e volte.

Keshava apenas fez que não com a cabeça.

Eram dez da noite. Caminhou até a oficina mecânica que consertava os ônibus. Na escuridão, dois homens de máscara cortavam metal com uma chama azul; fumaça, faíscas, um cheiro intenso, um barulho alto.

Depois de algum tempo, um dos homens de máscara apontou para cima com a mão e, sem saber o que ele queria dizer com aquilo, Keshava seguiu em frente, passando pelos ônibus. Viu uma mulher agachada no chão, que ele nunca vira antes. Ela estava massageando os pés do Irmão, sentado sem camisa numa cadeira de vime.

— Irmão, deixe eu ficar, não tenho para onde ir. O Vittal me expulsou de lá.

— Pobre garoto! — Sem se levantar da cadeira, o Irmão se virou para a mulher que estava massageando seu pés. — Está vendo o que acontece com a estrutura familiar neste país? Irmãos botando irmãos na rua!

Levou Keshava até um prédio próximo que, explicou, era um albergue que ele mantinha para os melhores trabalhadores da estação de ônibus. Abriu uma porta; lá dentro havia várias fileiras de camas, e em cada cama havia um menino. O Irmão arrancou as cobertas de uma cama. Um garoto estava deitado ali, com a cabeça nas mãos.

Acordou o garoto a tapas.

— Levanta e cai fora desta casa.

Sem reclamar, o menino se levantou sem jeito, tentando juntar suas coisas. Foi até um canto e se agachou; estava confuso demais para saber aonde ir.

— Cai fora! Você não aparece para trabalhar há três semanas! — gritou o Irmão.

Keshava sentiu pena daquela figura agachada e quis gritar: não, não bota ele para fora, Irmão! Mas entendeu: esta noite, era o menino ou ele naquela cama.

Alguns segundos depois, a figura agachada tinha desaparecido.

Um longo varal tinha sido preso entre duas vigas no teto, de onde pendiam os sarongues de algodão dos meninos, uns sobre os outros feito fantasmas amontoados. Pôsteres de atrizes do cinema e do deus Ayappa, sentado em seu pavão, cobriam as paredes. Os garotos estavam amontoados ao redor das camas, encarando-o e zombando dele.

Ignorando-os, Keshava apanhou suas coisas: uma camisa extra, um pente, meio frasco de óleo de cabelo, um pouco de fita adesiva e seis fotos de atrizes do cinema que havia roubado da loja de seu parente. Prendeu as fotos acima de sua cama com fita adesiva.

Os outros garotos se reuniram em volta dele imediatamente.

— Você sabe os nomes dessas gatinhas de Bombaim? Fala para a gente.

— Esta aqui é a Hema Malini — disse Keshava. — Aquela é a Rekha, ela é casada com o Amitabh Bachhan. A afirmação provocou risos nos garotos em volta dele.

— Ei, garoto, não é a esposa dele. É a *namorada*. O Amitabh come ela todo

domingo numa casa em Bombaim.

Keshava sentiu tanta raiva ao ouvir aquilo que ficou em pé e gritou incoerências para eles. Depois disso, ficou deitado com a cara enfiada na cama durante uma hora.

— Moleque irritadinho. Parece uma moça, tão delicado e irritadinho.

Keshava cobriu a cabeça com o travesseiro; ficou pensando em Vittal, perguntando-se onde ele estaria agora mesmo, por que não estava dormindo ali ao seu lado. Pôs-se a chorar no travesseiro.

Outro garoto se aproximou:

— Você é *hoyka*? — perguntou. Keshava fez que sim.

— Eu também — disse o garoto. — Os outros meninos são *bunts*. Eles se acham melhores que a gente. Eu e você, a gente devia andar junto.

Depois sussurrou:

— Tenho que te avisar uma coisa. De noite, um dos garotos anda pelo quarto batendo nos paus dos meninos. Keshava se surpreendeu.

— Qual deles faz isso?

Ficou acordado a noite inteira, sentando-se na cama sempre que alguém se aproximava dele. Só de manhã, vendo os outros garotos rirem histericamente enquanto escovavam os dentes, percebeu que tinha sido sacaneado.

Em menos de uma semana, era como se ele sempre tivesse vivido no alojamento.

Algumas semanas depois, o Irmão veio procurá-lo.

— Hoje é seu grande dia, Keshava. Mataram um dos trocadores ontem à noite, numa briga no boteco. — Ergueu bem o braço de Keshava, como se ele tivesse vencido uma luta. — O primeiro trocador de ônibus *hoyka* na nossa companhia! Ele é um orgulho para seu povo!

Keshava foi promovido a trocador-chefe de um dos 26 ônibus que faziam a rota

número 5. Ganhou um uniforme cáqui novinho em folha, seu próprio apito preso num barbante vermelho e blocos de bilhetes escritos em marrom, verde e cinza, todos trazendo o número 5.

Enquanto o ônibus andava, Keshava ficava pendurado na lateral, segurando uma barra de metal com o apito na boca; soltava um apito forte para mandar o motorista parar e dois apitos para que seguisse em frente. Assim que o ônibus parava, saltava para a rua e gritava com os passageiros: “pra dentro, pra dentro”. Esperando até o ônibus arrancar outra vez, pulava para os degraus de metal da entrada e ficava pendurado ali, segurando a barra. Empurrando, gritando e abrindo caminho dentro do ônibus lotado, recolhia o dinheiro e entregava os bilhetes, embora não fossem necessários — ele já conhecia a cara de todos os passageiros; mas a tradição era emitir bilhetes, portanto ele fazia aquilo, rasgando-os e entregando-os para os passageiros ou mandando-os pelo ar para os que estavam fora de alcance.

De noite, os outros garotos da limpeza, impressionados com sua rápida promoção, se reuniam ao redor dele na estação de ônibus.

— Consertem aquilo ali! — gritou Keshava, apontando para a barra de metal da qual ficava pendurado no ônibus. — Fica sacolejando o dia inteiro, está frouxa demais.

— Não é tão divertido — disse, depois que o serviço estava feito e os garotos se agacharam ao redor dele, encarando-o com olhos embaçados. — Tudo bem, tem meninas no ônibus, mas não dá para mexer com elas; afinal, você é o trocador. Também tem a preocupação constante de não deixar esses cristãos desgraçados ganharem da gente e roubarem os clientes. Não senhor, não é nada divertido.

Quando as chuvas começaram, ele tinha que abaixar as coberturas de couro sobre as janelas para que os passageiros não se molhassem; mas a água sempre arrumava um jeito de entrar e o ônibus ficava frio e molhado. A chuva deixava o para-brisa todo embaçado; manchas de água prateada cobriam o vidro feito gotas de mercúrio. O mundo lá fora ficava nebuloso, e Keshava segurava firme na barra, inclinando-se para fora para ajudar o motorista a encontrar o caminho.

De noite, deitado na cama do alojamento, depois de mandar um garoto secar seu cabelo com uma toalha branca e outro massagear seus pés (esses eram seus

novos privilégios), viu o Irmão entrar no dormitório trazendo consigo uma bicicleta velha e enferrujada.

— Você não pode mais ficar andando a pé pela cidade, agora que é um bambambã. Meus trocadores têm de andar com estilo.

Keshava puxou a bicicleta para junto da cama; naquela noite, para encanto dos outros garotos, foi dormir com a bicicleta ao seu lado.

Uma noite, na estação de ônibus, viu um aleijado sentado, assoprando seu chá de pernas cruzadas, expondo o toco de madeira de sua perna artificial.

Um dos meninos riu.

— Não está reconhecendo o seu patrocinador?

— Como assim? O garoto falou:

— A bicicleta que você está usando é desse homem!

O garoto explicou que o aleijado já tinha sido trocador de ônibus, assim como Keshava; mas tinha caído do ônibus, suas pernas foram esmagadas por um caminhão que passava e ele precisou ser amputado.

— E graças a isso, agora você tem a sua própria bicicleta! — disse gargalhando, e deu um tapa nas costas de Keshava, todo animado. O aleijado tomava seu chá devagar, fitando a bebida intensamente, como se aquele fosse seu único prazer na vida.

Quando Keshava não estava trabalhando no ônibus, o Irmão tinha uma série de serviços de entrega para que ele fizesse na bicicleta; uma vez, teve que amarrar um bloco de gelo na parte de trás da bicicleta e levá-lo até o centro da cidade, deixando-o na casa de Mabroor Engineer, o homem mais rico da cidade, que tinha ficado sem gelo para seu uísque. De noite, porém, tinha permissão para andar de bicicleta só por diversão; o que geralmente significava conduzi-la a toda velocidade pela avenida principal que levava ao Mercado Central. Dos dois lados da rua, as lojas brilhavam à luz dos lampiões de parafina, e aquelas luzes e cores ao redor de Keshava o empolgavam tanto que ele tirava as duas mãos do guidão e berrava de alegria, freando bem a tempo de não acertar um autorriquixá.

Tudo parecia estar indo muito bem para ele; ainda assim, uma manhã, seus vizinhos o encontraram deitado na cama, encarando as fotos das atrizes de cinema e se recusando a levantar.

— Ele tem andado desanimado outra vez — comentaram os vizinhos. — Ei, por que você não bate uma punheta, vai fazer você se sentir melhor!

Na manhã seguinte ele foi ver o barbeiro. O velho não estava. A mulher dele estava sentada na cadeira do barbeiro, penteando o cabelo.

— É só esperar, ele está sempre falando de você. Sente muitas saudades suas, sabia? Keshava fez que sim; estalou os dedos e deu duas ou três voltas ao redor da cadeira.

Aquela noite, no dormitório, os outros garotos o agarraram enquanto ele penteava o cabelo e o arrastaram pela porta.

— Este cara tem andado desanimado há vários dias. Já é hora de levarmos ele para uma mulher.

— Não — disse Keshava. — Hoje não. Tenho que visitar o barbeiro. Prometi que ia...

— Vamos levar você numa barbeira, vai ver só. Ela vai fazer barba, cabelo e bigode!

Colocaram Keshava num autorriquixá e o levaram até o Bunder. Uma prostituta estava “visitando” homens numa casa perto das fábricas de camisas, e por mais que Keshava gritasse com eles, dizendo que não queria, eles disseram que aquilo iria curar seu desânimo, fazendo ele ficar normal como todo mundo.

Keshava pareceu mais normal nos dias que se seguiram. Uma noite, no final de seu turno de trabalho, viu um novo garoto da limpeza, um dos recém-contratados pelo Irmão, cuspir no chão enquanto ele limpava o ônibus; chamando-o para perto, Keshava lhe deu um tapa.

— Não vai cuspir em nenhum lugar perto do ônibus, entendeu? Era a primeira vez que batia em alguém. Aquilo fez Keshava se sentir bem. Daquele dia em diante, começou a bater regularmente nos garotos da limpeza, como faziam todos os outros trocadores.

No número 5, foi ficando cada vez melhor em seu trabalho. Já não caía em nenhuma artimanha. Aos garotos que tentavam andar de graça na volta do cinema usando seus passes escolares, ele dizia:

— Nada disso. Os passes só servem quando vocês estão indo ou voltando da escola. Se for só por diversão, tem que pagar a tarifa inteira.

Havia um menino que sempre dava problemas — um rapaz alto, bonito, que os amigos chamavam de Shabbir. Keshava via pessoas encararem a camisa dele com inveja. Perguntou-se por que aquele garoto estaria pegando o ônibus; pessoas como ele andavam de carro, com motorista. Uma noite, quando o ônibus parou no colégio para meninas, o garoto rico foi até os bancos reservados para mulheres e se inclinou para junto de uma das meninas.

— Com licença, srta. Rita. Eu só queria conversar com você.

A menina virou o rosto na direção da janela, afastando o corpo do dele.

— Por que não conversa comigo? — perguntou o garoto da camisa de Bombaim com um sorriso safado. Os amigos dele, lá no fundo, assoviaram e bateram palmas. Keshava arremeteu na direção do rapaz.

— Já chega! — Agarrou o garoto rico pelo braço e o puxou, afastando-o da menina. — Ninguém mexe com as mulheres no meu ônibus.

O garoto chamado Shabbir o encarou. Keshava o encarou de volta.

— Ouviu o que eu falei? — Rasgou um bilhete e o sacudiu na cara do garoto, para enfatizar o aviso. — Ouviu o que eu falei? O garoto rico sorriu.

— Sim, senhor — disse, estendendo a mão para o trocador, oferecendo um cumprimento. Confuso, Keshava o cumprimentou; os garotos da última fila riram e gritaram.

Quando o trocador recolheu a mão, encontrou uma nota de cinco rupias em sua palma. Keshava jogou a nota aos pés do garoto rico.

— Tente de novo, seu filho de uma careca, e vou jogar você voando para fora deste ônibus.

Ao descer do ônibus, a menina olhou para Keshava: ele viu gratidão em seus olhos e soube que havia feito a coisa certa.

Um dos passageiros sussurrou:

— Você sabe quem é aquele garoto? O pai dele é dono da videolocadora, e é o melhor amigo daquele Parlamentar. Viu a insígnia no bolso da camisa dele, escrito “CD”? O pai dele compra essas camisas numa loja em Bombaim e traz para o filho. Dizem que cada camisa custa cem rupias, talvez até duzentas.

Keshava respondeu:

— No meu ônibus, é melhor ele se comportar. Aqui não tem rico nem pobre; todo mundo compra o mesmo bilhete. E ninguém incomoda as mulheres.

Naquela noite, ao ouvir a história de Keshava, o Irmão lhe deu um abraço:

— Meu valente trocador de ônibus! Estou tão orgulhoso de você! — Levantou bem alto a mão de Keshava, e os outros aplaudiram. — Este garoto do interior mostrou aos ricos desta cidade como se comportar no ônibus número 5!

Na manhã seguinte, quando Keshava estava pendurado na barra de metal do ônibus, apitando para encorajar o motorista, a barra rangeu — e depois se soltou. Keshava caiu do ônibus em alta velocidade, acertou a estrada, rodou e bateu a cabeça no meio-fio.

Nos dias que se seguiram, os hóspedes do alojamento o encontravam encolhido na cama, à beira das lágrimas. A atadura já tinha sido tirada de sua cabeça e o sangramento cedera. Mas ele ainda estava calado. Quando iam cumprimentá-lo, Keshava acenava com a cabeça e sorria, como dizendo que sim, estava bem.

— Então por que não levanta e volta ao trabalho? Keshava não respondia nada.

— Está desanimado o dia inteiro. A gente nunca viu ele assim.

Mas depois de quatro dias sem trabalhar, eles o viram pendurado no ônibus, gritando com os passageiros, o mesmo de sempre.

Passaram duas semanas. Uma manhã, Keshava sentiu uma mão pesada em seu ombro. O Irmão viera vê-lo.

— Me disseram que você só apareceu para trabalhar um dia nos últimos dez. Isso é muito ruim, meu filho. Você não pode ficar desanimado. — O Irmão fechou um punho. — Você tem que estar cheio de vida. — Agitou o punho no ar em frente a Keshava, como que demonstrando a energia da vida.

Um garoto próximo lhe deu um tapinha na cabeça.

— Não tem nada que levante ele. Ficou perturbado. Aquela pancada na cabeça o transformou num mongoloide.

— Ele sempre foi mongoloide — disse outro garoto, penteando o cabelo num espelho. — Ele agora só quer comer e dormir de graça aqui no alojamento.

— Calem a boca! — O Irmão sacudiu o bastão na direção deles. — Ninguém fala assim do meu melhor piqueteiro! Cutucou com cuidado a cabeça de Keshava com o bastão.

— Está vendo o que andam falando de você, Keshava? Que você está fazendo esta cena só para roubar comida e cama do Irmão? Está vendo os insultos que espalham sobre você?

Keshava começou a chorar. Encolheu os joelhos junto ao peito, meteu a cabeça entre eles e chorou.

— Meu pobre garoto! — O próprio Irmão estava à beira das lágrimas. Sentou-se na cama e abraçou o menino. — Alguém tem de falar com a família dele — disse ao sair. — Não podemos manter o rapaz aqui se não estiver trabalhando.

— A gente falou com o irmão dele — responderam os vizinhos.

— E?

— Ele não quer saber do Keshava. Diz que já não há conexão entre eles. O Irmão bateu com o punho na parede.

— Está vendo como a vida familiar anda deteriorada ultimamente? — Sacudiu a mão, que estava doendo com a pancada. — Aquele rapaz tem de cuidar do irmão. Ele não tem opção! — gritou. Sacudiu o bastão no ar: — Aquele merdinha vai ver só! Vou forçar esse moleque a se lembrar de seu dever com o irmão mais novo.

Embora ninguém tivesse realmente expulsado Keshava, uma noite, quando voltou ao alojamento, encontrou outro garoto sentado em sua cama. O rapaz estava contornando o perfil de uma das atrizes de cinema com o dedo, e os outros garotos o provocavam:

— Ah, quer dizer que ela é a *esposa* dele? Não é não, seu idiota! Era como se aquele garoto sempre houvesse estado ali, e os outros sempre houvessem sido seus vizinhos. Keshava simplesmente foi embora, perambulando. Não tinha nenhum desejo de lutar para ter sua cama de volta.

Ficou sentado em frente às portas fechadas do Mercado Central naquela noite, onde alguns dos vendedores ambulantes o reconheceram e o alimentaram. Keshava não agradeceu; nem mesmo os cumprimentou. Aquilo continuou por alguns dias. Por fim, um dos vendedores lhe disse:

— Neste mundo, quem não trabalha, não come. Ainda não é tarde demais; vá até o Irmão, peça desculpas e implore para ter seu emprego de volta. Ele vê você como um parente...

Keshava perambulou em frente ao mercado durante algumas noites. Um dia acabou por voltar ao alojamento. O Irmão estava sentado outra vez na sala, e a mulher massageava seus pés.

— O vestido que a Rekha estava usando no filme era mesmo encantador, você não acha? — Keshava entrou no quarto devagar.

— O que você quer? — perguntou o Irmão, ficando em pé. Keshava tentou encontrar as palavras. Esticou os braços para o homem de sarongue azul.

— Este *hoyka* idiota enlouqueceu! E está fedendo! Tirem ele daqui!

Keshava foi agarrado por mãos que o arrastaram uma certa distância e o jogaram no chão. Sapatos de couro chutaram suas costelas.

Um pouco depois ouviu passos, e alguém o levantou. Muletas de madeira bateram na terra, e uma voz de homem disse:

— Quer dizer que o Irmão também não quis saber de você, hem...?

Keshava sentiu vagamente que estavam lhe oferecendo algo de comer. Sentiu o

cheiro — fedia a óleo de mamona e merda; rejeitou a comida. Sentiu cheiro de lixo ao seu redor e virou a cara para o céu; ao se fecharem, seus olhos estavam cheios de estrelas.

A HISTÓRIA DE KITTUR (EXTRAÍDA DE UMA BREVE HISTÓRIA DE KITTUR, DO PADRE BASIL D'ESSA, SJ)

“A palavra ‘Kittur’ é uma corruptela de ‘Kiri Uru’, ‘Cidade Pequena’, ou de ‘Kittamma’s Uru’ — Kittamma é uma deusa especializada em repelir a varíola, cujo templo ficava perto do lugar onde hoje se situa a estação ferroviária. Uma carta de um mercador cristão sírio escrita em 1091 recomenda a seus companheiros o excelente porto natural da cidade de Kittur, na Costa do Malabar. Durante todo o século XII, entretanto, a cidade parece ter desaparecido; mercadores árabes que visitaram Kittur em 1141 e 1190 registram apenas um campo selvagem. No século XIV, um dervixe chamado Yusuf Ali passou a curar leprosos no Bunder; quando ele morreu, seu corpo foi sepultado sob uma abóbada branca, e a estrutura — o Dargah de Hazrat Yusuf Ali — se tornou objeto de peregrinação, como ainda é na atualidade. Ao final do século XV, ‘Kittore, também conhecida como a cidadela dos elefantes’, aparece nos registros de coleta de impostos dos governantes Vijayanagara como uma das províncias de seu império. Em 1649, uma delegação missionária portuguesa formada por quatro homens e liderada pelo padre Cristóforo d’Almeida, SJ, percorreu a costa de Goa até Kittur; ali, encontrou “uma mistura deplorável de idólatras, maometanos e elefantes”. Os portugueses expulsaram os maometanos, pulverizaram os ídolos e transformaram os elefantes numa pilha de marfim sujo. Durante o século seguinte, Kittur — agora chamada Valência — passou de mão em mão entre os portugueses, os maratas e o Reino de Mysore. Em 1780, Hyder Ali, governante de Mysore, derrotou um exército da Companhia das Índias Orientais perto do Bunder; pelo Tratado de Kittur, assinado naquele ano, a Companhia renunciou às suas exigências sobre “Kittore, também chamada Valência ou Bunder”. A Companhia violou o tratado após a morte de Hyder Ali em 1782, estabelecendo um campo militar perto do Bunder; em retaliação, Tipu, o filho de Hyder Ali, construiu a Bateria do Sultão, uma fortaleza formidável de pedra preta montada com canhões franceses. Após a morte de Tipu em 1799, Kittur se tornou propriedade da Companhia e foi anexada à Presidência de

Madras. A cidade, assim como a maior parte do sul da Índia, não tomou parte no grande motim contra os britânicos ocorrido em 1857. Em 1921, um ativista do Congresso Nacional indiano hasteou uma bandeira tricolor no velho farol: a luta pela liberdade havia chegado a Kittur.”

Dia três (tarde): ANGEL TALKIES

A vida noturna de Kittur gira em torno do cinema Angel Talkies. Toda quinta-feira de manhã os muros da cidade são cobertos de pôsteres pintados à mão que trazem o retrato de corpo inteiro de uma mulher penteando o cabelo com os dedos; embaixo vê-se o título do filme: LONGAS NOITES, VINHO E MULHERES, MISTÉRIOS DA MATURIDADE, CULPA DO TIO. As palavras “malaiala em cores” e “só para adultos” aparecem em destaque nos pôsteres. Às oito da manhã, uma longa fila de homens desempregados já se forma em frente ao Angel Talkies. As sessões ocorrem às 10h, meio-dia, 14h, 16h e 19h10. Os preços variam de \$2,20 para as poltronas na frente a \$4,50 para uma poltrona no “Círculo Familiar”, no balcão alto. Não muito longe do cinema fica o Hotel Woodside, que traz atrações como um famoso cabaré de Paris, estrelando a srta. Zeena de Bombaim — toda sexta-feira — e a srta. Ayesha e a srta. Zimboo de Bahrain a cada dois domingos. Um sexólogo viajante, dr. Kurvilla, M.B.B.S., M.D., M.Ch., M.S., D.D.B.S., P.C.D.B., visita o hotel na primeira segunda-feira de cada mês. Ali perto há uma série de bares, restaurantes, alojamentos e apartamentos mais baratos e imundos que o Woodside. Entretanto, graças à presença da ACM na vizinhança, os homens decentes também têm a opção de ficar numa hospedagem mais limpa e respeitável.

A PORTA DA ACM SE ABRIU às duas da manhã; uma figura baixa saiu de lá.

Era um homem pequeno, com uma testa enorme e protuberante que lhe fazia parecer a caricatura de um professor. Seu cabelo, grosso e ondulado como o de um adolescente, estava engomado bem junto à cabeça; começava a ficar grisalho nas têmporas e costeletas. O homem havia saído caminhando da ACM com os olhos fixos no chão; e agora, como se notasse pela primeira vez que estava no mundo real, parou por um instante, olhou para um lado e para o outro e então seguiu a direção do mercado.

Foi imediatamente assaltado por uma série de apitos. Um policial de uniforme, andando de bicicleta pela rua, parou ao lado dele e apoiou um pé na calçada.

— Qual é o seu nome, camarada? O homem que parecia um professor

respondeu:

— Gururaj Kamath.

— E qual é o seu emprego, que o faz caminhar sozinho de noite?

— Eu procuro a verdade.

— Não vá bancar o engraçadinho, ouviu?

— Jornalista.

— De qual jornal?

— Quantos jornais nós temos?

O policial, que talvez tivesse a esperança de descobrir alguma irregularidade ligada àquele homem, para assim intimidá-lo ou extorqui-lo, duas de suas atividades preferidas, pareceu frustrado e foi embora pedalando. Mal tinha se afastado uns poucos metros quando se lembrou de alguma coisa, parou outra vez e se virou para o homenzinho.

— Gururaj Kamath. O senhor escreveu a coluna sobre os conflitos, não foi?

— Sim — respondeu o homem. O policial baixou os olhos.

— Meu nome é Aziz.

— E?

— O senhor tem prestado um grande serviço para todas as minorias nesta cidade. Meu nome é Aziz. Eu queria... queria agradecer.

— Eu estava só fazendo meu trabalho. Já falei: eu procuro a verdade.

— Eu queria agradecer de qualquer forma. Se mais pessoas fizessem o que o senhor faz, não haveria mais conflitos nesta cidade, senhor.

No fim das contas não é um mau sujeito, pensou Gururaj, vendo Aziz se afastar na bicicleta. Está só fazendo o seu trabalho.

Continuou sua caminhada.

Ninguém estava olhando para ele, por isso Gururaj se permitiu sorrir com orgulho.

Nos dias depois dos conflitos, a voz daquele homenzinho havia sido a voz da razão em meio ao caos. Numa prosa precisa e mordaz, ele expusera a seus leitores a destruição causada pelos fanáticos hindus que haviam saqueado as lojas dos comerciantes muçulmanos; num tom calmo e nada emotivo, atacou os preconceitos e se posicionou em defesa dos direitos das minorias religiosas. Com suas colunas, não queria fazer nada além de ajudar as vítimas dos conflitos: em vez disso, acabou virando praticamente uma celebridade em Kittur. Uma estrela.

Duas semanas atrás, Gururaj havia sofrido o maior golpe de sua vida. Seu pai falecera em virtude de uma pneumonia. Um dia depois de voltar a Kittur de seu vilarejo ancestral, tendo raspado a cabeça e se sentado com um sacerdote em frente ao tanque de água no templo ancestral, recitando versos em sânscrito para dar adeus à alma do pai, Gururaj descobriu que havia sido promovido a Editor Executivo Ad-junto, o segundo cargo na hierarquia do jornal em que trabalhara por vinte anos.

Era o modo como a vida ajeitava as coisas, Gururaj disse a si mesmo.

A lua estava brilhando intensamente, com um grande halo ao redor. Gururaj havia esquecido como uma caminhada noturna poderia ser bela. A luz estava forte e limpa, laminando a superfície da terra; todos os objetos produziam sombras muito nítidas. Gururaj pensou que já devia ter passado um dia desde a lua cheia.

Mesmo àquela hora da noite, o trabalho continuava. Ouviu um som grave e contínuo, como a respiração audível do mundo noturno: um caminhão com a caçamba aberta coletava barro, provavelmente para alguma construção. O motorista estava dormindo no volante; seu braço sobressaía por uma janela, seus pés pela outra. Pás de terra eram jogadas na caçamba do caminhão, como se o trabalho estivesse sendo feito por fantasmas. As costas da camisa de Gururaj ficaram úmidas, e ele pensou: vou pegar um resfriado. É melhor voltar. Este pensamento o fez se sentir velho, e decidiu seguir em frente; deu mais alguns passos à esquerda e se pôs a caminhar pelo meio da Umbrella Street; uma de suas fantasias de criança era caminhar pelo meio de uma grande avenida, mas

nunca conseguia escapar dos olhos atentos de seu pai por tempo suficiente para realizá-la.

Parou de repente, bem no meio da rua. Depois entrou rápido num beco lateral.

Dois cachorros estavam acasalando. Gururaj se agachou e tentou ver exatamente o que estava acontecendo.

Depois de terminarem o ato, os cachorros se separaram. Um deles seguiu pela rua e o outro se aproximou de Gururaj, correndo com o vigor do pós-coito e quase roçando sua calça ao passar. Gururaj o seguiu.

O cachorro chegou à avenida principal e cheirou um jornal. Pegando o jornal na boca, correu de volta para o beco, e Gururaj correu atrás dele. O animal foi entrando cada vez mais fundo nas ruelas laterais, e o editor o seguiu. Por fim, largou o jornal; virando-se, rosnou para Gururaj e rasgou o jornal todo com os dentes.

— Bom garoto! Bom garoto!

Gururaj se virou para a direita para confrontar a voz. Viu-se cara a cara com uma aparição: um homem de roupa cáqui, carregando um rifle da época da Segunda Guerra Mundial; seu rosto rude e amarelado estava coberto de cortes e cicatrizes. Tinha os olhos puxados. Aproximando-se, Gururaj pensou: é claro. Ele é um gurca.

O gurca estava sentado numa cadeira de madeira na calçada, em frente às portas fechadas de um banco.

— Por que disse isso? — perguntou Gururaj. — Por que elogiou o cachorro por destruir um jornal?

— O cachorro está fazendo a coisa certa. Porque nada do que está escrito no jornal é verdade.

O gurca — Gururaj calculou que seria um vigia noturno do banco — se levantou da cadeira e deu um passo na direção do cachorro.

Imediatamente, o animal largou o jornal e fugiu correndo. Apanhando com cuidado o jornal rasgado e sujo de saliva, o gurca virou as páginas.

Gururaj estremeceu.

— Pode me dizer o que está procurando: eu sei tudo o que está escrito neste jornal.

O gurca soltou o jornal sujo.

— Ontem à noite houve um incidente. Perto da Flower Market Street. Um atropelamento, o motorista fugiu.

— Eu conheço o caso — disse Gururaj. Ele não havia coberto esta história, mas lia as provas do jornal inteiro todos os dias. — Um funcionário do sr. Engineer esteve envolvido.

— Foi o que o jornal disse. Mas o culpado não foi o funcionário.

— É mesmo? — Gururaj sorriu. — E então quem foi?

O gurca encarou Gururaj, olhando-o diretamente nos olhos. Sorriu e então lhe apontou o cano da velha arma.

— Eu posso dizer, mas vou ter que atirar no senhor depois. Olhando para o cano do rifle, Gururaj pensou: estou falando com um louco.

No dia seguinte, Gururaj estava em seu escritório às seis da manhã. Foi o primeiro a chegar, como sempre. A primeira coisa que fez foi checar o aparelho de telex, examinando os rolos de notícias, extremamente borradas, que o aparelho imprimia, enviadas de Délhi, Colombo e outras cidades que ele nunca iria visitar na vida. Às sete, ligou o rádio e começou a preparar um rascunho sobre os principais pontos da coluna da manhã.

Às oito em ponto chegou a srta. D’Mello. O ruído de uma máquina de escrever interrompeu a paz do escritório. Ela estava escrevendo sua coluna habitual, “Purpurina”. Era uma coluna diária de beleza; a coluna era patrocinada por um salão de cabeleireiro para mulheres da cidade, e a srta. D’Mello respondia às perguntas das leitoras sobre cuidados capilares, dando conselhos e incentivando discretamente suas correspondentes a utilizarem os produtos do salão.

Gururaj nunca falava com a srta. D’Mello. Ressentia-se do fato de que seu jornal tivesse uma coluna paga, uma prática que ele considerava antiética. Mas havia

outro motivo para sua frieza com a srta. D’Mello: ela era uma mulher solteira, e Gururaj não queria que ninguém pensasse que ele podia ter o menor interesse nela.

Há muitos anos os parentes e amigos de seu pai diziam a Guru que saísse da ACM e se casasse, e ele quase cedera, pensando que precisaria de uma mulher para poder cuidar do pai, que estava cada vez mais senil, quando então a necessidade de uma mulher desapareceu completamente. Agora ele estava determinado a não perder sua independência para ninguém.

Às onze, quando Gururaj saiu outra vez de sua sala, o escritório estava cheio de fumaça — o único aspecto de seu lugar de trabalho do qual ele não gostava. Os repórteres estavam em suas mesas, tomando chá e fumando. O teletipo, encostado num canto, vomitava rolos de notícias borradas e mal-escritas enviadas de Délhi.

Depois do almoço, mandou o *office boy* encontrar Menon, um jovem jornalista que era visto no escritório como uma estrela em ascensão. Menon veio ver Gururaj em sua sala com os dois primeiros botões da camisa abertos; um colar de ouro brilhava em seu pescoço.

— Sente-se — disse Gururaj.

Mostrou ao jovem dois artigos sobre o acidente de carro na Flower Market Street, que havia desenterrado dos arquivos do jornal naquela manhã. O primeiro (Gururaj apontou para ele) fora publicado antes do julgamento; o segundo, após o veredito.

— Você escreveu os dois artigos, não? Menon fez que sim.

— No primeiro artigo, o carro que acerta a vítima é um Maruti Suzuki vermelho. No segundo é um Fiat branco. Qual dos dois está certo?

Menon examinou os dois artigos.

— Eu só segui os boletins da polícia.

— Imagino que não tenha se preocupado em ver pessoalmente o veículo?

Naquela noite, jantou a comida que a responsável pela ACM levou a seu quarto;

a mulher falava bastante, mas Gururaj temia que ela estivesse tentando convencê-lo a se casar com sua filha, por isso falava o mínimo possível com ela.

Foi dormir e ajustou o alarme para duas da manhã.

Acordou com o coração acelerado; acendeu a luz, saiu do quarto e checkou o relógio, franzindo os olhos. Eram vinte para as duas. Vestiu a calça, ajeitou com a mão as mechas onduladas de seu cabelo preto e desceu a escada quase correndo, saindo pelo portão da ACM em direção ao banco.

O gurca estava ali em sua cadeira, com o velho rifle.

— Escute, o senhor viu o acidente com os próprios olhos?

— É claro que não. Eu estava sentado bem aqui. Este é o meu trabalho.

— Mas então como ficou sabendo que os carros tinham sido trocados no boletim...

— Pela boca pequena.

O gurca fala baixo. Explica ao editor do jornal que uma rede de vigias noturnos transmite informações pelas ruas de Kittur; todo vigia procura algum colega para pedir um cigarro e lhe conta alguma coisa, e esse vigia vai então pedir um cigarro a um terceiro. As notícias são passadas dessa maneira. Os segredos se espalham. A verdade, o que realmente aconteceu durante o dia, é preservada.

Isto é uma maluquice, é impossível — Gururaj seca o suor da testa.

— Então o que aconteceu na verdade? O Engineer atropelou um homem quando voltava para casa?

— Deixou ele ali, morto no meio da rua.

— Isso não pode ser verdade. Os olhos do gurca brilharam.

— O senhor já mora aqui há bastante tempo. Sabe que *pode ser* verdade. O Engineer estava bêbado; estava voltando da casa da amante; acertou o sujeito como se fosse um vira-lata e foi embora, deixou o homem ali, com as tripas espalhadas na rua. De manhã, o menino jornalista o encontrou daquele jeito. A

polícia sabe perfeitamente quem dirige bêbado à noite naquela rua. Por isso, na manhã seguinte dois policiais foram até a casa dele. Não tinha nem limpado o sangue das rodas da frente do carro.

— Então por que...

— Ele é o homem mais rico desta cidade. O prédio mais alto daqui é dele. Não pode ser preso. Mandou um dos funcionários da fábrica dizer que estava dirigindo o carro quando aquilo aconteceu. O cara assinou uma confissão para os policiais. “Eu estava dirigindo sob o efeito de álcool na noite de 12 de maio quando atropeli a pobre vítima.” Depois, o sr. Engineer deu seis mil rupias ao juiz, e um pouco menos à polícia, talvez quatro ou cinco mil, porque o judiciário, naturalmente, é mais nobre que a polícia quando a questão é fechar a boca. Depois disso quis ter seu Maruti Suzuki de volta, pois é um carro novo que ele gosta de dirigir porque impressiona as pessoas; assim, deu mais mil à polícia para mudar a identidade do carro responsável para um Fiat, conseguiu o carro de volta e já está dirigindo por aí.

— Meu Deus.

— O funcionário pegou quatro anos. O juiz podia ter dado uma sentença mais dura, mas ficou com pena do coitado. Mas também não podia liberar o homem, é claro. Portanto — o vigia noturno bateu um martelo imaginário — quatro anos.

— Não acredito — disse Gururaj. — Kittur não é esse tipo de lugar.

O estrangeiro estreitou os olhos penetrantes e sorriu. Olhou para a ponta iluminada de sua cigarrilha *beedi* por algum tempo e depois a ofereceu a Gururaj.

De manhã, Gururaj abriu a única janela de seu quarto. Olhou para a Umbrella Street lá em baixo, no coração da cidade onde ele nascera, onde chegara à maturidade e onde quase certamente morreria. Às vezes pensava conhecer cada prédio, cada árvore, cada telha do telhado de cada casa em Kittur. Reluzindo sob a luz da manhã, a Umbrella Street parecia dizer: *não, a história do gurca não pode ser verdade*. A clareza das letras de um anúncio, os raios brilhantes da roda da bicicleta conduzida pelo homem que entregava jornais lhe diziam: *não, o gurca está mentindo*. Mas ao caminhar para o escritório, Gururaj viu a sombra escura e densa da figueira que cobria a rua, como uma mancha de noite não

varrida pela vassoura da manhã, e sua alma voltou a ficar inquieta.

O trabalho começou. Gururaj ficou mais calmo. Evitou a srta. D’Mello.

Naquela noite, o editor-chefe do jornal o chamou para sua sala. O editor era um homem velho e rechonchudo, com uma papada flácida e sobrancelhas brancas que pareciam uma cobertura de bolo; as mãos do homem tremiam ao segurar a xícara de chá. Os tendões de seu pescoço sobressaíam em alto-relevo, seu corpo inteiro parecia estar implorando pela aposentadoria. Se o editor-chefe se aposentasse, Gururaj herdaria seu posto.

— Com relação a esta história que você pediu ao Menon para reinvestigar... — disse o editor-chefe, bebericando o chá — ...esqueça.

— Houve uma discrepância quanto aos carros... O velho fez que não com a cabeça. — A polícia se enganou no primeiro boletim, nada mais. —

A voz do homem assumiu o tom baixo e casual que anunciava o fim da conversa. Tomou mais chá, depois mais um pouco. O som do chá sendo bebido, os modos abruptos do velho, o cansaço de tantas noites de sono entrecortado irritaram Gururaj, que falou:

— Um homem talvez tenha sido mandado para a cadeia sem nenhum motivo; um homem culpado talvez esteja andando livre por aí. E tudo o que o senhor diz é, vamos deixar isso de lado.

O velho tomou o chá; Gururaj achou ter visto a cabeça dele se mexer, num sinal afirmativo.

Retornou à ACM e subiu um lance de escadas até seu quarto. Deitou na cama de olhos abertos. Ainda estava acordado às duas da manhã, quando o alarme tocou. Ao sair para a rua, ouviu um apito; o policial, passando por ele, acenou enfático, como se houvesse encontrado um velho amigo.

A lua minguava rápido; em poucos dias a noite estaria completamente escura. Seguiu o mesmo caminho como se fosse uma fórmula ritual; primeiro devagar, cruzou então para o meio da rua, depois seguiu às pressas pela rua lateral até chegar ao banco. O gurca estava na cadeira, com o rifle no ombro, um *beedi* aceso nos dedos.

— O que a boca pequena contou esta noite?

— Esta noite, nada.

— Então me conte algo de algumas noites atrás. Diga o que mais era falso nas notícias do jornal.

— Os conflitos. A cobertura do jornal foi completamente errada. — Gururaj pensou que seu coração fosse parar.

— Como assim?

— O jornal disse que eram hindus lutando contra muçulmanos, percebe?

— Eram hindus lutando contra muçulmanos. Todo mundo sabe disso.

— Rá.

Na manhã seguinte, Gururaj não foi ao escritório. Seguiu diretamente para o Bunder, pela primeira vez desde que fora ali conversar com os comerciantes logo após os conflitos.

Voltou para a sede do jornal, correu para o escritório do editor-chefe e falou:

— Ontem à noite, ouvi uma história incrível sobre os conflitos entre hindus e muçulmanos. Quer ouvir o que me contaram?

O velho tomou seu chá.

— Ouvi dizer que o nosso Parlamentar, junto da máfia, instigou os conflitos no Bunder. E ouvi que os criminosos e o Parlamentar transferiram todos os imóveis queimados e destruídos para as mãos de seus próprios homens, em nome de um consórcio fictício chamado Fundo de Desenvolvimento do Porto de Nova Kittur. A violência foi planejada. Gângsteres muçulmanos queimaram lojas muçulmanas e gângsteres hindus queimaram lojas hindus. Na verdade, foi uma transação imobiliária disfarçada de conflito religioso.

O editor parou de tomar seu chá.

— Quem lhe disse isso?

— Um amigo. É verdade?

— Não. Gururaj sorriu e disse: — Eu também não acredito nesta história. Obrigado. —

Saiu da sala sob o olhar preocupado do chefe. Na manhã seguinte, chegou tarde ao escritório outra vez. O *office boy* foi até sua mesa e gritou:

— O editor-chefe quer ver o senhor.

— Por que você não vai até a Prefeitura hoje? — perguntou o velho, tomando outra xícara de chá. — O prefeito solicitou a sua presença; ele emitiu um comunicado sobre a unidade hindu-muçulmana, atacando o BJP, e quer que você esteja lá para ouvir. Você sabe que ele respeita o seu trabalho.

Gururaj ajeitou o cabelo; estava rebelde, pois não o havia engomado aquela manhã.

— Quem liga?

— Como disse, Gururaj?

— Por acaso todo mundo neste escritório não sabe que esses embates políticos são só um faz de conta? Que na realidade o BJP e o Congresso fazem acordos entre eles e dividem as propinas que recebem pelos projetos de construção em Bajpe? Nós dois já sabemos disso há anos e ainda assim publicamos as notícias como se não soubéssemos. O senhor não acha isso um tanto bizarro? Veja bem. Vamos simplesmente escrever toda a verdade, e nada além da verdade, no jornal de hoje. Só hoje. O dia da verdade plena. É tudo o que eu quero fazer. Pode ser que ninguém perceba. Amanhã podemos voltar com as mentiras de sempre. Mas só por um dia eu quero comunicar, escrever e editar a verdade. Por um dia na minha vida quero ser um jornalista propriamente dito. O que o senhor diz disso?

O editor-chefe fechou a cara, como se estivesse pensando no assunto, e depois falou:

— Venha jantar na minha casa hoje à noite.

Às nove da noite, Gururaj subiu a Rose Lane, chegando a uma casa com um

grande jardim e uma estátua azul de Krishna com sua flauta num altar construído na entrada; tocou a campainha.

O editor o fez entrar na sala de estar e fechou a porta. Pediu a Gururaj que se sentasse, indicando um sofá marrom.

— É melhor você me dizer o que tem incomodado você. Gururaj lhe falou.

— Digamos que você tenha provas disso. Que escreva sobre isso. Você não está apenas dizendo que a força policial está podre, mas também que o judiciário é corrupto. O juiz vai indiciar você por desacato à autoridade. Você vai ser preso, mesmo que esteja dizendo a verdade. Eu e você e o resto da imprensa, todos fingimos que existe liberdade de imprensa neste país, mas nós sabemos a verdade.

— E quanto aos conflitos entre hindus e muçulmanos? Também não podemos escrever a verdade sobre isso?

— Qual é a verdade sobre esses casos, Gururaj?

Gururaj lhe falou a verdade e o editor-chefe sorriu. Pôs a cabeça nas mãos e riu o mais alto que pôde, uma gargalhada que pareceu sacudir toda a noite.

— Mesmo que isso que você está dizendo seja realmente verdade — disse o velho, recompondo-se —, e perceba que eu não estou aceitando nem contradizendo nada do que você disse, não haveria a menor possibilidade de publicarmos isso.

— Por que não? O editor sorriu.

— Quem você acha que é o dono deste jornal?

— Ramdas Pai — disse Gururaj, citando um empresário da Umbrella Street cujo nome aparecia como proprietário na primeira página.

O editor fez que não com a cabeça.

— Ele não é o dono do jornal. Não do jornal inteiro.

— Então quem é?

— Use a cabeça.

Gururaj olhou para o editor-chefe com novos olhos. Era como se o velho tivesse uma aura ao redor de si, por todas as coisas que aprendera durante sua carreira e jamais pudera publicar; esse conhecimento secreto brilhava ao redor de sua cabeça como o halo em volta da lua quase cheia. Aquele era o destino de todos os jornalistas da cidade, do estado e do país, e talvez do mundo inteiro, pensou Gururaj.

— Você nunca pensou em nada disto antes, Gururaj? Deve ser porque não é casado ainda. Sem uma mulher, você ainda não entendeu como o mundo funciona.

— E o senhor entendeu bem demais como o mundo funciona. Os dois homens se encararam, sentindo profunda pena um do outro.

Na manhã seguinte, ao entrar no escritório, Gururaj pensou: a terra que os meus pés estão pisando é falsa. Um homem inocente está atrás das grades e um homem culpado caminha em liberdade. Todo mundo sabe disso mas ninguém tem coragem de mudar a situação.

Dali em diante, Gururaj descia todas as noites a escada suja da ACM, fitando, com o olhar perdido, as obscenidades pichadas nos muros, seguia pela Umbrella Street, ignorando os vira-latas que latiam, espreitavam e copulavam, até chegar ao gurca, que, ao reconhecê-lo, erguia seu velho rifle e sorria. Eram amigos agora.

O gurca lhe contou de toda a podridão que podia haver numa cidade pequena; quem matara quem nos últimos anos; qual era o valor dos subornos exigidos pelos juízes de Kittur, quanto pediam os delegados. Conversavam até quase de madrugada, até a hora em que Gururaj tinha que voltar para poder dormir um pouco antes do trabalho. Gururaj hesitou:

— Eu ainda não sei o seu nome.

— Gaurishankar.

Gururaj esperou, pensando que o outro iria perguntar o seu; quis lhe dizer: *Agora que meu pai morreu, você é meu único amigo, Gaurishankar.*

O gurca ficou sentado de olhos fechados.

Às quatro da manhã, caminhando de volta para a ACM, Gururaj ficou pensando: quem é esse homem, esse gurca? O homem havia comentado que já trabalhara como criado na casa de um general aposentado, por isso Gururaj deduziu que ele já teria estado no exército, no regimento gurca. Mas como acabara em Kittur, por que não voltara para sua casa no Nepal, tudo isso ainda era um mistério. Vou perguntar tudo isso a ele amanhã. Depois posso lhe contar a minha história.

Havia uma tamarindeira perto da entrada da ACM, e Gururaj parou para observá-la. A luz da lua batia nela, e por algum motivo a árvore parecia diferente esta noite; como se estivesse prestes a se transformar em alguma outra coisa.

— ELES NÃO SÃO MEUS colegas; são piores que animais.

Gururaj já não aguentava nem ver seus colegas; desviava os olhos ao entrar no escritório, seguindo às pressas para sua sala e batendo a porta assim que chegava ao trabalho. Embora continuasse a editar o material que recebia, já não suportava olhar para o jornal. O que mais o aterrorizava era ver seu próprio nome impresso; por esse motivo, pediu para ser dispensado daquele que era seu maior prazer, escrever sua coluna; insistiu em se dedicar apenas à edição. Antigamente costumava ficar por ali até a meia-noite, mas agora deixava o escritório às cinco da tarde quase todos os dias, correndo de volta para seu apartamento, onde caía na cama.

Acordava às duas em ponto. Para evitar o trabalho de encontrar a calça no escuro, adquiriu o hábito de dormir inteiramente vestido. Descia as escadas praticamente correndo e escancarava a porta da ACM, saindo para ir conversar com o gurca.

Uma noite, por fim, aconteceu. O gurca não estava sentado em frente ao banco. Havia outra pessoa na cadeira dele.

— Eu sei lá, senhor! — disse o novo vigia. — Me colocaram neste trabalho ontem à noite; não disseram o que aconteceu com o outro cara.

Gururaj correu de loja em loja, de casa em casa, perguntando a todos os vigias que encontrava o que acontecera com o gurca.

— Foi para o Nepal — contou-lhe finalmente um vigia. — De volta para a

família. Estava economizando dinheiro por todos esses anos, e agora foi.

Aquela notícia acertou Gururaj como uma pancada. Um único homem sabia o que estava acontecendo naquela cidade, e esse homem acabava de desaparecer, fora para outro país. Ao vê-lo com dificuldade para respirar, os vigias se reuniram em volta de Gururaj, trouxeram uma cadeira e lhe deram água limpa e fresca numa garrafa de plástico. Gururaj tentou lhes explicar o que acontecera entre ele e o gurca durante todas aquelas semanas, o que ele perdera.

— Aquele gurca, senhor? — Um dos vigias fez que não com a cabeça. — O senhor tem certeza que conversou tudo isso com ele? Ele era um completo idiota. Ele sofreu lesões no cérebro durante o exército.

— Mas e o sistema de informações, a boca pequena? Ainda está funcionando? — perguntou Gururaj. — Algum de vocês vai me contar as notícias agora?

Os vigias se entreolharam. Em seus olhos, Gururaj pôde ver a dúvida se transformar numa espécie de medo. Estão achando que sou louco, pensou.

Vagueou pela noite, passando pelos prédios escuros, pelas multidões adormecidas. Passou por edifícios grandes, imóveis sombrios, cada um contendo centenas de corpos prostrados. “Eu sou o único homem acordado agora”, disse a si mesmo. Uma vez, no alto de um morro à sua esquerda, viu um grande conjunto residencial em chamas. O fogo saía por sete janelas e o edifício ardia; para Gururaj, o edifício parecia uma criatura viva, uma espécie de monstro de luz, com as entranhas iluminadas.

Gururaj entendeu: o gurca não o abandonara. Não fizera o mesmo que todas as outras pessoas em sua vida. Deixara algo para trás, um presente. Agora, Gururaj receberia pessoalmente as notícias da boca pequena. Ergueu os braços em direção ao prédio em chamas; sentiu-se cheio de um poder oculto.

Um dia, ao chegar ao trabalho, novamente atrasado, ouviu alguém sussurrar atrás dele:

— Aconteceu com o pai dele também, nos últimos dias...

Gururaj pensou: preciso ter cuidado para que os outros não percebam esta mudança que está acontecendo dentro de mim.

Quando chegou ao seu escritório, encontrou um dos empregados retirando a placa com seu nome da porta. Estou perdendo tudo aquilo pelo que trabalhei durante tantos anos, pensou. Mas não sentiu nenhum arrependimento nem emoção; era como se tudo aquilo estivesse acontecendo com outra pessoa. Viu o novo nome na porta:

KRISHNA MENON

EDITOR ADJUNTO

DAWN HERALD

O ÚNICO E MELHOR JORNAL DE KITTUR

— Gururaj! Eu não queria, eu...

— Não precisa explicar nada. No seu lugar, eu teria feito o mesmo.

— Quer que eu fale com alguém, Gururaj? Podemos fazer um arranjo para você.

— Do que você está falando?

— Eu sei que você já não tem pai... mas podemos arranjar um casamento para você, com uma moça de boa família.

— Do que você está falando?

— Achamos que você está doente. Você talvez já tenha percebido que muitos aqui neste escritório vêm falando dis-so há algum tempo. Faça questão de que você tire uma semana de descanso. Ou duas. Tire férias em algum lugar. Vá para os Gates Ocidentais e passe algum tempo olhando para as nuvens.

— Certo. Vou tirar três semanas.

Gururaj passou três semanas dormindo de dia e caminhando durante a noite. O policial da madrugada já não dizia “boa noite, editor” como antes, e Gururaj notou que o homem virava a cabeça para observá-lo quando passava de bicicleta. Os vigias noturnos também olhavam para ele de um jeito estranho; e ele sorria — até mesmo aqui, neste H ades perdido no meio da noite, virei um forasteiro,

um homem que mete medo nos outros. Gostou dessa ideia.

Um dia comprou um quadro-negro de criança e um pedaço de giz. Essa noite, escreveu no alto do quadro:

SÓ A VERDADE TRIUNFARÁ

UM JORNAL NOTURNO

**ÚNICO CORRESPONDENTE, EDITOR, ANUNCIANTE E ASSINANTE:
GURURAJ MANJESHWAR KAMATH**

Copiando a notícia do jornal da manhã, “Vereador do BJP critica político do Congresso”, Gururaj a apagou, reescrevendo-a:

2 de outubro de 1989

Vereador do BJP, que precisa urgentemente de dinheiro para construir uma nova mansão na Rose Lane, critica membro do Congresso. Amanhã ele irá receber uma maleta de couro cheia de dinheiro do partido do Congresso, e então já não irá criticar o político do Congresso.

Depois ficou deitado na cama e fechou os olhos, desejando que a escuridão chegasse, transformando novamente a cidade num lugar respeitável.

Uma noite pensou: só falta uma noite para acabarem minhas férias. Já começava a clarear, e ele correu de volta para a ACM. Parou. Teve certeza de que estava vendo um elefante em frente ao prédio. Estaria sonhando? Que diabos fazia um elefante, àquela hora, no meio da cidade? Aquilo não tinha nenhuma lógica. Ainda assim, parecia real e tangível diante de seus olhos; só uma coisa o fez pensar que não era um elefante real — estava absolutamente imóvel. Gururaj falou consigo mesmo: os elefantes se mexem e fazem barulho o tempo todo, portanto você não pode estar vendo um elefante de verdade. Fechou os olhos e caminhou até a entrada da ACM; e quando os abriu de novo, estava diante de uma árvore. Tocou o tronco e pensou: esta é a primeira alucinação que tive na vida.

Quando voltou ao escritório no dia seguinte, todos disseram que Gururaj havia

voltado a ser o mesmo de antes. Tinha sentido saudades da vida no escritório; quisera voltar ao trabalho.

— Obrigado por me oferecer um casamento arranjado — disse ao editor-chefe enquanto tomavam chá em sua sala. — Mas, de qualquer forma, já sou casado com o meu trabalho.

Sentado na redação ao lado de jovens que acabavam de sair da faculdade, editou matérias com toda a alegria de antes. Depois que todos os jovens foram embora, Gururaj continuou por ali, investigando os velhos artigos. Tinha voltado ao trabalho por um motivo. Iria escrever uma história de Kittur. Uma história infernal de Kittur — nela, todos os eventos dos últimos vinte anos seriam reinterpretados. Apanhou jornais velhos e leu cuidadosamente cada uma das manchetes de primeira página. Depois, com uma caneta vermelha na mão, rabiscou e reescreveu palavras, cumprindo assim dois propósitos — em primeiro lugar, desfigurava os jornais do passado; em segundo, aquilo lhe dava a oportunidade de desvendar a verdadeira relação entre as palavras e os personagens das notícias. A princípio, determinando que o híndi — o idioma dos gurcas — era a língua da verdade, reescreveu as manchetes em canará que encontrou no jornal, passando-os ao híndi; depois as passou ao inglês, e finalmente adotou um código no qual substituía cada letra do alfabeto romano pela letra seguinte — Gururaj havia lido em algum lugar que Julio César inventara este código em seu exército. Por fim, para complicar ainda mais as coisas, inventou símbolos para certas palavras; por exemplo, um triângulo com um ponto no meio representava a palavra “banco”. Outros símbolos tiveram uma inspiração mais irônica; por exemplo, a suástica nazista representava o partido do Congresso, o Símbolo do Desarmamento Nuclear representava o BJP, e assim por diante. Um dia, examinando as anotações que fizera na última semana, descobriu que havia esquecido o significado da metade dos símbolos e já não entendia o que havia escrito. Bom, pensou, é assim que deve ser. Nem mesmo quem escreve a verdade deve saber toda a verdade. Toda palavra verdadeira, ao ser escrita, é como a lua cheia, minguando diariamente até passar à escuridão. É assim que funcionam todas as coisas.

Quando terminou de reinterpretar cada número do jornal, apagou as palavras “The Dawn Herald” da capa e escreveu no lugar: “SÓ A VERDADE TRIUNFARÁ”.

— Que diabos você está fazendo com nossos jornais? Era o editor-chefe. Ele e

Menon haviam entrado escondidos no escritório uma noite.

O editor-chefe foi virando as páginas dos jornais desfigurados nos arquivos sem dizer uma palavra, e Menon tentava espiar por sobre seu ombro. Viram páginas cobertas de rabiscos, marcas em vermelho, traços, triângulos, fotos de mulheres com rabo de porco e sangue nos dentes, imagens de cães copulando. O velho editor fechou o arquivo, batendo-o com força.

— Falei para você se casar. Gururaj sorriu.

— Desculpe, velho amigo, são marcas simbólicas. Posso interpretar... O editor-chefe fez que não.

— Saia deste escritório. Imediatamente. Sinto muito, Gururaj.

Gururaj sorriu, como dizendo “não precisa explicar nada”. Os olhos do editor-chefe estavam lacrimejantes, e os tendões de seu pescoço subiam e desciam a cada vez que ele engolia saliva. Guru também sentiu lágrimas nos olhos. Pensou: para este velho homem, deve ter sido muito difícil fazer isto. Deve ter sido muito difícil me proteger. Imaginou uma reunião a portas fechadas em que os colegas de escritório haviam pedido a cabeça de Gururaj e aquele homem, velho e decente, o defendera até o fim. “Sinto muito, meu amigo, por decepcionar você”, quis dizer.

Naquela noite, Gururaj caminhou, dizendo a si mesmo que nunca estivera tão contente na vida. Ele agora era um homem livre. Quando retornou à ACM, logo antes de amanhecer, viu o elefante outra vez. Desta vez o animal não se transformou numa tamarindeira, nem mesmo quando Gururaj se aproximou. Caminhou na direção do animal, viu-o sacudir constantemente as orelhas, que tinham a cor, a forma e o movimento das asas de um pterodátilo; passou por trás do animal e viu que, vista pelas costas, cada orelha tinha uma mancha cor-de-rosa e faixas formadas pelas veias. Como era possível que aqueles detalhes minuciosos fossem irreais?, pensou. Aquela criatura era real, e se o resto do mundo não era capaz de vê-la, isso fazia do resto do mundo um lugar mais pobre.

Faça pelo menos um som! implorou ao elefante. Para eu ter certeza de que não estou enxergando coisas, que você é real. O elefante entendeu; levantou a tromba e rugiu tão alto que Gururaj pensou ter ficado surdo.

— Você está livre — disse o elefante, tão alto que as palavras lhe pareceram manchetes de jornal. — Vá escrever a verdadeira história de Kittur.

Alguns meses depois, as pessoas receberam notícias de Gururaj. Quatro jovens repórteres foram investigar.

Tiveram de segurar o riso ao abrirem a porta da sala de leitura municipal no farol. O bibliotecário estava esperando por eles; encaminhou-os para dentro com um dedo nos lábios.

Os jornalistas encontraram Gururaj sentado num banco, lendo um jornal que cobria parcialmente seu rosto. A camisa do velho editor estava em farrapos, mas ele parecia ter engordado; pelo visto a ociosidade lhe caía bem.

— Ele já não diz nem uma palavra — contou o bibliotecário. — Só fica ali sentado até o pôr do sol, com o jornal na frente da cara. A única vez que falou alguma coisa foi quando eu disse que admirava seus artigos sobre os conflitos, e ele então gritou comigo.

Um dos jovens repórteres pôs um dedo na margem de cima do jornal e o abaixou lentamente; Gururaj não ofereceu resistência. O jornalista soltou um grito e recuou. Havia um buraco escuro e úmido na folha mais interna do jornal. Nos cantos da boca de Gururaj estavam grudados pedaços de notícias, e sua mandíbula se mexia.

AS LÍNGUAS DE KITTUR

O canará, uma das principais línguas do sul da Índia, é a língua oficial do estado de Karnataka, onde Kittur se localiza. O jornal local, o *Dawn Herald*, é publicado em canará. Embora quase todos na cidade entendam canará, poucos brâmanes o têm como língua-mãe. O télugo, uma língua regional sem notação escrita — embora acredita-se que tenha possuído uma escrita séculos atrás — é a língua franca. Existem dois dialetos do télugo. O dialeto da “casta alta” ainda é usado por alguns brâmanes, mas está morrendo, pois os brâmanes que falam télugo estão passando a falar canará. O outro dialeto do télugo, uma língua rude e dura, apreciada por seus palavrões incisivos e variados, é usado pelos *bunts* e *hoykas* — é a língua falada nas ruas de Kittur. Na área da Umbrella Street, o centro comercial, a língua dominante muda para o concani. Esta é a língua dos

brâmanes Gaud-Saraswat, originários de Goa, que possuem a maioria das lojas da cidade (embora tenha havido casamentos mistos entre brâmanes que falavam canará e télugo nos anos 1960, os brâmanes concani têm rejeitado até agora todas as propostas de casamento feitas por membros de outros grupos). Um dialeto muito diferente do concani, misturado ao português, é falado no subúrbio de Valência pelos católicos que moram ali. A maioria dos muçulmanos, especialmente os que vivem no Bunder, tem como língua-mãe um dialeto do malaiala; alguns dos muçulmanos mais ricos, por serem descendentes da velha aristocracia de Hyderabad, falam urdu hyderabadi. A grande população de trabalhadores migrantes de Kittur, que flutua pela cidade passando de uma obra à outra, fala principalmente tâmil. A classe média entende inglês.

É preciso notar que poucas cidades na Índia possuem a riqueza de palavras vista em Kittur, vindos do urdu, inglês, canará e télugo. A expressão mais ouvida, “filho de uma careca”, merece ser explicada. No passado, as viúvas de classe alta eram proibidas de se casar novamente, sendo forçadas a raspar o cabelo para não atrair homens. O filho de uma careca tinha grande chance de ser ilegítimo.

Dia quatro (manhã): UMBRELLA STREET

Se você quiser fazer umas compras quando estiver em Kittur, permita-se vadiar por algumas horas pela Umbrella Street, o centro comercial da cidade. Ali irá encontrar lojas de móveis, farmácias, restaurantes, doceiros e livrarias (ainda é possível encontrar alguns vendedores de guarda-chuvas de madeira feitos à mão, embora a maioria tenha ido à falência por causa dos guarda-chuvas baratos de metal importados da China). Nesta rua se encontra a lanchonete mais famosa de Kittur, a Sorveteria Ideal, e também o escritório do *Dawn Herald*, “O único e melhor jornal de Kittur”.

Toda quinta-feira à tarde ocorre um evento interessante no Templo de Ramvittala, próximo à Umbrella Street. Dois menestréis tradicionais ficam sentados na varanda do templo e passam a noite inteira recitando versos do Mahabharata, o grande épico indiano de heroísmo e resistência.

TODOS OS EMPREGADOS DA LOJA DE MÓVEIS ESTAVAM reunidos num semicírculo ao redor da mesa do sr. Ganesh Pai. Era um dia especial: a sra. Engineer viera pessoalmente à loja.

Ela já havia escolhido sua mesa para a tevê e agora estava se aproximando da escrivaninha do sr. Pai para fechar o negócio.

O rosto do sr. Pai estava untado de sândalo e ele vestia uma camisa de seda folgada, da qual sobressaía um triângulo de pelos de seu peito. Na parede atrás da cadeira ele havia pendurado imagens folheadas a ouro de Lakshmi, a deusa da riqueza, e de Ganapati, um deus-elefante muito gordo. Uma vareta de incenso queimava atrás das figuras. A sra. Engineer se sentou devagar diante dele. O sr. Pai abriu uma gaveta e segurou quatro cartas vermelhas à frente dela. A sra. Engineer fez uma pausa, mordeu o lábio e escolheu uma delas.

— Um conjunto de xícaras de aço inoxidável — disse o sr. Pai, mostrando a carta-brinde escolhida. — Um presente realmente maravilhoso, madame. É algo que a senhora vai apreciar durante anos e anos.

A sra. Engineer pareceu felicíssima. Apanhou uma bolsinha vermelha, contou quatro notas de cem rupias e as colocou na mesa diante do sr. Pai.

O comerciante, umedecendo a ponta do dedo num pequeno recipiente com água que mantinha na escrivadinha exatamente para isso, contou novamente as notas; depois olhou para a sra. Engineer e sorriu, como se esperasse algo mais.

— O resto na entrega — disse ela, levantando-se da cadeira. — E não se esqueça de mandar o brinde.

— Ela pode ser a esposa do homem mais rico da cidade, mas ainda assim é uma puta velha e mesquinha — falou o sr. Pai depois de acompanhá-la até a porta da loja, e um assistente riu atrás dele. O sr. Pai se virou e lançou um olhar severo para o assistente, um garoto tâmil baixo e escuro.

— Peça a um dos peões para fazer a entrega, rápido — disse o sr. Pai. — Quero cobrar o restante antes que ela esqueça.

O garoto tâmil saiu da loja correndo. Os puxadores de carrinhos estavam em sua posição habitual — deitados nos carrinhos, com os olhos perdidos no espaço, fumando *beedis*. Alguns deles fitavam a loja do outro lado da rua, a Sorveteria Ideal, com uma cobiça resignada; garotos gorduchos, de camiseta, tomavam sorvetes de baunilha em frente à loja.

O garoto apontou com o indicador, fazendo um gesto para um dos homens.

— Chenayya, é o seu número!

CHENAYYA PEDALOU COM FORÇA. Tinham lhe dito que pegasse o caminho mais direto para a Rose Lane, por isso teria de subir o Morro do Farol; fez um grande esforço para avançar com o carrinho com a mesa da tevê, preso à sua bicicleta. Depois de chegar ao alto do morro, deixou a bicicleta rodar. Reduziu a velocidade ao chegar à Rose Lane, encontrou o número da casa, que havia decorado, e tocou a campainha.

Esperava ser recebido por um criado, mas quando uma mulher rechonchuda e de pele clara abriu a porta, Chenayya soube que aquela era a própria sra. Engineer.

Carregou a mesa da tevê para dentro da casa e a colocou no lugar indicado pela mulher.

Saiu e voltou com um serrote. Tinha entrado na casa segurando a ferramenta junto ao corpo, mas ao chegar à sala de jantar, onde deixara a mesa em duas partes separadas, a sra. Engineer viu o homem segurar o serrote com o braço esticado e o instrumento pareceu subitamente enorme: qua-se meio metro de comprimento, com dentes pontiagudos, enferrujados, mas com manchas onde ainda se via a cor metálica original: parecia a escultura de um tubarão feita por um artista tribal.

Chenayya viu a ansiedade nos olhos da mulher. Para dissipar seu medo, abriu um sorriso obsequioso — foi um sorriso exagerado como o de uma máscara mortuária, de uma pessoa que não está acostumada a se rebaixar — depois olhou ao redor como se estivesse tentando se lembrar onde havia deixado a mesa.

Os pés da mesa não tinham todos o mesmo comprimento. Chenayya fechou um olho e os examinou um por um; depois cortou cada um deles com o serrote, deixando um pó fino no chão. Movia o serrote tão devagar, com tanta precisão, que parecia estar apenas ensaiando suas ações; o acúmulo de serragem no chão era a única prova do contrário. Examinou os quatro pés mais uma vez com o olho fechado para se assegurar de que estavam parelhos e então largou o serrote. Buscou um pedaço relativamente limpo do sarongue branco que estava usando, a única vestimenta em seu corpo, e a usou para espanar a mesa.

— A mesa está pronta, madame. — Juntou as mãos e esperou.

Com um sorriso obsequioso, limpou a mesa outra vez, para ter certeza de que a senhora da casa havia notado o cuidado que ele tomara com seu móvel.

A sra. Engineer não estivera olhando; havia se retirado para um aposento interno. Voltou e contou 742 rupias. Hesitando por um momento, acrescentou mais três notas de uma rupia.

— Pode me dar um pouco mais, madame? — soltou Chenayya. — Mais três rupias?

— Seis rupias? Nada disso — disse ela.

— É um caminho longo, madame. — Chenayya apanhou o serrote e o apontou para o próprio pescoço. — Tive que carregar até aqui, madame, no meu carrinho. Meu pescoço fica doendo muito.

— Nada disso. Saia daqui, ou vou chamar a polícia, seu marginal. Caia fora e leve o facão com você!

Ao sair da casa, resmungando aborrecido, Chenayya dobrou as notas e as prendeu num nó feito no sarongue sujo e frouxo que estava usando. Uma carqueja crescia ao lado do portão da casa, e ele teve que se abaixar para não raspar a cabeça nos galhos. Tinha deixado o carrinho perto da árvore. Jogou o serrote no carrinho. Ele havia amarrado um pano de algodão branco no banco da bicicleta; soltou-o e o amarrou em volta da cabeça.

Um gato passou correndo ao lado de sua perna; dois cães o seguiram em disparada. O gato escalou a carqueja e se agarrou nos galhos; os cães esperaram ao pé da árvore, arranhando o tronco e latindo. Chenayya, que já havia montado na bicicleta, ficou por ali para observar a cena. Depois que começava a pedalar já não notava este tipo de coisa ao seu redor, transformava-se numa máquina de pedalar que seguia direto para a loja do chefe. Ficou ali parado, vendo os animais, saboreando a própria consciência. Apanhou uma casca de banana que já apodrecia e a deixou pendurada nas folhas da carqueja, para assustar os donos quando saíssem.

Aquilo o deixou tão feliz consigo mesmo que ele abriu um sorriso.

Mas ainda não queria voltar a pedalar; aquilo era como entregar as chaves de sua personalidade ao cansaço e à rotina.

Cerca de dez minutos depois estava outra vez montado na bicicleta, voltando para a Umbrella Street. Estava pedalando, como sempre, com o traseiro elevado acima do banco, a coluna inclinada a sessenta graus. Só nos cruzamentos ele se endireitava, relaxava e se apoiava no banco. Ao se aproximar da Umbrella Street, a rua estava engarrafada de novo; encostando a roda dianteira no carro à sua frente, Chenayya gritou:

— Anda, filho da puta!

Finalmente viu à sua direita a placa “LOJA DE VENTILADORES E MÓVEIS GANESH PAI” e parou a bicicleta.

O DINHEIRO PARECIA ESTAR queimando seu sarongue; Chenayya queria entregá-lo a seu empregador o quanto antes. Limpou a palma da mão no sarongue, abriu a porta, entrou na loja e se agachou num dos cantos da mesa do

sr. Pai. Nem o patrão nem o assistente tâmil lhe deram qualquer atenção. Desatando o nó do sarongue, pôs as mãos entre as pernas e ficou ali, de cabeça baixa.

Seu pescoço doía outra vez; moveu-se de um lado para o outro para aliviar a tensão.

— Pare com isso. O sr. Pai indicou que ele lhe passasse o dinheiro. Chenayya ficou em pé.

Aproximou-se devagar da escrivaninha do chefe e entregou as notas ao sr. Ganesh Pai, que umedeceu o dedo no recipiente de água e contou 742 rupias. Chenayya manteve os olhos fixos no recipiente de água; notou que os lados estavam esculpidos na forma de pétalas de lótus e que o artesão até desenhara uma treliça na parte baixa da vasilha.

O sr. Pai estalou os dedos. Prendeu as notas com um elástico e esticou a palma da mão aberta na direção de Chenayya.

— Estão faltando duas rupias. Chenayya desatou o nó na lateral do sarongue e lhe entregou duas notas de uma rupia.

Essa era a quantia que ele deveria dar ao sr. Pai ao final de cada dia de entrega. Uma rupia pelo jantar que receberia em torno das nove da noite e uma rupia pelo privilégio de ter sido escolhido para trabalhar para o sr. Ganesh Pai.

Do lado de fora, o garoto tâmil estava dando instruções a um dos puxadores, um sujeito jovem e forte que fora re-cém-contratado. Ele estava prestes a levar um carrinho com duas caixas de papelão, e o garoto da loja dizia, indicando as duas caixas:

— É uma bateadeira numa caixa e um ventilador de quatro pás numa outra. Quando chegar à casa, tem de garantir que os dois sejam instalados antes de você voltar. — Indicou ao puxador o endereço aonde deveria ir; depois ordenou ao peão que o repetisse em voz alta, como um professor faria com um aluno meio lento.

Passaria algum tempo até que o número de Chenayya fosse chamado outra vez, por isso ele desceu a rua até um ponto onde havia um homem sentado numa escrivaninha na calçada, vendendo bloquinhos de bilhetes retangulares coloridos

como doces. O homem sorriu para Chenayya; seus dedos se puseram a folhear um dos blocos.

— Amarelo?

— Primeiro diga se o meu número ganhou da última vez? — pediu Chenayya. Tirou um papel sujo do nó do sarongue. O vendedor abriu um jornal e correu os olhos até o canto inferior direito. Leu em voz alta:

— Números Ganhadores da Loteria: 17-8-9-9-643-455.

Chenayya conhecia os numerais ingleses o suficiente para reconhecer o número de seu bilhete; ficou olhando para o pedaço de papel por um bom tempo e depois o deixou cair ao chão.

— As pessoas compram bilhetes durante quinze, dezesseis anos até ganharem, Chenayya — disse o vendedor da loteria para consolá-lo. — Mas no final, quem acredita sempre ganha. É assim que o mundo funciona.

Chenayya detestava quando o vendedor tentava consolá-lo daquele jeito; era isso que o fazia se sentir roubado pelo homem que imprimia os bilhetes da loteria.

— Não posso continuar assim para sempre. Meu pescoço dói. Não posso continuar assim. O vendedor da loteria fez que sim com a cabeça.

— Outro amarelo?

Prendendo o bilhete no sarongue, Chenayya cambaleou para trás; tombou no carrinho. Ficou deitado assim por algum tempo, mas não se sentiu renovado pelo descanso, apenas entorpecido.

Um dedo cutucou então sua cabeça.

— É o seu número, Chenayya. Era o garoto tâmil da loja. Para ser entregue na rua Suryanarayan Rao, número 54.

Chenayya repetiu em voz alta:

— Suryanarayan 54...

— Muito bem.

Aquele caminho o levaria outra vez pelo al to do Morro do Farol. Depois de pedalar pela metade da ladeira, Chenayya desmontou da bicicleta e foi empurrando. Os tendões de seu pescoço se esticaram feito cordas; e quando inspirou, o ar queimou seu peito e seus pulmões. Você não pode continuar, disseram seus membros cansados, seu peito ardente. Não pode continuar. Mas ao mesmo tempo, era naqueles momentos que a resistência frente ao destino ardia com mais força dentro dele: enquanto empurrava, a inquietude e a raiva que Chenayya carregava consigo o dia inteiro finalmente se articulavam:

Vocês não vão conseguir me quebrar, seus filhos da puta! Nunca vão conseguir me quebrar!

SE O PRODUTO A SER ENTREGUE fosse leve, como um colchão, ele não tinha permissão para ir com o carrinho; tinha que levá-lo na cabeça. Repetindo o endereço para o garoto tâmil, Chenayya partiu em passos leves e lentos, feito um homem gordo correndo devagar. Em pouco tempo o peso do colchão já parecia insuportável; comprimia seu pescoço e coluna, enviando uma pontada de dor pelas costas. Chenayya praticamente entrava em transe.

Esta manhã, estava levando um colchão para a estação ferroviária. O cliente calhou de ser um homem do norte da Índia que estava deixando Kittur; o chefe da família, como Chenayya previra (por seu comportamento, seus modos — dava para saber quais daquelas pessoas ricas tinham um mínimo de decência e quais não) se recusou a lhe dar a gorjeta.

Chenayya fez jogo duro.

— Seu filho da puta! Me dá meu dinheiro!

Foi um triunfo para ele; o homem amoleceu e lhe deu três rupias. Ao sair da estação, Chenayya pensou: eu estou eufórico; mas o meu cliente não fez nada além de me pagar o que devia. Minha vida se reduziu a isso.

Os odores e o barulho da estação ferroviária o deixaram enjoado. Virando-se, Chenayya se agachou perto dos trilhos, levantou o sarongue e prendeu a respiração. O trem passou com um estrondo enquanto Chenayya estava agachado ali. Ele se virou; queria cagar na cara das pessoas que iam no trem. Sim, isso seria bom; quando o trem passou retumbando por cima das junções,

fez força e soltou o cocô bem na frente dos passageiros.

Ao seu lado havia um porco fazendo a mesma coisa.

Imediatamente Chenayya pensou: meu Deus, no que estou me transformando? Caminhou até uma esquina, rastejou para trás de um arbusto e defecou ali. Disse a si mesmo: nunca mais vou defecar assim, num lugar onde eu possa ser visto. Existe uma diferença entre um homem e um animal; existe uma diferença.

Fechou os olhos.

O cheiro de manjericão ao seu lado parecia uma prova de que ainda havia boas coisas no mundo. Mas quando abriu os olhos, só o que viu foram espinhos, merda e animais perdidos.

Olhou para cima e respirou fundo. O céu é limpo, pensou. Existe uma pureza lá em cima. Arrancou algumas folhas, limpou-se com elas, depois raspou a mão esquerda na terra para neutralizar o cheiro.

Às duas da tarde chegou seu próximo “número”: uma enorme pilha de caixas que deveriam ser levadas a um endereço em Valência. O garoto tâmil foi conferir que ele entendia o endereço com exatidão: depois do hospital, passando pelo seminário dos padres jesuítas.

— Tem muito trabalho hoje, Chenayya — disse o garoto.

— Vá pelo caminho mais rápido, pelo alto do Morro do Farol.

Chenayya resmungou, montou na bicicleta, passou o peso do corpo aos pedais e já estava a caminho. A corrente de ferro enferrujada que prendia o carrinho à roda da bicicleta começou a fazer um barulho estranho.

Seguindo a avenida principal, Chenayya ficou preso num engarrafamento. Parou e tomou consciência de seu corpo mais uma vez. Seu pescoço doía, o sol queimava suas costas. Quando tomava consciência da dor, Chenayya se punha a pensar.

Por que algumas manhãs eram difíceis e outras eram tranquilas? Os outros puxadores nunca tinham dias “bons” ou “ruins”; apenas faziam o trabalho feito máquinas. Só ele tinha aqueles altos e baixos. Baixou a cabeça para aliviar a dor

no pescoço e olhou para a corrente enferrujada a seus pés, presa na barra de metal que unia a bicicleta ao carrinho. Está na hora de engraxar a corrente, disse a si mesmo. Não posso esquecer.

Morro acima de novo. Inclinando-se à frente, separado do banco, Chenayya fez um grande esforço; o ar entrava em seus pulmões feito brasas acesas. Na metade da ladeira, viu um elefante que descia na direção dele, levando nas costas com um pequeno feixe de folhas e um cornaca que cutucava a orelha do animal com uma vara de ferro.

Chenayya parou; aquilo era inacreditável. Começou a gritar com o elefante: ei, você, o que está fazendo aí com essas folhas, pegue aqui a minha carga! Ela está boa para o seu tamanho, filho da puta!

Os carros atrás dele buzinaaram. O cornaca se virou para ele e gesticulou com a vara de ferro. Um pedestre gritou com Chenayya, mandando-o parar de obstruir o tráfego.

— Não está vendo que tem algo errado com este mundo — falou, virando-se para o motorista do carro atrás dele, que batia na buzina com a parte mais carnuda da mão — quando um elefante vai passeando ladeira abaixo sem fazer praticamente nenhum trabalho, e um ser humano tem que puxar um carrinho pesado?

Os motoristas buzinaaram e a barulheira cresceu.

— Não estão vendo que tem alguma coisa errada aqui? — gritou. Eles buzinaaram de novo. O mundo estava furioso com a sua fúria. O mundo queria que ele saísse do caminho; mas Chenayya estava gostando de ficar exatamente onde estava, bloqueando todas aquelas pessoas ricas e importantes.

Naquela noite houve grandes faixas cor-de-rosa no céu. Depois que a loja fechou, os peões foram para o beco atrás da loja; revezaram-se comprando garrafinhas de uma aguardente local que dividiam entre todos, ficando tontos e cantando músicas de filmes em canará, desafinados e a todo volume.

Chenayya nunca se juntava a eles.

— Vocês estão torrando todo o dinheiro, seus idiotas! — gritava com eles de vez em quando; eles apenas zombavam de volta.

Chenayya não bebia; prometera a si mesmo que não iria desperdiçar o fruto de seu trabalho duro com álcool. O cheiro da bebida no ar o fazia salivar, o bom humor e a camaradagem dos outros puxadores o fazia se sentir sozinho. Fechou os olhos. Um tilintar o fez abrir os olhos outra vez.

Ali perto, na escada de um prédio abandonado, estava, como de costume, uma prostituta gorda que aparecia para fazer seus negócios. Ela batia palmas e anunciava sua presença sacolejando duas moedas na mão. Um cliente se aproximou; puseram-se a barganhar um preço. Não chegaram a um acordo, e o homem foi embora xingando.

Chenayya, deitado no carrinho com os pés para fora, observou toda a ação com um sorriso sonso.

— Ei, Kamala! — gritou com a prostituta. — Por que não me dá uma chance esta noite?

Ela olhou para o outro lado e continuou a remexer suas moedas. Chenayya olhou para os seios fartos da mulher, a fenda escura de seu decote, os lábios pintados de uma cor gritante.

Virou os olhos para o céu: tinha que parar de pensar em sexo. Faixas cor-de-rosa entre as nuvens. Não existe um Deus? Ou alguém ali, perguntou-se Chenayya, olhando para esta terra? Uma noite, quando foi entregar um pacote na estação ferroviária, Chenayya ouviu um dervixe muçulmano selvagem conversando num canto da estação sobre o Mahdi, o último dos imames, que viria a esta terra para acabar com o mal.

— Alá é o criador de todos os homens — murmurou o dervixe. — Tanto dos pobres como dos ricos. E ele observa a nossa dor, e quando sofrermos Ele sofre conosco. E no final dos tempos Ele vai enviar o Mahdi num cavalo branco com uma espada de fogo para colocar os ricos no lugar deles e corrigir tudo o que há de errado no mundo.

Alguns dias depois, quando foi a uma mesquita, Chenayya descobriu que os muçulmanos fediam, por isso não ficou muito tempo ali. Ainda assim, nunca se esqueceu do Mahdi; sempre que via uma faixa cor-de-rosa no céu pensava que poderia detectar algum Deus da Justiça, observando a Terra e brilhando de raiva.

Chenayya fechou os olhos e ouviu outra vez o tilintar das moedas. Revirou-se

inquieta e cobriu o rosto com um pano, para que o sol não o acordasse, e caiu no sono. Meia hora depois, acordou com uma dor penetrante nas costelas. A polícia estava batendo nos puxadores com seus cassetetes *lathi*. Um caminhão vinha entrando nesta parte do mercado.

Todos vocês, puxadores! Levantem e mexam esses carrinhos!

O CAMPEONATO DE PIPAS ACONTECEU entre duas casas próximas. Os donos das pipas estavam ocultos; tudo o que Chenayya pôde ver ao escovar os dentes com um galhinho de carqueja foram as pipas preta e vermelha brigando no céu. Como sempre, o garoto da pipa preta estava ganhando; a pipa dele voava mais alto. Chenayya pensou no pobre garoto da pipa vermelha: será que ele nunca iria vencer?

Chenayya cuspiu, depois caminhou alguns metros para urinar num muro. Ouviu uma zombaria atrás dele. Os outros puxadores estavam urinando bem no lugar onde dormiam.

Chenayya não disse nada. Ele nunca falava com os outros puxadores. Mal aguentava vê-los — o modo como eles se curvavam e se humilhavam diante do sr. Ganesh Pai; tudo bem, ele fazia o mesmo, mas estava furioso por dentro. Esses outros sujeitos pareciam incapazes sequer de pensar mal do patrão; e Chenayya não conseguia respeitar um homem dentro do qual não houvesse revolta.

Quando o garoto tâmil trouxe o chá, Chenayya se juntou aos puxadores, relutante; ouviu-os conversar outra vez, como praticamente todas as manhãs, sobre os autorriquixás que iriam comprar assim que saíssem dali; ou sobre a pequena casa de chá que iriam abrir.

“Pensem no que estão falando”, quis lhes dizer, “apenas pensem nisso”.

O sr. Ganesh Pai pagava só duas rupias por cada entrega; ou seja, a uma média de três entregas por dia, cada um estava ganhando seis rupias; depois de deduzir a loteria e a bebida, com sorte dava para economizar duas rupias; nos domingos eles ficavam de folga, assim como nos feriados hindus; portanto, no fim do mês, tinham economizado só quarenta ou 45 rupias. Uma viagem para seu povoado no interior, uma noite com uma puta, uma bebedeira mais longa e toda a economia do mês ia para o brejo. Supondo que ele conseguisse economizar o máximo possível, com sorte ganharia quatrocentos por ano. Um autorriquixá

custava doze, quatorze mil. Uma pequena casa de chá, muito mais. Isso significava que seriam necessários 35 anos naquele trabalho antes que pudessem fazer qualquer outra coisa. Mas eles achavam que seus corpos durariam tudo aquilo? Por acaso conheciam um único puxador com mais de quarenta anos?

Vocês nunca pensam nessas coisas, seus babuínos?

Ainda assim, quando tentou um dia fazê-los entender aquilo, eles se recusaram a exigir mais dinheiro coletivamente. Os puxadores se viam como homens de sorte; havia mil pessoas prontas para tomar seus empregos a qualquer momento. Chenayya sabia que eles estavam certos também.

Apesar dessa lógica, apesar daqueles medos válidos, a falta de brio dos colegas lhe dava nos nervos. É por isso, pensou, que o sr. Ganesh Pai tem tanta confiança nos puxadores, sabe que se um cliente der a eles mil rupias em dinheiro, ele vai receber até a última rupia, o puxador não vai roubar nem uma nota.

Naturalmente, Chenayya já planejava há muito roubar o dinheiro que um cliente lhe desse um dia. Iria pegar o dinheiro e sair da cidade. Tinha certeza que faria isso — algum dia, dentro de muito pouco.

Naquela noite, os puxadores foram todos reunidos. Um homem de terno safári azul, um homem importante e instruído, estava fazendo perguntas a eles; tinha um caderninho nas mãos. Dizia ter vindo de Madras.

Perguntou a um dos puxadores quantos anos ele tinha. Ninguém sabia ao certo. Quando o homem perguntou “Você pode fazer uma estimativa?”, o puxador apenas fez que sim com a cabeça. Quando o homem sugeriu “Dezoito, vinte, trinta... você deve ter *alguma* ideia”, o puxador simplesmente acenou outra vez com a cabeça.

— Eu tenho 29 — gritou Chenayya, sentado em seu carrinho. O homem assentiu. Anotou alguma coisa no caderninho.

— Diga, quem é o senhor? — perguntou Chenayya. — Por que está fazendo todas essas perguntas?

O homem disse ser jornalista, e os puxadores ficaram impressionados; ele trabalhava para um jornal em inglês em Madras, e isso os impressionou ainda

mais.

Eles ficaram surpresos ao ver que um homem bem vestido estava sendo cortês com eles e imploraram para que se sentasse num catre que um deles limpou com o lado da mão. O homem de Madras puxou sua calça na altura dos joelhos e se sentou.

Depois quis saber o que os homens estavam comendo. Fez uma lista em seu caderno de tudo o que comiam diariamente; depois ficou calado e escreveu bastante no caderno, enquanto eles aguardavam, expectantes.

No final, baixou o caderno e, com um grande sorriso, qua-se triunfante, declarou:

— O trabalho que vocês estão realizando excede a quantidade de calorias que consomem. A cada dia, a cada viagem que vocês fazem, estão se matando lentamente.

Mostrou-lhes o caderno com rabiscos, ziguezagues e números, como prova do que estava dizendo.

— Por que vocês não fazem alguma outra coisa, como trabalhar numa fábrica? Qualquer coisa? Por que não aprendem a ler e escrever?

Chenayya saltou de seu carrinho.

— Pare de dar lições na gente, seu filho da puta! — gritou.

— Quem nasce pobre neste país está fadado a morrer pobre. Não há esperança para nós, e a gente não precisa de piedade. Certamente não de você, que nunca mexeu um dedo para nos ajudar; eu cuspo em você. Cuspo no seu jornal. Nada nunca muda. Nunca vai mudar. Olha para mim — mostrou as pal-mas das mãos. — Eu tenho 29 anos. Olha só como já estou todo encurvado e torto. Se eu viver até os quarenta, qual é o meu destino? Ser um homem retorcido feito um galho. Você acha que eu não sei disso tudo? Acha que eu preciso do seu caderno e do seu inglês para me explicar? Vocês, as pessoas da cidade, deixam a gente assim, seus ricos escrotos. Vocês têm interesse em nos tratar feito gado! Seu escroto! Vai falar em inglês em outro lugar, seu escroto!

O homem deixou o caderno de lado. Olhou para o chão e pareceu estar

procurando uma resposta.

Chenayya sentiu alguém cutucar seu ombro. Era o garoto tâmil da loja do sr. Ganesh Pai.

— Pare de falar tanto! Chegou o seu número! Alguns dos outros puxadores começaram a rir, como se estivessem dizendo a Chenayya: *bem feito*.

Viu só! Chenayya olhou intensamente para o homem de Madras que falava inglês, como dizendo: “não temos nem mesmo o privilégio de falar. Mesmo quando levantamos a voz, mandam a gente calar a boca.”

Estranhamente, o homem de Madras não estava sorrindo; desviou o rosto como se estivesse envergonhado.

Ao subir o Morro do Farol naquele dia, fazendo força para levar o carrinho pela ladeira, Chenayya não sentiu a exultação de sempre. Não estou realmente avançando, pensou. Cada volta da roda o desfazia e o freava. A cada pedalada estava fazendo a roda da vida girar para trás, esmagando músculos e fibras, transformando-os na polpa de que eram feitos no útero de sua mãe; Chenayya estava se desfazendo.

De repente, bem no meio do tráfego, parou e desceu da bicicleta, possuído por uma ideia simples e clara: não posso continuar assim.

E POR QUE VOCÊS NÃO FAZEM ALGUMA coisa, trabalham numa fábrica, qualquer coisa para melhorar de vida?

Afinal de contas, há anos vocês entregam coisas nas portas das fábricas — é só questão de entrar nelas.

No dia seguinte Chenayya foi à fábrica. Viu milhares de homens se apresentando para trabalhar e pensou: como fui idiota, nunca nem tentei arrumar um trabalho aqui.

Chenayya se sentou e os guardas não fizeram nenhuma pergunta, pensando que estaria esperando para apanhar uma entrega.

Esperou até o meio-dia, quando então um homem saiu da fábrica. Pelo número de pessoas que o seguiam, Chenayya imaginou que seria o chefe. Passou

correndo pelo guarda e se ajoelhou:

— Senhor! Eu quero trabalhar.

O homem o encarou. Os guardas vieram correndo para tirar Chenayya dali, mas o chefe falou:

— Eu tenho dois mil funcionários e nenhum deles quer trabalhar, e veja só este homem, de joelhos, implorando por trabalho. É disto que o país precisa para ir para frente.

Apontou para Chenayya.

— Você não vai ganhar nenhum contrato de longo prazo. Entenda. Dia a dia.

— Qualquer coisa, o que o senhor quiser.

— Que tipo de trabalho você faz?

— Qualquer coisa, o que o senhor quiser.

— Muito bem, volte amanhã. Não precisamos de um peão agora mesmo.

— Sim, senhor. O chefe apanhou um maço de cigarros e acendeu um.

— Ouçam o que este homem tem a dizer — falou, quando um outro grupo de homens, que também estavam fumando, se reuniu ao redor dele.

E Chenayya repetiu que faria qualquer coisa, em qualquer condição, por qualquer salário.

— Diga outra vez! — ordenou o chefe, e outro grupo de homens se aproximou e ouviu as palavras de Chenayya.

Naquela noite, voltou à loja do sr. Ganesh Pai e gritou com os outros funcionários:

— Encontrei um trabalho de verdade, seus filhos da puta.

Estou caindo fora daqui. Só o garoto tâmil o preveniu.

— Chenayya, por que não espera mais um dia para ter certeza que o outro trabalho é bom? Depois pode se demitir daqui.

— Nada disso, estou indo embora! — gritou, e saiu dali.

No dia seguinte, de madrugada, estava de volta ao portões da fábrica.

— Quero ver o chefe — falou, sacudindo as barras do portão para chamar a atenção. — Ele mandou eu vir hoje.

O guarda, que estava lendo o jornal, olhou para ele com severidade.

— Cai fora!

— Não está lembrado de mim? Eu vim...

— Cai fora!

Chenayya esperou perto do portão; depois de uma hora, o portão se abriu e um carro com vidros escuros saiu da fábrica. Correndo ao lado do carro, Chenayya bateu nas janelas.

— Senhor! Senhor! Senhor!

Uma dezena de mãos o agarrou pelas costas; Chenayya foi jogado no chão e chutado. Quando perambulou até a loja do sr. Pai naquela noite, o garoto tâmil já o esperava. O menino falou:

— Não cheguei a contar ao chefe que você tinha se demitido.

Os outros puxadores não perturbaram Chenayya naquela noite. Um deles lhe deixou uma garrafa de bebida, ainda pela metade.

A CHUVA CAÍA SEM CESSAR. Chenayya pedalou a bicicleta debaixo do aguaceiro, respingando água por toda a rua. Estava usando um grande pedaço de plástico branco por sobre o corpo, como uma túnica. Um pano preto prendia o plástico em volta de sua cabeça, fazendo-o parecer um árabe de capa e cafetã.

Aquela era a situação mais perigosa para os puxadores. Sempre que passava por um bueiro na rua, tinha que reduzir o passo para não cair com o carrinho.

Esperando nos cruzamentos, viu à esquerda um garoto gorducho sentado no banco de um autorriquixá. A chuva fazia Chenayya ficar brincalhão; mostrou a língua para ele. O garoto fez o mesmo, e a brincadeira foi repetida várias vezes, até que o motorista do autorriquixá repreendeu o menino e encarou Chenayya.

A dor no pescoço voltou. Não posso continuar assim, pen-sou Chenayya. Do outro lado da rua, um dos outros puxadores, um rapaz jovem, acompanhava Chenayya em seu carrinho.

— Tenho que entregar isto logo e voltar — disse o rapaz.

— O chefe falou para eu voltar em menos de uma hora — o rapaz sorriu, e Chenayya quis sentar a mão naquele sorriso. Meu Deus, este mundo está cheio de idiotas, pensou, contando até dez para se acalmar. Este garoto parece tão contente em se destruir de tanto trabalhar. *Seu babuíno!*, quis gritar. *Você e todos os outros! Babuínos!*

Baixou a cabeça, e de repente pareceu muito mais difícil puxar o carrinho.

— O seu pneu está vazio! — gritou o babuíno. — Vai ter que parar. — O rapaz sorriu e seguiu em frente.

Parar?, pensou Chenayya. Não, um babuíno faria isso: eu não. Baixando a cabeça, continuou a pedalar, obrigando o pneu furado a seguir em frente:

— Anda!

E assim, devagar e barulhento, sacolejando as velhas rodas e as correntes sem óleo, o carrinho avançou.

ESTÁ CHOVENDO AGORA, PENSOU Chenayya, deitado em seu carrinho naquela noite, coberto com um pedaço de plástico para se proteger da chuva. Isso quer dizer que a metade do ano já passou. Devemos estar em junho ou julho. Eu já devo ter quase trinta anos.

Baixou o lençol de plástico e ergueu a cabeça para aliviar a dor no pescoço. Não conseguia acreditar no que estava vendo: mesmo naquela chuva, algum desgraçado estava empinando uma pipa! Era o menino da pipa preta. Como se estivesse desafiando os céus, os relâmpagos. Chenayya observou a cena e esqueceu a dor.

De manhã, dois homens de uniforme cáqui entraram no beco: motoristas de autorriquixá. Tinham vindo lavar as mãos na torneira no final da rua. Os puxadores abriram caminho instintivamente, deixando os homens de uniforme passarem. Enquanto eles lavavam as mãos, Chenayya ouviu-os conversar sobre o motorista de autorriquixá que fora preso pela polícia por bater num cliente.

— Por que não? — dizia um dos motoristas ao outro. — Ele tinha todo o direito de bater no homem! É uma pena que não matou aquele desgraçado antes da polícia chegar!

Depois de escovar os dentes, Chenayya foi até o vendedor de bilhetes da loteria. Um menino totalmente desconhecido estava sentado no balcão, balançando alegremente as pernas.

— O que aconteceu com o cara que trabalhava aqui?

— Foi embora.

— Embora para onde?

— Entrou para a política.

O menino contou o que acontecera com o velho vendedor. Tinha entrado na campanha de um candidato do BJP nas eleições para a Prefeitura. Seu candidato tinha grandes chances de ganhar as eleições. Depois disso, ele ficaria sentado na varanda da casa do candidato; quem quisesse ver o político, antes teria de lhe pagar cinquenta rupias.

— Assim é a vida dos políticos, é o jeito mais rápido de ficar rico — disse o menino. Folheou seus blocos de papel colorido. — O que vai ser, tio? Um amarelo? Ou um verde?

Chenayya deu meia-volta sem comprar nenhum bilhete. Por que isso, entrar na política e ficar rico, não pode acontecer comigo?, pensou à noite. Chenayya não queria esquecer o que acabara de ouvir, por isso se beliscou com força na altura do tornozelo.

ERA DOMINGO OUTRA VEZ. Seu dia livre. Chenayya acordou quando o calor apertou, escovou os dentes com preguiça, levantando a vista para ver se havia alguma pipa no céu. Os outros puxadores estavam indo visitar o novo

templo *hoyka* que o Parlamentar havia aberto, só para *hoykas*, com uma divindade *hoyka* e sacerdotes *hoykas*.

— Você não vem, Chenayya? — gritaram os outros. — Por acaso algum deus já fez alguma coisa por mim? — gritou de volta; eles riram de sua imprudência.

Babuínos, pensou, deitando outra vez no carrinho. Vão adorar alguma estátua num templo, achando que vão ficar ricos com isso.

Babuínos! Ficou deitado cobrindo o rosto com um braço; depois ouviu o tilintar das moedas.

— Vem aqui, Kamala — gritou para a prostituta, que estava no lugar de sempre, brincando com as moedas. Quando Chenayya a provocou pela sexta vez, a mulher respondeu irritada:

— Não enche, se não vou chamar o Irmão. Ao ouvi-la citar o cafetão que cuidava dos bordéis nesta parte da cidade, Chenayya suspirou e se virou em seu carrinho.

Pensou: talvez seja hora de me casar.

Ele havia perdido todo o contato com sua família; além disso, não queria realmente se casar. Colocar filhos no mundo — com que futuro? Era nisso que os outros peões mais pareciam babuínos; procriar, como se com isso mostrassem estar satisfeitos com seu destino, estavam felizes em reabastecer o mundo que lhes dera aquela função.

Não havia nada além de raiva dentro de Chenayya, e se ele se casasse, achava que iria perder essa raiva.

Ao se ajeitar no carrinho, notou a mancha roxa em seu pé. Franziu o rosto, fazendo muita força para se lembrar onde tinha arrumado aquilo.

Na manhã seguinte, voltando de uma entrega, pegou um desvio e levou seu carrinho até o escritório do partido do Congresso na Umbrella Street. Agachou-se na entrada do escritório e esperou até que algum homem com cara de importante saísse de lá.

Uma placa na porta mostrava Indira Gandhi com a mão levantada e o slogan:

“Mãe Indira vai proteger os pobres.” Chenayya abriu um sorriso forçado.

Será que eles tinham enlouquecido completamente? Realmente achavam que alguém poderia acreditar que um político ia proteger os pobres?

Mas depois pensou: talvez aquela mulher, Indira Gandhi, houvesse sido uma pessoa especial; eles talvez estivessem certos. No fim das contas, ela foi assassinada, não foi? Aquilo parecia indicar que ela quisera ajudar as pessoas. De repente, Chenayya teve a impressão de que realmente havia homens e mulheres bem intencionados no mundo — sentiu que sua amargura sempre o afastara dessas pessoas. Agora Chenayya queria não ter sido tão grosseiro com aquele jornalista de Madras...

Apareceu um homem vestindo roupas brancas e frouxas, seguido por dois ou três acompanhantes; Chenayya correu até ele e se ajoelhou com as palmas unidas.

Durante toda a semana seguinte, sempre que tinha algum tempo antes da próxima entrega, andou por aí na bicicleta, colando cartazes dos candidatos do Congresso em todas as ruas dominadas por muçulmanos, gritando:

— Vote no Congresso, o partido dos muçulmanos! Vamos derrotar o BJP!

A semana passou. As eleições vieram, os resultados foram declarados. Chenayya foi de bicicleta até o partido do Congresso, estacionou-a na frente, dirigiu-se ao porteiro e pediu para falar com o candidato.

— Ele agora é um homem ocupado, espere um pouco aqui fora — disse o porteiro. Apoiou uma das mãos nas costas de Chenayya. — Você realmente nos ajudou a ganhar votos no Bunder, Chenayya. O BJP nos derrotou em todas as outras áreas, mas você fez os muçulmanos votarem na gente!

Chenayya ficou exultante. Esperou em frente à sede do partido e observou os carros que chegavam, expelindo homens ricos e importantes que entravam às pressas para ver o candidato. Viu-os e pensou: é aqui que eu vou ficar coletando dinheiro dos ricos. Não muito. Só cinco rupias de cada pessoa que vier ver o candidato. Isso deve ser suficiente.

Seu coração bateu animado. Passou uma hora.

Chenayya decidiu entrar na sala de espera, para garantir que poderia ver aquele

homem ilustre quando ele finalmente aparecesse. Na sala de espera havia bancos e cadeiras, uma dúzia de homens esperava ali. Chenayya viu uma cadeira vazia e pensou se deveria se sentar ou não. Por que não, já que ele também trabalhara para a vitória? Estava prestes a se sentar, quando o porteiro falou:

— Use o chão, Chenayya.

Outra hora passou. Todos os homens que estavam na sala de espera foram instruídos a entrar para ver o Homem; mas Chenayya continuou agachado do lado de fora, com o rosto entre as mãos, esperando.

Finalmente, o porteiro veio com uma caixa cheia de doces redondos e amarelos.

— Pegue um. Chenayya pegou um doce, quase o colocou na boca, depois o devolveu.

— Não quero um doce — ergueu a voz de repente. — Eu coleí cartazes na cidade toda! Agora quero ver o Homem! Quero arrumar um emprego com...

O porteiro lhe deu um tapa.

Eu sou o maior idiota de todos, pensou Chenayya, ao voltar ao seu beco: os outros puxadores estavam deitados em seus carrinhos, roncando alto.

Já era tarde da noite e ele era o único que não conseguia dormir. *Eu sou o maior idiota de todos; sou o maior babuíno aqui.*

AO SAIR PARA FAZER SUA PRIMEIRA entrega na manhã seguinte, havia outro engarrafamento em frente à Umbrella Street — o maior que ele já vira.

Chenayya reduziu o passo, cuspiendo na rua de poucos em poucos minutos para passar o tempo.

Quando finalmente chegou a seu destino, descobriu que a entrega era para um estrangeiro. O homem insistiu em ajudá-lo a descarregar os móveis, o que deixou Chenayya terrivelmente confuso. O estrangeiro falou com Chenayya em inglês o tempo todo, como se esperasse que todos em Kittur conhecessem bem aquela língua. No final, estendeu a mão para cumprimentá-lo e lhe deu uma nota de cinquenta rupias. Chenayya entrou em pânico — onde iria arrumar troco? Tentou explicar, mas o europeu apenas sorriu e fechou a porta.

Então ele entendeu. Curvou-se profundamente diante da porta fechada.

QUANDO VOLTOU PARA O BECO com duas garrafas de bebida, os outros puxadores se aproximaram dele.

— Onde você arrumou dinheiro para isso, Chenayya?

— Não é da sua conta.

Bebeu uma garrafa inteira; depois a outra. Foi até o mercado e comprou mais uma garrafa de aguardente; na manhã seguinte, quando acordou, percebeu que tinha gastado todo o dinheiro em bebida.

Todo o dinheiro.

Cobriu o rosto com as mãos e chorou.

Numa entrega na estação ferroviária, foi beber água numa torneira; ali perto, ouviu motoristas de autorriquixá falando do colega que havia batido no cliente.

— Ele tinha direito de fazer aquilo — disse um deles. — A condição dos pobres neste lugar está ficando intolerável.

Mas eles não eram pobres, pensou Chenayya, deixando cair bastante água em seus antebraços secos; eles moravam em casas, tinham veículos. A pessoa tem que juntar alguma riqueza para poder reclamar que é pobre, pensou. Quando a gente é pobre assim, não tem nem o direito de reclamar.

— Olha só, os ricos desta cidade querem que a gente acabe assim! — disse o motorista, e Chenayya percebeu que estavam apontando para ele. — Querem roubar o nosso dinheiro até virarmos isso aí!

Chenayya se afastou da estação ferroviária em sua bicicleta, mas não parava de ouvir aquelas palavras. Não conseguia desligar a mente. Ela gotejava feito uma torneira. Pensa, pensa, pensa. Passou por uma estátua de Gandhi e se pôs a pensar outra vez. Gandhi se vestia como um pobre — usava as mesmas roupas de Chenayya. Mas o que Gandhi havia feito pelos pobres?

Será que Gandhi sequer existira?, perguntou-se. Aquelas coisas — a Índia, o rio Ganges, o mundo além da Índia — por acaso eram reais?

Como ele poderia saber?

Só havia um grupo de gente em situação pior que a dele. Os mendigos. Um vacilo e ele acabaria lá embaixo com os mendigos, pensou. Bastava um acidente. E Chenayya viraria um deles. Como os outros lidavam com isto? Não lidavam. Eles preferiam não pensar.

Quando parou em uma encruzilhada naquela noite, um mendigo velho estendeu as mãos à sua frente.

Chenayya virou a cara e desceu a rua de bicicleta, voltando para a loja do sr. Ganesh Pai.

NA MANHÃ SEGUINTE SUBIU O morro outra vez com cinco caixas de papelão empilhadas no carrinho, pensando: porque a gente permite. Porque a gente não tem coragem de fugir com aquele maço de cinquenta mil rupias — porque a gente sabe que os outros pobres vão nos pegar e nos colocar diante do homem rico. Nós pobres construímos a prisão em volta de nós mesmos.

De noite ficou deitado, exausto. Os outros tinham acendido uma fogueira. Alguém iria lhes trazer algum arroz. Chenayya era o melhor trabalhador, por isso o chefe dissera a todos que ele deveria ser alimentado regularmente.

Viu dois cães trepando. Não havia nenhuma paixão no que estavam fazendo: era apenas um alívio. Isso é tudo o que eu quero fazer agora, pensou, trepar com alguma coisa. Mas em vez de trepar, tenho que ficar aqui, pensando.

A prostituta gorda estava sentada em seu ponto.

— Deixe eu subir com você — falou. Ela nem olhou para Chenayya; fez que não com a cabeça.

— Só uma vez. Eu pago da próxima vez.

— Cai fora daqui, senão vou chamar o Irmão — disse ela, referindo-se ao capanga que cuidava do bordel e cobrava uma comissão das mulheres todas as noites. Chenayya desistiu: comprou uma garrafinha de aguardente e se pôs a beber.

Por que eu penso tanto? Estes pensamentos parecem espinhos dentro da minha

cabeça; quero que eles saiam. E mesmo quando eu bebo eles continuam ali. Eu acordo no meio da noite com a garganta ardendo e encontro todos os pensamentos ainda na minha cabeça.

Ficou acordado, deitado no carrinho. Tinha certeza de que havia sido assombrado pelos ricos até mesmo nos sonhos, pois acordou furioso e suado. Depois ouviu os sons do coito ali perto. Olhando ao redor, viu outro puxador trepando com a prostituta. Bem ao lado dele. Chenayya se perguntou: por que não eu? por que não eu? Chenayya sabia que aquele sujeito não tinha dinheiro; portanto ela estava fazendo aquilo por caridade. Por que não eu?

Cada suspiro, cada gemido da cópula do casal era como um castigo; e Chenayya não aguentou mais.

Desceu do carrinho e caminhou até encontrar uma pilha de bosta de vaca no chão; apanhou um punhado. Jogou a merda nos amantes. Ouviu-se um grito; Chenayya correu até eles e esfregou a merda na cara da prostituta. Enfiou os dedos manchados de merda na boca dela e os manteve ali, mesmo depois que ela os mordeu; quanto mais ela mordia, mais ele gostava, e Chenayya manteve os dedos ali até que os outros puxadores caíssem sobre ele e o arrastassem de lá.

UM DIA RECEBEU A ORDEM DE FAZER uma entrega já na saída da cidade, no caminho para Bajpe; iria entregar o batente de uma porta numa obra.

— Antigamente tinha uma grande floresta aqui — contou-lhe um dos pedreiros.
— Mas agora só sobrou isso — apontou para um pasto distante.

Chenayya olhou para o homem e perguntou:

— Tem trabalho para mim aqui?

No caminho de volta, pegou um desvio e foi até aquele pasto. Quando chegou lá, largou a bicicleta e caminhou pelo lugar; ao ver uma pedra alta, escalou-a e olhou para as árvores ao redor. Estava com fome, pois não tinha comido nada o dia todo, mas se sentia bem. Sim, ele poderia morar ali fora. Se tivesse só um pouco de comida, o que mais poderia querer? Poderia descansar os músculos doloridos. Apoiaria a cabeça na pedra e olharia para o céu.

Sonhou com sua mãe. Depois se lembrou da emoção que sentira ao chegar a Kittur com dezessete anos, vindo de sua vila no interior. Naquele primeiro dia,

uma prima sua lhe mostrou o lugar, apontando para alguns dos principais pontos da cidade, e Chenayya se lembrou da brancura da pele dela, que fazia a cidade ficar duas vezes mais encantadora. Nunca mais encontrou aquela prima. Lembrou-se do que ocorreu depois: a terrível contração, a vida que ficava cada vez menor a cada dia na cidade. Percebia agora que aquele primeiro dia na cidade estava destinado a ser o melhor: você já foi expulso do paraíso no momento em que entrou na cidade.

Pensou: eu poderia ser um *sanyasi*. Ficar comendo arbustos e ervas e viver com o nascer e o pôr do sol. O vento soprou mais forte; as árvores farfalharam, como se rissem dele.

Já era noite quando voltou com sua bicicleta. Para chegar mais rápido na loja, pegou o caminho que passava pelo Morro do Farol.

Ao descer a ladeira, viu uma luz vermelha e depois uma luz verde presa nas costas de uma grande silhueta que avançava pela rua; um momento depois, percebeu que era um elefante.

Era o mesmo elefante que ele havia visto antes; só que agora tinha faróis presos a uma corda em seu rabo.

— O que significa isso? — gritou com o cornaca. O cornaca gritou de volta:

— Bom, tenho que tomar cuidado para ninguém bater na nossa traseira à noite: não tem nenhuma iluminação por aqui!

Chenayya jogou a cabeça para trás e riu; nunca tinha vis-to nada tão engraçado: um elefante com um sinal de trânsito preso no rabo.

— Eles não me pagaram — contou o cornaca. O homem havia amarrado o animal na beira da estrada e estava conversando com Chenayya. Tinha alguns amendoins e não queria comê-los sozinho, por isso ficou feliz em dividir alguns com Chenayya. — Eles me fizeram levar o filho para passear e não me pagaram. Você tinha que ver como eles bebiam. E não quiseram me pagar cinquenta rupias, que foi tudo o que pedi. —

O cornaca deu um tapa no lado do elefante. — Depois de tudo que o Rani fez por eles...

— O mundo é assim mesmo — respondeu Chenayya.

— Então é um mundo podre — o cornaca mastigou mais alguns amendoins.

— Um mundo podre — bateu no lado do elefante. Chenayya olhou para o bicho.

Os olhos daquele animal gigante o fitaram de lado; tinham um brilho escuro, quase como se estivessem lacrimejando. A besta também parecia estar dizendo “as coisas não deveriam ser assim”.

O cornaca mijou num muro, virando a cara para cima, arqueando as costas e suspirando de alívio, como se nada o houvesse deixado tão feliz o dia inteiro.

Chenayya continuou olhando para o elefante, seus olhos tristes e úmidos. Pensou: desculpe ter xingado você um dia, irmão — e afagou a tromba do animal.

O cornaca ficou parado diante do muro, vendo Chenayya falar com o elefante; uma apreensão crescia dentro dele.

NA FRENTE DA SORVETERIA, dois meninos chupavam picolés e olhavam diretamente para Chenayya. Ele estava esparramado no carrinho, morto de cansaço depois de mais um dia de trabalho.

“Estão vendo só como estou?” Chenayya quis gritar por cima do tráfego. Seu estômago roncava; ele estava cansado e com fome, e ainda passaria uma hora até que o garoto tâmil da loja do sr. Ganesh Pai viesse trazer o jantar.

Um dos meninos da calçada em frente se virou para o outro lado, como se a fúria dos olhos do puxador tivesse se tornado palpável; mas o outro, um garoto gordo, de pele clara, continuou a olhar, correndo a língua para cima e para baixo pelo palito do picolé e olhando indiferente para Chenayya.

Você não tem vergonha, nenhum senso de decência, seu gordinho de merda?

Virou-se no carrinho e se pôs a falar em voz alta para acalmar os nervos. Seu olhar caiu no serrote enferrujado no fundo do carrinho. O que me impede, falou em voz alta, de atravessar a rua e partir aquele moleque em pedaços?

O mero pensamento o fez se sentir poderoso. Um dedo cutucou seu ombro. Se

for o filho da puta gordo com o picolé, vou pegar este serrote e partir o moleque ao meio, juro por Deus.

Era o assistente tâmil da loja.

— É a sua vez, Chenayya.

Levou o carrinho até a entrada da loja, onde o garoto lhe deu um pequeno embrulho envolto em jornal, atado com um barbante branco.

— É para o mesmo lugar aonde você levou a mesa cor-de-rosa um tempo atrás. A casa da sra. Engineer. A gente esqueceu de levar o brinde e ela tem reclamado.

— Ah, não — resmungou Chenayya. — Ela não dá gorjeta nenhuma. É a mulher mais escrota que eu já vi.

— Você tem que ir, Chenayya. É o seu número. Chenayya pedalou devagar. A cada cruzamento e sinal de trânsito ele olhava para o serrote no carrinho.

A própria sra. Engineer abriu a porta: disse que estava falando ao telefone e mandou Chenayya esperar do lado de fora.

— A comida do Lion's Club engorda tanto — ouviu-a dizer.

— Engordei dez quilos no ano passado.

Chenayya correu os olhos rapidamente ao redor. Não se via nenhuma luz nas casas dos vizinhos. Parecia haver uma guarita nos fundos da casa, mas também estava escura. Chenayya apanhou o serrote e entrou. A mulher estava de costas; viu a brancura da pele dela no espaço entre a blusa e a saia; sentiu

o perfume de seu corpo. Chegou mais perto. A mulher se virou; cobriu o bocal do telefone com a mão:

— Aqui não, seu idiota! Deixe ali no chão e caia fora! Chenayya ficou ali parado, confuso.

— No chão! — gritou a mulher. — Depois caia fora!

Chenayya fez que sim, largou o serrote no chão e correu para fora.

— Ei, não deixe isso aqui! Ai, meu Deus!

Chenayya correu de volta, apanhou o serrote e saiu da casa, abaixando-se para evitar as folhas da carqueja. Jogou o serrote no carrinho: um barulho alto. O brinde... onde estava? Pegou o pacote, correu para a casa, deixou-o em qualquer lugar e bateu a porta.

Ouviu-se um miado assustado. Um gato estava sentado num galho da árvore, observando-o atento. Chenayya se aproximou. Como tinha olhos bonitos, pensou. Parecia uma joia caída do trono, o indício de um mundo de beleza além de seu conhecimento e alcance.

Esticou-se em direção ao animal, que se aproximou dele.

— Gatinho, gatinho — disse Chenayya, acariciando seu pelo. O bicho se esquivou, inquieto.

Em algum lugar, espero, um homem pobre vai dar um golpe neste mundo. Porque não tem nenhum Deus olhando para nós. Ninguém vai vir nos libertar da prisão em que trancamos a nós mesmos.

Quis dizer tudo isso ao gato; talvez pudesse dizer aquilo a outro puxador; o que tivesse coragem suficiente para dar esse golpe.

Ficou sentado apoiado no muro, ainda segurando o gato e acariciando seu pelo. Eu podia levar você comigo, gatinho. Mas como o alimentaria? Como cuidaria do animal quando não estivesse por perto? Largou-o. Ficou sentado com as costas apoiadas no muro e viu o animal caminhar com cuidado até um carro, depois se esconder debaixo dele; Chenayya inclinou o pescoço para ver o que o gato estava fazendo ali embaixo, quando ouviu um grito vindo de cima. Era a sra. Engineer, gritando de uma janela no alto da mansão:

— Eu sei qual é a sua, seu marginal! Eu consigo ler seus pensamentos! Você não vai ganhar nem uma rupia de mim! Pode ir andando!

Chenayya já não estava com raiva; e sabia que ela estava certa. Tinha que voltar para a loja. Logo seria o seu número de novo. Subiu no carrinho e pedalou. Havia um engarrafamento no centro da cidade e Chenayya teve de subir o Morro do Farol outra vez. O tráfego também estava ruim ali. Avançava uns poucos centímetros de cada vez, e então Chenayya tinha que parar no meio da ladeira e

cravar os pés na rua para segurar o carrinho. Quando as buzinas começavam a soar, ele se levantava do banco e pedalava. Atrás de Chenayya avançava uma longa fila de carros e ônibus, como se ele estivesse puxando o tráfego com uma corrente invisível.

Dia quatro (tarde): O ENTRONCAMENTO DO POÇO DE ÁGUA FRIA

Dizem que o Poço de Água Fria nunca vai secar, mas ele agora está fechado e só serve como uma rotunda para o tráfego. Nas ruas ao redor do poço há uma série de conjuntos habitacionais de classe média. Profissionais de todas as castas — bunts, brâmanes e católicos — vivem aqui lado a lado, embora os muçulmanos ricos fiquem no Bunder. O Canara Club, o clube mais exclusivo da cidade, fica aqui, numa grande mansão branca cercada por um gramado. A vizinhança contém a parte “intelectual” da cidade: ostenta um Lion’s Club, um Rotary Club, uma Loja Maçônica, um grupo educacional bahaíta, uma Sociedade Teosófica e uma filial da Aliança Francesa de Pondicherry. Dentre as diversas instituições médicas situadas no lugar, as mais conhecidas são o Hospital Geral Havelock Henry e a clínica ortodôntica Sorriso Feliz, do dr. Shambhu Shetty. O Colégio Secundário para Meninas Santa Inês, que é a escola para meninas mais conceituada da cidade, também se localiza perto do entroncamento. A parte mais luxuosa da região do Entroncamento do Poço de Água Fria é a rua chamada Rose Lane, toda ladeada por hibiscos. Mabroor Engineer, que muitos acreditam ser o homem mais rico de Kittur, e Anand Kumar, o parlamentar de Kittur, têm mansões aqui.

— UMA COISA É PEGAR UM POUCO DE GANJA, ENROLAR num chapati e mastigar no fim do dia, só para relaxar os músculos: eu posso perdoar um homem por isso, realmente posso. Mas fumar essa droga, essa tal de heroína, às sete da manhã e ficar caído num canto com a língua pendurada para fora da boca, eu não tolero isso em nenhum homem na minha obra. Está entendendo? Ou quer que eu repita em tâmil, ou sei lá que língua vocês falam?

— Entendi, senhor.

— O que você falou? O que você falou, seu filho da...?

Segurando o irmão pela mão, Soumya viu o capataz dar uma bronca em seu pai. O capataz era jovem, muito mais jovem que o pai dela — mas usava um uniforme cáqui que tinha recebido da construtora e revirava um cassetete *lathi* na mão esquerda; Soumya viu que os pedreiros, em vez de defenderem seu pai, ficaram calados escutando o capataz. Ele estava sentado numa cadeira azul no topo de um monte de terra; um lampião a gás zunia alto em cima de um pedaço de pau enfiado no chão perto da cadeira. Ao lado dele começava a cratera em volta da casa semidemolida; o interior da casa estava cheio de entulho, o teto quase desabara e as janelas estavam ocas. Com seu *lathi* e o uniforme, e o rosto sob a luz dura do lampião incandescente de parafina, o capataz parecia um soberano do inferno às portas de seu reino.

Um semicírculo de pedreiros tinha se formado embaixo dele. O pai de Soumya estava afastado dos outros, olhando de relance para a mãe da menina, que abafava os soluços numa ponta do sári. Numa voz rasgada pelo choro, ela falou:

— Eu falo toda hora para ele parar com essa heroína. Falo toda hora...

Soumya se perguntou por que a mãe teria que reclamar do pai na frente de todo mundo. Raju segurou sua mão.

— Por que todos estão bravos com o papai? Soumya apertou a mão do irmão. Fica quieto. Sem aviso, o capataz levantou da cadeira, deu um passo

à frente e, descendo do monte, ergueu o *lathi* sobre o pai de Soumya.

— Mandei prestar atenção — bateu com o *lathi*. Soumya fechou os olhos e virou a cara. Os trabalhadores haviam retornado às suas barracas, esta vam espalhadas pelo campo aberto em volta da casa escura, semidemolida. O pai de Soumya estava deitado em seu colchão azul, afastado de todo mundo; já estava roncando, cobrindo os olhos com as mãos. Antigamente a menina teria se aproximado e se aninhado ao lado dele.

Soumya se aproximou do pai. Sacudiu-o pelo dedão do pé, mas ele não respondeu. Foi até a mãe, que estava preparando arroz, e deitou-se ao lado dela.

Martelos e marretas a acordaram pela manhã. Tum! Tum! Tum! Com os olhos embaçados, Soumya subiu até a casa. Seu pai estava na parte que ainda restava do telhado, sentado numa das vigas pretas de ferro, cortando-a com um serrote. Dois homens batiam na parede abaixo com marretas; nuvens de poeira subiam e

cobriam o pai de Soumya enquanto ele serrava. A menina sentiu o coração pular no peito.

Correu até a mãe e gritou:

— O papai está trabalhando outra vez!

A mãe estava com as outras mulheres; vinham descendo da casa com grandes tigelas de metal na cabeça, repletas de entulho.

— Cuidado para o Raju não se molhar — falou ao passar por Soumya.

Só então Soumya notou que estava chovendo.

Raju estava deitado no lençol que a mãe estivera usando; Soumya o acordou e o levou para uma das barracas. O menino começou a choramingar, dizendo que queria dormir mais um pouco. Soumya foi até o colchão azul; seu pai não havia nem tocado no arroz da noite passada. Misturando o arroz seco com água da chuva, a menina o amassou, formando uma papa, e enfiou bocados na boca de Raju. O garoto disse que não gostava e mordeu os dedos da irmã a cada bocado.

A chuva apertou e Soumya ouviu o capataz urrar:

— Seu filhos de umas carecas, nada de reduzir o passo!

Quando a chuva parou, Raju quis que alguém o empurrasse no balanço.

— Vai começar a chover outra vez — disse Soumya, mas ele não quis nem saber. Soumya o levou no colo até o velho pneu de caminhão perto do muro da obra, colocou o menino nele e o empurrou, gritando:

— Um! Dois! Enquanto empurrava, um homem apareceu na frente dela. A pele escura e molhada do homem estava coberta de uma poeira branca, e Soumya demorou um instante para reconhecê-lo.

— Querida — disse ele —, você tem que fazer uma coisa para o papai.

O coração de Soumya ficou tão acelerado que ela não conseguiu dizer uma palavra. Queria que ele dissesse “querida” não como o fazia agora — como se fosse só uma palavra, o ar que saía de sua boca — mas como antes, quando

brotava de seu coração, quando vinha acompanhada do ato de puxá-la junto ao peito e abraçá-la com força, sussurrando feito louco em sua orelha.

O pai continuou a falar daquele jeito estranho, lento, arrastado, e explicou o que queria que a menina fizesse; depois entrou de novo na casa.

Soumya encontrou Raju, que estava cortando uma minhoca em pedaços menores com um caco de vidro roubado da demolição, e falou:

— Temos que ir.

Raju não podia ficar sozinho, embora fosse ser um grande incômodo numa viagem como aquela. Uma vez, ela o deixara sozinho e o menino engolira um pedaço de vidro.

— Aonde a gente vai? — perguntou ele.

— Para o Bunder.

— Por quê?

— Tem um lugar lá no Bunder, um parque, onde os amigos do papai ficam esperando ele chegar. O papai não pode ir, porque o capataz vai bater nele outra vez. Você não quer que o capataz bata no papai de novo na frente de todo mundo, quer?

— Não — respondeu Raju. — E quando a gente chegar nesse parque, vai fazer o quê?

— Vamos dar dez rupias para os amigos do papai nesse parque e eles vão nos dar uma coisa que o papai precisa *muito*.

— O quê? Soumya contou ao menino. Raju, que já entendia de dinheiro, perguntou:

— Quanto vai custar?

— Dez rupias — respondeu a irmã.

— Ele te deu dez rupias?

— Não. O papai falou que nós mesmos vamos ter que arrumar. Vamos ter que pedir esmola.

Quando os dois desceram a Rose Lane, Soumya manteve os olhos fixos no chão. Um dia ela tinha encontrado cinco rupias no chão — isso, cinco! A gente nunca sabe o que vai encontrar nos lugares onde as pessoas ricas moram.

Saíram para a calçada; um carro branco freou por um momento para passar por um buraco na estrada, e Soumya gritou com o motorista:

— Onde fica o porto, tio?

— Bem longe daqui — gritou o homem. — Vá para a avenida e pegue à esquerda.

As janelas opacas dos bancos de trás estavam fechadas, mas Soumya pôde ver de relance, pela janela do motorista, a mão de uma passageira coberta de pulseiras de ouro; quis bater na janela. Mas se lembrou da regra que o capataz havia dado a todos os filhos dos pedreiros: nada de pedir esmola na Rose Lane, só na avenida. Soumya se controlou.

Todas as casas da Rose Lane estavam sendo demolidas e reconstruídas. Soumya se perguntou por que as pessoas iriam querer derrubar aquelas casas brancas, tão grandes e bonitas. Talvez ficassem inabitáveis depois de algum tempo, que nem os sapatos.

Quando o sinal da avenida ficou vermelho, Soumya foi de um autorriquixá ao seguinte abrindo e fechando os dedos.

— Tio, tenha dó, estou morrendo de fome.

A técnica dela era eficaz. Tinha aprendido com a mãe. O segredo era o seguinte: enquanto pedia esmola, mantinha contato ocular por três segundos; depois seus olhos começavam a vagar para o próximo autorriquixá.

— Mamãe, estou com fome — esfrega a mão na barriga —, me dá comida — fecha os dedos e leva-os à boca.

— Irmão, estou com fome.

— Vovô, só uma moedinha já dá pra...

Enquanto ela percorria a rua, Raju ficava sentado no chão, com instrução de choramingar sempre que passasse alguma pessoa bem vestida. Soumya não contava muito com ele; se ele ficasse sentado pelo menos evitaria se meter em outros problemas, como correr atrás de gatos ou tentar brincar com vira-latas que poderiam ter raiva.

Perto do meio-dia as ruas ficavam repletas de carros. As janelas estavam fechadas por causa da chuva, e ela tinha que levar as duas mãos ao vidro e arranhá-los feito um gato para chamar a atenção. As janelas de um carro estavam abaixadas, e Soumya pensou que sua sorte estava melhorando.

Uma mulher num dos carros tinha belos desenhos dourados pintados nas mãos, e Soumya ficou olhando fixamente para eles. Ouviu a mulher das mãos douradas falar com alguma outra pessoa no carro:

— Estes mendigos estão na cidade inteira hoje em dia. Antigamente não era assim.

A outra pessoa se inclinou para frente e a encarou por um momento.

— Eles são tão *escuros*... de onde eles vêm?

— Vai saber...

Só cinquenta paisas, depois de uma hora. Depois disso, Soumya tentou entrar num ônibus quando ele parou no sinal vermelho para pedir ali dentro, mas o trocador a viu chegar e ficou parado na porta:

— Nada disso.

— Por que não, tio?

— Quem você está pensando que eu sou, um homem rico feito o sr. Engineer? Vá pedir a alguma outra pessoa, sua peste! Olhando-a com uma expressão severa, o trocador ergueu o cordão vermelho de seu apito sobre a cabeça, como se fosse um chicote. Soumya saiu correndo dali.

— Ele era um grande babaca — disse a Raju, que tinha algo para lhe mostrar: um pedaço de plástico cheio de bolhas de ar; dava para estourar as bolhas.

Tomando cuidado para não ser vista pelo trocador, Soumya ficou de joelhos e o colocou na rua bem em frente à roda do ônibus. Raju se agachou:

— Não, assim está ruim. A roda não vai passar por cima — disse o menino. — Empurra um pouquinho para a direita.

Quando o ônibus avançou outra vez, as rodas passaram por cima do plástico e as bolhas explodiram, assustando os passageiros; o trocador tirou a cabeça pela janela para ver o que havia acontecido. As duas crianças fugiram correndo.

Começou a chover de novo. Os dois se agacharam debaixo de uma árvore; alguns cocos caíram lá de cima com um estrondo, e um homem que estava parado perto deles com um guarda-chuva deu um pulo e xingou a árvore, depois saiu apressado. Soumya riu, mas Raju ficou com medo de ser acertado por um coco.

Quando a chuva parou, Soumya encontrou um pedaço de pau e rabiscou o chão, desenhando um mapa da cidade como ela a imaginava. Aqui — era a Rose Lane. Aqui — era onde eles estavam, ainda perto da Rose Lane. Aqui — era o Bunder. E aqui — o parque dentro do Bunder que eles deveriam procurar.

— Entendeu tudo? — perguntou a Raju. Ele fez que sim, animado com o mapa.

— Para chegar no Bunder, a gente tem que ir — desenhou outra flecha — por aquele hotelzão.

— E depois?

— Depois pro parque dentro do Bunder.

— E depois?

— A gente encontra o que o papai pediu para a gente pegar.

— E depois?

Para falar a verdade, ela não fazia ideia se o hotel ficava no caminho do porto ou

não: mas a chuva tinha afastado os carros da rua, e o hotel era o único lugar onde ela talvez conseguisse pedir algum dinheiro agora.

— Você tem que pedir dinheiro em inglês, que nem os turistas — disse Soumya, provocando Raju no caminho para o hotel. — Você sabe o que tem que dizer em inglês?

Eles pararam na frente do hotel para ver um grupo de corvos tomando banho numa poça d'água. O sol brilhava na água, e a plumagem preta dos corvos reluzia quando eles sacudiam o corpo, emitindo gotículas de água; Raju declarou que ele nunca tinha visto nada tão bonito.

O homem sem braços nem pernas estava sentado na frente do hotel; lançou xingamentos para o outro lado da rua.

— Vão embora, seus filhos do diabo! Falei para nunca mais voltarem aqui! Soumya gritou de volta:

— Vai você para o inferno, seu monstro. A gente já falou: nunca mais volte aqui!

O homem estava sentado numa tábua de madeira com rodas. Sempre que um carro freava no sinal em frente ao hotel, ele rolava o corpo, colocando-se em cima da tábua de madeira, e pedia esmola num dos lados; Soumya pedia no outro lado do carro.

Raju, sentado na calçada, bocejava.

— Por que a gente tem que pedir esmola? O papai está trabalhando hoje. Eu vi ele cortando aqueles negócios. — Raju afastou as pernas e se pôs a serrar uma viga imaginária abaixo dele.

— Silêncio.

Dois táxis frearam no sinal vermelho. O homem sem braços nem pernas logo se aproximou no primeiro táxi com sua tábua; Soumya correu para o segundo e pôs as mãos na janela aberta. Um estrangeiro estava sentado dentro. Encarou-a de boca aberta. Soumya viu seus lábios fazerem um “O” perfeitamente rosa.

— Você conseguiu algum dinheiro? — perguntou Raju quando ela voltou do

carro onde estava o homem branco.

— Não. Levanta — disse Soumya, puxando o menino para que se levantasse.

Entretanto, depois de passarem por dois sinais vermelhos, Raju percebeu: apontou para o punho fechado de Soumya.

— Você pegou dinheiro com o homem branco. Você tem dinheiro!

Soumya se aproximou de um autorriquixá estacionado no lado da rua:

— Qual o caminho até o Bunder? O motorista bocejou.

— Eu não tenho dinheiro nenhum. Vai embora.

— Não estou pedindo dinheiro. Estou pedindo a direção até o Bunder.

— Já falei que não vou te dar nada. Soumya cuspiu na cara dele. Depois agarrou Raju pelo punho e correram feito loucos.

O seguinte motorista de autorriquixá a quem perguntaram era um homem simpático.

— É um caminho muito, muito longo. Por que não pegam um ônibus? O número 343 vai deixar vocês lá. Se não, vão ser umas duas horas a pé, pelo menos.

— A gente não tem dinheiro, tio. O motorista lhes deu uma moeda de uma rupia e perguntou:

— Onde estão seus pais? Os dois entraram num ônibus e pagaram ao trocador.

— Onde vão descer? — gritou ele.

— No porto.

— Este ônibus não vai para o porto. Vocês têm que pegar o número 343. Este é o número... — eles saíram e foram caminhando.

Agora estavam perto do Entroncamento do Poço de Água Fria. Lá encontraram

um garoto que só tinha um braço e uma perna trabalhando, como sempre; ele ia pulando de carro em carro, pedindo esmola antes que Soumya conseguisse chegar até eles. Alguém havia dado um rabanete ao menino, por isso ele ia pedindo esmola com um grande rabanete branco na mão, batendo-o nas janelas para chamar a atenção dos passageiros.

— Nem pensem em vir pedir esmola aqui, seus filhos da puta! — gritou com eles, sacudindo o rabanete de modo ameaçador.

Os dois mostraram a língua ao menino e gritaram:

— Deformado! Seu deformado nojento!

Raju começou a chorar depois de uma hora e se recusou a continuar andando, por isso Soumya revirou uma lata de lixo para procurar alguma comida. Havia uma caixa de papelão com dois biscoitos; cada um comeu um.

Caminharam mais um pouco. Depois de algum tempo, as narinas de Raju começaram a soltar bolhas.

— Dá para sentir o cheiro do mar daqui. Soumya também sentia. Caminharam mais rápido. Viram um homem pintando uma placa em inglês num lado da rua; dois gatos brigando no teto de um Fiat branco; uma carroça cheia de lenha cortada; um elefante descendo a rua com um grande feixe de folhas de carqueja; um carro esvaçalhado num acidente; um corvo preto com as garras contraídas junto ao peito, a barriga aberta, repleta de formigas pretas.

Chegaram então ao Bunder. O sol estava se pondo sobre o mar e eles passaram pelos mercados lotados, à procura de um parque.

— Não tem nenhum parque aqui no Bunder. É por isso que o ar é tão ruim aqui — disse um velho vendedor de amendoins muçulmano. — Vocês receberam a indicação errada. Vendo a cara de profundo desânimo dos dois, o homem lhes ofereceu um punhado de amendoins para mastigarem.

Raju choramingou. Estava com tanta fome... que se danem os amendoins! Jogou-os de volta em cima do muçulmano, que o chamou de demônio.

Isso fez Raju ficar com tanta raiva que ele se separou da irmã e saiu correndo; Soumya correu atrás dele até o menino parar.

— Olha! — gritou Raju, apontando para uma fila de homens mutilados com os membros enfaixados, sentados na frente de um prédio com uma abóbada branca.

Caminharam com cuidado entre os leprosos. Depois, Soumya viu um homem deitado num banco, com as mãos cruzadas sobre o rosto, respirando pesadamente. Aproximou-se do banco e viu, bem na beira da água, cercado por um murinho de pedra, um pequeno parque verde.

Raju já estava mais calmo.

Quando chegaram ao parque, ouviram gritos. Um policial estava batendo num homem muito escuro.

— Foi você que roubou os sapatos? Foi você?

O homem muito escuro fez que não. O policial bateu nele com mais força.

— Seu filho de uma careca, fica tomando essas drogas e depois rouba as pessoas, e você, filho de uma careca, você...!

Três homens de cabelo branco, escondidos num arbusto perto dela, indicaram a Soumya que fosse se esconder com eles. A menina levou Raju para dentro do arbusto e os dois esperaram ali até que o policial tivesse ido embora.

Soumya sussurrou para os três homens de cabelo branco.

— Eu sou a filha do Ramachandran, o homem que derruba as casas das pessoas ricas na Rose Lane. Nenhum deles conhecia seu pai.

— O que você quer, menininha? Soumya disse a palavra, o melhor que conseguia se lembrar:

— ...oína. Um dos homens, que parecia ser o líder, fechou a cara:

— Fale de novo.

Ele fez que sim quando Soumya pronunciou aquela palavra estranha pela segunda vez. O homem apanhou no bolso um saquinho feito com folha de jornal e o cutucou: de dentro saiu um pó branco que parecia giz amassado. O homem tirou um cigarro de outro bolso, abriu-o, retirou o tabaco, encheu o pa-pel com o

pó branco e o enrolou bem firme. Segurou o cigarro no ar e indicou com a outra mão para Soumya.

— Doze rupias.

— Eu só tenho nove — disse ela. — Você vai ter que aceitar nove.

— Dez.

Soumya lhe deu o dinheiro; apanhou o cigarro. Foi tomada de uma dúvida terrível.

— Se você estiver me roubando, se estiver me enrolando, eu e o Raju vamos voltar com o papai e bater em todos vocês. — Os três homens se agacharam em volta dela. Começaram a estremecer, estavam rindo juntos. Havia algo de errado com eles. Soumya pegou Raju pelo punho e saíram correndo.

A menina começou a vislumbrar relances da cena que viria a seguir. Ela mostraria ao papai o que havia trazido para ele de tão longe. “Querida”, diria ele — do jeito que costumava dizer —, e a abraçaria num frenesi de afeto, e os dois morreriam de amor um pelo outro.

Depois de algum tempo, o pé esquerdo de Soumya começou a arder; a menina flexionou os dedos do pé e olhou para eles. Raju insistiu em ser levado no colo; mas tudo bem, pensou Soumya, o menino tinha se portado bem hoje.

Começou a chover outra vez. Raju chorou. Ela teve que ameaçar deixá-lo para trás três vezes; na terceira, realmente largou o menino e caminhou por todo um quarteirão até que ele viesse correndo atrás dela, falando de um dragão gigante que o estava perseguindo.

Entraram num ônibus.

— Bilhetes — gritou o motorista, mas Soumya piscou um olho para ele e disse:

— Irmão, deixe a gente ir de graça, por favor. O rosto do homem amoleceu, e ele os deixou ficar no fundo do ônibus.

Estava totalmente escuro quando voltaram à Rose Lane. Viram lâmpadas acesas em todas as mansões. O capataz estava sentado debaixo de seu lampião a gás,

falando com um dos pedreiros. A casa parecia menor: todas as vigas tinham sido cortadas.

— Vocês ficaram pedindo esmola aqui na vizinhança? — gritou o capataz quando os viu.

— Não, não ficamos.

— Não mintam para mim! Vocês sumiram o dia inteiro, e o que estavam fazendo? Pedindo esmola na Rose Lane! Soumya levantou o lábio superior, fazendo cara de desprezo.

— Por que não pergunta se a gente pediu esmola aqui antes de sair acusando? O capataz os encarou com olhar severo mas ficou calado, derrotado pela lógica da menina.

Raju correu à frente, gritando pela mãe. Ela já estava dormindo, sozinha, com seu sári molhado de chuva. Raju correu até a mãe, apoiou a cabeça ao seu lado e esfregou o corpo no dela para se aquecer, como um gatinho; a mulher adormecida resmungou e se virou para o outro lado. Pôs-se a espantar Raju com um dos braços.

— *Amma* — disse o menino, sacudindo-a. — *Amma!* Estou com fome! A Soumya não me deu nada para comer o dia todo! A gente teve que andar e andar e pegar um ônibus e depois outro, sem nenhuma comida! Um homem branco deu cem rupias pra ela, e ela nem me deu nada para comer nem beber.

— Para de mentir! — silvou Soumya. — E os biscoitos? Mas Raju continuou a sacudir a mãe:

— *Amma!* A Soumya não me deu nada para comer nem beber o dia inteiro!

As duas crianças começaram a brigar. Depois, uma mão tocou de leve no ombro de Soumya.

— Querida.

Ao ver o pai, Raju começou a choramingar; virou-se e correu até a mãe. Soumya e o pai caminharam até um canto.

— Você conseguiu, querida? Conseguiu aquilo? Soumya respirou fundo.

— Aqui — falou, colocando o pacote nas mãos dele. O pai ergueu o embrulho até o nariz, cheirou-o e o guardou debaixo da camisa: Soumya viu as mãos do pai por dentro do sarongue, chegando até a virilha. Depois ele retirou a mão. Ela sabia o que viria agora: seus carinhos.

O pai de Soumya agarrou o punho da menina; fincou os dedos em sua carne.

— E as cem rupias que o homem branco deu a você? Eu ouvi o que o Raju falou.

— Ninguém me deu cem rupias, papai. Eu juro. O Raju está mentindo, juro.

— Não minta. Onde estão as cem rupias? Ele levantou o braço. Soumya começou a gritar. Quando ela foi se deitar junto da mãe, Raju ainda estava reclamando de que não havia comido nada o dia inteiro, e que tinha sido forçado a caminhar daqui para lá e depois para mais um outro lugar, e depois de volta para aqui. Depois viu as marcas vermelhas na cara e no pescoço da irmã e ficou calado. Soumya tombou no chão e caiu no sono.

KITTUR: FATOS ESSENCIAIS

POPULAÇÃO TOTAL (CENSO DE 1981): 193.432 residentes

DIVISÃO POR CASTAS E RELIGIÕES

(em porcentagem da população total)

HINDUS

Castas altas

Brâmanes:

Falantes de canará: 4%

Falantes de concani: 3%

Falantes de télugo: menos de 1%

Bunts: 16%

Outras castas altas: 1%

Castas desfavorecidas

Hoykas: 24%

Outras castas desfavorecidas e tribais: 4%

Dalits (antigamente chamados intocáveis): 9%

MINORIAS

Muçulmanos

Sunitas: 14%

Xiitas: 1%

Ahmadis, bohras, ismaelitas: menos de 1%

Católicos: 14%

Protestantes (anglicanos, pentecostais, testemunhas de Jeová, mórmons): 3%

Jainistas: 1%

Outras religiões (pársis, judeus, budistas, brahmo-samajis e bahaístas): menos de 1%

89 residentes declaram não ter religião nem casta

Dia cinco (manhã): VALÊNCIA

(ATÉ O PRIMEIRO CRUZAMENTO)

Valência, o bairro católico, começa no Hospital Homeopático Padre Stein, batizado assim em homenagem a um missionário jesuíta alemão que abriu aqui asilo para doentes terminais. Valência é o maior bairro de Kittur; a maioria de seus habitantes é instruída, tem emprego e possui casa própria. Os poucos hindus e muçulmanos que compraram terra em Valência jamais tiveram qualquer problema, mas os protestantes que quiseram morar aqui já foram atacados com pedras e palavras de ordem. Todo domingo de manhã, homens e mulheres vestem suas melhores roupas e seguem em massa para a missa da Catedral de Nossa Senhora de Valência. Na noite de Natal, praticamente toda a população lota a catedral para a missa do galo; hinos e corais são cantados até de madrugada.

NO QUE DIZ RESPEITO A PROBLEMAS E HORRORES vividos, Jayamma, a cozinheira do advogado, queria que todos soubessem que ninguém havia sofrido tanto quanto ela. Num espaço de doze anos sua querida mãe tivera onze filhos. Nove deles haviam sido mulheres. Isso mesmo, nove! Isso *sim* é um grande problema. Quando Jayamma nasceu, a número oito, sua mãe não teve leite nas mamas — tiveram que alimentá-la com o leite de uma burra numa mamadeira de plástico. Leite de burra, isso mesmo! Isso *sim* é um grande problema. Seu pai economizara dinheiro suficiente para casar seis filhas; as últimas três tiveram de se manter virgens e inférteis por toda a vida. Isso mesmo, por toda a vida. Durante quarenta anos ela havia sido colocada num ônibus ou outro e enviada de cidade em cidade para cozinhar e limpar a casa de alguém. Alimentar e engordar os filhos de alguém. Sequer lhe diziam aonde ela iria a seguir; era de noite, ela ficava brincando com seu sobrinho — o pequeno Brijju, aquele balofo — e o que ouvia na sala era simplesmente sua cunhada conversando com um estranho ou outro: “Negócio fechado, então. Se ela ficar aqui, vai comer de graça; portanto o senhor está nos fazendo um favor, acredite.” No dia seguinte, Jayamma era colocada de novo num ônibus. Passavam meses antes que ela pudesse ver Brijju outra vez. Essa era a vida de Jayamma, um crediário de problemas e horrores. Quem teria mais coisas para se queixar nesta

planeta?

Mas pelo menos um horror estava prestes a terminar. Jayamma logo iria deixar a casa do advogado.

Ela era uma mulher de quase sessenta anos, baixa e encurvada, com a cabeça coberta por um cabelo brilhante e prateado que parecia emanar luz. Uma grande verruga preta sobre sua pálpebra esquerda era do tipo que costumava ser tomado como um sinal de auspício numa criança. Sob seus olhos sempre havia bolsas de pele escura em forma de dentes de alho, e seus globos oculares eram remelentos pela falta de sono e pelas preocupações crônicas.

Jayamma já fizera sua mala: uma grande mala marrom, a mesma com a qual tinha chegado. Nada mais. Não havia roubado nem uma paise do advogado, embora a casa às vezes estivesse uma bagunça e certamente não faltasse oportunidade. Mas ela tinha sido honesta. Levou a mala para a varanda da frente e esperou pelo Ambassadors verde do advogado. Ele prometera deixá-la na estação de ônibus.

— Adeus, Jayamma. Você vai realmente nos deixar?

Shaila, a pequena criada de baixa casta da casa do advogado — que fora o principal tormento de Jayamma nos últimos oito meses — sorriu. Embora a menina tivesse doze anos e fosse estar pronta para o casamento no ano seguinte, parecia ter apenas sete ou oito. Tinha o rosto escuro coberto de talco para bebê Johnson & Johnson's e pestanejava, zombando de Jayamma.

— Seu demônio de baixa casta — silvou Jayamma. — Comporte-se! Uma hora atrasado, o carro do advogado surgiu na garagem.

— Ainda não lhe disseram? — perguntou o advogado quando Jayamma se aproximou dele com a mala. — Eu falei à sua cunhada que você poderia nos ser útil por mais um tempo, e ela concordou. Achei que alguém teria lhe informado.

O advogado bateu a porta do carro com força. Depois foi tomar um banho; Jayamma levou a velha mala marrom de volta para a cozinha e se pôs a preparar o jantar.

— EU NUNCA VOU SAIR DA CASA DO ADVOGADO, vou, sr. Krishna?

Na manhã seguinte, a velha mulher estava em pé ao lado do fogareiro da cozinha, preparando uma sopa de lentilhas. Enquanto trabalhava, inspirava o ar com um sibilo, como se sua língua estivesse em brasa.

— Durante quarenta anos eu vivi entre bons brâmanes, sr. Krishna. Casas nas quais até os lagartos e os sapos tinham sido brâmanes na vida anterior. Veja agora meu destino, presa entre cristãos e comedores de carne nesta cidade estranha, e sempre que acho que vou embora, minha cunhada me manda ficar mais um pouco...

Secou a testa e continuou a se perguntar: o que teria feito na vida anterior? Teria sido uma assassina, uma adúltera, uma devoradora de crianças, uma pessoa rude com os homens santos e com os sacerdotes — de modo a ganhar o destino de cair aqui, na casa do advogado, e viver ao lado de uma baixa casta?

Refogou as cebolas, cortou coentro e jogou-os na panela, depois misturou pó de *curry* vermelho e glutamato monossódio retirado de pacotinhos de plástico.

— Rái! Rái! Jayamma se assustou e largou a concha dentro do caldo. Foi até a grade no fundo da casa do advogado e espiou.

Shaila estava no muro externo do terreno, batendo palmas, enquanto no jardim do vizinho cristão, Rosie, a menina de lábios carnudos, com uma faca na mão, corria atrás de um galo. Destrancando a porta de leve, Jayamma se esgueirou no jardim para olhar melhor.

— Rái! Rái! Rái! — Shaila gritava animada enquanto o galo cacarejava; o animal finalmente pulou na rede verde que cobria o poço, onde Rosie finalmente agarrou o coitado e se pôs a cortar seu pescoço. A língua do galo saiu pela boca e seus olhos quase saltaram.

— Rái! Rái! Rái!

Jayamma atravessou a cozinha correndo, chegando à sala de orações, que era bastante escura, e trancou a porta.

— Krishna... meu sr. Krishna...

O quarto de orações também servia como despensa para guardar o arroz, e além disso como o aposento privado de Jayamma. O lugar tinha dois metros por dois

metros; o pequeno espaço entre o altar e as bolsas de arroz, que mal dava para ela se encolher para dormir à noite, era tudo o que Jayamma pedira ao advogado (tinha recusado terminantemente a sugestão inicial do patrão, de dividir um quarto com a baixa-casta no aposento dos criados).

Jayamma se aproximou do altar e apanhou uma pequena caixa preta, que abriu devagar. Lá dentro havia uma imagem de prata de um Deus criança — engatinhando nu, com nádegas brilhantes —: o deus Krishna, único amigo e protetor de Jayamma.

— Krishna, Krishna — entoou baixo, segurando o deus bebê nas mãos mais uma vez e esfregando as nádegas prateadas com o dedo —, está vendo o que acontece à minha volta, eu, uma mulher brâmane bem-nascida!

Sentou-se numa das três bolsas de arroz empilhadas na parede do quarto de orações, cercada por frascos amarelos de DDT. Cruzando as pernas sobre a bolsa de arroz e apoiando a cabeça na parede, respirou profundamente o DDT — um aroma estranho, relaxante, curiosamente viciante. Jayamma suspirou; limpou a testa com uma ponta de seu sári escarlate. Manchas de luz do sol, que atravessavam as bananeiras no jardim, brincavam no teto do quartinho.

Jayamma fechou os olhos. A fragrância do DDT a deixava entorpecida; seu corpo se desenroscava, seus membros afrouxavam e ela caía no sono em segundos.

Quando acordou, o gordinho Karthik, filho do advogado, estava apontando uma lanterna para a cara dela. Era assim que o menino a acordava.

— Estou com fome — disse ele —, tem alguma coisa pronta?

— Irmão! — A mulher deu um pulo e ficou em pé. — Tem magia negra no quintal! A Shaila e a Rosie mataram uma galinha e estão fazendo magia negra.

O menino apagou a lanterna. Olhou para ela, incrédulo.

— Do que você está falando, velha caduca?

— Vem! — Os olhos da velha cozinheira estavam esbugalhados de espanto. — Vem!

Encaminhou o patrãozinho pelo longo corredor que levava ao quarto dos empregados.

Pararam em frente à grade de metal da qual se via o quintal. Havia coqueiros baixos, um varal e um muro preto onde começava o terreno do vizinho cristão. Não havia ninguém por perto. Um vento forte sacudia as árvores, e uma folha de papel rodopiava pelo quintal feito um dervixe. O menino viu os lençóis brancos pendurados no varal, balançando de um jeito um tanto assustador. Os lençóis também pareciam suspeitar do que a cozinheira suspeitava.

Jayamma fez um sinal para Karthik: faça muito, muito silêncio. Empurrou a porta que dava para o quarto dos empregados. Estava trancada.

Quando a velha senhora a destrancou, sentiram um cheiro forte de óleo de cabelo e talco de bebê, e o menino tapou o nariz.

Jayamma apontou para o chão do quarto.

Um triângulo de giz branco tinha sido traçado dentro de um quadrado feito com giz vermelho; pedaços da carne de um coco seco coroavam as pontas do triângulo. Flores murchas e enegrecidas estavam espalhadas dentro de um círculo. Uma bola de gude azul brilhava no centro.

— Isso é para magia negra — disse Jayamma, e o menino fez que sim.

— Espiões! Espiões!

Shaila estava parada na porta do quarto de criados, bloqueando a saída. Levantou o dedo médio para Jayamma.

— Você, sua velha coroca! Já não falei para nunca mais vir bisbilhotar o meu quarto? A velha criada franziu a cara.

— Irmão! — gritou ela. — Está vendo como esta baixa-casta fala com nós, brâmanes? Karthik fechou o punho e gesticulou para a menina.

— Ei! Esta aqui é a minha casa e eu faço o que eu quiser, entendeu?! Shaila olhou para ele com severidade:

— Não vai pensar que pode me tratar feito um animal, hem...

Três buzinas altas interromperam a discussão. Shaila saiu voando para abrir o portão; o menino correu para seu quarto e abriu um livro escolar; Jayamma correu pela sala de jantar em pânico, pondo pratos de aço inoxidável na mesa.

O dono da casa tirou os sapatos no hall de entrada e os jogou na direção da sapateira. Shaila teria de arrumá-los depois. Depois de se lavar rapidamente em seu banheiro privado, o advogado surgiu na sala de jantar; era um homem alto, de bigode, que cultivava costeletas no estilo de uma década anterior. No jantar, sempre se sentava sem camisa, vestindo apenas seu cordão de brâmane, que dava voltas por seu torso flácido. Comeu rápido e em silêncio, parando apenas para fitar um canto do teto. A casa foi posta em ordem pelo movimento das mandíbulas do patrão. Jayamma serviu a comida. Karthik comeu com o pai. Na garagem, Shaila lavou o Ambassador verde do patrão, molhando o carro com a mangueira e esfregando.

O advogado leu o jornal na sala de televisão durante uma hora, depois o menino entrou e se pôs a procurar o controle remoto preto entre a bagunça de jornais e livros na mesa de sândalo que ocupava o meio da sala. Jayamma e Shaila entraram às pressas e se agacharam num canto, esperando até que a televisão fosse ligada.

Às dez da noite, todas as luzes da casa se apagaram. O patrão e Karthik dormiam em seus quartos. Na escuridão, sussurros odiosos continuaram no quarto dos criados:

— Bruxa! Bruxa! Bruxa de baixa casta, fica fazendo magia negra!

— Velha coroca brâmane! Velha brâmane, coroca e maluca!

Seguiu-se uma semana de conflitos incessantes. Sempre que Shaila passava pela cozinha, a velha cozinheira brâmane lançava, aos milhares, nomes de divindades vingativas sobre a cabeça oleosa da baixa-casta.

— Que tempos são estes em que os brâmanes trazem moças de baixa casta para sua própria casa? — resmungou enquanto mexia as lentilhas pela manhã. — Onde foram parar as regras das castas e da religião, sr. Krishna?

— Falando sozinha de novo, velha virgem? — A garota ha-via assomado a cabeça pela porta da cozinha; Jayamma arremessou uma cebola na direção dela.

Almoço. Trégua. A menina colocou seu prato de aço inoxidável em frente ao quarto dos criados e se agachou no chão enquanto Jayamma lhe servia uma porção generosa da sopa de lentilhas sobre a montanha de arroz branco. Ela não deixaria ninguém morrer de fome, resmungou enquanto servia, nem mesmo um inimigo jurado. Isso: nem mesmo um inimigo jurado. Um brâmane não faria uma coisa dessas.

Depois do almoço, vestindo os óculos, Jayamma abriu o jornal bem em frente ao quarto dos criados. Inspirando constantemente, leu alto e devagar, unindo as letras para formar palavras e as palavras para formar frases. Quando Shaila passou, Jayamma jogou o jornal na cara da menina.

— Aqui, você sabe ler e escrever, não sabe? Aqui, leia o jornal!

A garota ficou enfurecida; voltou ao quarto dos criados e bateu a porta.

— Você acha que eu esqueci o truque que você usou com o advogado, sua hoykazinha? Ele é um homem de bom coração, e é por isso que, naquela noite que você se aproximou dele com esse sorrisinho afetado de baixa casta e falou, patrão, eu não sei ler. Não sei escrever. Eu quero ler. Quero escrever. Ele não foi na mesma hora para a Livraria Shenoy na Umbrella Street e comprou livros caros de ler e escrever? E tudo isso para quê? Por acaso as baixas castas têm que ler e escrever? — Jayamma perguntava à porta fechada. — Aquilo tudo não foi só uma armadilha para o advogado?

Era verdade, a menina havia perdido todo o interesse por seus livros. Tinham ficado empilhados no fundo do quarto, e um dia, enquanto Shaila batia papo com a cristã de lábios carnudos da casa ao lado, Jayamma vendeu todos os livros para o muçulmano que recolhia papéis velhos. Rá! Tinha dado uma lição nela!

Enquanto Jayamma narrava a história do embuste infame da menina que queria ler e escrever, a porta do quarto dos criados se abriu; o rosto de Shaila apareceu na porta e ela gritou com Jayamma a plenos pulmões.

Naquela noite, o advogado falou durante o jantar:

— Estou sabendo que tem havido um problema ou outro nesta casa todos os dias da semana... é importante manter a casa tranquila. O Karthik tem que estudar para as provas.

Jayamma, que estava retirando a panela de lentilhas usando a borda do sári para não queimar as mãos, apoiou o ensopado na mesa.

— Não sou eu que estou fazendo barulho, patrão: é aquela menina *hoyka*! Ela não conhece os nossos modos brâmanes.

— Ela pode ser *hoyka*... — O advogado lambeu os grãos de arroz que tinha presos nos dedos. — Mas é uma menina limpa e trabalha bem.

Ao limpar a mesa após o jantar, Jayamma estremeceu ao pensar na reprimenda que recebera.

Só conseguiu se acalmar quando as luzes da casa se apagaram e ela se deitou na sala de orações com os vapores familiares do DDT a seu redor. Abriu a caixinha preta; o Deus bebê estava sorrindo para ela.

Ah, no que dizia respeito a problemas e horrores, quem tinha sofrido mais que Jayamma? Contou à paciente divindade a história de como chegara a Kittur, de como sua cunhada lhe dava ordens: “Jayamma, você tem que se separar da gente e ir, a mulher do advogado está num hospital em Bangalore, alguém tem que cuidar do pequeno Karthik” — era para ter ficado ali só um mês ou dois. Agora já haviam passado oito meses desde a última vez que vira seu sobrinho Brijju, que o tivera nos braços ou jogara críquete com ele. Ah, sim, eram grandes problemas, bebê Krishna.

Na manhã seguinte, deixou cair a concha na sopa de lentilhas outra vez. Karthik tinha vindo por trás e cutucado a barriga da cozinheira.

Jayamma saiu da cozinha, seguindo-o até o quarto dos criados. Viu o menino observar o desenho no chão, com a bola de gude azul no centro.

Nos olhos de Karthik, a velha criada viu aquele brilho — o brilho possessivo do patrão que ela já vira tantas vezes nos últimos quarenta anos.

— Olha só aquilo — disse Karthik —, o atrevimento dessa garota, desenhando este negócio na minha própria casa.

Os dois se sentaram em frente à grade amarela e viram Shaila caminhar ao longo do muro do terreno em direção à casa dos cristãos. Ouviu-se um baque no poço largo que havia no quintal, coberto por uma rede verde. Galos e galinhas, ocultos

pelo muro, corriam em volta do poço e cacarejavam sem parar. Rosie estava parada na frente do muro. Shaila e a cristã conversaram por algum tempo. Era uma tarde brilhante, iluminada. A luz crescia e se esmaecia em intervalos rápidos, fazendo com que as copas verdes dos coqueiros reluzissem e se obscurecessem feito fogos de artifício.

A menina perambulou sem rumo depois que Rosie foi embora. Eles a viram se abaixar ao lado dos jasmims para arrancar algumas flores e colocá-las no cabelo. Um pouco depois, Jayamma viu Karthik começar a coçar a perna em movimentos longos e fortes, feito um urso arranhando o lado de uma árvore. Subindo pelas coxas, seus dedos cortantes se moveram até a virilha. Jayamma o observou com repugnância. O que a mãe do garoto diria se visse o que ele estava fazendo bem agora? A menina caminhava sob o varal. Os finos lençóis de algodão pendurados para secar se tornaram incandescentes como telas de cinema quando os raios de sol surgiram entre as nuvens. A menina apareceu como uma protuberância redonda e escura dentro de um dos lençóis iluminados, como se estivesse no interior de um útero. Ouviu-se um lamento profundo de dentro do lençol branco. Shaila tinha começado a cantar:

Num sussurro uma estrela

Fala do que esperei

Para ver-te de novo,

Meu bebê, meu anjo, meu rei.

— Eu conheço essa canção de ninar... A esposa do meu irmão canta essa música para Brijju, meu sobrinhozinho.

— Silêncio. Ela vai ouvir você.

Shaila ressurgiu entre as roupas penduradas. Avançou até a outra ponta do quintal, onde as carquejas se misturavam aos coqueiros.

— Eu me pergunto se essa menina pensa na mãe e nas irmãs dela... — sussurrou Jayamma. — Que tipo de vida essa menina leva, longe da família?

— Cansei de esperar! — resmungou Karthik.

— Irmão, espere!

Mas ele já estava no quarto dos criados. Um grito triunfante: Karthik saiu de lá com a bola de gude azul.

À NOITE, JAYAMMA ESTAVA CATANDO o arroz sob a porta da cozinha. Tinha os óculos caídos na ponta do nariz e a fronte enrugada. Virou-se para o quarto dos criados, que estava trancado por dentro e de onde se ouviam soluços. Jayamma gritou:

— Pare de chorar. Você tem que endurecer. Criados como nós, que trabalham para os outros, têm que aprender a endurecer. Engolindo as lágrimas, Shaila gritou pela porta trancada:

— Cala a boca, sua bruxa brâmane autopiedosa! Você falou ao Karthik que eu estava fazendo magia negra!

— Não venha me acusar de coisas assim! Eu nunca falei a ele que você fazia magia negra!

— Mentirosa! Mentirosa!

— Não me chame de mentirosa, sua *hoyka*! Por que você desenha triângulos no chão, se não é para fazer magia negra? Você não me engana nem por um minuto.

— Você não está vendo que esses triângulos são só uma brincadeira? Está ficando maluca, bruxa velha?

Jayamma bateu a peneira na bancada com força; os grãos de arroz se espalharam pelo chão. Foi até a sala de orações e fechou a porta.

Acordou e escutou um monólogo choroso: vinha do quarto dos criados, e era tão alto que atravessava a parede da sala de orações.

— Eu não quero ficar aqui... eu não queria ter deixado meus amigos, e os nossos campos, as nossas vacas e vir aqui. Mas a minha mãe falou: “Você tem que ir para a cidade e trabalhar para o advogado Panchinalli, caso contrário, onde vai arrumar o colar de ouro? E quem vai casar com você sem um colar de ouro?” Mas desde que eu vim não vi nenhum colar de ouro: só problemas, problemas, problemas!

Jayamma gritou imediatamente para a parede:

— Problemas, problemas, problemas. Está vendo como ela fala feito uma velha! Essa sua infelicidade não é nada. Eu já tive problemas de verdade!

O choro parou. Jayamma contou à baixa-casta alguns de seus problemas. No jantar, Jayamma levou uma tigela de arroz para o quarto dos criados. Bateu à porta, mas Shaila não quis abrir.

— Oh, veja só como ela é uma senhorita presumida!

Jayamma continuou a bater à porta, até que ela se abriu. Serviu então arroz e lentilhas à menina e ficou ali olhando, para se assegurar de que ela comeria o jantar.

Na manhã seguinte, as duas criadas estavam sentadas juntas na entrada da cozinha.

— Conte, Jayamma, quais são as notícias no mundo?

Shaila estava brilhando de alegria. Flores no cabelo, talco Johnson outra vez no rosto. Jayamma ergueu os olhos do jornal com uma expressão de desdém.

— Ah, ah, por que está me perguntando, você sabe ler e escrever, não sabe?

— Pare com isso, Jayamma, você sabe que nós, os de baixa casta, não fomos feitos para essas coisas. — A garotinha abriu um sorriso condescendente. — Se vocês brâmanes não lerem para nós, como é que vamos aprender qualquer coisa...?

— Sente aqui — disse a velha cozinheira num tom arrogante. Virou lentamente as páginas e leu as notícias que lhe interessavam. — Estão falando que no distrito de Tumkur, um homem santo dominou a arte de voar apenas pelo poder da mente, consegue subir cinco metros e depois descer.

— É mesmo? — A menina ficou desconfiada. — Alguém viu mesmo ele fazer isso ou estão só acreditando no que ele fala?

— É claro que viram! — retorquiu Jayamma, batendo no jornal como prova. — Você nunca viu ninguém fazer magia?

Shaila riu histericamente; depois correu para o quintal e se meteu entre os coqueiros; e então Jayamma ouviu a canção outra vez.

Esperou Shaila voltar para a casa e disse:

— O que o seu marido vai pensar se vir você desse jeito, feito uma selvagem? O seu cabelo está uma bagunça.

Por isso a menina se sentou, e Jayamma passou óleo em seu cabelo, e o penteou, fazendo cachos negros e lustrosos que iriam atear fogo no coração de qualquer homem.

Às oito da noite, a velha criada e a menina foram assistir à tevê juntas. Ficaram ali até as dez, depois voltaram para seus quartos quando Karthik desligou o aparelho.

No meio da noite, Shaila acordou ao ver a porta de seu quarto se abrir.

— Irmã...

Na escuridão, Shaila viu uma cabeça com cabelo grisalho se assomar pela fresta.

— Irmã... deixe eu passar a noite aqui... tem fantasmas em frente à despensa, tem sim...

Praticamente se arrastando, Jayamma entrou no quarto dos criados arfando e suando profusamente; encostou-se numa parede e enfiou a cabeça entre os joelhos. A menina foi ver o que estava acontecendo na despensa; voltou rindo.

— Jayamma... não tem fantasma nenhum, são só dois gatos brigando na casa dos cristãos... só isso...

Mas a velha já estava dormindo, seu cabelo grisalho esparramado no chão. Daquele dia em diante, Jayamma passou a dormir no quarto de Shaila sempre que os dois gatos-demônios gritavam em frente a seu quarto.

ERA A VÉSPERA DO FESTIVAL NAVARATHRI. Jayamma ainda não ouvira nenhuma notícia de sua família nem do advogado sobre quando poderia ir para casa. O preço do açúcar de palma tinha subido outra vez. O do querosene também. Jayamma leu no jornal que um homem santo havia aprendido a voar de

árvore em árvore num bosque em Kerala — mas só entre palmeiras-de-betel. No ano seguinte haveria um eclipse parcial do sol e isso poderia sinalizar o fim do mundo. V.P. Singh, um membro do Gabinete de Ministros, tinha acusado o primeiro-ministro de corrupção. O governo podia cair a qualquer momento e o caos reinaria sobre Délhi.

Naquela noite, depois do jantar, Jayamma sugeriu ao advogado que ela poderia levar Karthik ao templo de Kittamma Devi perto da estação ferroviária no dia santo.

— O menino não deveria perder o hábito da oração agora que a mãe dele não está mais aqui, não é mesmo? — disse Jayamma com docilidade.

— É uma boa ideia. — O advogado apanhou o jornal. Jayamma respirou fundo para juntar coragem.

— Se o senhor pudesse me dar algumas rupias para o riquixá...

Bateu na porta do quarto de Shaila. Mostrou a mão para a menina, triunfante.

— Cinco rupias! O advogado me deu cinco rupias!

Jayamma tomou um banho no banheiro dos criados, cobrindo-se com espuma de sabão de sândalo. Trocando o sári escarlate pelo sári roxo, caminhou até o quarto do menino, deliciando-se com a fragrância de sua própria pele e sentindo-se de certa forma importante.

— Troque de roupa, irmão; a gente vai perder o puja das cinco da tarde.

O garoto estava na cama, apertando os botões de um joguinho eletrônico... Bip! Bip! Bip!

— Irmão, é um templo. A gente tem que ir!

— Não.

— Irmão... o que sua mãe diria se estivesse... O menino largou o joguinho por um instante. Caminhou até a porta do quarto e bateu com ela na cara de Jayamma.

A cozinheira ficou deitada na despensa, buscando conforto nos vapores de DDT e na imagem das nádegas prateadas do bebê Krishna. A porta se abriu com um rangido. Um pequeno rosto negro, coberto de talco para bebê Johnson & Johnson's, sorriu para ela.

— Jayamma... Jayamma... me leve para o templo no lugar dele... As duas se sentaram em silêncio no autorriquixá.

— Espere aqui — disse Jayamma na entrada do templo. Comprou um ramo de flores com cinquenta paisas de seu próprio dinheiro.

— Aqui — quando entraram no templo, guiou a menina para que depositasse o cesto nas mãos do sacerdote.

Uma multidão de devotos estava reunida ao redor do linga prateado. Garotinhos davam grandes pulos para bater nos sinos que envolviam a divindade. Esforçavam-se em vão, e seus pais o lançavam para cima. Jayamma pegou Shaila pulando bem alto para acertar um sino.

— Quer que eu levante você?

Às cinco, o puja começou. Um grande prato de bronze, chamas que brotavam de cubos de cânfora. Duas mulheres sopravam conchas gigantes; um gongo de latão foi golpeado, cada vez mais rápido. Depois, um dos brâmanes saiu do templo com um prato de cobre que ardia num dos lados, e Jayamma colocou uma moeda dentro dele enquanto a menina se esticava para tocar o fogo sagrado.

As duas ficaram sentadas na varanda do templo, em cujas paredes estavam pendurados os tambores gigantes que eram tocados nos casamentos. Jayamma comentou sobre o escândalo de uma mulher que caminhava em direção ao portão do templo usando uma blusa sem mangas. Para Shaila, as roupas sem mangas eram bastante “chiques”. Uma criança que não parava de berrar foi puxada pelo pai até a porta do templo. Acalmou-se quando Jayamma e Shaila se puseram a acariciá-la.

As duas criadas saíram do templo, relutantes.

Os pássaros revoaram nas árvores enquanto elas esperavam por um riquixá. Grupos de nuvens incandescentes se empilhavam umas sobre as outras feito enfeites militares ao pôr do sol. Jayamma discutiu o preço da viagem para casa

com o motorista do riquixá, e Shaila não parava de rir, enfurecendo ao mesmo tempo a velha criada e o motorista.

— JAYAMMA, JÁ FICOU sabendo da grande novidade?

A velha criada ergueu os olhos do jornal esparramado no chão da cozinha. Tirou os óculos e piscou os olhos, fitando a menina.

— Sobre o preço do açúcar mascavo?

— Não, isso não.

— Sobre o homem de Kasargod que pariu um filho?

— Não, também não. — A menina sorriu, tímida. — Eu vou me casar.

Jayamma ficou boquiaberta. Baixou a cabeça, esfregou os olhos.

— Quando?

— Mês que vem. O casamento foi arranjado. O advogado me contou ontem. Ele vai mandar meu colar de ouro diretamente para a minha aldeia.

— Então você agora está se achando uma rainha, hem? — Jayamma deu um pulo. — Só porque vão amarrar você com um caipira!

Viu Shaila correr até o muro do terreno para contar a novidade à cristã de lábios carnudos.

— Vou me casar, vou me casar — cantarolou a menina o dia inteiro, numa voz doce. Jayamma a advertiu da cozinha:

— Você acha que o casamento é grande coisa? Não sabe o que aconteceu com a minha irmã, a Ambika?

Mas a menina estava tão cheia de si que nem ouviu. Apenas cantarolou o dia inteiro:

— Vou me casar, vou me casar!

Por isso, à noite, o bebê Krishna foi quem ouviu a história da infeliz Ambika, punida por seus pecados numa vida passada:

Ambika, a sexta filha e última a se casar, era a mais bonita da família. Um médico rico quis ter um filho com ela. Excelente notícia! Quando o noivo veio ver Ambika, retirou-se várias vezes para ir ao banheiro. “Olha só como ele é tímido”, cochichavam todas as mulheres, rindo. Na noite de casamento, ele se deitou de costas para Ambika. Tossiu a noite inteira. De manhã, ela viu sangue nos lençóis. O médico comunicou a Ambika que ela havia se casado com um homem com tuberculose avançada. Ele quisera lhe contar a verdade, mas sua mãe não permitiu. “Alguém lançou magia negra sobre a sua família, sua pobre coitada”, disse ele, tendo o corpo assolado por paroxismos de tosse. Um mês depois o homem morreu num leito de hospital. A mãe do médico disse à vila inteira que a menina, e todas as suas irmãs, tinham sido amaldiçoadas; e ninguém jamais aceitou se casar com nenhuma das outras filhas.

— E essa é a verdadeira razão pela qual eu sou virgem — quis Jayamma que o bebê Krishna soubesse. — Na verdade, eu tinha um cabelo bem cheio, uma pele bem dourada, era considerada muito bonita, sabia? — Arqueou bem as sobrancelhas, feito uma atriz de cinema, suspeitando que o pequeno deus não estivesse acreditando inteiramente nela. — Às vezes agradeço às estrelas por nunca ter me casado. Já pensou se eu também tivesse sido enganada, que nem a Ambika? É melhor ser solteirona do que viúva, sem dúvida... e ainda assim, aquela menina de baixa casta não parou de falar nisso a manhã inteira. — Deitada no escuro, Jayamma imitou a voz da baixa-casta para o deus bebê: — “Vou me casar, vou me casar...”

Chegou o dia da partida de Shaila. O advogado disse que iria levar a menina para casa em seu Ambassador verde.

— Estou indo embora, *Jayamma*.

A velha senhora estava penteando o cabelo prateado na porta da cozinha. Sentiu que Shaila tinha pronunciado seu nome de um jeito exageradamente áspero.

— Vou me casar. A velha criada continuou penteando o cabelo.

— Me escreva algum dia, sim, Jayamma? Vocês brâmanes escrevem cartas tão bem... são os melhores dos melhores.

— Vá para o inferno, vá para junto da sua ralé de baixa casta!

As semanas passaram. Jayamma passou a fazer o trabalho da menina também. Quando terminava de servir o jantar e limpar os pratos, estava exausta. O advogado não fizera nenhuma menção de contratar uma nova criada. Jayamma compreendeu que, dali por diante, também teria de realizar o trabalho da baixa-casta.

PELA NOITE, PASSOU A PERAMBULAR pelo quintal, com seu longo cabelo prateado esticado nos lados do rosto. Uma noite, Rosie, a cristã de lábios carnudos, acenou para ela.

— O que aconteceu com a Shaila? Ela se casou? Tomada de confusão, Jayamma sorriu. Começou a observar Rosie. Os cristãos pareciam tão despreocupados... comiam o que tivessem vontade, podiam se casar e se divorciar sempre que quisessem.

Uma noite, os dois demônios voltaram. Jayamma ficou paralisada por muitos minutos, escutando os gritos dos espíritos, que tinham se disfarçado de gatos outra vez. Jayamma agarrou com força a estátua do bebê Krishna, esfregando suas nádegas prateadas ali sentada num saco de arroz, cercada pelo vapor do DDT; pôs-se a cantar:

Num sussurro uma estrela

Fala do que esperei

Para ver-te de novo,

Meu bebê, meu anjo, meu rei.

Na noite seguinte, o advogado falou com ela durante o jantar. Tinha recebido uma carta da mãe de Shaila.

Disseram que não estão satisfeitos com o tamanho do colar de ouro. E olha que eu gastei duas mil rupias com ele, dá para acreditar?

Algumas pessoas nunca ficam satisfeitas, patrão... vai fazer o quê? O advogado coçou o peito nu com a mão esquerda e soltou: Nesta vida, um homem sempre é o criado de seus criados. Naquela noite, Jayamma não conseguiu dormir de

ansiedade. E se o advogado também não lhe pagasse seu salário?

— Para você!

Certa manhã, Karthik jogou uma carta na peneira de arroz. Jayamma afastou os grãos de arroz do envelope e o abriu, rasgando-o com os dedos trêmulos. Só uma pessoa no mundo lhe escrevia cartas — sua cunhada de Salt Market Village. Abrindo-a no chão, juntou as palavras uma por uma.

“O advogado avisou que pretende se mudar para Bangalore. Você, naturalmente, vai ser devolvida para nós. Não espere ficar aqui por muito tempo; já estamos procurando outra casa para onde despachar você.”

Jayamma dobrou a carta devagar e a prendeu na cintura do sári. Foi como uma bofetada: o advogado nem se preocupara em lhe contar.

— Bom, que seja, afinal, quem sou eu para ele, só mais uma criada.

Uma semana depois, o advogado veio até a despensa e ficou parado sob a porta; Jayamma se levantou às pressas, tentando ajeitar o cabelo.

— O seu dinheiro já foi enviado para sua cunhada em Salt Market Village — disse ele.

Aquele era o acordo habitual em qualquer lugar onde Jayamma trabalhasse. Os salários nunca vinham diretamente para ela. O advogado fez uma pausa.

— Precisamos de alguém para tomar conta do garoto... eu tenho parentes em Bangalore.

— Eu só espero o melhor para o senhor e para o patrãozinho Karthik — disse Jayamma, curvando-se diante dele com uma lenta dignidade.

Naquele domingo, Jayamma juntou todos os seus pertences do último ano na mesma mala com a qual chegara àquela casa. A única parte triste era dar adeus ao bebê Krishna.

O advogado não lhe daria carona nenhuma; ela teria de andar sozinha até o ponto de ônibus. O ônibus só saía às quatro da tarde, por isso Jayamma perambulou pelo quintal entre as roupas que balançavam no varal. Pensou em Shaila —

aquela menina que estivera correndo pelo quintal com o cabelo solto feito uma pirralha irresponsável e agora era uma mulher casada, uma dona de casa. Todo mundo mudava e subia na vida, pensou Jayamma, só eu continuo igual: uma virgem. Virou-se para a casa com um pensamento sombrio: esta é a última vez que vou ver esta casa onde passei mais de um ano da minha vida. Lembrou-se de todas as casas às quais já tinha sido mandada nos últimos quarenta anos para cuidar dos filhos de outras pessoas. Não ganhara nada com o tempo passado em todas elas; ainda era uma mulher solteira, sem filhos e sem um tostão. Assim como um copo cuja água limpa já foi bebida, sua vida não mostrava nenhum indício dos anos que haviam passado — a única diferença era que seu corpo havia envelhecido, seus olhos estavam fracos e seus joelhos doíam. Nada nunca vai mudar até o dia da minha morte, pensou a velha Jayamma.

De repente, sua melancolia passou. Viu uma bola de borracha azul parcialmente oculta por um hibisco plantado no jardim. Parecia ser uma das bolas que Karthik usava para jogar críquete; teria sido deixada ali porque estava furada? Jayamma a aproximou do nariz para examiná-la bem. Embora não se visse nenhum furo, quando a apertou junto à bochecha, sentiu um jato de ar silvando contra sua pele.

Com o instinto de cuidado de uma criada, a velha cozinheira correu os olhos pelo jardim. Inspirando fundo, arremessou a bola azul contra a parede da casa; a bola bateu e voltou até ela quicando uma vez.

Bastante bem!

Jayamma revirou a bola e examinou a superfície, que estava desbotada mas ainda tinha um belo brilho azul. Cheirou-a. Serviria muito bem.

Aproximou-se de Karthik, que estava em seu quarto, na cama: Bip! Bip! Bip! Pensou em como ele se parecia com a imagem da mãe nas fotografias quando contraía as sobrancelhas, concentrado no jogo; o sulco na testa do menino era como uma marca deixada ali pela mulher morta.

— Irmão...

— Hum?

— Estou voltando para a casa do meu irmão hoje... Vou voltar para minha vila. Não volto mais.

— Hum.

— Que a bênção da sua querida mãe brilhe sempre no senhor.

— Hum.

— Irmão...

— Que foi? — A voz do menino tremeu de irritação. — Por que você fica sempre me enchendo?

— Irmão... aquela bola azul no jardim, a que está furada, o senhor não usa, não é mesmo?

— Que bola?

— ...posso levar comigo para o meu pequeno Brijju? Ele adora jogar críquete, mas às vezes não tem dinheiro para comprar uma bola.

O menino nem levantou o olhar. Apertou os botões do joguinho. Bip! Bip! Bip!

— Irmão... o senhor deu um colar de ouro para a menina de baixa casta... não pode me dar só uma bola azul para o Brijesh?

Bip!

Bip!

Bip!

Jayamma pensou, horrorizada, em toda a comida que tinha preparado para aquela criatura gorda, em como o suor de sua testa, pingando no caldo de lentilhas no calor da pequena cozinha, o alimentara até que ele estivesse redondo e rechonchudo, feito um animal criado no quintal de uma casa cristã. Imaginou-se correndo atrás daquele garotinho balofo com um cutelo; viu-se agarrar o garoto pelo cabelo e erguer o cutelo sobre sua cabeça suplicante. Pá! Baixou o cutelo num golpe — a língua do garoto pendeu pela boca, suas feições se esbugalharam... e ele estava...

A velha senhora estremeceu.

O senhor é órfão de mãe e é brâmane. Não quero pensar nada ruim do senhor... adeus, irmão...

Saiu pelo jardim com sua mala, olhando para a bola pela última vez. Foi até o portão e parou. Os olhos de Jayamma se encheram com as lágrimas da virtude. O sol riu dela por trás das árvores.

Nesse momento, Rosie saiu da casa dos cristãos. Parou e olhou para a mala nas mãos de Jayamma. Falou. Por um momento, Jayamma não conseguiu entender nem uma palavra, mas então a mensagem da cristã soou alta e clara em sua mente: *leve a bola, sua brâmane idiota!*

OS COQUEIROS PASSAVAM POR ela, balançando. Jayamma estava no ônibus para Salt Market Village, sentada ao lado de uma mulher que voltava da cidade sagrada de Benares. Jayamma não conseguia prestar atenção às histórias daquela mulher sagrada sobre os grandes templos que havia visto... seus pensamentos estavam focados no que ela escondia no sári, preso em sua barriga... a bola azul com o furinho... a bola que ela acabava de roubar... não conseguia acreditar que ela, Jayamma, filha de bons brâmanes de Salt Market Village, tivesse feito algo assim.

Por fim, a mulher santa a seu lado caiu no sono. O ronco da mulher encheu Jayamma de um temor por sua alma. O que os deuses fariam com ela, perguntou-se, enquanto o ônibus chacoalhava sobre a estrada de terra; o que ela seria na próxima vida? Uma barata, uma traça vivendo em livros velhos, uma minhoca, uma larva numa montanha de bosta de vaca ou algo ainda mais nojento.

Depois, ocorreu-lhe um pensamento estranho: talvez, se pecasse o bastante nesta vida, seria mandada de volta como uma cristã na próxima...

Essa ideia fez Jayamma se sentir zozona de alegria; e ela adormeceu quase imediatamente.

Dia cinco (noite): A CATEDRAL DE NOSSA SENHORA DE VALÊNCIA

Não é fácil explicar por que a Catedral de Nossa Senhora de Valência continua inacabada, apesar de tantas tentativas de terminar o trabalho nos últimos anos e de tanto dinheiro enviado por expatriados que trabalham no Kuwait. A estrutura barroca original, construída em 1691, foi inteiramente reconstruída em 1890. Só uma torre foi deixada incompleta, e continua incompleta até o dia de hoje. A torre norte tem estado coberta por andaimes quase ininterruptamente desde 1981; o trabalho é retomado de tempos em tempos e depois é outra vez interrompido, por falta de fundos ou pela morte de um padre importante. Mesmo incompleta, a Catedral é considerada a atração turística mais importante de Kittur. Alguns de seus aspectos mais interessantes são os afrescos pintados no teto da capela, que representam o cadáver de São Francisco Xavier preservado milagrosamente, e o enorme mural intitulado *Alegoria de Europa trazendo a ciência e o Iluminismo para as Índias Orientais*, visto atrás do altar.

GEORGE D'SOUZA, O HOMEM DOS MOSQUITOS, havia apanhado uma princesa. A prova disso seria apresentada durante o pôr do sol, quando terminasse o trabalho na Catedral. Até lá, George se dedicaria apenas a chupar sua melancia, dar dicas aos amigos e sorrir.

Ele estava sentado num monte de pedras de granito em forma de pirâmide no terreno em frente à Catedral, com sua mochila de metal e o borrifador jogados num canto.

Betoneiras de cimento rosnavam nos dois lados do edifício da Catedral, amassando pedras de granito e barro e expelindo montes de uma argamassa preta. Num andaime, tijolos e cimento eram erguidos até o topo da torre norte. Guru e Michael, os amigos de George, despejavam água na betoneira usando garrafas de água de um litro. Enquanto as máquinas pingavam no solo vermelho do terreno, gotículas de uma água vermelha como sangue corriam feito uma cachoeira pela parede da Catedral, como um coração deixado para escoar numa folha de jornal.

Ao terminar sua melancia, George fumou um *beedi* atrás do outro. Fechou os olhos, e os filhos dos pedreiros começaram imediatamente a borrifar o pesticida uns nos outros. Ele os perseguiu por algum tempo, depois voltou para a pirâmide de pedra e ficou sentado ali.

George era um homem baixo, ágil e escuro que parecia ter quarenta e poucos anos — mas como o trabalho físico acelera o envelhecimento, talvez fosse mais novo, quem sabe não houvesse chegado ainda aos trinta. Tinha uma longa cicatriz no olho esquerdo e um rosto cheio de marcas, o que sugeria um surto recente de catapora. Seus bíceps eram longos e esguios: não do tipo arredondado e brilhante cultivado nas caras academias de ginástica, e sim os tendões de trabalhador pobre, duros como pedra e profundamente entalhados, gerados por uma vida inteira carregando coisas para os outros.

Ao pôr do sol, os operários empilharam lenha em frente à pirâmide de pedra de George, acenderam o fogo e cozinharam arroz e *curry* de peixe numa panela preta. Um rádio de pilha foi ligado. Os mosquitos zuniam. Quatro homens se sentaram em volta do fogo trêmulo com as caras brilhantes, fumando *beedis*. Em volta de George estavam seus velhos colegas — Guru, James e Vinay; tinham trabalhado juntos na obra antes que George fosse demitido.

Tirando do bolso um caderno verde, George o abriu na página central onde guardava um objeto rosa, como a língua arrancada de um animal que ele houvesse capturado.

Era uma nota de vinte rupias. Vinay a cutucou, maravilhado; mesmo depois de ter sido delicadamente afastada dele por Guru, Vinay não conseguia tirar os olhos da nota.

— Você ganhou isso aí jogando pesticida na casa dela?

— Não, não, não. Ela me viu borrifar e acho que ficou impressionada, pois me pediu para fazer um trabalho de jardinagem.

— Se ela é rica, não tem um jardineiro?

— Tem sim; mas o sujeito está sempre bêbado. Por isso eu fiz este trabalho.

George descreveu o trabalho — tirar galhos mortos da calha no quintal e carregá-los a alguns metros de distância, tirar a sujeira que ficava sedimentada

na calha, permitindo a reprodução dos mosquitos. Depois, podar a cerca viva do jardim da entrada com uma tesoura gigante.

— Só isso? — Vinay ficou de queixo caído. — Vinte rupias por isso?

George soprou a fumaça no ar com enorme perversidade. Guardou a nota de vinte rupias no caderno, e o caderno no bolso.

— É por isso que eu digo: ela é a minha princesa.

— Os ricos são donos do mundo — disse Vinay com um sorriso que indicava, ao mesmo tempo, revolta e aceitação do fato. — O que são vinte rupias para eles?

Guru, que era hindu, geralmente falava pouco e era considerado “profundo” por seus amigos. Ele já tinha ido longe, até Bombaim, e sabia ler placas em inglês.

— Vou lhes falar dos ricos. Vou lhes falar dos ricos.

— Muito bem: fale.

— Vou lhes dizer dos ricos. Em Bombaim, no Hotel Oberoi em Nariman Point, existe um prato chamado “Beef Vindaloo” que custa quinhentas rupias.

— Impossível!

— Sim, quinhentas! Estava no jornal em inglês de domingo. Agora vocês sabem dos ricos.

— E se você pedir o prato e depois perceber que cometeu um erro, que não gosta da comida? Pode pegar o dinheiro de volta?

— Não, mas isso não importa se você for rico. Você sabe qual é a grande diferença entre ser rico e ser como a gente? Os ricos cometem erros muitas e muitas vezes. A gente comete só um, e já era.

Depois do jantar, George levou todos os amigos para beber no bar que servia áraque. Tinha bebido e comido à custa da generosidade deles desde que fora despedido da obra: seu emprego como borrifador de inseticida, que Guru lhe arranjava graças a um contato na Prefeitura, só lhe dava trabalho um dia por semana.

— No domingo que vem — disse Vinay quando saíram do bar à meia-noite, tortos de bêbados —, vou visitar a droga da sua princesa.

— Não vou dizer onde ela mora — gritou George. — Ela é o meu segredo. — Os outros não gostaram, mas também não insistiram no assunto. Estavam contentes em ver George de bom humor, o que era raro, já que ele era um homem amargo.

Foram dormir em barracas no fundo da obra da Catedral. Como já era setembro, ainda havia perigo de chuva, mas George dormiu ao relento, olhando para as estrelas e pensando na mulher generosa que havia alegrado seu dia.

NO DOMINGO SEGUINTE, George vestiu sua mochila de metal, conectou o borrifador a um dos bocais e se dirigiu a Valência. Parou em todas as casas no caminho, e sempre que via uma calha ou uma poça, e nas cloacas que encontrava, disparava seu borrifador: tzzzk...tzzzk...

Caminhou por meio quilômetro a partir da Catedral e então virou à esquerda, entrando numa das vielas que desciam a ladeira de Valência. Foi andando pela rua, disparando seu borrifador nas canaletas que via na beira da estrada: tzzzk... tzzzk...tzzzk...

A chuva já tinha passado, e as correntes de água lamacenta já não corriam com força ladeira abaixo, mas os galhos das árvores e os telhados inclinados das casas ainda gotejavam na rua, onde as pedras soltas reuniam a água em riachos brilhantes que fluíam para as calhas produzindo uma música suave. Um musgo verde e grosso revestia as calhas como um sedimento de bile; juncos brotavam das pedras, e regiões pantanosas de água podre resplandeciam nos buracos e fendas feito esmeraldas líquidas.

Uma dúzia de mulheres usando sáris coloridos, todas com bandanas verdes ou roxas na cabeça, cortava a grama nas laterais da rua. Balançando juntas enquanto cantavam estranhas músicas tãmeis, as trabalhadoras migrantes estavam ao lado das calhas, de onde retiravam o musgo e arrancavam as ervas daninhas dentre as pedras com puxões violentos, como se as estivessem arrancando das mãos de crianças; outras apanhavam punhados de visco negro do fundo das calhas e o reuniam em montes úmidos.

George olhou para elas com desprezo e pensou: mas eu também caí ao nível

dessas pessoas! Ficou mal-humorado; pôs-se a borrifar sem nenhum cuidado; até deixou algumas poças sem borrifar, de propósito.

Não muito tempo depois, chegou ao 10A e percebeu que estava em frente à casa de sua princesa. Destrancou o portão vermelho e entrou.

As janelas estavam fechadas; mas ao se aproximar da casa, pôde ouvir o som de água no interior. Ela está tomando um banho no meio do dia, pensou. As mulheres ricas podem se dar a esses luxos.

George havia suposto imediatamente, ao ver a mulher na semana anterior, que o marido dela não estaria em casa. Dava para saber, depois de algum tempo, no caso dessas mulheres cujos maridos trabalham no Golfo: elas tinham um ar de quem não havia estado perto de um homem por muito tempo. Seu marido compensara bem sua ausência: ela tinha o único carro com motorista de toda Valência, um Ambassador branco na entrada, e o único aparelho de ar-condicionado da rua, que sobressaía pela parede do quarto zunindo e gotejando água nos jasmims do jardim.

O motorista do Ambassador branco não estava por perto.

Devia estar bebendo por aí de novo, pensou George. Ele tinha visto uma velha cozinheira nos fundos da casa na última vez que estivera ali. Uma velha senhora e um motorista preguiçoso — era tudo o que aquela mulher tinha na casa.

Uma calha levava do jardim até o quintal dos fundos, e George seguiu seu trajeto, borrifando nela o inseticida: tzzzk...tzzzk... estava entupida outra vez. George se abaixou, aproximou-se da sujeira e do visco das calhas entupidas e aplicou cuidadosamente em ângulos diferentes, parando de tempos em tempos para examinar seu trabalho. Apertou a lateral da calha com a boca do borrifador. O som do spray foi interrompido. Uma espuma branca, como a que é produzida quando uma cobra é forçada a liberar seu veneno num copo, espalhou-se por sobre as larvas de mosquitos. Depois disso, George apertou uma das roscas do borrifador, encaixou-o num sulco do reservatório de sua mochila e foi procurar a mulher, levando o caderno que ela deveria assinar.

— Ei! — Uma mulher apareceu na janela. — Quem é o senhor?

— O homem dos mosquitos. Estive aqui semana passada.

A janela se fechou. Vieram sons de várias partes da casa; havia coisas sendo destrancadas, batidas e fechadas, e então ela estava diante de George mais uma vez — sua princesa. A sra. Gomes, moradora da casa 10A, era uma mulher alta que já se aproximava dos quarenta anos e usava um batom vermelho vívido e uma túnica ao estilo ocidental que expunha seus braços, deixando descobertos nove décimos do caminho até os ombros. Dos três tipos de mulheres que existiam no mundo — “tradicional”, “moderna” e “trabalhadora” —, a sra. Gomes obviamente integrava a tribo “moderna”.

— O senhor não fez um bom trabalho na última vez — dis-se ela, mostrando as picadas vermelhas que tinha nas mãos; depois deu um passo para trás e levantou a barra de sua longa túnica verde, expondo os tornozelos cheios de marcas. — O seu inseticida não adiantou nada.

George se sentiu esquentar de vergonha, mas também não ousou tirar os olhos do que lhe estava sendo mostrado.

— O problema não é o meu inseticida, e sim o seu jardim

— retorquiu ele. — Tinha outro galho entupindo as calhas, e acho que deve haver algum animal morto, talvez uma fuinha, bloqueando o fluxo de água. É por isso que os mosquitos continuam se reproduzindo. Venha ver, se não acredita em mim — sugeriu.

Ela fez que não.

— O quintal é imundo. Eu nunca vou lá.

— Vou limpar outra vez — disse George —, isso vai ser mais útil que o meu borrifador para acabar com os mosquitos. A mulher fechou a cara.

— Quanto quer para fazer isso? O tom de voz da mulher o incomodou, por isso ele respondeu:

— Nada.

George deu a volta até o quintal, agachou-se junto à calha e começou a atacar a sujeira. Como é que essas pessoas pensam que podem nos comprar feito gado! Quanto quer para fazer isso? Quanto quer por aquilo?

Meia hora mais tarde, tocou a campainha com as mãos ne-gras; depois de alguns segundos, ouviu-a gritar:

— Venha aqui. George seguiu a voz até uma janela fechada.

— Pode abrir!

Colocou as mãos negras numa pequena fenda entre as duas persianas de madeira e as abriu. A sra. Gomes estava lendo na cama.

George enfiou o lápis entre as páginas do caderno e o estendeu para ela.

— O que tenho que fazer com isso? — perguntou a mulher, trazendo o aroma de cabelo recém-lavado para a janela.

George apontou para uma linha com seu polegar sujo. Casa 10A: sr. Roger Gomes.

— Quer um chá? — perguntou a mulher enquanto falsificava a assinatura do marido no caderno.

George ficou perplexo; jamais haviam lhe oferecido chá durante o trabalho. Acima de tudo pelo medo do que aquela mulher rica poderia fazer se ele recusasse, George disse que sim.

Uma velha criada, talvez a cozinheira, veio até a porta dos fundos e o examinou desconfiada enquanto a sra. Gomes lhe pedia que preparasse um chá.

A velha cozinheira retornou alguns minutos depois com um copo de chá na mão; olhou para o homem dos mosquitos com desdém e deixou o copo no chão sob a porta para que ele o apanhasse.

George subiu os três degraus, pegou o copo, desceu os degraus e se afastou mais três passos antes de começar a bebericar.

— Há quanto tempo o senhor vem fazendo este trabalho?

— Seis meses.

George bebeu o chá. Tomado por uma inspiração súbita, falou:

— Eu tenho uma irmã na minha vila que preciso sustentar. Maria. Ela é uma boa menina, madame. Cozinha bem. A senhora precisa de uma cozinheira, madame?

A princesa fez que não.

— Já temos uma cozinheira muito boa. Desculpe.

George terminou o chá e deixou o copo no pé da escada, segurando-o por um segundo a mais para se assegurar de que não cairia quando ele o largasse.

— Será que o problema no meu quintal vai reaparecer?

— Com certeza. O mosquito é um bicho malvado, madame. Causa malária e filária — disse, contando a história da Irmã Lucy em sua vila, que tinha pegado malária no cérebro.

— Ela falava que ia voar, voar, voar até chegar a Santa Jerusalém, e ficava batendo aqueles braços magricelos feito um beija-flor. — Batendo os braços e circundando o carro estacionado, George imitou a cena.

A mulher soltou uma gargalhada súbita. George parecia um homem grave e sério, por isso ela não esperava aquele surto de leveza nele; nunca tinha ouvido falar que uma pessoa das classes baixas pudesse ser tão engraçada. Olhou-o da cabeça aos pés, sentindo como se o estivesse vendo pela primeira vez.

George notou que ela tinha rido com sinceridade e fungado feito uma camponesa. Ele também não esperava aquilo; as mulheres de boa criação não deveriam rir de maneira tão crua e aberta, e aquele comportamento o deixou confuso, vindo de uma mulher com tanto dinheiro.

Com uma voz cansada, a mulher acrescentou:

— O Matthew tinha a obrigação de limpar o quintal. Mas ele não está aqui o suficiente nem para dirigir o carro, que dirá limpar o quintal. Está sempre fora, bebendo. — Seu rosto se iluminou então com uma ideia: — Você podia fazer isso. Podia ser meu jardineiro em meio período. Eu lhe pago.

George estava prestes a dizer que sim, mas algo resistia dentro dele, incomodado com a maneira casual com que a oferta havia sido feita.

— Não é o meu tipo de trabalho. Tirar a merda dos jardins. Mas vou fazer pela senhora, madame. Faça qualquer coisa pela senhora, pois é uma boa pessoa. Dá para ver na sua alma.

Ela riu outra vez.

— Comece na semana que vem — falou, ainda com vestígios do riso no rosto, e fechou a porta. Depois que George saiu, ela abriu a porta que dava para o quintal.

Raramente saía ali: o quintal tinha o cheiro forte da terra negra e fértil, tomada de ervas daninhas, um fedor de esgoto no ar. Sentiu o odor do pesticida; aquilo a atraiu para fora da casa. Ouviu um barulho e notou que o homem dos mosquitos ainda estava em algum lugar do bairro.

Tzzzk...tzzzk; ela o seguiu mentalmente, acompanhando o ruído pela vizinhança: primeiro na casa dos Monteiro; depois no terreno do dr. Karkada; depois no Colégio e Seminário dos Professores Jesuítas de Valência: tzzzk... tzzzk...tzzzk... depois já não o ouviu mais.

GEORGE ESTAVA EM SUA PILHA de pedras, esperando outros homens que sentiam o mesmo que ele em relação ao trabalho, e depois iriam juntos a um vendedor de áraque ali perto para começar a beber.

— O que você tem? — perguntaram os outros mais tarde naquela noite — Quase não falou uma palavra.

Depois de se comportar de modo bastante ruidoso durante a primeira hora, George tinha ficado mal humorado. Estava pensando no homem e na mulher — os que ele havia visto na capa do romance de sua princesa. Estavam num carro; o vento soprava no cabelo da mulher e o homem estava sorrindo. No fundo havia um avião. Palavras em inglês, o título do romance, em letras prateadas, pairavam sobre a cena, como uma benção do Deus da boa vida.

Pensou na mulher que podia se dar ao luxo de passar os dias lendo esses livros, no conforto de sua casa, com o ar-condicionado ligado o tempo todo.

— Os ricos abusam da gente, cara. É sempre assim: aqui, tome vinte rupias, beije meus pés. Enfie a cara na calha. Limpe a minha bosta. É sempre assim.

— Lá vai ele de novo — disse Guru, rindo baixo. — Foi essa ladainha que fez ele ser despedido, mas não mudou nem um pouco. Continua amargo do mesmo jeito.

— Por que eu deveria mudar? Estou mentindo? — George gritou de volta: — Os ricos ficam deitados na cama lendo livros, e moram sozinhos sem famílias, e comem pratos de quinhentas rupias chamados... como é que chamava? Vindoo? Vindiloo?

Naquela noite não conseguiu dormir. Saiu da barraca e foi até a obra, olhando durante horas para a Catedral inacabada e pensando na mulher do 10A.

Na semana seguinte, ficou claro para George que ela havia estado esperando por ele. Quando chegou à casa, a mulher estendeu o braço e o girou de um lado ao outro até que ele tivesse visto sua pele nos 360 graus.

— Nenhuma picada — disse ela. — A última semana foi muito melhor. O seu spray finalmente está funcionando.

George foi cuidar do quintal. Primeiro, caminhando com o borrifador na mão esquerda, ajustou a rosca no reservatório da mochila, ajoelhou-se e espalhou o germicida nas calhas. Depois, sob o olhar da sra. Gomes, pôs alguma ordem naquele jardim, que vinha sendo negligenciado há muito tempo: cavou, borrifou, cortou e limpou durante uma hora.

Naquela noite, os colegas mal conseguiam acreditar na notícia.

— Agora é um trabalho em tempo integral — contou George. — A Princesa gostou tanto do meu trabalho que quer que eu fique ali e durma numa cabana no quintal. Está me pagando o dobro do que eu recebo agora. E eu não preciso mais ser o homem dos mosquitos. É perfeito.

— Aposto que a gente nunca mais vai ver você de novo — disse Guru, jogando seu *beedi* no chão.

— Não é verdade! — reclamou George. — Eu vou descer para beber aqui todas as noites. Guru bufou:

— Claro, até parece.

E ele estava certo: George não apareceu muito por ali depois daquilo.

TODA SEGUNDA-FEIRA, UMA MULHER branca, vestindo um *salwar kameez* do norte da Índia, se aproximava do portão e perguntava, em inglês:

— A madame está? George abria o portão, curvava-se diante da mulher e dizia:

— Está sim.

Ela era inglesa; vinha ensinar ioga e respiração à madame. O ar-condicionado era desligado e George ouvia o som da respiração profunda no quarto. Meia hora depois, a mulher branca reaparecia e dizia:

— É incrível, não? Eu ter que ensinar ioga a você.

— Sim, é triste. Nós indianos esquecemos tudo sobre a nossa própria civilização.

Depois a mulher branca e a madame caminhavam pelo jardim por algum tempo. Nas terças-feiras de manhã, Matthew, com os olhos vermelhos e o hálito forte do áraque, levava a madame até o encontro das Lion Ladies no clube da Rose Lane. A vida social da sra. Gomes parecia se resumir àquilo. Quando saíam com o carro, George segurava o portão aberto: o carro passava e Matthew se virava, encarando-o furioso.

Ele tem medo de mim, pensou George ao voltar para podar as plantas do jardim. Será que pensa que vou tomar seu lugar como motorista um dia?

George nunca tinha pensado nisso até então.

Quando viu o carro voltar, examinou-o com um olhar de desaprovação: estava imundo dos lados. George o molhou com a mangueira e esfregou os lados com um pano sujo, e o interior com um pano limpo. Enquanto trabalhava, ficou pensando que, sendo jardineiro, limpar o carro não era sua função, portanto estava fazendo um trabalho extra — mas é claro que a madame nem iria perceber. Os ricos nunca mostram nenhuma gratidão, não é verdade?

— Você fez um trabalho muito bom com o carro — disse a sra. Gomes à noite.

— Fico muito agradecida.

George sentiu vergonha de si mesmo. Pensou: esta mulher rica é mesmo

diferente dos outros ricos.

— Faço qualquer coisa pela senhora, madame.

Sempre que conversavam, George mantinha uma distância de dois ou três metros; às vezes, ao longo da conversa, a distância diminuía, o perfume da sra. Gomes expandia suas narinas e então, com pequenos passos para trás, ele automaticamente restabelecia a distância adequada entre patroa e criado.

A cozinheira lhe trazia chá à noite e conversava com ele durante horas. George ainda não havia entrado na casa, mas pelo o que a velha senhora contava, pôde perceber que as maravilhas do lugar não se limitavam ao ar-condicionado. Aquela enorme caixa branca que ele via sempre que a porta dos fundos se abria era uma máquina que lavava — e secava — as roupas automaticamente, contou a velha cozinheira.

— O marido dela queria usar a máquina, mas a madame não queria. Eles nunca concordavam em nada. Além disso — disse, num sussurro conspiratório —, eles não têm filhos. Isso sempre causa problemas.

— Por que eles se afastaram?

— Aquela risada que ela tem — disse a velha senhora. — O marido falava que ela ria feito um demônio.

George também havia notado: um riso agudo, selvagem, como de uma criança ou um animal, exultante e descontrolado. George sempre interrompia o trabalho para escutar quando aquele riso ecoava do quarto da madame; e ele muitas vezes pensava ouvi-lo em outras situações, como quando uma porta rangia ao se abrir, ou no timbre particular do pio de uma ave. Ele entendia o que o marido queria dizer.

— Você recebeu educação, George? — perguntou um dia a sra. Gomes, num tom surpreso. Ela o encontrara lendo um jornal.

— Sim e não, madame. Estudei até o último ano do colégio, madame, mas fui reprovado no SSLC.

— Reprovado? — perguntou ela com um sorriso. — Como é que alguém pode ser reprovado no SSLC? É uma prova tão simples...

— Eu sabia fazer todas as contas, madame. Passei em matemática com sessenta pontos em cem. Só fui reprovado em ciências sociais, pois não consegui apontar Madras e Bombaim no mapa da Índia que eles me deram. O que eu podia fazer, madame? A gente não tinha estudado essas coisas na aula. Tirei 34 em ciência sociais. Só fui reprovado em uma matéria.

— Por que não fez a prova outra vez?

— Outra vez? — George pronunciou as palavras como se não as entendesse. — Eu fui trabalhar — disse, pois não sabia o que responder —, trabalhei por seis anos, madame, a chuva foi fraca no último ano e não teve colheita. Ouvimos falar que tinha trabalho para cristãos na obra, quer dizer, na Catedral; e um bando de gente da vila veio para cá. Eu estava trabalhando como carpinteiro ali, madame. Onde ia arrumar tempo para estudar?

— E por que parou de trabalhar na obra?

— Minhas costas doem — respondeu George.

— E você deveria estar fazendo este trabalho aqui, então? — perguntou ela. — Não vai machucar as costas? E depois vai dizer que eu quebrei a sua coluna e vai fazer um grande alarde sobre isso!

— Minhas costas estão bem, madame. Minhas costas estão bem. Não está vendo como eu me abaixo e trabalho todo dia?

— Então por que falou que tinha dor nas costas? — inquiriu a mulher. Ele não respondeu nada, por isso ela fez que não com a cabeça e disse: — Ah, é impossível entender essa gente do interior!

No dia seguinte, George ficou esperando por ela. Quando ela saiu para o jardim depois do banho, secando o cabelo com uma toalha, George se aproximou e disse:

— Ele bateu em mim, madame. Eu bati de volta.

— Do que você está falando, George? Quem bateu em você?

George explicou: tinha se metido numa briga com seu capataz. George imitou a troca de sopapos, tentando impressioná-la ao mostrar como a briga tinha sido rápida, como tinha sido instintiva.

— Ele falou que eu estava olhando para a mulher dele, madame. Mas não é verdade. Na minha família somos gente honesta, madame. A gente arava lá na vila, madame — explicou —, e achava moedas de cobre. Elas são do tempo do Sultão Tipu. Têm mais de cem anos de idade. E eles tiravam as moedas da gente e derretiam para pegar o cobre. Eu queria muito ficar com elas, mas entregava tudo ao sr. Coelho, o proprietário. Não sou desonesto. Não quero roubar, nem olhar para a mulher de outro homem. A verdade é essa. Pode ir para a vila e perguntar ao sr. Coelho. Ele vai lhe contar.

A sra. Gomes riu daquilo; como toda a gente do interior, o modo como George defendia seu caráter era ingênuo, tortuoso e tenro.

— Eu confio em você — disse ela, e depois entrou sem fechar a porta. George espiou para dentro da casa e viu relógios, tapetes vermelhos, medalhões de madeira nas paredes, plantas em vasos, coisas de bronze e prata. Depois a porta se fechou outra vez.

A própria sra. Gomes trouxe o chá naquele dia. Deixou o copo sob a porta; George correu até os degraus de cabeça baixa, apanhou-o e correu de volta.

— Ah, madame, mas a sua gente tem de tudo e nós não temos nada. Isso simplesmente não é justo — disse George, tomando o chá devagar.

Ela soltou uma risada curta. Não esperava que os pobres fossem tão diretos; era adorável.

— Simplesmente não é justo, madame — disse George outra vez. — A senhora tem até uma máquina de lavar que nunca usa. Veja só quanto a senhora tem.

— Você está me pedindo mais dinheiro? — A sra. Gomes arqueou as sobrancelhas.

— Não, madame, por que faria isso? A senhora me paga muito bem. Eu não sou de fazer rodeios. Se eu quiser mais dinheiro, vou pedir.

— Eu tenho problemas dos quais você nem sabe, George. Eu também tenho

problemas. — A mulher sorriu e entrou na casa. George ficou do lado de fora, esperando em vão por uma explicação.

Um pouco depois começou a chover. A professora estrangeira de ioga veio com um guarda-chuva, enfrentando a chuva forte; George correu até o portão para deixá-la entrar e depois ficou sentado na garagem, ao lado do carro, escutando o som da respiração profunda no quarto da madame. Quando a sessão de ioga terminou, a chuva já havia parado e o jardim reluzia sob o sol. As duas mulheres pareceram animadas com o sol — e com o jardim bem cuidado. A sra. Gomes conversava com a amiga estrangeira com uma mão no quadril; George notou que, ao contrário das mulheres europeias, sua patroa ainda mantinha uma silhueta de donzela. George supôs que isso se devia ao fato de ela não ter filhos.

As luzes no quarto da madame se acenderam ao redor das seis e meia, e depois ouviu-se o som de água corrente. Ela estava tomando um banho; tomava banho todas as noites. Não era necessário, pois tomava outro banho de manhã, e de qualquer forma sempre tinha um perfume maravilhoso, mas ainda assim tomava dois banhos por dia — com água quente, com certeza, cobrindo-se de espuma e relaxando o corpo. Ela era uma mulher que fazia as coisas só por prazer.

No domingo, George subiu a ladeira para assistir à missa na catedral; ao voltar, o ar-condicionado ainda estava zunindo. Ela não vai à igreja, pensou George.

A cada duas quartas-feiras, à tarde, a Livraria Circulante Ideal vinha até a casa numa motocicleta Yamaha; o livreiro-motoqueiro, após tocar a campainha, desatava uma caixa de metal presa à motocicleta, cheia de livros, e colocava-a no porta-malas do carro da senhora Gomes, para que ela os inspecionasse. A madame corria os olhos pelos livros e escolhia um ou dois. Depois que ela fez sua escolha, pagou e voltou para dentro, George se aproximou do livreiro-motoqueiro, que estava amarrando a caixa outra vez na Yamaha, e cutucou o ombro do homem.

— Que tipo de livro a madame compra?

— Romances. O livreiro-motoqueiro parou e piscou um olho para George.

— Romances picantes. Eu vejo dezenas de mulheres como ela todas os dias: esposas de homens que trabalham no exterior.

O livreiro dobrou um dedo e o remexeu.

— Ainda coça, entende? Por isso elas têm que ler romances ingleses para se livrar da coceira.

George sorriu. Mas quando a Yamaha deu meia-volta e deixou o jardim, levantando uma nuvem de poeira, ele correu até o portão e gritou:

— Não fale assim da madame, seu desgraçado!

À noite, ficou acordado; vagueou em silêncio pelo fundo do jardim, sem fazer barulho. Estava pensando. Ao olhar para trás e pensar no que tinha vivido, George tinha a impressão de que sua vida era formada por coisas que não lhe haviam dito que sim e por coisas para as quais ele não podia dizer que não. O SSLC não lhe dissera que sim, e George não podia dizer não à sua irmã. Ele não conseguia conceber, por exemplo, a ideia de abandonar a irmã para que ela cuidasse de si mesma e tentar voltar aos estudos para ser aprovado no SSLC.

George saiu, caminhou pela rua e chegou à avenida. A catedral inacabada era uma silhueta escura diante do céu azul na noite do litoral. Acendendo um *beedi*, caminhou em círculos em volta da grande confusão que era aquela obra, olhando para coisas familiares de um jeito pouco familiar.

No dia seguinte, ficou esperando por ela com um anúncio:

— Parei de beber, madame — disse a ela. — Tomei essa decisão ontem à noite, nunca mais vou tomar uma garrafa de áraque.

George quis que a madame soubesse; ele agora tinha a capacidade de viver do modo que quisesse. Naquela noite, quando estava podando as folhas da roseira no jardim, Matthew destrancou o portão e entrou. Olhou fixamente para George, depois se afastou para o quintal, para seu aposento.

Meia hora depois, quando a sra. Gomes precisou ser levada ao encontro das Lion Ladies, Matthew não estava em lugar nenhum, mesmo depois que a madame gritou para o quintal seis vezes.

— Deixe que eu dirijo, madame — disse George.

Ela olhou para ele desconfiada:

— Você sabe dirigir?

— Madame, quando a gente nasce pobre, tem que aprender a fazer de tudo, desde cuidar da lavoura até dirigir. Por que a senhora não entra e vê com os próprios olhos como eu dirijo bem?

— Você tem carteira de motorista? Não vai me matar?

— Madame — disse George. — Eu nunca faria nada que fosse colocar a senhora em perigo. — Um instante depois, acrescentou: — Eu daria até a minha vida pela senhora.

Ela sorriu ao ouvir aquilo; depois percebeu que ele estava falando sério e parou de sorrir. Entrou no carro e George ligou o motor, tornando-se seu motorista.

— Você dirige bem, George. Por que não passa a trabalhar em tempo integral como meu novo motorista? — perguntou a sra. Gomes no final.

— Eu faço qualquer coisa pela senhora, madame.

Matthew foi demitido naquela noite. A cozinheira se aproximou de George e disse:

— Eu nunca gostei dele. Fico contente que você vá ficar. George se curvou diante dela.

— Você é como a minha irmã mais velha — disse, vendo o rosto da cozinheira se iluminar de alegria.

Pelas manhãs ele lavava o carro por dentro e por fora e se sentava de pernas cruzadas no banquinho de Matthew, cantarolando com alegria à espera do momento em que a madame lhe desse a ordem de levá-la a algum lugar. Quando George a levava às reuniões das Lion Ladies, ficava perambulando perto da bandeira que havia em frente ao Clube, vendo os ônibus passarem em frente à biblioteca municipal. Olhava agora para os ônibus e para a biblioteca de um jeito diferente: não como um caminhante, um trabalhador manual que se enfiava nas calhas e limpava a terra — e sim como alguém que se interessava pelas coisas. Um dia, George levou a madame até o mar. Ela caminhou em direção à água e se sentou nas pedras vendo as ondas prateadas, enquanto George esperava no carro, observando-a.

Quando ela saiu do carro, George tossiu.

— O que foi, George?

— Minha irmã Maria. A sra. Gomes olhou para ele com um sorriso, incentivando-o.

— Ela sabe cozinhar, madame. É limpa e trabalhadora, e é uma boa moça cristã.

— Eu já tenho uma cozinheira, George.

— Ela não é boa, madame. E está velha. Por que a senhoranão se livra dela e chama a minha irmã, lá na vila? A sra. Gomes fechou a cara.

— Está pensando que eu não percebo o que você está fazendo? Tentando tomar conta da minha casa! Primeiro se livra do meu motorista, e agora da minha cozinheira!

A madame entrou na casa e bateu a porta. George sorriu; não estava preocupado. Tinha conseguido plantar a semente na cabeça da madame; ela logo iria germinar. George já sabia como a cabeça daquela mulher funcionava.

NAQUELE VERÃO, DURANTE A ESCASSEZ de água, George mostrou à sra. Gomes que ele era indispensável. Ficava no alto da ladeira à espera do caminhão-pipa; ele mesmo descia com os baldes, enchendo o reservatório da descarga para que a madame não precisasse passar pela humilhação de racionar o uso da descarga, como todo mundo na vizinhança. Assim que ouvia um boato de que a Prefeitura iria liberar o uso de água nas torneiras por um tempo limitado (eles às vezes liberavam meia hora de água a cada dois ou três dias), George entrava correndo na casa, gritando:

— Madame, madame!

A sra. Gomes deu a George uma cópia da chave da porta dos fundos, para que ele pudesse entrar na casa e encher os baldes sempre que soubesse que a água iria voltar.

Graças a seu trabalho duro, numa época em que as pessoas não podiam tomar banho nem uma vez a cada dois dias, a madame ainda tomava seus dois banhos prazerosos por dia.

— Que absurdo — disse ela uma noite, saindo pela porta dos fundos com o cabelo molhado escorrendo pelos ombros, esfregando-o vigorosamente com uma toalha branca. — Como é possível que neste país, com tanta chuva, ainda falte água? Quando é que a Índia vai mudar?

George sorriu, desviando os olhos da figura da madame e de seu cabelo molhado.

— George, eu vou aumentar o seu salário — disse ela; depois voltou para dentro, fechando a porta com força.

Algumas noites depois, George recebeu outra boa notícia. Viu a velha cozinheira ir embora com uma maleta debaixo do braço. Ao se cruzarem, ela olhou para George com olhos raivosos e sussurrou:

— Eu sei o que você está tentando fazer com ela! Já falei à madame que você vai destruir o nome e a reputação dela! Mas ela caiu no seu feitiço.

Uma semana depois, Maria veio trabalhar na casa 10A; a sra. Gomes se aproximou de George enquanto ele consertava o motor do carro.

— O *curry* de camarão da sua irmã é excelente.

— Todo mundo na minha família trabalha firme, madame — disse George, e se empolgou tanto com o elogio que levantou a cabeça rápido e acabou batendo com ela no capô. Doeu, mas a sra. Gomes tinha começado a rir, aquela risada aguda e penetrante, como um animal, e George tentou rir junto com ela enquanto passava a mão pelo galo vermelho que lhe crescia na cabeça.

Maria era uma menina pequena e assustada; chegou com duas malas, não falava inglês e não sabia nada sobre a vida além dos limites de sua vila. A sra. Gomes gostou da moça e permitiu que dormisse na cozinha.

— Do que elas conversam dentro da casa, a madame e aquela mulher estrangeira? — perguntou George à irmã quando Maria veio até seu quarto com o jantar.

— Não sei — disse Maria, servindo o *curry* de peixe com uma concha.

— Como não sabe?

— Eu não fico prestando atenção — disse Maria com a voz encolhida, amedrontada, como ficava sempre que estava diante do irmão.

— Pois então preste atenção! Não é para ficar ali sentada feito uma boneca, dizendo “sim, madame” e “não, madame”! Tenha iniciativa! Fique de olhos abertos!

Aos domingos, George levava Maria à missa na catedral; as obras na construção paravam pela manhã para que as pessoas pudessem entrar, mas ao sair eles podiam ver os pedreiros se preparando para continuar o trabalho durante a tarde.

— Por que a madame não vai à missa? Ela não é cristã também? — perguntou Maria enquanto saíam da igreja. George respirou fundo.

— Os ricos fazem o que bem entenderem. A gente não tem que ficar questionando o que eles fazem.

George notou o modo como a sra. Gomes conversava com Maria; com seus modos abertos e generosos, que não distinguiam entre ricos e pobres, ela estava deixando de ser apenas a patroa de Maria e se tornava uma boa amiga. Era exatamente o que ele esperava que acontecesse.

À noite George sentia falta de sua bebida, mas passava o tempo caminhando por aí, ou ouvindo rádio e deixando a mente divagar. Pensou: Maria vai poder se casar no ano que vem. Ela agora tinha status, era cozinheira na casa de uma mulher rica. Os rapazes iriam fazer fila na frente dela lá na vila.

Depois disso, pensou, chegaria a hora de seu próprio casamento, que ele havia postergado por tanto tempo graças a uma combinação de amargura, pobreza e vergonha. Sim, chegava a hora do casamento e dos filhos. Ainda assim, o arrependimento, criado pelo contato com essa mulher rica, ainda o corroía por dentro, dando-lhe a sensação de que poderia ter feito muito mais em sua vida.

— Você é um homem de sorte, George — disse a sra. Gomes uma tarde, vendo-o passar um pano molhado no carro.

— Tem uma irmã maravilhosa.

— Obrigado, madame.

— Por que não leva Maria para passear pela cidade? Ela ainda não conhece nada de Kittur, conhece?

George decidiu que aquela era uma clara oportunidade para mostrar um pouco de iniciativa.

— Por que não vamos todos juntos, madame?

Os três foram à praia de carro. A sra. Gomes e Maria foram caminhar pela areia. George as observou de longe. Quando retornaram, ele as esperava com um cone de papel cheio de amendoins torrados para Maria.

— E eu não ganho nada? — exigiu a sra. Gomes, e George se apressou em lhe servir alguns amendoins; a madame os apanhou das mãos de George, e foi nesse momento que ele a tocou pela primeira vez.

ESTAVA CHOVENDO OUTRA VEZ em Valência, e George soube que já havia passado quase um ano na casa. Certo dia, o novo homem dos mosquitos veio borrifar o quintal. A sra. Gomes viu como George conduzia o sujeito pelas calhas e pelos canais no fundo do jardim, para que nenhum canto ficasse sem borrifar. Naquela noite, a sra. Gomes o chamou para casa e disse:

— George, você mesmo deveria fazer esse trabalho. Por favor, borriفة você mesmo a calha, como no ano passado.

A madame falou essas palavras com uma voz doce, e embora fosse a mesma voz que costumasse usar para fazê-lo mover montanhas por ela, desta vez ele endureceu. George se ofendeu quando ela lhe pediu que fizesse aquela tarefa.

— Por que não? — A sra. Gomes levantou a voz, irritada. Chiou: — Você trabalha para mim! Vai fazer o que eu disser!

Os dois ficaram se encarando, e então, resmungando e praguejando contra ela, George saiu da casa. Caminhou sem destino por algum tempo, depois decidiu visitar a catedral outra vez, para ver como estavam seus velhos camaradas.

Pouco havia mudado no campo de obras da catedral. A construção tinha sido interrompida, contaram-lhe, devido à morte do pároco. As obras logo seriam retomadas.

Seus velhos amigos não estavam mais lá — haviam deixado o trabalho e voltado para a vila — mas Guru continuava por ali. — Agora que você está por aqui, por que a gente não... — Guru fez o gesto de quem esvazia uma garrafa na garganta.

Foram até o vendedor de áraque e beberam um bocado, como nos velhos tempos.

— Então, como estão as coisas entre você e a sua princesa? — perguntou Guru.

— Ah, essa gente rica é sempre igual — respondeu George com amargura. — Para eles, a gente não passa de lixo. Uma mulher rica nunca vai enxergar um homem pobre como um homem. Só como um criado.

George se lembrou do tempo em que andava despreocupado, antes de se ver preso a uma casa e à madame — e se ressentiu de ter perdido sua liberdade. Foi embora cedo, pouco antes da meia-noite, dizendo que precisava tomar conta de uma coisa na casa. No caminho de volta, cambaleou bêbado, cantando uma música em concani; mas por baixo dessa tranquila canção do cinema já brotava um pulso distinto.

Ao se aproximar do portão sua voz enfraqueceu e morreu, e George percebeu que estava caminhando de um modo exageradamente furtivo. Perguntou-se o porquê daquilo e se assustou consigo mesmo.

Abriu o trinco do portão sem fazer barulho e caminhou até a porta dos fundos da casa. Estivera segurando a chave na mão por algum tempo; abaixando-se diante da fechadura e se esforçando para enxergar o buraco, enfiou a chave. Abriu a porta com cuidado, em silêncio, e entrou na casa.

A grande máquina de lavar estava ali, no escuro, feito um vigia noturno. À distância, um sopro de ar frio escapava por uma fresta na porta fechada do quarto da madame.

George respirou devagar. Seu único pensamento, ao avançar cambaleando, era o de não trombar com a máquina de lavar.

— Caramba — disse, de súbito. Percebeu que tinha batido o joelho na máquina de lavar, e a droga da máquina estava reverberando. — Caramba — repetiu, com a consciência turva e desesperada de que havia falado alto demais.

Ouviu-se um movimento; a porta se abriu, e dela saiu uma mulher de cabelo longo e solto. A brisa fria do ar-condicionado eletrizou todo seu corpo. A mulher cobriu o ombro com uma das bordas do sári.

— George?

— Sim.

— O que você quer?

Ele não respondeu nada. A resposta para aquela pergunta era ao mesmo tempo vaga e cheia de substância, semiobscura mas excessivamente presente, tanto quanto aquela mulher. George quase soube o que queria dizer; ela não disse nada. Ela não gritou nem soou o alarme. Talvez quisesse também. George sentiu que agora era só questão de dizer, ou mesmo de se mexer. Basta fazer *alguma coisa*. Vai acontecer.

— Saia — disse ela. Ele tinha esperado demais.

— Madame, eu...

— Saia. Agora era tarde demais; George se virou e caminhou rápido. No momento em que a porta se fechou atrás dele, George se sentiu idiota. Bateu com o punho na porta, tão forte que doeu.

— Madame, deixe eu explicar! — Bateu cada vez mais forte na porta. Ela havia entendido errado, completamente errado!

— Pare com isso — disse uma voz. Era Maria, olhando para ele pela janela, assustada.

— Por favor, pare agora mesmo.

Naquele momento, George se deu conta da gravidade do que havia feito. Tinha consciência de que os vizinhos poderiam estar olhando. A reputação da madame estava em jogo.

George se arrastou até a obra na catedral e tombou ali para dormir. Na manhã seguinte, descobriu que estivera deitado, assim como fizera meses antes, no alto

de uma pirâmide de granito picado.

Voltou para casa devagar. Maria esperava por ele no portão.

— Madame — chamou a menina, entrando na casa. A sra. Gomes saiu, marcando com o dedo a página de seu último romance.

— Maria, vá para a cozinha — ordenou a sra. Gomes enquanto George seguia para o jardim. Ele ficou contente com isso; a madame queria proteger Maria do que estava por vir. Sentiu gratidão por sua delicadeza. A sra. Gomes era diferente das outras pessoas ricas; ela era especial. Iria poupá-lo.

George deixou sua chave da porta dos fundos no chão.

— Tudo bem — disse a sra. Gomes.

Ela parecia tranquila. George entendeu que agora a distância havia aumentado; estava empurrando-o para trás a cada segundo. Ele não sabia quanto retroceder; tinha a impressão de que já estava o mais afastado possível, se retrocedesse ainda mais já não ouviria o que ela estava dizendo. A voz da madame estava distante, pequena e fria. Por algum motivo, George não conseguia tirar os olhos da capa do romance que ela tinha nas mãos: um homem dirigia um carro vermelho acompanhado de duas mulheres de biquíni.

— Não estou com raiva — disse ela. — Eu deveria ter tomado maiores precauções. Cometi um erro.

— Deixei a chave ali embaixo, madame — disse George.

— Não importa — respondeu ela. — A fechadura vai ser trocada esta noite.

— Posso ficar até a senhora encontrar outra pessoa? — soltou George. — Como a senhora vai se virar com o jardim? E como vai arrumar um motorista?

— Eu me viro — respondeu ela.

Até então, todas as preocupações de George estavam ligadas a ela — a reputação da madame na vizinhança, sua paz de espírito, o sentimento de traição que ela estaria sentindo —, mas agora entendia: não era ela que precisava de cuidados.

George quis abrir o coração e lhe dizer tudo isto, mas ela falou primeiro.

— A Maria vai ter que ir também. George a encarou, boquiaberto.

— Onde ela vai dormir hoje à noite? — A voz de George estava fina e desesperada. — Madame, ela deixou tudo o que tinha na nossa vila e veio morar aqui com a senhora.

— Imagino que ela possa dormir na igreja — disse a sra. Gomes num tom calmo. — Me falaram que eles recebem pessoas durante a noite.

— Madame. — George juntou as palmas das mãos. — Madame, a senhora é cristã como nós, estou implorando em nome da caridade cristã, por favor, deixe Maria fora disso...!

A sra. Gomes fechou a porta; em seguida, George ouviu o som da fechadura sendo trancada, e então trancada pela segunda vez.

George esperou pela irmã no alto da estrada e olhou na direção da catedral inacabada.

Dia seis (manhã): A BATERIA DO SULTÃO

A Bateria do Sultão, um grande forte negro em formato retangular, surge bem alto à sua esquerda quando você vai de Kittur a Salt Market Village. A melhor maneira de explorar o forte é pedir a alguém de Kittur que leve você de carro até lá em cima; o seu anfitrião vai precisar estacionar o carro na avenida, e depois vocês dois terão de caminhar ladeira acima durante meia hora. Quando passarem pelo portal arqueado, vão notar que o forte está em avançado estado de degradação. Embora uma placa do Conselho Arqueológico da Índia declare que aquele é um monumento protegido e explique sua função na “preservação da memória do patriota Sultão Tipu, o Tigre de Mysore”, não se nota nenhuma tentativa de preservar a estrutura ancestral do ataque de trepadeiras, vento, chuva, erosão e animais que entram ali para pastar. Nas muralhas do forte germinaram gigantescas figueiras; suas raízes penetram entre as pedras como dedos retorcidos procurando um buraco de rato. Evitando os espinhos e as pilhas de bosta de cabra, você deverá caminhar até uma das ameias nas muralhas do forte; ali, segure uma arma imaginária nas mãos, feche um olho e finja ser o próprio Tipu, atirando no exército inglês.

CAMINHOU RÁPIDO EM DIREÇÃO À ABÓBADA BRANCA do Dargah, com um banquinho de madeira dobrável debaixo de um braço e, no outro, uma bolsa vermelha com seu álbum de fotografias e sete frascos cheios de cápsulas brancas. Ao chegar ao Dargah, seguiu ao longo do muro sem dar atenção à longa fila de pedintes: leprosos sentados em trapos, homens com braços e pernas mutilados, homens em cadeiras de roda e homens com olhos cobertos por ataduras, além da criatura que tinha pequenos tocos marrons, que pareciam as nadadeiras de uma foca, no lugar onde deviam estar os braços, uma perna esquerda normal e um toco marrom e mole onde devia ter a outra perna; o homem ficava deitado sobre o lado esquerdo contraindo o quadril continuamente, como um animal que estivesse recebendo choques elétricos, entoando, com o olhar perdido e hipnotizado: “A-lá! A-láááá! Alá! A-lááá!”

Cruzou esse triste desfile da humanidade e foi para trás do Dargah.

Depois passou pelos vendedores agachados no chão formando uma longa fila que se estendia por quase um quilômetro. Passou por filas de sapatos para bebês, sutiãs, camisetas com a estampa “New York Fucking City”, óculos Ray-Ban falsificados, tênis Nike e Adidas falsificados e pilhas de revistas em urdu e malaiala. Encontrou uma abertura entre um vendedor de tênis Nike falsificados e um vendedor de produtos Gucci falsificados, abriu ali seu banquinho e pendurou nele uma folha de papel preto brilhante com letras douradas.

As letras diziam:

RATNAKARA SHETTY

CONVIDADO ESPECIAL

QUARTA CONFERÊNCIA PAN-ASIÁTICA DE SEXOLOGIA

HOTEL NEW HILLTOP PALACE, NOVA DÉLHI

12-14 abril 1987

Os rapazes jovens que vinham rezar no Dargah, ou comer *kebabs* de carneiro num dos restaurantes muçulmanos, ou simplesmente ver o mar, começaram a formar um semicírculo ao redor de Ratna, vendo-o acrescentar ao mostrador no banquinho o álbum de fotos e os sete frascos de cápsulas brancas. Com muita cerimônia ele rearranjou os frascos, como se precisassem estar numa posição exata para que ele pudesse começar seu trabalho. Na verdade, Ratna estava esperando a chegada de mais espectadores.

Eles vieram. Parados ali sozinhos ou em pares, a multidão de jovens rapazes assumia agora a aparência de um Stonehenge humano; alguns observavam com as mãos apoiadas no ombro de um amigo; outros observavam sozinhos; e uns poucos se agachavam no chão como menires caídos.

Sem aviso, Ratna começou a falar. Os jovens se aproximaram cada vez mais rápido, e a multidão ficou tão densa que já formava duas ou três fileiras de homens amontoados; e os que estavam no fundo tinham de ficar na ponta dos pés só para ter um vislumbre parcial do sexologista.

Ratna abriu o álbum e deixou que os jovens vissem as fotos, enfiadas em envelopes plásticos. A plateia emitiu um murmúrio de espanto.

Apontando para as fotografias, Ratna falou de abominações e perversões. Descreveu as consequências do pecado: demonstrou a passagem de germes venéreos pelo corpo, tocando seus mamilos, olhos e narinas; depois fechou os olhos.

O sol subiu no céu e a abóbada branca do Dargah brilhou com mais intensidade. Os jovens no semicírculo se amontoaram uns sobre os outros, esforçando-se para chegar mais perto das fotografias. A seguir, Ratna partiu para o golpe de misericórdia: fechou o álbum e ergueu um frasco de cápsulas brancas com as duas mãos. Pôs-se a chacoalhar as cápsulas.

— Junto de cada frasco de cápsulas os senhores receberão um certificado de autenticidade de Hakim Bhagwandas de Daryaganj, de Délhi. Este homem, um médico com muita experiência, estudou os livros da sabedoria dos faraós e usou seu equipamento científico para criar estas magníficas pílulas brancas que certamente curarão todos os seus males. Cada frasco custa apenas quatro rupias e cinquenta paisas! Sim, isso é tudo o que os senhores precisam pagar para expiar seus pecados e ganhar uma segunda chance nesta vida! Quatro rupias e cinquenta paisas!

De noite, morto de cansaço pelo calor, Ratna embarcou no ônibus 34B com sua bolsa vermelha e seu banquinho dobrável. O ônibus ficava lotado a esta hora, por isso ele segurou uma das alças, inspirando e expirando lentamente. Contou até dez, recuperou as forças e enfiou a mão na bolsa vermelha, retirando quatro brochuras verdes que traziam a imagem de três grandes ratos na capa. Ergueu as brochuras bem alto numa das mãos, como um apostador erguendo suas cartas, e falou a plenos pulmões:

— Senhoras e senhores! Todos sabem que vivemos numa corrida de ratos, na qual existem poucos empregos e muitos candidatos. Como os seus filhos vão sobreviver, como vão conseguir os empregos que os senhores têm? Pois a vida nestes tempos em que estamos é uma verdadeira corrida de ratos. Só neste livreto os senhores encontrarão milhares de informações úteis sobre conhecimentos gerais, dispostos na forma de perguntas e respostas de que os seus filhos e filhas precisarão para passar nas provas para o serviço público, na prova para bancário, na prova para policial e em muitas outras provas

necessárias para vencer na corrida de ratos. Por exemplo — parou rapidamente para respirar — o Império Mughal tinha duas capitais; uma delas era Délhi. Qual era a outra? Quatro capitais da Europa estão construídas nas margens de um único rio. Diga o nome desse rio. Quem foi o primeiro rei da Alemanha? Qual é a moeda de Angola? Uma cidade europeia já foi a capital de três Impérios diferentes. Qual cidade? Dois homens estiveram envolvidos no assassinato de Mahatma Gandhi. Nathuram Godse era um deles. Diga o nome do outro. Qual é a altura da Torre Eiffel, em metros?

Erguendo os panfletos na mão direita, Ratna cambaleou para a frente, segurando-se enquanto o ônibus pulava nos buracos da estrada. Um passageiro pediu um panfleto e lhe deu uma rupia. Ratna retornou e esperou perto da porta de saída; quando o ônibus freou, curvou a cabeça em silêncio para agradecer ao trocador e saiu.

Vendo um homem que esperava no ponto de ônibus, tentou lhe vender uma coleção de seis canetas coloridas, primeiro a uma rupia por caneta; depois, duas canetas por uma rupia; por fim ofereceu três por uma rupia. Embora o homem houvesse dito que não queria comprar, Ratna notou o interesse em seus olhos; apanhou uma grande mola que seria um en-canto para as crianças e um conjunto de geometria para fazer desenhos maravilhosos no papel. O homem comprou o conjunto de geometria por três rupias.

Ratna se afastou da Bateria do Sultão, pegando a rua em direção a Salt Market Village.

Ao chegar ali, foi até o mercado principal, pegou um punhado de troco e o organizou na palma da mão enquanto caminhava; deixou as moedas no balcão de uma loja, trocando-as por um maço de *beedis* Engineer, que guardou na bolsa.

— O que o senhor está esperando? — O garoto que tomava conta da loja era novo ali.

— Já pegou os seus *beedis*.

— Eu geralmente levo dois sacos de lentilhas também, incluídos no preço. É assim que eles fazem aqui.

Antes de entrar em sua casa, Ratna abriu um dos sacos com os dentes e despejou

o conteúdo no chão, perto da porta. Sete ou oito cachorros da vizinhança vieram correndo e Ratna os viu mastigar ruidosamente as lentilhas. Quando eles começaram a cavar a terra, Ratna abriu o segundo pacote com os dentes e também despejou o conteúdo no chão.

Entrou em casa sem esperar para ver os cães devorarem o segundo lote de lentilhas. Ele sabia que os cachorros continuariam com fome, mas não tinha dinheiro para lhes comprar um terceiro saco todos os dias. Pendurou a camisa num gancho na porta enquanto coçava as axilas e o peito peludo. Sentou numa cadeira, suspirou, murmurou “Oh Krishna, Oh Krishna” e esticou as pernas; embora suas filhas estivessem na cozinha, elas souberam imediatamente que Ratna tinha chegado — um odor intenso de pés úmidos correu pela casa feito um tiro de canhão. As meninas largaram suas revistas femininas e trataram de se ocupar com o trabalho.

A mulher de Ratna surgiu da cozinha com uma bacia de água. Ele havia começado a fumar os *beedis*.

— Elas estão trabalhando ali dentro, as *maharanis*? — perguntou Ratna.

— Estamos — gritaram da cozinha as três meninas, suas filhas.

Ratna não acreditou nelas, por isso foi verificar.

A mais nova, Aditi, agachada ao lado do fogareiro, limpava as folhas do álbum de fotos com a barra do sári. Rukmini, a irmã mais velha, sentada ao lado de uma pilha de cápsulas brancas, contava e despejava as pílulas nos frascos; Ramnika, que iria se casar depois de Rukmini, colava um rótulo em cada frasco. A mulher de Ratna estava na cozinha, fazendo barulho com pratos e panelas. Depois de ver que o marido havia fumado seu segundo *beedi* e já tinha o corpo visivelmente relaxado, juntou coragem para se aproximar dele:

— O astrólogo falou que viria às nove.

— Hum.

Ratna arrotou, depois levantou uma das pernas e esperou pelo peido. O rádio estava ligado; apoiou o aparelho sobre a coxa e bateu com a palma da mão na outra ao ritmo da música, murmurando a melodia das músicas e cantando as letras sempre que as conhecia.

— Ele chegou — sussurrou a mulher. Ratna desligou o rádio ao ver o astrólogo entrar na sala e juntar as palmas das mãos num namastê.

Sentando-se numa cadeira, o astrólogo tirou a camisa, que a mulher de Ratna pendurou no gancho da porta ao lado da de Ratna. Enquanto as mulheres esperavam na cozinha, o astrólogo mostrou a Ratna a escolha de meninos.

Abriu um álbum de fotos em preto e branco; os dois fitaram as caras da sequência de meninos, que olhavam de volta para eles em retratos tensos, sem sorrisos. Ratna passou o polegar por sobre uma das fotos. O astrólogo a retirou do álbum.

— O garoto tem boa cara — disse Ratna depois de um momento de concentração. — O pai faz o quê?

— Tem uma loja de fogos de artifício na Umbrella Street. Um negócio muito bom. O menino vai herdar.

— Um negócio próprio! — exclamou Ratna com uma satisfação genuína. — É a única maneira de avançar na corrida de ratos: trabalhar como vendedor é um beco sem saída.

A mulher de Ratna derrubou alguma coisa na cozinha; depois tossiu e derrubou algo mais.

— O que está havendo? — perguntou Ratna. Uma voz tímida disse algo sobre “horóscopos”.

— Cala a boca! — gritou Ratna. Agitou a foto na mão, em direção à cozinha. — Eu tenho três filhas para casar e esta cadela desgraçada acha que posso ficar escolhendo? — e jogou a foto no colo do astrólogo.

O astrólogo desenhou um “X” no verso da foto.

— Os pais do rapaz vão querer alguma coisa — explicou.

— Um sinal.

— Dote — Ratna pronunciou em voz baixa o nome correto daquele mal. — Tudo bem. Eu economizei dinheiro para esta menina. — Suspirou. — Onde vou

arrumar o dote para as outras duas, só Deus sabe.

Trincando os dentes de raiva, virou-se para a cozinha e gritou.

Na segunda-feira seguinte, a família do garoto veio de visita. As meninas mais novas percorreram a sala com uma bandeja de limonada enquanto Ratna e sua mulher esperavam sentados. O rosto de Rukmini estava esbranquiçado com uma grossa camada de Talco para Bebê Johnson's, e uma grinalda de jasmims decorava seu cabelo. A moça dedilhou as cordas de uma vina e cantou um verso religioso enquanto olhava para algo muito distante pela janela. O pai do possível noivo, o comerciante de fogos de artifício, estava sentado num colchão exatamente em frente a Rukmini; era um homem enorme, com uma camisa branca e um sarongue branco de algodão; grandes tufos de pelos grisalhos e brilhantes saíam de suas orelhas. O homem mexeu a cabeça ao ritmo da música, o que Ratna tomou como um sinal animador. A possível sogra, outra criatura enorme e de pele clara, correu os olhos pelo teto e pelos cantos da casa. O futuro noivo tinha a pele clara e as feições do pai, mas era muito menor que os dois pais e parecia mais um animal de estimação do que o herdeiro da família. No meio da música, o jovem se inclinou e sussurrou alguma coisa nas orelhas peludas do pai.

O comerciante fez que sim com a cabeça. O garoto se levantou e saiu. O pai ergueu o dedinho da mão e o mostrou a todos na sala. Todos riram. O garoto voltou e se apertou em seu lugar entre o pai gordo e a mãe gorda. As duas meninas mais novas vieram com uma segunda jarra de limonada, e o gordo vendedor de fogos de artifício e sua mulher aceitaram um copo cada um; o garoto também apanhou um copo e bebericou, como se o fizesse para imitá-los. Assim que o suco tocou seus lábios, ele cutucou o pai outra vez e sussurrou algo em sua orelha peluda. Desta vez o velho homem fez uma careta; mas o garoto saiu às pressas da sala.

Como se quisesse evitar que as atenções da sala se voltassem sobre o filho, o mercador de fogos de artifício perguntou a Ratna, com uma voz rouca:

— O senhor teria um *beedi*, meu bom homem?

Ao procurar seu maço de *beedis* na cozinha, Ratna viu, pela grade da janela, o futuro noivo urinando abundantemente no tronco de uma tamarindeira no quintal.

Sujeito nervoso, pensou com um sorriso. Mas isso é bastante natural, pensou, já

sentindo alguma afeição pelo rapaz, que logo passaria a fazer parte da família. Todos os homens ficam nervosos antes do casamento. O garoto parecia ter terminado; sacudiu o pênis e se afastou da árvore. Mas então ficou ali parado, imóvel. Depois de um momento, jogou a cabeça para trás e pareceu fazer um grande esforço para respirar, como um homem afogado.

O casamenteiro retornou naquela noite para anunciar que o mercador de fogos de artifício parecia satisfeito com os cânticos de Rukmini.

— Acerte logo a data — disse o casamenteiro a Ratna. — Dentro de um mês, os preços dos salões de casamento vão começar a... — Fez um gesto para cima com as mãos.

Ratna fez que sim, mas parecia distraído.

Na manhã seguinte pegou o ônibus para Umbrella Street, passando por lojas que vendiam móveis e ventiladores até encontrar o comércio de fogos de artifício. O homem gordo de orelhas peludas estava sentado num banco alto em frente a uma parede de bombas e foguetes de papel; parecia um emissário do Deus de Fogo e da Guerra. O futuro noivo também estava na loja, sentado no chão, lambendo os dedos e virando as páginas de um livro contábil.

O homem cutucou o filho com um chute leve.

— Este homem vai ser seu sogro, não vai cumprimentá-lo?

— O homem sorriu para Ratna: — O menino é tímido.

Ratna tomou o chá, conversou com o homem gordo e manteve um olho no menino o tempo todo.

— Venha comigo, filho — disse Ratna. — Tenho uma coisa para lhe mostrar.

Os dois caminharam pela rua sem dizer uma palavra até chegarem à figueira que crescia ao lado do templo de Hanuman, na Umbrella Street; Ratna indicou que eles deveriam se sentar à sombra da árvore. Quis que o menino se sentasse de costas para o tráfego, para ficarem de frente para o templo.

Durante algum tempo Ratna deixou o jovem falar, observando apenas seus olhos, orelhas, nariz, boca e pescoço. De súbito, agarrou o punho do rapaz.

— Onde você encontrou aquela prostituta com quem saiu?

O garoto quis levantar, mas Ratna aumentou a pressão em seu punho para deixar claro que não havia escapatória. O rapaz virou a cara na direção da rua, como que implorando por ajuda.

Ratna aumentou a pressão no punho do rapaz.

— Onde você se encontrou com ela? Na beira de uma estrada, num hotel ou atrás de um prédio? Torceu o punho com mais força.

— Na beira de uma estrada — soltou o garoto; depois olhou para Ratna à beira das lágrimas. — Como o senhor sabe? Ratna fechou os olhos; expirou e soltou o punho do rapaz.

— Era uma puta de caminhoneiro. — Deu um tapa no rapaz. O jovem começou a chorar.

— Só fiquei com ela uma vez — disse, tentando conter os soluços.

— Uma vez é suficiente. Você está sentindo ardência quando vai urinar?

— Sim, está ardendo.

— *Náusea?* — perguntou Ratna em inglês.

O garoto perguntou o que aquela palavra significava, e ao entendê-la disse que sim.

— O que mais?

— É como se tivesse um negócio grande e duro, feito uma bola de borracha, entre as minhas pernas o tempo todo, e às vezes eu fico tonto.

— E o seu fica duro?

— Fica. Não.

— Me diga qual é o aspecto do seu pênis. Está preto? Está vermelho? A pele do seu pênis está inchada?

Meia hora depois, os dois homens ainda estavam sentados ao pé da figueira, de frente para o templo.

— Eu imploro ao senhor... — O garoto uniu as palmas das mãos. — Eu imploro. Ratna fez que não.

— Vou ter que cancelar o casamento, o que mais poderia fazer? Como posso deixar a minha filha pegar essa doença também?

O garoto ficou de cabeça baixa, como se simplesmente já não tivesse maneiras de implorar. Uma gota na ponta de seu nariz brilhava como prata.

— Eu vou arruinar você — disse o garoto em voz baixa. Ratna limpou as mãos no sarongue.

— Como?

— Vou dizer que a menina dormiu com alguém. Vou dizer que ela não é virgem. Por isso que você teve que cancelar o casamento.

Num movimento rápido, Ratna agarrou o cabelo do rapaz, puxou-lhe a cabeça para trás, segurou-a ali por um momento e depois bateu com ela no tronco da árvore. Ficou em pé e cuspiu no garoto.

— Juro pelo deus que está neste templo à nossa frente, eu mato você com minhas próprias mãos se disser isso.

Ele estava completamente inflamado naquele dia no Dargah; esbravejando, enquanto os jovens rapazes se reuniam ao redor dele, sobre o pecado e as doenças, e sobre como os germes subiam da genitália para os mamilos, para a boca, os olhos e as orelhas até chegarem às narinas. Depois lhes mostrou as fotos: imagens de genitálias podres e avermelhadas, algumas delas pretas ou distendidas, ou então com aspecto de queimadas, como se alguém tivesse despejado ácido nelas. Acima de cada foto havia outra mostrando o rosto do paciente, com os olhos cobertos por um retângulo preto, como se fosse uma vítima de tortura ou estupro. Essas eram as consequências do pecado, explicou Ratna: e a expiação e a redenção só poderiam vir na forma daquelas cápsulas brancas mágicas.

Passaram-se mais ou menos três meses. Certa manhã, ele estava em seu lugar

atrás da abóbora branca, rugindo diante de um Stonehenge de jovens preocupados, quando viu um rosto que quase fez seu coração parar.

Mais tarde, ao terminar sua palestra, viu aquele rosto outra vez, bem na frente dele.

— O que você quer? — disse num chiado. — É tarde demais. Minha filha já está casada. Por que veio me ver agora?

Ratna dobrou seu banquinho debaixo do braço, guardou os remédios na bolsa vermelha e saiu caminhando rápido. Foi seguido por passos apressados. O rapaz — o filho do vendedor de fogos de artifício — arfava ao falar.

— As coisas estão piorando dia a dia. Sempre que eu mijo meu pênis queima. O senhor tem que fazer alguma coisa por mim. Tem que me dar as suas cápsulas.

Ratna rangeu os dentes.

— Você pecou, seu canalha. Foi para a cama com uma prostituta. Agora pague por isso! — Caminhou mais rápido, e mais rápido, até que os passos atrás dele sumiram e Ratna se viu sozinho.

Mas na noite seguinte viu aquele rosto outra vez, e os passos rápidos o seguiram por todo o caminho até o ponto de ônibus, e a voz disse, muitas e muitas vezes.

— Deixe eu comprar suas cápsulas. — Mas Ratna não se virou.

Entrou no ônibus e contou até dez; apanhando as brochuras, falou da corrida de ratos para os passageiros. O contorno escuro do forte apareceu à distância; o ônibus reduziu a velocidade e depois parou. Ratna desceu. Alguém havia descido com ele. Caminhou para longe dali. Alguém caminhou atrás dele.

Ratna deu meia-volta e agarrou o perseguidor pela gola:

— Eu já não falei? Fique longe de mim. O que você tem?

O rapaz se livrou das mãos de Ratna e ajeitou a gola; depois sussurrou:

— Acho que estou morrendo. O senhor tem que me dar as suas cápsulas brancas.

— Escute aqui, nenhum daqueles jovens vai se curar com o que eu vendo. Você não entende? Seguiu-se um momento de silêncio e depois o garoto disse:

— Mas o senhor estava na Conferência de Sexologia. A placa em inglês diz que... Ratna ergueu as mãos para o céu.

— Eu encontrei essa placa jogada na plataforma da estação.

— Mas o Hakim Bhagwandas de Délhi...

— Hakim Bhagwandas uma ova! São pílulas de açúcar branco que eu compro por atacado numa farmácia na Umbrella Street, bem ao lado da loja do seu pai; as minhas filhas as colocam nos frascos e grudam os rótulos ali na minha casa!

Para provar o que estava dizendo, abriu sua bolsa de couro, tirou a tampa de um dos sacos e espalhou as pílulas pelo chão, como se estivesse semeando a terra.

— Elas não têm efeito nenhum! Eu não tenho nada para você, filho!

O garoto sentou no chão, apanhou uma cápsula da terra e a engoliu. Ficou de quatro, recolheu as cápsulas brancas e começou a engoli-las freneticamente, junto com a terra grudada nelas.

— Você ficou louco? Ficando de joelhos, Ratna deu uma boa sacudida no garoto e repetiu a pergunta várias vezes.

E então, por fim, viu os olhos do garoto. Tinham mudado desde a última vez que os vira; vermelhos e lacrimejantes, pareciam algum tipo de verdura em conserva.

Ratna afrouxou o aperto no ombro do rapaz.

— Você vai ter que me pagar pela minha ajuda, entendeu? Eu não faço caridade.

Meia hora depois, os dois homens desceram de um ônibus perto da estação ferroviária. Caminharam juntos por ruas que se tornavam cada vez mais estreitas e escuras, até chegarem a uma loja em cujo toldo estava pintada uma grande cruz vermelha. Dentro da loja, um rádio tocava em alto volume uma música muito famosa de um filme em canará.

— Compre alguma coisa aqui e me deixe em paz. Ratna tentou ir embora, mas o

rapaz o agarrou pelo punho.

— Espere. Pegue o remédio para mim e depois vá.

Ratna caminhou rápido na direção do ponto de ônibus, mas novamente ouviu os passos atrás dele. Virou-se e ali estava o rapaz, cheio de frascos verdes nas mãos.

Arrependendo-se de ter concordado em levá-lo ali, Ratna apertou o passo. Ainda assim, continuou a ouvir aqueles passos leves e desesperados, como se um fantasma o estivesse seguindo.

Naquela noite, Ratna ficou deitado sem conseguir dormir por várias horas, revirando-se na cama e incomodando sua mulher.

No dia seguinte, de noite, pegou o ônibus para a cidade, voltando à Umbrella Street. Ao chegar à loja de fogos de artifício, manteve-se um pouco afastado, de braços cruzados, esperando até que o rapaz o visse. Os dois caminharam juntos em silêncio e depois se sentaram num banco em frente a uma barraquinha de caldo de cana. Enquanto as máquinas giravam, espremendo a cana, Ratna falou:

— Vá para o hospital. Eles vão ajudar você.

— Não posso ir lá. Eles me conhecem. Vão contar ao meu pai.

Ratna vislumbrou aquele homem imenso com tufos de pelos brancos crescendo nas orelhas, sentado em frente a seu arsenal de fogos de artifício e bombas de papel.

No dia seguinte, quando Ratna estava dobrando seu banquinho de madeira e guardando os produtos na bolsa, notou uma sombra no chão à sua frente. Caminhou em torno do Dargah; passou pela longa fila de peregrinos que esperavam para rezar na tumba de Yusuf Ali, pelas fileiras de leprosos e pelo homem com uma perna deitado no chão, contraindo o quadril e entoando: “A-lá, Aláááá! A-láá!”

Ergueu os olhos por um momento e olhou para a abóbada branca. Desceu na direção do oceano, e a sombra o seguiu. Um muro baixo de pedra corria em frente ao mar, e Ratna apoiou o pé em cima dele. As ondas batiam com violência; de vez em quando a água acertava o muro, fazendo com que a espuma

branca e espessa se erguesse pelo ar e se espalhasse como a cauda de um pavão emergindo do mar. Ratna se virou.

— Que escolha eu tenho? Se não vender as cápsulas a esses rapazes, como vou conseguir casar as minhas filhas? O rapaz, evitando o contato visual, fitou o chão, inquieto.

Os dois pegaram o ônibus número 5, que os levou até o coração da cidade; desceram perto do Angel Talkies. O garoto carregou o banquinho de madeira e Ratna se pôs a subir e descer a avenida até achar um grande cartaz no qual se viam um marido e uma mulher juntos, vestindo roupas de casamento:

CLÍNICA HAPPY LIFE

ESPECIALISTA RESPONSÁVEL: DOUTOR M.V. KAMATH

M.B.B.S. (MYSORE), B. MEC. (ALLAHABAD), D.B.B.S.

(MYSORE), M. CH. (CALCUTÁ). G. COM. (VARANASI).

SATISFAÇÃO GARANTIDA

— Está vendo essas letras depois do nome dele? — sussurrou Ratna na orelha do rapaz. — Ele é um médico de *verdade*. Vai salvar você.

Na sala de espera havia meia dúzia de homens magros e nervosos sentados em cadeiras pretas, e um casal num canto. Ratna e o rapaz se sentaram entre os homens solteiros e o casal. Ratna olhou para os homens com curiosidade. Eram os mesmos que iam procurá-lo — mas estes eram versões mais velhas e tristes; homens que vinham tentando se livrar de doenças venéreas havia anos, que já tinham experimentado frascos e mais frascos de cápsulas brancas, sem nenhuma melhora — que estavam agora ao final de uma longa jornada de desespero, uma jornada que começava em sua vendinha no Dargah e passava por um longo caminho de muitos outros vendedores ambulantes até levar à clínica daquele médico, onde finalmente ouviriam a verdade.

Um por um, os homens esqueléticos foram entrando na sala do médico, que fechava a porta atrás deles. Ratna olhou para o casal e pensou: pelo menos não estão sós neste suplício. Eles pelo menos têm um ao outro.

Quando o homem se levantou para ver o médico, a mulher ficou na sala de espera. Ela entrou depois, assim que o homem saiu. Evidentemente não eram marido e mulher, pensou Ratna consigo mesmo. Ao pegar esta doença, esta doença do sexo, todo homem está sozinho no Universo.

— E quem é o senhor em relação a este paciente? — perguntou o médico.

Eles tinham finalmente tomado seus lugares no consultório. Numa parede atrás do médico, um diagrama gigante mostrava o corte transversal dos órgãos urinários e reprodutores de um homem. Ratna olhou para a figura por um momento, maravilhado com sua beleza, e respondeu:

— Sou o tio dele.

O médico mandou o garoto tirar a camisa; depois se sentou ao lado dele, pediu que mostrasse a língua, examinou seus olhos e apoiou o estetoscópio no peito do rapaz, pressionando de um lado e depois do outro.

Ratna pensou: pegar uma doença assim, e logo na primeira vez! O que havia de justiça nisso?

Depois de examinar os órgãos genitais do garoto, o médico se aproximou de uma pia sobre a qual havia um espelho; puxou uma corda, e uma lâmpada fluorescente tremeluziu e se acendeu acima do espelho.

Deixando a água correr pela pia, o médico gargarejou e cuspiu, depois apagou a luz. Limpou o canto da pia com a palma da mão, baixou uma persiana que cobria a janela, inspecionou um cesto de lixo verde, de plástico.

Quando já não tinha mais nada para fazer, retornou à sua mesa, olhou para os próprios pés e praticou respirações por um momento.

— Os rins do rapaz estão acabados.

— Acabados?

— Acabados — respondeu o médico.

O doutor se virou para o rapaz, que tremia muito em sua cadeira.

— Você tem gostos antinaturais?

O garoto cobriu o rosto com as mãos. Ratna respondeu por ele.

— Veja só, ele pegou a doença com uma prostituta, não tem pecado nisso. Ele não é um sujeito antinatural. Só não sabia muito sobre este mundo em que vivemos.

O médico fez que sim. Virou-se para o diagrama e apontou para os rins, dizendo:

— Acabados.

No dia seguinte, às seis da manhã, Ratna e o rapaz foram juntos à estação de ônibus para pegar o ônibus até Manipal; Ratna tinha ouvido falar de um médico na Faculdade de Medicina especializado em rins. Um homem de sarongue azul, sentado no banco da estação, avisou-lhes que o ônibus para Manipal estava sempre atrasado, às vezes quinze minutos, às vezes meia hora, às vezes mais.

— Tudo neste país está caindo aos pedaços desde que a senhora Gandhi foi assassinada — disse o homem do sarongue azul, balançando as pernas. — Os ônibus se atrasam. Os trens se atrasam. Tudo está caindo aos pedaços. Vamos ter que devolver este país aos ingleses, ou aos russos ou a quem seja, vou lhe contar. Não fomos feitos para cuidar do nosso próprio destino, vou lhe contar.

Dizendo ao rapaz que esperasse um momento no ponto de ônibus, Ratna voltou com amendoins num cone de papel que tinha comprado por vinte paisas e falou:

— Você não tomou café da manhã, tomou?

Mas o garoto o lembrou que o médico lhe mandara evitar comidas temperadas; iam irritar seu pênis. Por isso Ratna voltou até o vendedor e trocou os amendoins por outros sem sal. Mastigaram juntos por algum tempo, mas então o garoto correu até o muro e começou a vomitar. Ratna ficou ao lado dele, dando palmadinhas nas costas do rapaz, que arquejava sem parar. O homem de sarongue azul observou atentamente; depois se aproximou de Ratna e sussurrou:

— O que o menino tem? É sério, não é?

— Que nada, é só uma gripe — respondeu Ratna. O ônibus chegou à estação uma hora atrasado.

No caminho de volta também se atrasou. Os dois tiveram que ficar parados no corredor apinhado do ônibus durante uma hora, até que um par de assentos ficou vago atrás deles. Ratna se sentou na poltrona da janela e indicou ao garoto que se sentasse ao lado dele.

— Tivemos sorte, para um ônibus lotado assim! — disse Ratna com um sorriso.

Com delicadeza, separou sua mão da do garoto.

O garoto também entendeu; fez que sim com a cabeça e pegou sua carteira, jogando notas de 25 rupias, uma atrás da outra, no colo de Ratna.

— Isto aqui é para quê?

— O senhor disse que queria alguma coisa pela sua ajuda. Ratna enfiou as notas no bolso da camisa do garoto.

— Não fale assim comigo, rapaz. Eu ajudei você até aqui; e o que ganhei com isso? Foi apenas um serviço público da minha parte, lembre-se disso. Não somos parentes: não temos nenhum sangue em comum.

O rapaz não disse nada.

— Escute aqui! Eu não posso ficar levando você de médico em médico. Preciso casar as minhas filhas, não sei onde vou arrumar o dote para...

O garoto se virou, apoiou a cara no ombro de Ratna e caiu em pranto; seus lábios roçaram as clavículas de Ratna e se puseram a chupá-las. Os passageiros os encararam, e Ratna ficou perplexo demais para conseguir dizer uma só palavra.

Passou mais uma hora até que o contorno do forte preto aparecesse no horizonte. O homem e o rapaz desceram juntos do ônibus. Ratna ficou parado na beira da avenida, esperando que o garoto assoasse o nariz e sacudisse o catarro dos dedos. Ratna olhou para o retângulo do forte e teve uma sensação de desespero: como é que ficara decidido, e por quem, quando e por quê, que Ratnakara Shetty era responsável por ajudar o filho do comerciante de fogos de artifício a se livrar daquela doença? Diante do retângulo preto do forte ele teve a visão momentânea de uma abóbada branca, e ouviu uma multidão de seres mutilados cantando em uníssono. Pôs um *beedi* na boca, riscou um fósforo e tragou.

— Vamos lá — disse ao rapaz. — É um longo caminho daqui até a minha casa.

Dia seis (noite): BAJPE

Bajpe, a última área de Kittur ainda coberta por uma floresta, foi designada por seus fundadores como um dos “pulmões de limpeza” da cidade, e por esse motivo foi protegida durante trinta anos da cobiça das imobiliárias e construtoras. A grande floresta de Bajpe, que se estendia de Kittur até o mar Árábico, era delimitada, no lado em que encontrava a cidade, pela Escola Ganapati para Meninos Hindus e pelo pequeno templo adjacente de Ganesha. Ao lado do templo passava a Bishop Street, a única parte do bairro em que havia sido permitida a construção de casas. Depois da rua havia um grande terreno baldio, e atrás dele começava uma trama escura de árvores — a floresta. Quando os parentes do centro da cidade vinham visitar, os residentes da Bishop Street geralmente estavam no alto de seus terraços e balcões, apreciando a brisa fria que soprava da floresta durante a noite. Convidados e anfitriões observavam juntos as garças, águias e martins-pescadores que voavam entrando e saindo da massa escura de árvores, como ideias circulando num imenso cérebro. O sol, que a esta altura já havia afundado atrás da floresta, queimava em laranja e ocre através dos interstícios da folhagem, como se espiasse entre as árvores, e os observadores tinham a clara impressão de que estavam sendo observados. Nesses momentos, os convidados costumavam declarar que os habitantes de Bajpe eram as pessoas mais afortunadas da Terra. Ao mesmo tempo, presumia-se que se um homem havia construído sua casa na Bishop Street, tinha alguma razão para

GIRIDHAR RAO E KAMINI, O CASAL SEM FILHOS da Bishop Street, era um dos tesouros escondidos de Kittur, declaravam todos os seus amigos. Eles não eram uma maravilha? Tão afastado, ali em Bajpe, já à beira da selva, este casal estéril mantinha viva a arte quase extinta da hospitalidade brâmane.

Havia chegado mais uma noite de quinta-feira, e cerca de meia dúzia de membros do círculo de *íntimos* dos Rao avançava pelo barro e lama da Bishop Street para seu encontro semanal. À frente do grupo, avançando em passos gigantes, vinha o sr. Anantha Murthy, o filósofo. Atrás dele estava a sra. Shirthadi, esposa do homem da Companhia de Seguros de Vida da Índia. Depois a sra. Pai, e então o sr. Bhat; por fim vinha a sra. Aithal, sempre a última a

descer de seu Embaixador verde.

A casa dos Rao ficava bem ao final da Bishop, a poucos metros das árvores. Situada bem às margens da floresta, a casa parecia um fugitivo do mundo civilizado, pronto para saltar para dentro da selva a qualquer momento.

— Ouviram isso? O sr. Anantha Murthy se virou. Levou uma mão à orelha e ergueu a sobrancelha.

Uma brisa fresca soprava da floresta. Os *íntimos* se detiveram, tentando ouvir o que o sr. Murthy havia ouvido.

— Acho que é um pica-pau, em algum lugar nas árvores! Uma voz irritada gritou com eles lá de cima:

— Por que não sobem aqui primeiro e ouvem os pica-paus depois! A comida foi preparada com muito cuidado e está esfriando!

Era o sr. Giridhar Rao, apoiado no balcão de sua casa.

— Tudo bem, tudo bem — resmungou o sr. Anantha Murthy, avançando mais uma vez com cuidado pelo caminho lamacento. — Mas não é todo dia que um homem pode ouvir um pica-pau. — Virou-se para a sra. Shirthadi. — A gente ten-de a esquecer tudo o que é importante na vida quando mora na cidade, não é mesmo, madame?

Ela resmungou. Estava tentando evitar que seu sári ficasse enlameado.

O filósofo encaminhou os *íntimos* para dentro da casa. Ao terminarem de limpar as sandálias e sapatos no capacho de fibras de coco, os visitantes encontraram a velha Sharadha Bhatt olhando fixamente para eles. A mulher era a proprietária da casa, uma viúva cujo único filho vivia em Bombaim. Entendia-se que os Rao ficavam naquele apartamento tão apertado, tão longe do centro da cidade, em parte por preocupação pela sra. Bhatt — ela era uma parente distante. Um ar de intensa religiosidade acompanhava a velha senhora. Os visitantes ouviram o murmúrio de M.S. Subbalakshmi cantando um hino *suprabhatam* num pequeno toca-fitas pre-to no quarto dela. Sentada com as pernas cruzadas numa cama de madeira, a velha senhora batia alternadamente na coxa com a palma e as costas da mão esquerda, acompanhando o ritmo da música sagrada.

Alguns dos visitantes se lembraram do marido daquela mulher, um famoso professor de música carnática que havia tocado na All India Radio, e prestaram suas homenagens acenando educadamente com a cabeça para ela.

Ao terminarem sua obrigação com a anciã, os convidados se apressaram em subir uma escada larga que levava aos aposentos dos Rao. O casal sem filhos ocupava um espaço esma-gadoramente pequeno. A metade da área do lugar consistia numa única sala de estar apinhada de sofás e poltronas. Num canto havia uma cítara apoiada na parede, seu braço inclinado num ângulo de 45 graus.

— Ah! São os nossos *íntimos* outra vez!

Giridhar Rao era um homem arrumado e modesto, de aparência nada pretensiosa. Notava-se imediatamente que trabalhava num banco. Desde que fora transferido de Udupi — sua cidade natal —, Giridhar havia sido vice-gerente da filial do Poço de Água Fria do Corporation Bank, cargo que já ocupava havia quase uma década. Os *íntimos* sabiam que o sr. Rao poderia ter progredido muito mais se não houvesse rejeitado repetidamente sua transferência para Bombaim. Seu cabelo ondulado estava engomado com óleo de coco e partido para um lado. Ele tinha um grande bigode recurvado — a única anomalia em sua aparência modesta — muito bem penteado, com voltinhas nas pontas. O sr. Rao havia jogado uma camisa de manga curta por sobre a camiseta interior. O tecido da camisa era fino: dentro da seda escura, a grossa camiseta interior brilhava feito um esqueleto numa lâmina de raios X.

— Como vai, Kamini? — perguntou o sr. Anantha Murthy na direção da cozinha. Os móveis da sala de estar eram uma mistura heterogênea — cadeiras verdes de metal que haviam sido descartadas pelo banco onde Giridhar trabalhava, um velho sofá despedaçado e três poltronas de vime esfiapadas. Os *íntimos* se encaminharam a seus assentos preferidos. A conversa começou um tanto entrecortada; eles talvez sentissem, mais uma vez, que eram uma coleção de pessoas tão aleatória quanto os móveis. Que eles soubessem, nenhum dos presentes tinha qualquer relação de sangue com os demais. Durante o dia, o sr. Anantha Murthy era um contador diplomado que atendia os ricos de Kittur. À noite tornava-se um dedicado filósofo da escola Advaita. O sr. Murthy via o sr. Rao como um ouvinte dedicado (ainda que silencioso) de suas teorias sobre a vida hindu — e fora assim que ele se tornara parte do círculo. A sra. Shirtadi, que geralmente participava das reuniões sem seu marido ocupado, havia sido educada em Madras e emitia diversas opiniões “liberais”. Seu inglês era

excepcionalmente bom, uma maravilha de se ouvir. O sr. Rao havia lhe pedido que desse uma palestra sobre Charles Dickens no banco alguns anos antes. A sra. Aithal e seu marido haviam encontrado Kamini num concerto de violino no último mês de maio. Os dois eram originários de Vizag.

Os *íntimos* sabiam que os Rao os haviam escolhido por sua distinção — por sua sensibilidade. Eles notavam que tinham uma responsabilidade ao entrar naquele sótão pequeno e confortável. Certos tópicos eram tabus. Mas os *íntimos* haviam aprendido a se entremear livremente dentro da ampla circunferência de temas aceitáveis — notícias mundiais, filosofia, política bancária, a incansável expansão de Kittur, as chuvas deste ano. A brisa da floresta entrava pelo balcão, e um pequeno rádio se equilibrava precariamente na borda do parapeito, emitindo o falatório constante das notícias da noite da BBC.

Uma visitante mais tardia — a sra. Karwar, que ensinava literatura vitoriana na universidade — trouxe o caos à casa. Sua animada filhinha de cinco anos, Lalitha, subiu correndo as escadas, gritando.

— Veja só, Kamini — gritou o sr. Rao da cozinha. — A sra. Karwar trouxe a sua amante secreta para dentro de casa!

Kamini saiu às pressas da cozinha. Era uma mulher de pele clara e bonita figura — quase uma beleza (tinha a testa protuberante e o cabelo um tanto fino na frente). Era famosa por seus olhos “chineses”: fendas finas parcialmente fechadas por baixo da curva das pálpebras grossas, como botões de lótus abertos prematuramente. Seu cabelo — Kamini era conhecida como uma mulher “moderna” — era curto, cortado ao estilo ocidental. As mulheres admiravam seus quadris, que, não tendo sido alargados pela gravidez, ainda eram delgados como os de uma menina.

Kamini correu até Lalitha. Levantou a menininha no ar, beijando-a muitas vezes.

— Olha só, vamos esperar o meu marido virar de costas, daí a gente sobe na minha lambreta e foge daqui, ok? A gente pode deixar este homem malvado para trás e dirigir até a casa de minha irmã em Bombaim, topa?

Giridhar Rao pôs as mãos na cintura e encarou a menina, que não parava de rir.

— Você está pensando em roubar a minha mulher? Você é mesmo a “amante secreta” dela?

— Ei, vá escutar a sua BBC — retorquiu Kamini, levando Lalitha pela mão até a cozinha.

Os *íntimos* comentaram o quanto gostavam daquela pantomima. Aos Rao certamente não faltava talento para alegrar uma criança.

As vozes da BBC continuaram no rádio lá fora — uma torrente de palavras das quais os *íntimos* se aproveitavam quando ficavam sem assunto. O sr. Anantha Murthy rompeu uma longa pausa declarando que a situação no Afeganistão estava saindo do controle. Qualquer dia desses os soviéticos avançariam sobre a Caxemira com suas bandeiras vermelhas, e então o país se arrependeria de ter perdido a chance de se aliar com os Estados Unidos em 1948.

— Não pensa o mesmo, sr. Rao?

O anfitrião nunca tinha muito o que expressar além de um sorriso amável. O sr. Murthy não se importava com isso. Ele reconhecia que o sr. Rao não era um “homem de muitas palavras” — mas ainda assim era um sujeito “profundo”. Se você quisesse checar pequenos detalhes da história mundial — como, por exemplo, quem era o presidente americano que havia soltado a bomba em Hiroshima, não Roosevelt, e sim o homenzinho dos óculos redondos — era só procurar Giridhar Rao. Ele sabia de tudo; não dizia nada. Era esse tipo de sujeito.

— Como é que o senhor fica tão calmo, sr. Rao, apesar de todo este caos e matança que a BBC vive anunciando? Qual é o seu segredo? — perguntou a sra. Shirthadi, como tantas vezes fazia.

O gerente de banco sorriu.

— Quando preciso de paz de espírito, madame, eu simplesmente vou à minha praia privada.

— O senhor é um milionário secreto? — inquiriu a sra. Shirthadi. — Que praia privada é essa da qual sempre fala?

— Ah, nada de mais. — O sr. Rao fez um gesto à distância.

— É só uma lagoinha com um pouco de areia em volta. É um lugar muito

reconfortante.

— E por que não fomos todos convidados para lá? — exigiu saber o sr. Murthy.

Os convidados se endireitaram nas cadeiras. Uma triunfante sra. Rao entrou na sala de estar com uma bandeja plástica que trazia, em seus múltiplos compartimentos, as primeiras ofertas da noite: nozes secas (que pareciam pequenos cérebros encolhidos), figos suculentos, uvas-passas, amêndoas picadas, fatias de abacaxi seco...

Antes que os convidados se recuperassem, veio o seguinte assalto:

— O jantar está pronto!

Foram até a sala de jantar, o único cômodo que restava na casa (e que levava a uma pequena cozinha-alcova). Uma cama enorme, cheia de almofadas, ocupava o centro da sala de jantar. Naquela casa ninguém fingia ocultar o leito conjugal. Estava ali, perfeitamente visível. Uma mesinha foi puxada junto à cama, e três dos convidados se sentaram nela, hesitantes. Seu embaraço desapareceu quase imediatamente. A informalidade dos anfitriões, a maciez voluptuosa da cama atrás deles — essas coisas tranquilizavam seus nervos. O jantar surgiu então da pequena cozinha de Kamini. Pratos com um ótimo *saaru* de tomate, *idli* e *dosas* fluíram um atrás do outro daquela fábrica de regalos gustativos.

— Uma comida assim iria impressionar as pessoas até mesmo em Bombaim — propôs o sr. Anantha Murthy quando a obra-prima de Kamini chegou à mesa: macios pães *roti* do norte da Índia recheados de pó de chile. Kamini abriu um grande sorriso e depois reclamou: nada disso, ela era cheia de inaptidões como cozinheira e dona de casa.

Quando os convidados se levantaram, perceberam que suas nádegas haviam deixado grandes marcas na cama, quentes e profundas como as pegadas de um elefante no barro. Giridhar Rao fez pouco caso de suas desculpas:

— Nossos convidados são como deuses para nós; não podem fazer nada errado. Essa é a filosofia desta casa.

Ficaram parados em fila diante do banheiro, onde uma mangueira de borracha verde, enroscada numa torneira, jorrava água. Depois voltaram para a sala de estar para o grande destaque da noite — um *kheer* de arroz doce com amêndoas.

Kamini trouxe a sobremesa em copos impressionantemente grandes. A batida — servida quente ou fria, segundo o gosto de cada visita — estava tão cheia de amêndoas que os convidados reclamaram que precisavam *mastigar* a bebida! Quando olharam para dentro dos copos, prenderam a respiração, maravilhados: flocos brilhantes — feixes de açafão de verdade — flutuavam entre os pedaços de amêndoas.

Deixaram o apartamento em silêncio, obedecendo ao pedido do sr. Rao de não perturbarem o sono de Sharadha Bhatt (a velha senhora se revirou inquieta na cama de madeira quando os convidados partiram; ao fundo, a música religiosa ainda murmurava).

— Não deixem de vir na semana que vem! — disse o sr. Rao do terraço. — É a semana do Puja Satya Narayana! Vou cuidar para que Kamini faça um melhor trabalho na cozinha, não como o desastre de hoje à noite! — Virou-se para a casa e ergueu a voz: — Ouviu isso, Kamini? É melhor a comida estar boa da próxima vez, caso contrário vou largar você.

Ouviu-se uma risada e um grito agudo do interior:

— Eu é que vou largar você, se não calar a boca! Quando já se viram a uma distância segura, os *íntimos* se puseram a bater papo intensamente.

Que casal! O homem e a mulher eram perfeitos opostos! Ele era “insípido”, ela, “apimentada”. Ele era “conservador”, ela era “moderna”. Ela era “rápida”, ele, “profundo”.

Ainda avançando com cuidado pela rua enlameada, começaram a debater o tópico proibido, com toda a empolgação e a avidez das pessoas que conversam pela primeira vez.

— É óbvio — disse uma das mulheres, sra. Aithal ou sra. Shirthadi — que “a culpa” é da Kamini. Ela não quer fazer *a operação*. Não estranha que viva atormentada pela culpa. Não viu como ela se joga em cima de qualquer criança disponível toda cheia de uma maternidade frustrada, enchendo a criança de beijos, agrados e chocolates? O que isso significa, se não for culpa?

— E por que ela se recusou a fazer a operação? — inquiriu o sr. Anantha Murthy.

Teimosia. As mulheres tinham certeza disso. Kamini simplesmente se recusava a reconhecer que a culpa era dela. Parte da obstinação de Kamini, é claro, vinha de sua criação privilegiada. Era a mais nova de quatro irmãs, todas brancas feito leite, as filhas queridas de um famoso cirurgião oftalmologista de Shimoga. Devia ter sido muito mimada quando criança! As outras irmãs estavam bem casadas com um advogado, um arquiteto e um cirurgião, e todas viviam em Bombaim. Giridhar Rao era o mais pobre de todos os cunhados. Dava para ver que Kamini não era o tipo de mulher que deixaria o marido se esquecer daquilo. Não viram como ela anda pela cidade, toda atrevida, numa lambreta Hero Honda, como se fosse a chefe da casa?

O sr. Anantha Murthy fez várias objeções. Por que as mulheres suspeitavam tanto daquele estilo “vistoso” de Kamini? Como era raro encontrar uma mulher de pensamento tão livre! A culpa certamente seria *dele*. Não viram como ele recusou uma promoção atrás da outra só porque não queria se mudar para Bombaim? O que isso indica? O homem é letárgico.

— Se ele ao menos mostrasse... alguma *iniciativa*, o problema da falta de filhos seria facilmente resolvido... — disse o sr. Murthy, mexendo a cabeça calva num triste gesto filosófico.

Depois afirmou até ter dado ao sr. Rao os nomes de alguns médicos em Bombaim que poderiam resolver sua falta de “iniciativa”.

A sra. Aithal reagiu indignada. O sr. Rao possuía “brio” mais que suficiente! Ele não tinha uma barba bem grossa? E não ia para o banco todas as manhãs numa motocicleta Yamaha vermelha perfeitamente masculina?

As mulheres gostavam de romantizar o sr. Rao. A sra. Shirthadi irritou o sr. Murthy ao sugerir que o modesto gerentezinho também era um filósofo em segredo. Ela uma vez o pegara lendo a coluna de “Questões religiosas do dia” na última página do jornal *O Hindu*. O sr. Rao pareceu envergonhado com essa descoberta e evitou as perguntas da sra. Shirthadi com piadas e trocadilhos. Ainda assim, ficara a sensação de que, por trás de todas aquelas brincadeiras, o sr. Rao era inegavelmente “filosófico”.

— De outro modo, como ele poderia ser tão calmo o tempo todo, mesmo sem filhos? — inquiriu a sra. Aithal.

— Ele tem algum segredo, tenho certeza — sugeriu o sr.

Murthy. A sra. Karwar tossiu e disse:

— Às vezes temo que ela possa estar pensando em se divorciar dele. — E todos pareceram preocupados. A mulher certamente era “moderna” o suficiente para pensar em fazer algo assim... mas todos já haviam chegado a seus carros, por isso o grupo se desfez; foram embora dali um atrás do outro.

Mais tarde naquela semana, porém, os Rao foram vistos circundando o Entroncamento do Poço de Água Fria em sua moto Yamaha. Kamini estava sentada no banco de trás, abraçando o marido com força, e os observadores se surpreenderam ao ver como os dois pareciam um verdadeiro casal naquele momento.

Na quinta-feira seguinte, quando os *íntimos* voltaram à residência dos Rao, a própria Sharadha Bhatt abriu a porta para eles. O cabelo prateado da velha mulher estava despenteado, e ela olhou para os convidados de seus inquilinos com um olhar severo.

— Ela está tendo problemas com o Jimmy, vocês sabem, o filho arquiteto dela, que mora em Bombaim. Pediu mais uma vez para ir morar com ele, mas a mulher do filho não permite — sussurrou Kamini enquanto os conduzia pela escada.

Devido à expectativa de um jantar extraordinário naquela noite, o sr. Shirthadi iria comparecer junto de sua mulher, o que raramente acontecia. Falou apaixonadamente da ingratidão das crianças de hoje em dia e disse que às vezes desejava não ter tido filhos. A sra. Shirthadi ficou sentada inquieta — seu marido quase cruzara a circunferência invisível.

Mais tarde a sra. Karwar chegou acompanhada de Lalitha, e ouviram-se os gritos e o falatório habitual sobre a “amante secreta”. Depois de tomarem o *sherbet* de frutas, o sr. Anantha Murthy pediu ao sr. Rao que confirmasse uma fofoca — ele havia rejeitado outra oferta de ser transferido para Bombaim?

O sr. Rao confirmou a informação assentindo com a cabeça.

— Por que o senhor não vai, Giridhar Rao? — inquiriu a sra. Shirthadi. — Não quer crescer dentro do banco?

— Estou feliz por aqui, madame — disse o sr. Rao. — Tenho a minha praia

particular e a minha BBC pela noite. Do que mais um homem precisa?

— O senhor é o hindu perfeito, sr. Giridhar — disse o sr. Murthy, que estava ficando ansioso pelo jantar. — Quero dizer com isso que o senhor está completamente contente com seu destino na terra.

— Bem, você ainda estaria satisfeito se eu fugisse com a Lalitha? — gritou Kamini da cozinha.

— Minha querida, se você fugisse, aí sim eu ficaria realmente contente — retorquiu ele.

A mulher gritou com uma indignação fingida, e os *íntimos* aplaudiram.

— Bem, e quanto a essa praia particular que o senhor sempre menciona, sr. Rao: quando exatamente vamos conhecê-la? — perguntou a sra. Shirthadi. Antes que ele pudesse responder, Kamini saiu correndo em disparada da cozinha e se inclinou sobre o parapeito.

Ouviu-se uma respiração estertorosa, cada vez mais alta. O rosto de Sharadha Bhatt apareceu: a velha senhora veio mancando pela escada, um degrau de cada vez.

Kamini ficou agitada.

— Quer que eu ajude a senhora a subir a escada? Quer que eu faça alguma coisa? A velha mulher fez que não com a cabeça. Parcialmente sem fôlego, tombou numa cadeira no alto da escada.

A conversa se interrompeu. A mulher nunca antes se juntara aos jantares semanais. Em poucos minutos os *íntimos* aprenderam a ignorá-la.

O sr. Anantha Murthy bateu palmas quando Kamini surgiu com a bandeja de aperitivos.

— Então, me disseram que a senhora vai fazer aulas de natação?

— E se for? — rebateu ela, apoiando uma mão na cintura.

— O que isto tem de errado?

— Espero que não vá usar um biquíni feito uma mulher ocidental?

— Por que não? Se eles fazem isso na América, por que nós não podemos? Somos menores que eles de alguma forma?

Lalitha soltou uma gargalhada selvagem quando Kamini anunciou o plano para que as duas comprassem imediatamente aquelas escandalosas roupas de banho.

— E se o sr. Giridhar Rao não gostar, nós duas fugimos e vamos morar juntas em Bombaim, não vamos?

Giridhar Rao olhou nervoso para a velha senhora, que tinha o olhar fixo nos próprios pés.

— Toda essa conversa “moderna” não está chateando a senhora, está, Sharadhamma? A velha mulher respirou pesadamente. Recolheu os dedos dos pés e os fitou.

O sr. Anantha Murthy arriscou uma comparação entre os *barfis* que Kamini servira na bandeja de aperitivos e o *barfi* servido no melhor café de Bombaim.

Então a velha senhora falou numa voz rouca:

— As Escrituras dizem... — fez uma longa pausa. A casa ficou em silêncio — ...que um homem... um homem que não tem filho não pode aspirar a entrar nos portões do paraíso.

— Soltou o ar. — E se um homem não entrar no paraíso, sua mulher também não entrará. Vocês ficam falando de biquíni isto, e biquíni aquilo, e fazendo festanças com pessoas “modernas”, em vez de rezar para que Deus perdoe seus pecados!

Respirou pesadamente por mais um momento, depois ficou em pé e cambaleou pela escada.

Quando os *íntimos* foram embora — foi uma noite mais curta que o habitual — encontraram a velha senhora do lado de fora da casa. Sentada numa maleta repleta de roupas, ela gritava com as árvores.

— Yama Deva, venha me buscar! Agora que meu filho esqueceu sua mãe, que motivo eu tenho para viver? — Enquanto chamava o Senhor da Morte, batia na testa com os punhos fechados, e seus braceletes tilintavam.

Sentindo a mão de Giridhar Rao em seu ombro, a velha mulher caiu em lágrimas.

Os *íntimos* viram Giridhar Rao fazer um gesto para que fossem embora. A velha senhora havia gastado todo o seu dramatismo. Ela afundou a cabeça no peito de Kamini e seu corpo foi convulsionado por soluços.

— Me desculpe, mamãe... os deuses puniram a cada um de nós. Deram à senhora um útero de pedra, e esmagaram o coração no peito de meu filho...

Depois de colocarem a velha senhora na cama, Giridhar deixou que sua mulher subisse a escada primeiro. Quando se juntou a ela, Kamini estava deitada na cama, virada de costas para ele.

Ele caminhou até a varanda e desligou o rádio. Kamini não disse nada ao ver Giridhar agarrar seu capacete e descer novamente a escada. Deu a partida na moto, cortando o silêncio da Bishop Street.

EM POUCOS MINUTOS GIRIDHAR estava descendo a estrada que atravessava a floresta em direção ao mar. Nos dois lados da rápida motocicleta, silhuetas amontoadas de coqueiros se distinguiam diante do azul da noite na costa. Pouco acima das árvores, uma lua brilhante parecia ter sido cortada com um machado. Com o canto superior direito arrancado, pendia no céu feito uma ilustração da ideia de “dois terços”. Depois de um quarto de hora, a Yamaha saiu da estrada e entrou numa pista de terra, trovejando sobre as pedras e a areia. O motor foi então apagado.

Um lago, um pequeno círculo de água dentro da floresta, tornou-se visível e Giridhar Rao parou a moto, deixando o capacete no banco. Pescadores tinham limpado a pequena costa ao redor do lago, que era delimitado por mais coqueiros do outro lado. A esta hora deveria haver redes por todo lado, mas não se via nem uma alma viva ali. Uma garça, caminhando na água rasa na beira do lago, era a única criatura viva à vista. Giridhar tinha se deparado com seu lago muitos anos antes, ao dirigir pela floresta à noite. Não conseguia imaginar porque ninguém ia ali, mas as cidades pequenas são assim, cheias de tesouros escondidos. Caminhou na beira do lago durante alguns minutos, depois sentou numa pedra.

A água, sua superfície brilhante cortada por ondulações negras, lembrava camadas de vidro derretido acomodando-se umas sobre as outras.

A garça bateu asas e voou pelo ar. Agora ele estava completamente só. Giridhar murmurou baixo, uma música de seus dias de estudante em Bangalore. Um bocejo expandiu seu rosto. Olhou para cima. Três estrelas haviam surgido entre os rasgos de uma nuvem cinza; combinadas aos dois terços de lua, compunham um quadrilátero. Giridhar admirou a estrutura do céu noturno. Sentia prazer em pensar que os elementos de nosso mundo não tinham sido jogados ali de maneira aleatória. Havia algo por trás deles: uma ordem.

Bocejou outra vez e esticou as pernas para fora da pedra.

Sua paz foi interrompida. Tinha começado a chover. Giridhar se perguntou se teria se lembrado de trancar as janelas acima da cama; a chuva poderia acertar a superfície dela.

Deixando sua praia privada para trás, correu até a moto, pôs o capacete e, com um chute, deu vida à máquina.

NUMA MANHÃ EM 1987, TODA A Bishop Street acordou ao som do monótono tac-tac-tac de machados acertando as árvores. Em poucos dias já ressoavam serras elétricas e tratores levantavam enormes porções de terra preta. E esse foi o fim da grande floresta de Bajpe. Em seu lugar, os habitantes da Bishop Street viam agora um enorme fosso repleto de guindastes, caminhões e um exército de trabalhadores migrantes sem camisa, carregando pilhas de tijolos e sacos de cimento na cabeça feito formigas levando grãos de arroz. Uma placa gigante em canará e híndi proclamava que aquele seria o lugar do “Estádio Esportivo Sardar Patel, ‘O Homem de Ferro da Índia’ — Um sonho tornado realidade para Kittur”. O ruído era incessante, e a poeira emergia do poço como de um gêiser. Os visitantes que voltavam a Bajpe achavam que o bairro tinha ficado dez graus mais quente.

Dia sete: SALT MARKET VILLAGE

Se você quiser um criado em quem possa confiar, uma cozinheira que não vá roubar açúcar, um motorista que não beba, tem de ir ao Salt Market Village. Embora seja parte do município de Kittur desde 1988, Salt Market ainda é amplamente rural e muito mais pobre que o resto da cidade.

Se você visitar o lugar em abril ou maio, tem de ficar para assistir ao festival local conhecido como o “caça-ratos” — um ritual noturno no qual as mulheres do subúrbio marcham pelos campos de arroz com tochas acesas numa mão enquanto batem na terra com bastões de hóquei ou de críquete na outra, gritando o tempo todo a plenos pulmões. Ratos, mangustos e musaranhos, aterrorizados pelo barulho, correm para o centro do campo, onde as mulheres batem nos roedores cercados até a morte.

A única atração turística de Salt Market Village é um *basadi* jainista abandonado, o templo onde foram escritos alguns dos primeiros épicos em canará dos poetas Harihara e Raghuveera. Em 1990, uma parte do *basadi* foi adquirida pela Igreja Mórmon de Utah, EUA, transformando-se num escritório para seus evangelistas.

MURALI, ESPERANDO NA COPA ATÉ QUE O CHÁ fervesse, deu um passo para a direita e espiou pela porta.

Camarada Thimma, sentado debaixo do pôster soviético emoldurado, tinha começado a interrogar a velha mulher.

— A senhora compreende a natureza exata das diferenças doutrinárias entre o Partido Comunista da Índia, o Partido Comunista da Índia (Marxista) e o Partido Comunista da Índia (Marxista-Maoista)?

É claro que ela não sabe, pensou Murali, entrando de volta na copa e desligando a chaleira elétrica.

Ninguém no mundo sabia.

Pôs a mão numa lata cheia de biscoitos de açúcar. Um instante depois estava de volta à recepção trazendo uma bandeja com três xícaras de chá e um biscoito de açúcar ao lado de cada xícara.

Camarada Thimma estava olhando para a parede à sua frente, para o lugar onde era perfurada por uma janela coberta por uma grade. A luz da noite iluminava a grade; um bloco de luz brilhava no chão, como a cauda de uma ave incandescente empoleirada na grade.

Os modos do Camarada sugeriam fortemente que a velha senhora, considerando seu estado de completa ignorância doutrinária, não merecia receber assistência do Partido Comunista da Índia (Marxista-Maoista), diretório de Kittur.

A mulher era frágil e parecia esgotada; seu marido tinha se enforcado duas semanas antes no telhado de casa.

Murali colocou a primeira xícara diante do Camarada Thimma, que a apanhou e tomou o chá. Isto melhorou o seu humor.

Erguendo os olhos outra vez para a grade brilhante, o Camarada falou:

— Preciso lhe falar da nossa *dialética*; se a senhora a considerar aceitável, podemos conversar sobre o auxílio. A mulher do agricultor fez que sim, como se a palavra “dialética”, em inglês, fizesse perfeito sentido para ela.

Sem tirar os olhos da grade, o Camarada mordeu um dos biscoitos de açúcar; as migalhas caíram pelo seu queixo, e Murali, depois de dar o chá à velha senhora, voltou até o Camarada e espanou as migalhas com os dedos.

O Camarada tinha olhos pequenos e vivos, e uma tendência a olhar bem para cima ao emitir suas palavras de sabedoria, o que sempre fazia com um sentimento de entusiasmo reprimido. Isto lhe dava o ar de um profeta. Murali, como muitas vezes acontece com os auxiliares de profetas, era um espécime fisicamente superior: mais alto, largo, tinha uma testa ampla com grandes rugas e um sorriso afável.

— Dê à senhora o nosso folheto sobre *dialética* — disse o Camarada, falando diretamente com a grade.

Murali fez que sim e caminhou, determinado, em direção a um dos armários. A

área de recepção do Partido Comunista da Índia (Marxista-Maoista) continha uma velha mesa manchada de chá, uns poucos armários decrepitos e uma escrivaninha para o secretário-geral, atrás da qual se via um pôster gigante, dos primeiros dias da Revolução Soviética, mostrando um grupo de heróis proletários subindo uma escada até o céu. Os trabalhadores carregavam martelos e marretas, e um grupo de deuses orientais se encolhia diante de seu avanço. Depois de revirar dois dos armários, Murali encontrou um panfleto cuja capa trazia uma grande estrela vermelha. Limpou-a com um canto da camisa e levou o folheto até a velha senhora.

— Ela não sabe ler.

A voz suave veio da filha da mulher, sentada na cadeira ao lado dela e segurando sua xícara de chá e um biscoito de açúcar intocado. Depois de um instante de hesitação, Murali deixou que a filha apanhasse a brochura. Segurando a xícara na mão esquerda, a moça segurou o panfleto entre dois dedos da direita, como se fosse um lenço sujo.

O Camarada sorriu para a grade na janela; não estava claro se estava reagindo aos eventos dos últimos minutos. Ele era um homem magro, careca e de pele escura, com bochechas chupadas e olhos brilhantes.

— No início tínhamos um único partido na Índia, que era o partido verdadeiro. Não se conformava com meios-terms. Mas depois os líderes desse verdadeiro partido foram seduzidos pelas promessas da democracia burguesa; decidiram participar de eleições. Esse foi seu primeiro equívoco, e foi o equívoco fatal. Pouco tempo depois aquele partido verdadeiro se dividiu. Surgiram novas ramificações, tentando restaurar o espírito original. Mas elas também se corromperam.

Murali limpou as prateleiras do armário e tentou realinhar a dobradiça frouxa da porta o melhor que pôde. Ele não era um empregado; não havia empregados — o Camarada Thimma não permitia a contratação exploratória de trabalho proletário. Murali certamente não era um proletário — ele era o herdeiro de uma influente família brâmane proprietária de terras

— por isso podia realizar todo tipo de trabalho manual sem nenhum problema.

O Camarada respirou fundo, tirou os óculos e os limpou com um canto de sua camisa branca de algodão.

— Nós somos os únicos que mantiveram a fé; nós, os membros do Partido Comunista da Índia (Marxista-Maoista). Fomos os únicos que se mantiveram fiéis à dialética. E a senhora sabe onde está a força de nossa filiação?

Recolocou os óculos e inspirou com satisfação.

— Em duas coisas. Murali e eu.

Fitou a grade com um sorriso frouxo. Parecia ter terminado; por isso a velha senhora apoiou as mãos na cabeça da filha e falou:

— Ela é solteira, senhor. Estamos implorando ao senhor por um pouco de dinheiro para casá-la, só isso.

Thimma se virou para a filha e a encarou; a menina baixou os olhos. Murali franziu o rosto. Queria que ele fosse um pouco mais delicado às vezes, pensou.

— Nós não temos nenhum sustento — disse a senhora. — Minha família nem fala comigo. Os membros da nossa própria casta não...

O Camarada bateu com a palma da mão na coxa.

— Esta questão da casta é apenas uma manifestação da luta de classes: Mazumdar e Shukla estabeleceram definitivamente este fato em 1938. Eu me recuso a aceitar a categoria de “casta” nas nossas discussões.

A mulher olhou para Murali. Ele fez que sim com a cabeça, como dizendo: *continue*.

— Meu marido dizia que os comunistas eram as únicas pessoas que se preocupavam com gente como nós. Ele dizia que se os comunistas governassem a terra, não haveria mais sofrimento para os pobres, senhor.

Isto pareceu amolecer o Camarada. Ele olhou para a mulher e para a menina por um momento, depois fungou. Seus dedos pareciam precisar de alguma coisa. Murali entendeu. Ao entrar na despensa para ferver outra xícara de chá, ouviu a voz do Camarada continuar atrás dele:

— O Partido Comunista da Índia (Marxista-Maoista) não é o partido dos pobres, é o partido do proletariado. É preciso entender essa distinção antes de

discutirmos assistência ou resistência.

Depois de ligar a chaleira outra vez, Murali estava prestes a jogar as folhas de chá dentro dela quando se perguntou por que a filha não teria tocado seu chá. Foi tomado pela suspeita de que teria colocado muito chá na chaleira — e de que o modo como estivera fazendo chá por quase 25 anos poderia estar errado.

MURALI DESCEU DO ÔNIBUS número 67C no ponto de Salt Market Village e se viu na avenida principal, abrindo caminho devagar através de um fosso de lama e desviando de porcos que cheiravam a terra ao seu redor. Manteve o guarda-chuva apoiado no ombro como um lutador segurando uma clava, de modo que a ponta de metal não se sujasse na lama. Pedindo informações a um grupo de meninos que jogava bolinhas de gude no meio da rua do povoado, encontrou uma casa: uma estrutura surpreendentemente grande e imponente, com pedras colocadas no teto de latão enrugado para estabilizá-la durante as chuvas.

Destrancou o portão e entrou.

Uma camisa de algodão costurada à mão estava pendurada num gancho na parede ao lado da porta; devia pertencer ao morto, presumiu Murali. Como se o sujeito ainda estivesse ali dentro, cochilando, e fosse sair e vesti-la para cumprimentar o visitante.

Ao menos uma dúzia de imagens multicoloridas de deuses, todas emolduradas, havia sido afixada à parede da frente ao lado da fotografia de um guru local com uma grande barriga e uma enorme auréola em torno da cabeça. Havia um catre esfarrapado para que os visitantes se sentassem.

Murali deixou as sandálias do lado de fora e se perguntou se deveria bater na porta. Isso seria invasivo demais para um lugar como aquele, onde a morte havia acabado de entrar — por isso decidiu esperar até que alguém saísse.

Duas vacas brancas estavam sentadas no terreno da casa. Os guizos em seus pescoços tilintavam com seus raros movimentos. À frente delas havia uma poça de água na qual haviam sido mergulhadas folhas de palha para fazer uma papa. Um búfalo preto, com o focinho úmido todo coberto de pedacinhos de pas-to fresco, fitava a parede oposta do composto, pastando de um saco cheio de forragem que havia sido esvaziado no chão à frente dele. Murali pensou: estes animais não têm nenhuma preocupação nesta vida. Mesmo na casa de um

homem que se matou ainda são alimentados e engordados. Eles governam sem nenhum esforço sobre os homens desta vila, como se a civilização humana houvesse confundido os senhores com os servos.

Murali ficou petrificado. Seus olhos ficaram pousados no corpo gordo da besta, em sua barriga inchada, sua pele brilhante. Sentiu o cheiro da bosta do animal, que havia endurecido em seu traseiro; o animal tinha estado agachado em charcos de seus próprios excrementos.

Murali não ia a Salt Market Village havia décadas. A última vez fora 25 anos antes, quando visitara o lugar à procura de detalhes visuais para enriquecer um conto que estava escrevendo sobre a pobreza rural. Pouca coisa havia mudado nos últimos 25 anos; apenas os búfalos tinham engordado.

— Por que o senhor não bateu na porta?

A velha senhora surgiu, vinda do quintal; caminhou em torno dele com um grande sorriso e entrou na casa, gritando:

— Ei, você! Faça um chá!

Um momento depois, uma menina saiu com um copo de chá, que Murali aceitou, tocando os dedos molhados da jovem ao fazê-lo. O chá, depois daquela longa viagem, pareceu-lhe o paraíso. Murali nunca havia dominado a arte de fazer chá, embora o estivesse servindo para Thimma havia quase 25 anos. Talvez fosse uma daquelas coisas que só as mulheres conseguiam realmente fazer.

— O que o senhor precisa de nós? — perguntou a senhora. Seus modos tinham se tornado mais servis; como se só agora tivesse adivinhado o propósito daquela visita.

— Vim saber se a senhora está dizendo a verdade — respondeu Murali num tom calmo.

A mulher chamou os vizinhos para que Murali pudesse entrevistá-los. Eles se agacharam em volta do catre; Murali insistiu para que se sentassem no mesmo nível que ele, mas todos permaneceram onde estavam.

— Onde ele se enforcou?

— Bem aqui, senhor! — disse um dos velhos habitantes da vila, que tinha dentes quebrados e manchados de *paan*.

— Como assim, bem aqui?

O velho apontou para uma viga no teto. Murali não conseguia acreditar: ele tinha se matado assim, à vista de todo mundo? Nesse caso as vacas teriam visto; e o búfalo gordo também.

Murali ouviu as histórias do homem cuja camisa ainda estava pendurada no gancho. A safra ruim. O empréstimo do agiota. A três por cento ao mês, compostos.

— O casamento da primeira filha o arruinou. E ele sabia que ainda precisava casar mais uma, esta menina. A filha estivera o tempo todo por ali, num canto do jardim da entrada. Murali a viu virar o rosto numa lenta agonia.

Quando estava indo embora, um dos vizinhos veio correndo atrás dele.

— Senhor... senhor... é que, uma tia minha cometeu suicídio dois anos atrás... é que, foi só um ano atrás, senhor, e ela era praticamente uma mãe para mim... será que o Partido Comunista...

Murali agarrou o braço do homem e apertou os dedos com força em sua carne. Fitou profundamente os olhos do homem:

— Qual é o nome da filha?

Voltou devagar até o ponto de ônibus. Deixou que a ponta do guarda-chuva fizesse um rastro na terra. O horror da história do homem morto, a imagem daqueles búfalos gordos, o rosto da bela filha, marcado pela dor — aqueles detalhes não saíam de sua mente.

Pensou em 25 anos atrás, quando fora àquela vila com seu caderno e seus sonhos de se tornar um Maupassant indiano.

Ao descer aquelas ruas retorcidas, repletas de crianças de rua jogando seus jogos violentos, boias-frias exaustos dormindo na sombra, vendo poças espessas e imóveis de chorume, Murali se lembrou daquela estranha mistura do incrivelmente belo e do asqueroso que compõe a natureza de todo vilarejo

indiano — e o desejo simultâneo de admirar e castigar que crescera nele desde suas primeiras visitas.

Sentiu a necessidade, como sentira naqueles tempos, de fazer anotações.

Naquela época ele havia visitado Salt Market Village todos os dias durante uma semana, anotando descrições extremamente detalhadas de agricultores, galos, touros, porcos, leitões, esgotos, brincadeiras de criança, festivais religiosos, tentando embaralhá-las numa série de contos que compunha na sala de leitura da Biblioteca Municipal durante a noite. Murali não tinha certeza se o Partido aprovaria seus contos, por isso enviou alguns deles sob o pseudônimo de “Buscador da Justiça” para o editor de uma revista semanal em Mysore.

Uma semana depois, recebeu um cartão-postal do editor chamando-o a Kittur para uma reunião. Murali pegou o trem até Mysore e esperou durante meio dia até que o editor o chamasse para entrar em seu escritório.

— Ah, ah, sim... o jovem gênio de Kittur. — O editor procurou seus óculos na mesa e retirou de um envelope o maço de folhas com os contos de Murali; o coração do jovem autor batia violentamente.

— Eu queria ver você. — O editor deixou os contos caírem sobre a mesa. — Pois a sua escrita tem talento. Você foi para o campo e viu a vida ali, ao contrário de noventa por cento de nossos escritores. Murali se encheu de alegria. Era a primeira vez que alguém mencionava a palavra “talento” ao falar dele.

Apanhando um dos contos, o editor examinou as páginas em silêncio.

— Quem é o seu autor preferido? — perguntou, mordendo uma das hastes dos óculos.

— Guy de Maupassant. Murali se corrigiu:

— Depois de Karl Marx.

— Vamos nos ater à literatura — retorquiu o editor. — Todo personagem de Maupassant é assim. — O homem dobrou o dedo indicador e o retorceu. — Ele quer, quer e quer. Até o último dia de sua vida ele quer. Dinheiro. Mulheres. Fama. Mais mulheres. Mais dinheiro. Mais fama. Os seus personagens — desdobrou o dedo — não querem absolutamente nada. Eles simplesmente

caminham por ambientes rurais descritos com precisão e têm pensamentos profundos. Eles caminham entre as vacas e as árvores e os galos e pensam, e depois caminham entre os galos e as árvores e as vacas e pensam mais um pouco. Isso é tudo.

— Eles têm ideias de mudar o mundo para melhor... — protestou Murali. — Eles desejam uma sociedade melhor.

— Eles não *querem* nada! — gritou o editor. — Eu não posso publicar contos de pessoas que não querem nada! Jogou o maço de contos na direção de Murali.

— Quando você encontrar pessoas que queiram alguma coisa, me procure outra vez!

Murali nunca chegara a reescrever aqueles contos. Agora, esperando o ônibus que o levaria de volta a Kittur, perguntou-se se aquele maço de contos ainda estaria em algum lugar de sua casa.

QUANDO MURALI DESCEU DO ÔNIBUS e caminhou de volta até o escritório, encontrou o Camarada Thimma com um estrangeiro. Não era raro haver estranhos no escritório; homens delgados e fatigados, com olhos paranoicos, fugidos de algum dos estados próximos que estariam executando um de seus expurgos habituais contra comunistas radicais. Em lugares como aqueles, o comunismo radical era uma verdadeira ameaça para o Estado. Os fugitivos dormiam e tomavam chá no escritório durante algumas semanas até que as coisas se acalmassem e eles pudessem voltar para casa. Mas aquele homem não era nenhum desses perseguidos, ele tinha cabelo loiro e um estranho sotaque europeu.

Estava sentado ao lado de Thimma, e o Camarada abria o coração com o homem enquanto fitava a luz distante da grade no alto da parede. Murali se sentou e escutou durante meia hora. Ele era magnífico. Trotsky não fora perdoado, e Bernstein não fora esquecido. Thimma estava tentando mostrar ao europeu que até numa cidade pequena como Kittur os homens obedeciam à teoria da dialética.

O estrangeiro assentiu bastante com a cabeça e anotou tudo. Ao final, pôs a tampa na caneta e comentou:

— Vejo que os comunistas não têm praticamente nenhuma presença em Kittur.

Thimma bateu na própria coxa. Encarou a grade. Os socialistas tinham influência demais nesta parte do sul da Índia, falou. A questão do feudalismo no campo fora resolvida; as grandes propriedades haviam sido divididas e repartidas entre os camponeses.

— Aquele homem, Devraj Urs, quando era líder do Congresso, criou uma espécie de revolução aqui — suspirou Thimma.

— Só uma pseudorrevolução, naturalmente. A falsidade de Bernstein mais uma vez.

A terra do próprio Murali tinha sido submetida à política socialista do governo do Congresso. Seu pai perdera a terra; em troca, o governo oferecera compensações. Seu pai fora ao escritório municipal para receber sua compensação, mas descobriu que alguém, algum burocrata, havia falsificado sua assinatura e fugido com o dinheiro. Ao ficar sabendo disso, Murali pensou: o meu velho merece isto. Eu mereço isto. Por tudo o que fizemos com os pobres, isto é uma retribuição justa.

Percebeu, naturalmente, que a compensação de sua família não havia sido roubada pelos pobres, e sim por algum funcionário corrupto. Ainda assim, era alguma espécie de justiça.

Murali foi então realizar suas tarefas do fim do dia. Primeiro varreu a copa. Ao se agachar para varrer debaixo da pia, ouviu o estrangeiro dizer:

— Acho que o problema de Marx é que ele presume que os seres humanos sejam demasiadamente... decentes. Ele rejeita a ideia do pecado original. Talvez por isso o comunismo esteja morrendo em toda parte. O Muro de Berlim...

Murali rastejou embaixo da pia para alcançar os cantos mais difíceis; a voz de Thimma ressoava estranhamente naquele espaço fechado debaixo da pia:

— O senhor entendeu o processo dialético de maneira completamente equivocada! Murali interrompeu o trabalho e esperou debaixo da pia até que o Camarada Thimma apresentasse uma resposta melhor.

Varreu o chão, fechou os armários, desligou as luzes desnecessárias para economizar na conta de eletricidade, apertou as torneiras para economizar na conta de água e foi até a estação de ônibus esperar o número 56B que o levaria

para casa.

A casa. Uma porta azul, uma lâmpada fluorescente, três lâmpadas elétricas nuas, dez mil livros. Os livros estavam por toda parte, esperando sua chegada como fiéis bichos de estimação nos dois lados da porta, cobertos de poeira na mesa de jantar, empilhados nas velhas paredes como para escorar a estrutura da casa. Os livros ocupavam os melhores espaços da casa, deixando uma pequena área retangular para seu catre.

Murali abriu o envelope que trouxera para casa: “Gorbachev está se desviando do Verdadeiro Caminho? Notas do *swami* Thimma, BA (Kittur), MA (Mysore), secretário-geral, *politburo* regional de Kittur, Partido Comunista da Índia (Marxista-Maoista).”

Murali acrescentava àquelas leituras as anotações que estava reunindo sobre os pensamentos de Thimma. A ideia era publicá-las um dia e entregá-las aos trabalhadores quando eles saíssem das fábricas.

Naquela noite Murali não conseguiu escrever por muito tempo; os mosquitos o picaram e ele os espantou. Acendeu um espiral para afugentá-los. Mesmo assim não conseguiu escrever; depois se deu conta de que o que o perturbava não eram os mosquitos.

O modo como ela tinha desviado o rosto. Murali teria que fazer alguma coisa pela menina.

Como era mesmo o nome dela? Ah, sim. Sulochana.

Pôs-se a revirar a bagunça em volta da cama até encontrar a velha coleção de contos que escrevera tantos anos antes. Soprou a poeira das páginas e se pôs a ler.

A FOTOGRAFIA DO HOMEM MORTO pendurada na parede ao lado dos retratos dos deuses que não tinham sido capazes de salvá-lo. O guru barrigudo, talvez assumindo toda a culpa, fora descartado.

Murali ficou parado diante da porta; esperou e bateu devagar.

— Elas estão trabalhando na roça — gritou o velho vizinho com os dentes vermelhos e quebrados.

As vacas e o búfalo não estavam no pátio, vendidos para fazer dinheiro, sem dúvida. Murali ficou consternado com isso. Aquela menina, de aparência tão nobre, trabalhando nos campos feito um lavrador comum?

Cheguei bem a tempo, pensou.

— Corra e encontre as duas! — gritou para o vizinho. — Agora mesmo!

O governo estadual tinha um esquema para compensar as viúvas de agricultores que se suicidassem estando em condições penosas, Murali explicou à viúva, fazendo com que ela se sentasse no catre. Era um daqueles esquemas bem intencionados de desenvolvimento rural que jamais chegavam às pessoas, porque ninguém ficava sabendo deles — ao menos até que as pessoas da cidade, como Murali, lhes falassem a respeito.

A viúva estava mais magra e queimada pelo sol; ficou sentada ali, limpando as mãos constantemente nas costas do sári; tinha vergonha por estarem sujas de terra.

Sulochana trouxe o chá. Murali ficou impressionado ao ver que aquela menina, que estivera trabalhando nos campos, ainda encontrava tempo para lhe preparar um chá.

Quando apanhou a xícara das mãos da moça, tocando-lhe os dedos, admirou rapidamente suas feições. Mesmo tendo acabado de voltar de um dia de trabalho duro nos campos, ainda estava bonita — na verdade, ainda mais bonita que antes. Seu rosto tinha uma elegância simples, sem pinturas. Nem um pouco da maquiagem, batom ou pálpebras falsas que vemos nas cidades nestes dias.

“Quantos anos teria?”, perguntou-se.

— Senhor... — A velha senhora juntou as palmas das mãos.

— O dinheiro vai mesmo vir?

— Se a senhora assinar aqui — respondeu Murali. — E aqui. E aqui.

A velha senhora segurou a caneta e abriu um sorriso parvo.

— Ela não sabe escrever — disse Sulochana; assim, Murali apoiou a carta na

própria coxa e assinou por ela.

Ele explicou que havia trazido outra carta; uma carta que deveria ser entregue à delegacia central perto do Morro do Farol, exigindo o processo do agiota por seu papel ao instigar a morte do homem pela usura. Murali queria que a senhora também assinasse essa carta, mas ela uniu as palmas das mãos e se curvou diante dele.

— Por favor, senhor, não faça isso. Por favor. Não queremos mais problemas.

Sulochana ficou em pé diante da parede, com o olhar baixo, reforçando em silêncio as súplicas da mãe.

Murali rasgou a carta. Ao fazê-lo, percebeu que se tornara o árbitro do destino daquela família. Ele era o patriarca ali.

— E o casamento dela? — perguntou, apontando para a menina apoiada na parede.

— Quem vai querer casar com essa aqui? E o que eu posso fazer? — queixou-se a velha senhora, depois que a menina se retirou para a escuridão da casa.

A ideia lhe veio no caminho de volta para a estação de ônibus.

Apoiou a ponta do guarda-chuva no chão e traçou uma longa linha contínua na terra.

E depois pensou: por que não?

Afinal, ela não tinha nenhuma outra esperança...

Subiu no ônibus. Murali ainda era solteiro, aos 55 anos. Depois do tempo que passara na cadeia, sua família o deserudara... e nenhuma de suas tias ou tios tentara lhe conseguir um casamento arranjado. De alguma forma, enquanto distribuía panfletos, propagava o comunismo para o proletariado e reunia os discursos do Camarada Thimma, Murali jamais encontrara tempo para se casar. Também não tinha nenhum grande desejo de fazê-lo.

Deitado na cama, pensou: mas uma menina não pode morar num lugar como este. É uma casa imunda, repleta de livros velhos — edições publicadas por

veteranos do Partido Comunista e escritores de contos franceses e russos do século XIX — que ninguém mais lia.

Ele jamais tinha percebido, até agora, como vivera mal por tantos anos. Mas as coisas iriam mudar; Murali sentiu uma grande esperança. Se ela entrasse em sua vida, tudo poderia ser diferente. Ficou deitado no catre e fitou o ventilador do teto. Estava desligado; ele raramente o ligava, a não ser no calor mais opressivo do verão, para não aumentar a conta de eletricidade.

Murali passara a vida inteira sendo assolado por uma inquietude, uma sensação de que estava sendo destinado a al-gum feito maior dos que os que poderiam ser realizados numa cidade pequena. Depois de se formar em direito em Madras, seu pai desejava que ele fosse trabalhar como advogado. Em vez disso, Murali foi atraído para a política; começou a participar de encontros do Partido do Congresso em Madras, e continuou a fazê-lo em Kittur. Passou a usar um chapéu Nehru e a manter uma foto de Gandhi sobre a mesa. Seu pai percebeu. Um dia houve um confronto e gritos, e Murali deixou a casa do pai, passando a se dedicar ao Partido do Congresso em tempo integral. Ele já sabia o que queria fazer de sua vida. Ha-via um inimigo a ser superado. A Índia velha e má das castas e dos privilégios de classe — a Índia de casamentos infantis, das viúvas maltratadas, dos subalternos explorados, essa Índia tinha que ser derrubada. Quando vieram as eleições estaduais, ele se dedicou de todo o coração à campanha do candidato do Congresso, um jovem de baixa casta chamado Anand Kumar.

Depois que Anand Kumar ganhou, Murali viu dois de seus colegas trabalhadores do Congresso sentados diante do escritório do partido todas as manhãs. Viu homens que se aproximavam deles com cartas endereçadas ao candidato; eles recebiam as cartas e uma dúzia de rupias de cada suplicante.

Murali ameaçou delatá-los a Kumar. Os dois homens ficaram sérios. Abriram caminho e convidaram Murali a entrar em seguida.

— Por favor, faça a sua queixa imediatamente — disseram. Ao entrar e bater à porta de Kumar, ouviu risos à suas costas.

A seguir, Murali se filiou aos comunistas, ao ouvir falar que eles eram incorruptíveis. As principais facções dos comunistas acabaram por se mostrar tão podres quanto o Congresso; por isso ele mudou sua filiação de um partido

comunista ao seguinte, até entrar um dia num escritório escuro e ver, debaixo do pôster gigante dos proletários heroicos subindo aos céus para derrubar os deuses do passado, a figura pequena e escura do Camarada Thimma. Por fim — um incorruptível. Naquela época o partido tinha setenta membros-voluntários; eles organizavam programas de educação de mulheres, campanhas de controle populacional e iniciativas de radicalização do proletariado. Com um grupo de voluntários, ele ia às fábricas de trabalhos pesados perto do Bunder e distribuía panfletos que falavam da mensagem de Marx e dos benefícios da esterilização. À medida que a filiação do partido definhava, Murali se viu cada vez mais sozinho; para ele, isso não fazia diferença. A causa era boa. Ele nunca havia sido estridente como os outros trabalhadores dos outros partidos comunistas; sem alarde, e com grande perseverança, Murali ficava na beira da estrada entregando panfletos aos trabalhadores e repetindo a mensagem que tão poucos deles chegavam a considerar a sério: “Vocês não querem descobrir como viver uma vida melhor, irmãos?”

Murali também acreditava que sua escrita poderia contribuir para a causa — embora tivesse a honestidade de admitir que talvez só pensasse assim por vaidade. A palavra “talento” se alojara agora em sua mente, dando-lhe esperança; mas enquanto cogitava como melhorar sua escrita, foi mandado para a cadeia.

A polícia veio à procura de Camarada Thimma um dia. Isso foi durante a Emergência.

— Os senhores têm razão em me prender — dissera Thimma —, pois eu apoio livre e abertamente todas as tentativas de derrubar o governo burguês da Índia.

Murali havia perguntado aos policiais:

— Será que os senhores poderiam me prender também?

Seu tempo na prisão havia sido bastante feliz. Ele lavava as roupas de Thimma e as pendurava para secar pela manhã. Murali tivera a esperança de que todo aquele tempo livre na prisão lhe permitisse concentrar a mente, ajudando-o a reformular sua ficção, mas não tinha tempo para escrever por conta própria. À noite ele anotava o que Thimma ditava. As respostas de Thimma para as grandes questões do marxismo. A apostasia de Bernstein. O desafio de Trotsky. Uma justificativa para a Kronstadt.

Murali reunia fielmente as respostas; depois cobria o rosto de Thimma com um lençol, deixando seus pés para fora, para que se refrescassem no ar frio.

Fazia a barba de Thimma pela manhã, enquanto Thimma bradava, diante do espelho, sobre como Khrushchev deturpara o legado do Camarada Stalin.

Foi o período mais feliz de sua vida. Mas depois ele foi libertado.

Com um suspiro, Murali se levantou da cama. Caminhou pela casa escura, olhando para a grande desordem de livros e para as edições de Gorky e Turgenyev, repetindo consigo mesmo, muitas e muitas vezes: o que eu tenho para mostrar da minha vida? Só esta casa decadente...

Vislumbrou mais uma vez o rosto da menina e todo o seu corpo se acendeu de esperança e alegria. Apanhou sua pilha de contos e os leu outra vez. Com uma caneta vermelha, pôs-se a eliminar detalhes dos personagens, acelerando suas motivações, seus impulsos.

UMA MANHÃ, A CAMINHO DE Salt Market Village, Murali teve o pressentimento: “Elas estão me evitando. Tanto a mãe como a filha.”

Depois pensou: não, Sulochana não — a única que esfriou foi a senhora idosa.

Já fazia dois meses que Murali vinha pegando o ônibus para Salt Market Village com vários pretextos fictícios, só para ver o rosto de Sulochana mais uma vez, para tocar seus dedos quando ela trouxesse a xícara de chá escaldante.

Murali tentou insinuar para a velha senhora que eles deveriam se casar — soltando algumas indiretas, o tópico acabaria por penetrar na cabeça da mulher. Ele tinha essa esperança. E então, apenas por responsabilidade social, ele aceitaria se casar com ela, apesar de sua idade avançada.

Mas a velha senhora jamais adivinhou seu desejo.

— A sua filha faz um trabalho excelente na casa — disse Murali uma vez, pensando que seria uma insinuação bastante suficiente.

No dia seguinte, quando chegou, uma jovem desconhecida veio se encontrar com ele. A viúva havia melhorado de vida; tinha contratado uma criada.

— A madame está? — perguntou Murali. A criada fez que sim. — Pode ir chamá-la?

Um minuto se passou. Murali pensou ter ouvido vozes atrás da porta; depois a criada voltou e disse:

— Não.

— Não o quê? A criada olhou para a casa outra vez.

— Elas... não estão. Não.

— E Sulochana? Ela está? A criada fez que não. Por que elas não me evitariam?, pensou Murali, arrastando o guarda-chuva pelo chão ao voltar pela estação de ônibus. Ele já tinha feito seu trabalho para elas; não era mais necessário.

Era assim que as pessoas do mundo real se comportavam. Por que ele deveria ficar magoado?

De noite, caminhando pela casa sombria, sentiu que deveria concordar com o julgamento da velha senhora: aquela casa certamente não seria uma moradia adequada para uma jovem como Sulochana. Como ele poderia levar uma mulher para lá? Murali nunca havia pensado na pobreza em que vivia até tentar se imaginar morando com outra pessoa.

Ainda assim, no dia seguinte, pegou de novo o ônibus para Salt Market Village, onde a criada lhe comunicou mais uma vez que não havia ninguém em casa.

No caminho de volta, apoiou a cabeça na grade e pensou: quanto mais elas me esnobam, mais vontade tenho de me atirar diante daquela menina e pedi-la em casamento.

Em casa, tentou escrever uma carta. “Prezada Sulochana: tenho estado à procura de uma maneira de lhe falar. Tenho tantas coisas a dizer...”

Retornou todos os dias durante uma semana, e sua entrada foi recusada todos os dias. “Nunca mais vou voltar”, prometeu a si mesmo na sétima noite, como o fizera nas seis anteriores. “De verdade, nunca mais vou voltar. Este comportamento é deplorável. Eu estou explorando essas pessoas.” Mas também sentiu raiva da velha senhora e de Sulochana por tratarem-no daquela forma.

Voltando para casa, ficou em pé e gritou com o motorista:

— Pare! — Tinha se lembrado, de repente, de um conto que escrevera 25 anos antes, sobre um casamenteiro que trabalhava no povoado.

Perguntou pelo casamenteiro a algumas crianças que estavam jogando bolinhas de gude; elas o encaminharam aos lojistas do povoado. Levou uma hora e meia para encontrar a casa.

O casamenteiro era um homem velho e quase cego que estava sentado numa cadeira fumando um narguilé; sua mulher trouxe uma cadeira para que o comunista se sentasse.

Murali pigarreou e estalou os dedos. Não soube muito bem o que dizer, o que fazer. O herói de sua história havia caminhado em torno da casa do casamenteiro e depois ido embora; nunca chegara tão longe.

— Um amigo meu quer se casar com uma menina. Sulochana.

— A filha do homem que...? — O casamenteiro imitou um enforcamento.

Murali fez que sim.

— O seu amigo chegou tarde, senhor. Ela agora tem dinheiro, por isso já recebeu uma centena de ofertas — disse o casamenteiro. — Assim é a vida.

— Mas o meu amigo... meu amigo está apaixonado por ela...

— Quem é este seu amigo? — perguntou o casamenteiro, com um brilho malicioso e onisciente nos olhos.

Murali pegava o ônibus pelas manhãs assim que terminava seu trabalho no escritório do partido e esperava por ela no mercado. Daquele momento em diante, começou a esperar por Sulochana no mercado, quando ela estava comprando vegetais durante a noite. Murali a seguia devagar. Olhava para as bananas, para as mangas. Ele tinha comprado frutas para o camarada Thimma durante décadas. Era um especialista em muitas das tarefas femininas; seu coração dava um pulso quando ele a via escolher uma manga um pouco passada; quando o vendedor tentava enganá-la, Murali queria correr até lá e gritar com ele

para protegê-la de sua ganância.

À noite, Murali esperava o ônibus que o levaria de volta a Kittur. Observava o modo de vida das pessoas nos vilarejos. Viu um menino andando furiosamente numa bicicleta, com um bloco de gelo amarrado na parte de trás. Precisava chegar a tempo antes que o gelo derretesse; a metade do bloco já havia desaparecido, e o garoto não tinha nenhum objetivo na vida além de entregar o resto do gelo a tempo. Um homem passou com bananas num saco plástico e olhou em volta; as bananas já tinham grandes manchas pretas, e ele precisava vendê-las antes que apodrecessem. Todas aquelas pessoas mandavam uma mensagem para Murali. Querer coisas na vida, diziam elas, é reconhecer que o tempo é limitado.

Ele tinha 55 anos. Naquela noite, não pegou o ônibus de volta; em vez disso, caminhou até a casa. Desta vez não se aproximou pela porta da frente, entrou pelos fundos. Sulochana estava catando arroz; a moça olhou para a mãe e entrou na casa.

A criada entrou para pegar uma cadeira, mas a senhora falou:

— Não.

— Escute aqui, o senhor quer se casar com a minha filha? — perguntou ela.

Então quer dizer que ela descobrira. Era sempre assim; fazemos um esforço para esconder o desejo, mas ele já está à mostra. A maior de todas as falácias: a ideia de que podemos esconder dos outros o que queremos deles.

Murali fez que sim, evitando os olhos da senhora.

— Quantos anos o senhor tem? — perguntou ela.

— Cinquenta.

— Vai poder lhe dar filhos com essa idade? Murali tentou responder. A velha senhora falou:

— E de qualquer forma, por que nós iríamos querer que o senhor entrasse na nossa família? Meu marido falecido sempre dizia, os comunistas só trazem problemas.

Murali ficou de queixo caído. Seria este o mesmo marido que havia exaltado os comunistas? Será que a mulher tinha inventado tudo aquilo?

Agora ele entendia; o marido não havia dito nada sobre os comunistas. Estas pessoas ficam tão espertas quando querem alguma coisa!

Murali falou:

— Eu posso trazer muitas vantagens para a sua família. Sou brâmane de nascimento; eu me formei em...

— Escute aqui! — A viúva se levantou. — Vá embora, por favor; senão vamos ter problemas.

Por que não? Eu talvez não possa dar filhos à moça na minha idade, mas certamente posso fazê-la feliz, pensou no ônibus de volta para casa. Podemos ler Maupassant juntos.

Murali era um homem instruído, tinha se formado na Universidade de Madras; não podiam tratá-lo daquela forma. Seus olhos se encheram de lágrimas.

Procurou livros de ficção e poesia, mas o que melhor pareceu expressar seus sentimentos foram as palavras de uma música do cinema que tinha ouvido no ônibus. Então é por isso que o proletariado vai ao cinema, pensou. Comprou uma entrada.

— Quantas?

— Uma. O atendente da bilheteria sorriu.

— Não tem nenhum amigo, meu velho? Depois do filme, Murali escreveu uma carta para Sulochana e a colocou no correio.

Na manhã seguinte, acordou se perguntando se ela um dia a leria. Mesmo que a carta chegasse à casa da moça, sua mãe não a jogaria no lixo? Ele deveria ter entregado a carta em mãos!

Fazer uma tentativa honesta não é suficiente. Aquilo era suficiente para Marx e Gandhi — tentar. Mas não no mundo real, onde ele subitamente se encontrava.

Depois de pensar no assunto por uma hora, Murali reescreveu a carta. Desta vez pagou três rupias a um entregador para que levasse a mensagem à moça em mãos.

— ELA SABE QUE O SENHOR vem ao mercado em busca dela — disse o verdureiro na seguinte vez que Murali foi ao mercado.

— Desse jeito, acabou assustando a moça.

Ela está me evitando — sentiu uma pontada no coração. Agora entendia tantas outras músicas de filmes. Era disso que falavam, da humilhação de ser evitado por uma menina depois de virmos de tão longe para vê-la...

Achou que todos os verdureiros estavam rindo dele. Apenas dez anos antes — aos seus quarenta — não teria havido nada de estranho se ele se aproximasse de uma garota como aquela, pensou Murali ao voltar para casa. Ele agora era um velho sujo; tinha se transformado no personagem estereotipado que havia desenvolvido em muitos de seus contos — o velho brâmane lascivo à caça de uma moça inocente de baixa casta.

Mas aqueles sujeitos eram apenas caricaturas, vilões de classe; *agora* ele poderia detalhá-los muito melhor. Quando se deitou na cama aquela noite, pegou uma folha de papel e escreveu: “Pensamentos que um velho brâmane lascivo *realmente* poderia ter.” Agora já sei o suficiente, pensou Murali, olhando para as palavras que havia escrito. Posso finalmente me tornar um escritor.

Na manhã seguinte, a ordem e a razão retornaram. Ali estavam seu cabelo penteado, os exercícios de respiração diante do espelho, a caminhada lenta e estável pela porta da frente, o trabalho de limpar o escritório do partido e preparar chá para Thimma.

No entanto, de tarde, Murali estava outra vez no ônibus para Salt Market Village.

Esperou até que a jovem chegasse ao mercado e caminhou atrás dela, examinando batatas e berinjelas e roubando-lhe olhares. Pôde ver os vendedores zombando dele o tempo todo: velho sujo, velho sujo. Pensou, com pesar, na prerrogativa tradicional de um homem na Índia — na Índia velha e má —, casar-se com uma mulher mais jovem.

Na manhã seguinte, de volta à copa do escritório do partido, fervendo chá para Thimma, tudo a seu redor pareceu novamente sujo, escuro e insuportável — as velhas jarras e panelas, as colheres imundas, o pote velho e sujo do qual ele retirava açúcar para o chá. As brasas de uma vida que nunca se acendera, nunca ardera.

Você foi enganado, dizia-lhe tudo naquele quarto. Você desperdiçou a sua vida.

Pensou em todas as suas vantagens: sua educação, seu intelecto mais aguçado, seu cérebro, seu dom para a escrita. Seu “talento” — como dissera o editor de Mysore.

Tudo isso, pensou Murali ao levar o chá para a recepção, desperdiçado a serviço do camarada Thimma.

O próprio Thimma havia se desperdiçado. Jamais se casara outra vez depois da morte precoce de sua mulher; tinha se dedicado ao objetivo de sua vida — erguer o proletariado de Kittur. No fim das contas, a culpa não era de Marx; era de Gandhi e Nehru. Murali estava convencido disso. Uma geração inteira de jovens, iludidos pelo gandhismo, havia desperdiçado suas vidas correndo por aí para organizar clínicas oftalmológicas públicas para os pobres e distribuindo livros para as bibliotecas rurais, em vez de seduzir aquelas jovens viúvas e mulheres solteiras. Aquele velho de tanga havia enlouquecido a todos. Assim como Gandhi, tínhamos que nos abster da luxúria. Até mesmo saber o que queríamos na vida era pecado; o desejo era uma forma de intolerância. E veja só como o país estava, depois de quarenta anos de idealismo? Uma confusão total! Se todos eles tivessem sido uns canalhas, os jovens de sua geração, este lugar talvez estivesse como a América agora!

Naquela noite, forçou-se a não pegar o ônibus até a vila. Ficou ali mesmo, limpando duas vezes o escritório do partido.

Não, pensou, esticando-se para limpar debaixo da pia pela segunda vez, não era um desperdício! O idealismo de jovens como ele havia mudado Kittur e os povoados em volta. A pobreza rural havia caído pela metade, a varíola fora erradicada, a saúde pública havia melhorado uma centena de vezes, a alfabetização estava crescendo. Se Sulochana sabia ler, era por causa de voluntários como ele, pelos projetos de bibliotecas públicas...

Murali ficou ali parado na escuridão debaixo da pia. Uma voz rosnou dentro

dele: “Tudo bem, ela sabe ler — e o que você ganha com isso, seu idiota?”

Murali correu de volta para a luz, para a recepção.

O pôster havia ganhado vida. Os proletários, subindo aos céus para derrubar os deuses, começaram a derreter e mudar de forma. Murali pôde ver o que aqueles homens representavam: um exército subalterno de sêmen, sangue e carne rebelando-se dentro dele. Uma revolução do proletariado corporal, há tanto suprimida, mas que agora se articulava, dizendo:

Nós queremos!

Os comunistas estavam acabados. O visitante europeu já falara disso, e todos os jornais diziam a mesma coisa. De alguma forma, os americanos tinham vencido. Camarada Thimma continuaria a tagarelar. Mas em pouco tempo não haveria mais nada do que falar, pois Marx ficara mudo. A dialética virara pó. O mesmo acontecera com Gandhi, e também com Nehru. Nas ruas de Kittur, os jovens dirigiam Suzukis novinhos em folha, ouviam música pop do ocidente em alto volume, tomavam picolés de framboesa que deixavam suas línguas vermelhas e usavam reluzentes relógios de metal.

Murali apanhou o panfleto e o arremessou no pôster soviético, assustando uma lagartixa que estivera escondida atrás dele.

VOCÊ ESTÁ PENSANDO que o privilégio não tem lugar na vida indiana? Está pensando que um homem formado na Universidade de Madras — um brâmane — pode ser rejeitado assim, sem mais nem menos?

O ônibus chacoalhava, e Murali levava na mão uma carta do Governo Estadual de Karnataka anunciando que outra quantia de dinheiro deveria chegar à viúva do agricultor Arasu Deva Gowda, desde que ela a assinasse. Oito mil rupias.

Pedindo informações, Murali encontrou a casa do agiota. Olhou para a construção: a maior do povoado, com uma fachada rosa e colunas na frente que sustentavam um pórtico — a casa construída a juros de três por cento ao mês, compostos.

O agiota, um homem gordo e escuro, estava vendendo grãos a um grupo de agricultores; ao seu lado, um garoto gordo e escuro, provavelmente seu filho, fazia anotações num caderno. Murali parou para admirar a cena: a mera

genialidade da exploração na Índia. Venda seus grãos a um agricultor. Livre-se assim do seu estoque ruim. Depois, faça-lhe um empréstimo para comprar esses grãos. Faça-o pagar juros de três por cento ao mês. Trinta e seis por cento ao ano. Não, ainda mais — muito mais! Juros compostos! Que diabólico, que brilhante! E pensar, sorriu Murali, que ele presumira que dominar a dialética era um sinal de inteligência.

Quando Murali se aproximou, o agiota estava enfiando as mãos profundamente nos grãos; quando a retirou, sua pele cor de chocolate estava coberta por um fino pó amarelo, como o bico de um pássaro coberto de pólen. Sem limpar o braço, o homem recebeu a carta de Murali. Atrás dele, num nicho na parede da casa, havia uma enorme estátua vermelha do Ganesha barrigudo. Uma esposa gorda, rodeada de filhos gordos, estava sentada num divã *charpoy*. E de trás deles vinha o odor de uma besta que comia e defecava: um búfalo, sem dúvida.

— O senhor sabia que o governo pagou outras oito mil rupias à viúva? — perguntou Murali. — Se ela ainda tem dívidas, o senhor deveria cobrá-las agora, pois ela está em condições de pagar.

— Quem é o senhor? — perguntou o agiota, com olhos pequenos e desconfiados. Hesitando por um momento, Murali respondeu:

— Eu sou o comunista de 55 anos.

Murali queria que elas soubessem. A velha senhora e Sulochana. As duas estavam nas mãos dele agora. Tinham estado nas mãos dele desde o dia que entraram em seu escritório.

Quando voltou para casa, Murali encontrou uma carta do camarada Thimma debaixo da porta. Provavelmente entregue em mãos, já que agora não havia mais ninguém para entregar nada.

Murali a jogou para um canto. Percebeu, ao fazê-lo, que estava se desfazendo de uma vez por todas de sua filiação ao Partido Comunista da Índia (Marxista-Maoista). O camarada Thimma, com a boca sedenta por chá, daria palestras sozinho naquele salão escuro, denunciando-o. Ele se unira a Bernstein e Trotsky na longa fila de apóstatas.

À meia-noite Murali ainda estava acordado. Ficou deitado olhando para o ventilador de teto, cujas pás em alta velocidade cortavam a luz das lâmpadas

alógenas da rua que se viam da janela de seu quarto, transformando-as em brilhos brancos e nítidos: elas choviam sobre Murali como as primeiras partículas de sabedoria que ele recebera na vida.

Murali olhou para o borrão brilhante das pás do ventilador por um longo tempo: depois, num pulo, levantou-se da cama.

CRONOLOGIA

1984

31 de outubro

Chegam notícias a Kittur, através da BBC, de que a senhora Indira Gandhi, primeira-ministra da Índia, foi assassinada por seus próprios guarda-costas. A cidade fica inteiramente fechada num luto de dois dias. A cremação da sra. Gandhi, transmitida ao vivo, acaba por se mostrar um grande incentivo para a venda de televisores em Kittur.

Novembro

Eleições gerais. Anand Kumar, o candidato do Congresso e ministro-júnior do gabinete de Indira Gandhi, retém seu cargo. Sua vantagem de 45.457 votos sobre Ashwin Aithal, seu adversário do BJP, é a maior da história de Kittur.

1985

Em resposta ao crescente interesse pelo mercado financeiro, o *Dawn Herald* começa a publicar um relatório diário sobre as atividades da Bolsa de Valores de Bombaim na página três.

O dr. Shambhu Shetty abre a clínica Sorriso Feliz, a primeira clínica de ortodontia de Kittur.

1986

Um comício gigante organizado pela comunidade *hoyka* no Nehru Maidan exige a construção do primeiro templo “para, por e das Castas Desfavorecidas” de Kittur.

A primeira videolocadora é aberta na Umbrella Street.

A construção da torre norte, postergada por mais de um século, recomeça na Catedral de Nossa Senhora de Valência.

1987

A Copa do Mundo de Críquete é realizada na Índia e no Paquistão. O interesse pelo críquete acaba por se mostrar um grande estímulo à demanda por televisores a cores.

Estouram conflitos entre hindus e muçulmanos. Duas pessoas morrem. É estabelecido o toque de recolher noturno no porto.

Kittur é reclassificada pelo Governo Estadual de Karnataka de “vila” para “cidade”, e a administração da vila se torna uma “Prefeitura”. O primeiro ato da nova Prefeitura é autorizar a derrubada da grande floresta de Bajpe.

Acredita-se que a chegada de trabalhadores tâmeis migrantes, atraídos pelo grande *boom* imobiliário em Bajpe e na Rose Lane, seja a causa de um grave surto de cólera.

1988

Mabroor Ismail Engineer, que geralmente é tido como o homem mais rico da cidade, abre o primeiro *showroom* de carros Maruti-Suzuki de Kittur.

O Rashtriya Swayamsevak Sangh (RSS) realiza um protesto do Angel Talkies até o Bunder. Os manifestantes exigem que a Índia seja declarada uma nação hindu e um retorno aos valores sociais tradicionais.

Eleições para a Prefeitura da cidade. O BJP e o Congresso dividem as cadeiras quase meio a meio.

A construção da torre norte, atrasada por um ano pela morte do pároco, é recomeçada na catedral de Nossa Senhora de Valência.

1989

Eleições gerais. Ashwin Aithal, o candidato do BJP, vence o ministro do gabinete e candidato do Congresso, tornando-se o primeiro candidato de um partido diferente do Congresso a vencer a cadeira de Kittur.

O “Estádio Esportivo Sardar Patel, ‘O Homem de Ferro da Índia’” é aberto em Bajpe. Em pouco tempo são construídas casas na vizinhança, e ao final do ano a

velha floresta já desapareceu quase completamente.

1990

Uma bomba explode durante uma aula de química no Colégio Secundário e Centro Pré-universitário para Meninos São Alfonso, levando a seu fechamento temporário. O *Dawn Herald* publica um editorial na primeira página com a pergunta: “A Índia precisa da lei marcial?”

O primeiro laboratório de informática de Kittur é aberto no Colégio Secundário e Centro Pré-universitário para Meninos São Alfonso. No mesmo ano outras escolas fazem o mesmo.

Começa a Guerra do Golfo, levando à perda de remessas de dinheiro de expatriados que residem no Kuwait. Segue-se uma grave crise econômica. Entretanto, a transmissão da guerra na CNN, disponível apenas para os televisores com antena parabólica, acaba por se mostrar um grande estímulo à venda de antenas parabólicas em Kittur.

Com o financiamento congelado, a construção da torre norte é interrompida mais uma vez.

1991

21 de maio

A CNN traz a Kittur a notícia do assassinato de Rajiv Gandhi. A cidade fica inteiramente fechada num luto de dois dias.



"O título se refere ao período compreendido entre os assassinatos dos líderes políticos Indira Gandhi, em 1984, e seu filho Rajiv, em 1991. Mas estas catorze histórias dispostas entre estes dois marcos poderiam muito bem se situar nos dias de hoje. Como disse um dos personagens: 'Nada nunca muda. Nada nunca vai mudar.'" — *The Guardian*

"Ainda que sombrio, o humor de Aravind Adiga não disfarça a crítica social por trás da trama." — *Folha de S.Paulo*

"É o foco oblíquo de Aravind que dá vida à sua escrita. Ele se move por entre a multidão com uma agudeza inesgotável, alerta à realidade de cada existência insignificante. Seu tema é a frustração diária com as discriminações de status, classe e religião." — *The Observer*




EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Sumário

CHEGADA A KITTUR

Dia um (manhã): A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA
COMO A CIDADE SE ORGANIZA

Dia um (tarde): O BUNDER

Dia dois (manhã): O MORRO DO FAROL

Dia dois (tarde): COLÉGIO SECUNDÁRIO E CENTRO PRÉ-
UNIVERSITÁRIO PARA MENINOS SÃO ALFONSO

Dia dois (noite): MORRO DO FAROL (AO PÉ DO MORRO)

Dia três (manhã): MERCADO E MAIDAN

A HISTÓRIA DE KITTUR (EXTRAÍDA DE UMA BREVE HISTÓRIA DE
KITTUR, DO PADRE BASIL D'ESSA, SJ)

Dia três (tarde): ANGEL TALKIES

Dia quatro (manhã): UMBRELLA STREET

Dia quatro (tarde): O ENTRONCAMENTO DO POÇO DE ÁGUA FRIA

Dia cinco (manhã): VALÊNCIA

(ATÉ O PRIMEIRO CRUZAMENTO)

Dia cinco (noite): A CATEDRAL DE NOSSA SENHORA DE VALÊNCIA

Dia seis (manhã): A BATERIA DO SULTÃO

Dia seis (noite): BAJPE

Dia sete: SALT MARKET VILLAGE

CRONOLOGIA